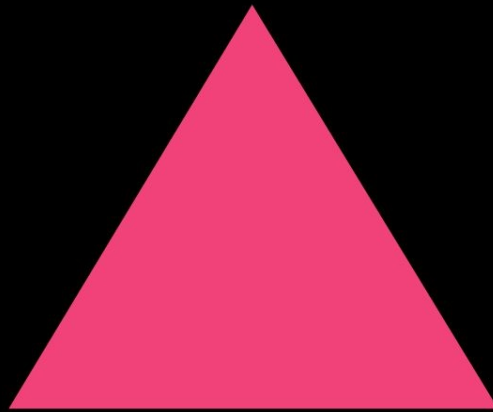


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (DOUTORADO)

THIAGO HENRIQUE RAMARI



O CORP^oALÍTICO ENTRE A VIDA E A MORTE NO
LONGA-METRAGEM FRANCÊS *120 BATIMENTOS POR MINUTO*

MARINGÁ

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (DOUTORADO)

THIAGO HENRIQUE RAMARI

**O CORPOLÍTICO ENTRE A VIDA E A MORTE NO
LONGA-METRAGEM FRANCÊS *120 BATIMENTOS POR MINUTO***

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos Linguísticos, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Marcelle Lara

MARINGÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R166c

Ramari, Thiago Henrique

O corpolítico entre a vida e a morte no longa-metragem francês 120 Batimentos por minuto / Thiago Henrique Ramari. -- Maringá, PR, 2023.
209 f.: il. color., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Marcelle Lara.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Ativismo social. 2. Campillo, Robin - 120 Batimentos por minuto - Análise do discurso. 3. Cinema. 4. Política. 5. HIV/AIDS. I. Lara, Renata Marcelle, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 791.43

THIAGO HENRIQUE RAMARI

**O CORPOLÍTICO ENTRE A VIDA E A MORTE NO LONGA-
METRAGEM FRANCÊS 120 BATIMENTOS POR MINUTO**

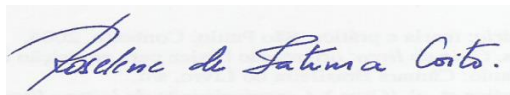
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovado em Maringá, **22 de agosto de 2023**.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Renata Marcelle Lara
Presidente da Banca (UEM/PLE)



Profª Drª Roselene de Fatima Coito
Membro Titular (UEM/PLE)



Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Membro Titular (UEM/PLE)



Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Membro Externo
(UNIOESTE/Cascavel/PR)



Profª Drª Andréia da Silva Daltoé
Membro Externo (UNISUL/Tubarão/SC)

A todas as pessoas que, antes da morte ocasionada pela Aids,
morreram pelos sentidos com que se/lhes revestiram.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), pela oportunidade de cursar gratuitamente o Doutorado, bem como por todo o trabalho que realiza em prol da pesquisa acadêmica.

À Profa. Dra. Renata Marcelle Lara, minha orientadora, pela dedicação investida nesta tese, pela interlocução sempre inspiradora e pela amizade que não se restringe aos últimos quatro anos de meio: ultrapassa décadas.

Aos Profs. Drs. Alexandre Sebastião Ferrari Soares, Andréia da Silva Daltoé, Luciana Cristina Ferreira Dias di Raimo, Luciana Iost Vinhas, Pedro Navarro e Roselene de Fátima Coito, por aceitarem tão gentilmente compor a banca examinadora da Defesa Pública desta tese, o *gran finale* do meu percurso de doutoramento.

Aos Profs. Drs. Alexandre Sebastião Ferrari Soares, Roselene de Fátima Coito e Luciana Cristina Ferreira Di Raimo, novamente, pelas leituras cuidadosas e pelas contribuições valiosas durante o Exame de Qualificação.

Ao Prof. Dr. Augusto Cesar Radde da Silva, por todas as sugestões que fez à pesquisa, ainda nos primeiros meses dela, durante o XIII Seminário de Pesquisa em Letras (SPLE) e II Encontro de Egressos, realizado na UEM.

Aos Profs. Drs. Edson Carlos Romualdo, Márcio Roberto do Prado, Pedro Navarro, Renata Marcelle Lara e Roselene de Fátima Coito, pelas disciplinas ministradas no PLE, que fizeram de mim, este jornalista por formação, apaixonar-se ainda mais pela área de Letras.

Ao Grupo de Pesquisa em Discursividades, Cultura, Mídia e Arte, o GPDISCMÍDIA (CNPQ-UEM), pelos importantes debates: foram textos, discussões e apresentações que constituíram, para mim, uma escola à parte em Análise de Discurso.

À Anna Clara de Oliveira Carling, Bruno Arnold Pesch, Gustavo Haiden de Lacerda, Jéssica Fiorini Ribeiro, Joyce Aparecida Calvo Zolin e Karla Roberta Neumann, colegas de pós-graduação em Letras, pelas trocas constantes e produtivas.

Aos meus pais, Valdir e Roseli Ramari, e ao meu irmão, Gustavo Vinícius Ramari, por sempre me revestirem de amor, força e segurança incondicionais, que tanto me ajudaram no percurso de pesquisa.

Ao Sidmar Silveira Gomes, meu amado namorado, pela rotina de carinho, pelos momentos de respiro, pela escuta atenta, pelo incentivo constante e por me apresentar o texto teatral *A mancha roxa*, de Plínio Marcos, mencionado nesta tese.

À Ana Carla Dias, Guilherme Popolin e Rodrigo Oliva, amigos de longuíssima data, cujas presenças, sempre repletas de afeto, tornaram a minha caminhada de doutoramento mais alegre e suave.

Por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de estudos que me foi concedida entre 2021 e 2023, permitindo, assim, que eu me dedicasse exclusivamente à pesquisa, um privilégio no Brasil.

alguns de nós são mortos

em etapas, alguns de nós tudo de uma vez

Danez Smith, no poema *Todo dia é um funeral & um milagre* (2020, p. 157)

RESUMO

A presente pesquisa, orientada pela teoria e método da Análise de Discurso materialista, focaliza, como objeto de investigação, os corpos dos sujeitos-ativistas da associação Aids Coalition to Unleash Power em Paris, conhecida pela sigla ACT UP Paris, a partir da abordagem ficcional realizada pelo longa-metragem francês *120 Batimentos Por Minuto* (2017), do cineasta Robin Campillo (1962-). Diante dos protestos do grupo que buscam garantir assistências farmacológica, médica e social à população que vive com HIV ou Aids, além de campanhas de prevenção eficientes, na França do início da década de 1990, o estudo objetiva, de forma central, analisar a discursivização do político, conceito proposto por Indursky (2019), realizada pelos corpos dos sujeitos-ativistas frente às relações de força com os Aparelhos Repressor e Ideológicos de Estado, teorizados por Althusser (2008), a fim de compreender o funcionamento discursivo do coletivo no social. Por meio de uma imbricação entre os conceitos de corpo discursivo e de político, discutidos por Leandro-Ferreira (2013a; 2013b) e Orlandi (1996), respectivamente, propõe-se as formulações de *corpolítico* e político dos corpos na análise da discursivização do político, revestida por um efeito de homogeneidade, durante os protestos da associação em locais públicos e privados, bem como da divisão dos sentidos que atravessa os sujeitos-ativistas, marca da heterogeneidade discursiva, sempre por meio da materialidade corpórea. O percurso investigativo é composto por quatro etapas: explicar, por meio de um processo teórico-analítico, o entrelaçamento entre o corpo e o político na constituição dos conceitos discursivos de *corpolítico* e político dos corpos; abordar o acontecimento histórico da Aids, incluindo a criação da rede ACT UP e de filmografia específica no cinema, na qual se encontra o longa-metragem de Robin Campillo; discutir a divisão psicanalítica entre pulsões de vida e morte nos sujeitos-ativistas, a partir de uma problematização das noções nazistas de *Muselmann* e *rosa Winkel*; e descrever e interpretar recortes discursivos verbo-visuais nos quais o *corpolítico* discursiviza o político em meio às relações de força envolvendo os Aparelhos Repressor e Ideológicos de Estado. No trajeto desenvolvido, o *corpus* analítico vai sendo delineado e é potencializado pela inquietação sobre como os corpos dos sujeitos-ativistas discursivizam o político sobre a epidemia de Aids, frente às relações de força com os Aparelhos Repressor e Ideológicos de Estado, na França do início dos anos 1990. Tal constituição do *corpus* compreende recortes discursivos do filme envolvendo os corpos dos sujeitos-ativistas em manifestações e reuniões internas da associação. A tese defendida é a de que as desestabilizações e eventuais transformações sociais provocadas pela discursivização do político encampada por grupos de ativistas, como a ACT UP Paris, implicam a constituição e a mobilização de *corpolíticos*. Tal funcionamento se articula no interior de uma contradição discursiva, na medida em que esses corpos não apenas se unem, mas também se dividem frente ao político nas diferentes situações que integram as práticas desses grupos.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Cinema. Ativismo social. *Corpolítico*. Político dos corpos.

ABSTRACT

This research, grounded on the theory and method of materialist Discourse Analysis, focalizes as an investigation object the bodies of activist-subjects from the association Aids Coalition to Unleash Power in Paris, known as ACT UP Paris, as fictionally approached in the French feature film *120 Beats Per Minute* (2017), by filmmaker Robin Campillo (1962-). Regarding the group's protests to secure pharmacological, medical, and social assistance to the population living with HIV or Aids, in addition to efficient prevention campaigns, in France in the early 1990's, this study primarily aims to analyze the discursivization of the political, a concept proposed by Indursky (2019), produced by the activists-subjects' bodies facing up to the relations of force with the Repressive and Ideological State Apparatuses, theorized by Althusser (2008), in order to understand the discursive functioning of the collective in the social. By means of a conceptual intertwining of the discursive body and the political, discussed by Leandro-Ferreira (2013a; 2013b) and Orlandi (1996), respectively, the formulations *corpolitical* and the political of bodies are proposed in the analysis of the discursivization of the political, revested by a homogeneity effect during the protests carried out by the association in public and private places, as well as the analysis of the division of meanings that intersects the activist-subjects, a sign of discursive heterogeneity, always by means of bodily materiality. The investigation path is made of four stages: to explain through the theoretical-analytical process the interweaving of the body and the political in the constitution of the discursive concepts *corpolitical* and the political of bodies; to address the historical event of Aids, including the creation of the ACT UP network and the specific cinematic filmography in which Robin Campillo's movie is found; to discuss the psychoanalytical division between life and death drives concerning the activist-subjects, through a problematization of Nazi notions *Muselmann* and *rosa Winkel*; to describe and interpret the verbal-visual discursive clippings in which the *corpolitical* discursivizes the political within relations of force with the Repressive and Ideological State Apparatuses. On the path traveled, the analytical *corpus* is outlined and potentialized by the disquiet concerning how the activist-subjects' bodies discursivize the political around the Aids epidemic, facing up to the relations of force with the Repressive and Ideological State Apparatuses, in the early 1990's in France. The *corpus* construction considers discursive clippings from the movie involving the activist-subjects' bodies during demonstrations and internal meetings of the association. The thesis defended is that the destabilization and eventual social transformation instigated by the discursivization of the political fostered by activists' groups, such as ACT UP Paris, lead to the constitution and mobilization of *corpolitical*. Such functioning is articulated inside a discursive contradiction, once these bodies are not only united but also divided in view of the political in the different situations that compose the practices of these groups.

Keywords: Discourse Analysis. Cinema. Social activism. *Corpolitical*. The political of bodies.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1	Angústia	13
IMAGEM 2	Quinta reunião semanal da ACT UP Paris.....	45
IMAGEM 3	Thibault e Hélène em frente ao quadro negro do anfiteatro	46
IMAGEM 4	Sean e Max no espaço reservado às carteiras do anfiteatro	46
IMAGEM 5	Manifestação noturna da ACT UP Paris.....	61
IMAGEM 6	Sujeitos-ativistas deitados no chão durante protesto	61
IMAGEM 7	Pronunciamento de Thibault.....	62
IMAGEM 8	Cadáveres de prisioneiros em campo de concentração nazista.....	69
IMAGEM 9	Protesto da ACT UP Paris dentro da Catedral Notre-Dame de Paris	98
IMAGEM 10	Protesto da ACT UP Paris fora da Catedral Notre-Dame de Paris.....	99
IMAGEM 11	Reunião entre Andrew e familiares sobre processo judicial.....	103
IMAGEM 12	Randy e a esposa durante reunião familiar	104
IMAGEM 13	Pais e irmã de Andrew durante reunião familiar	104
IMAGEM 14	Miguel, Andrew e a sobrinha recém-nascida durante reunião familiar	105
IMAGEM 15	Ron em espaço reservado do hospital.....	108
IMAGEM 16	Discussão entre Ron e sujeitos-médicos	108
IMAGEM 17	Ação da ACT UP Paris em sala de aula	111
IMAGEM 18	Ação da ACT UP Paris em pátio de escola	112
IMAGEM 19	Sujeito-estudante, durante embate com Nathan.....	113
IMAGEM 20	Nathan, durante embate com sujeito-estudante	114
IMAGEM 21	Beijo de Sean e Nathan durante embate	114
IMAGEM 22	David Kirby pouco antes de morrer.....	134
IMAGEM 23	Sujeito- <i>Muselmann</i> ainda vivo ou já morto	135
IMAGEM 24	Cartaz com <i>rosa Winkel</i> modificado.....	136
IMAGEM 25	Protesto da ACT UP nos Estados Unidos.....	138
IMAGEM 26	Protesto da ACT UP no Canadá	138
IMAGEM 27	Sean dança com sujeitos-ativistas.....	141
IMAGEM 28	Sean dança novamente com sujeitos-ativistas	142
IMAGEM 29	Sean observa sujeitos-ativistas dançarem	142
IMAGEM 30	HIV invadindo células	146
IMAGEM 31	Sean em estado terminal de Aids	148

IMAGEM 32	Sean morto	149
IMAGEM 33	ACT UP Paris em protesto contra a AFLS	155
IMAGEM 34	Sophie em confronto com Bernin	156
IMAGEM 35	Bernin em confronto com Sophie	156
IMAGEM 36	Bernin com tinta/sangue no rosto	157
IMAGEM 37	Bernin arrastado por Max e Sean.....	158
IMAGEM 38	“Mão vermelha” em <i>slide</i>	158
IMAGEM 39	Gestos de Sophie durante debate	164
IMAGEM 40	Corpo contido de Marco durante debate.....	165
IMAGEM 41	Gestos de Max durante debate	167
IMAGEM 42	Gestos de Sean durante debate	168
IMAGEM 43	Chegada dos sujeitos-ativistas a edifício comercial	171
IMAGEM 44	Tinta/sangue na entrada do escritório da Melton Pharm	172
IMAGEM 45	Protesto no interior do escritório da Melton Pharm.....	173
IMAGEM 46	Assistente atingida por respingos de tinta/sangue	174
IMAGEM 47	Desentendimento entre Sean e Gilberti	177
IMAGEM 48	Germain carregado por sujeito-policia na Melton Pharm.....	179
IMAGEM 49	Cadáver carregado em campo de concentração nazista.....	180
IMAGEM 50	Protesto da ACT UP Paris contra seguradora(s).....	183
IMAGEM 51	“Enterro político” de Sean	183
IMAGEM 52	Sexo entre Nathan e Thibault	187
IMAGEM 53	Novo <i>die-in</i> da ACT UP Paris	188
IMAGEM 54	A dança dos sujeitos-ativistas.....	188

SUMÁRIO

1 NO ENTREMEIO DE ANGÚSTIAS, CORPOS E SENTIDOS: UMA INTRODUÇÃO.....	13
2 UMA RELAÇÃO DISCURSIVA (IN)TENSA COM CORPOS DO ATIVISMO	24
2.1 O político dos corpos	35
2.2 O corpolítico	52
3 A EPIDEMIA DE HIV/AIDS RECLAMA POR SENTIDOS.....	73
3.1 Nasce a ACT UP (Paris).....	88
3.2 A (discursivização da) resistência no cinema	101
4 AS FORÇAS CONFLITIVAS ENTRE VIDA-MORTE	118
4.1 O sujeito-soropositivo no campo de concentração nazista	129
4.2 As danças de Sean.....	140
5 ACT UP PARIS <i>VERSUS</i> APARELHOS DE ESTADO	152
5.1 ACT UP Paris <i>versus</i> AFLS.....	153
5.2 ACT UP Paris <i>versus</i> Melton Pharm	169
5.3 ACT UP Paris <i>versus</i> Morte	181
6 OUTROS GRUPOS, OUTROS SUJEITOS	190
REFERÊNCIAS	196

não é raro que o sentimento de angústia se desdobre em aprofundamento, adquirindo matizes do medo intenso da morte, do preconceito social e do afastamento de familiares e amigos. Nos estudos que realizei acerca da Aids, como jornalista e pesquisador das áreas de Comunicação e Análise de Discurso, as diferentes facetas da angústia que interpreto nesse poema se fizeram sempre presentes. É impossível abordar tal epidemia sem evocar as dores que atravessa(ra)m tantos sujeitos desde os anos 1980.

Depois de um percurso de pesquisas relacionadas ao cinema durante o Mestrado em Comunicação na Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Aids começou a se tornar foco de interesse para mim em novembro de 2017. Ao realizar leituras, do lugar social de jornalista, para a elaboração de uma reportagem especial que seria publicada em 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta Contra a Aids², no jornal paranaense *Folha de Londrina*, deparei-me com uma informação que desconhecia até aquele momento: com os tratamentos antirretrovirais disponíveis, o sujeito diagnosticado com HIV ou Aids³ pode reduzir drasticamente a quantidade de vírus no organismo, para menos de 200 cópias por mililitro de sangue, impossibilitando a transmissão dele por via sexual. Apesar de diferentes estudos fornecerem esse dado⁴ e da relevância dele para aplacar angústias sustentadas ao longo de décadas, observei que jornais e revistas de circulação nacional raramente o abordavam: quando ocorria, era de forma tímida em reportagens que tratavam sobre outros aspectos da epidemia. Isso me inquietou.

A informação de que os tratamentos antirretrovirais podem prevenir a transmissão sexual do HIV se tornou, então, o centro da reportagem especial e, depois, marcou o início da minha trajetória acadêmica acerca da Aids. Entre 2018 e 2019, já como docente dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da UEL, coordenei um projeto de pesquisa que entrelaçou estudos sobre tratamentos e intransmissibilidade do HIV a diferentes teorias da Comunicação. Ao todo, 12 estudantes e eu estudamos aspectos epidemiológicos da síndrome e conceitos do

² A primeira edição do Dia Mundial de Luta Contra a Aids ocorreu em 1º de dezembro de 1988, depois que a Cúpula Mundial de Ministros da Saúde Sobre Prevenção da Aids decidiu, em Londres, estimular o diálogo sobre a síndrome em escala global. A data foi criada para encorajar governos, grupos e sujeitos a falarem sobre a Aids, ressaltando o que tem sido feito para controlar a epidemia (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1988).

³ O Unids (2017) traça uma diferença entre os diagnósticos positivos para HIV e Aids. O primeiro atesta que o vírus está presente no organismo, provocando o dismantelamento gradual do sistema imunológico; já o segundo começa mais tarde, quando a ação constante do vírus já deteriorou o sistema imunológico a tal ponto que o sujeito se torna vulnerável a doenças oportunistas e, por conseguinte, à morte. Durante a década de 1980 e no primeiro quinquênio da década de 1990, não havia tratamentos eficazes o suficiente para controlar o vírus no organismo, de forma que a evolução clínica entre a infecção pelo HIV e a instalação da Aids era, muitas vezes, considerada uma questão de tempo, como aponta France (2017).

⁴ Dentre as pesquisas que trazem o referido dado, todas datadas desde 2008, consultei diretamente a Partner (Rodger *et al*, 2016), a Partner 2 (Rodger *et al*, 2019) e a Opposites Attract (Bavinton *et al*, 2018). Nelas, o índice de até 200 cópias do HIV por mililitro de sangue é tratado como supressão da carga viral.

Jornalismo Científico e do Jornalismo Digital, a fim de produzir materiais informativos para um público variado. Os trabalhos foram veiculados no site até então mantido pela Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids (Alia), por meio de uma parceria direta com o grupo. Publicamos também artigos científicos e participamos de eventos acadêmicos das áreas de Comunicação e Ciências Biológicas.

Em meio a essa pesquisa, outros aspectos acerca da Aids começaram a me interessar. As reflexões baseadas em obras de referência, os debates com alunos e alunas, a produção de materiais informativos e o desenvolvimento de artigos científicos me levaram a interrogar sobre as relações significantes que envolvem a epidemia, o modo como os sentidos orbitam em torno dela. Há, sem dúvida, pessoalidade nisso: como sujeito-homossexual, fui confrontado, ao longo da minha vida, por interpretações específicas acerca da síndrome, sobretudo aquelas que a relacionam direta e exclusivamente à homossexualidade, dentre as mais estigmatizantes. Essas inquietações colocaram o meu pensamento em deriva, levando-me a considerar o escopo teórico-metodológico da Análise de Discurso de matriz pecheutiana, doravante AD, como um caminho para compreendê-las. Foi diante desse cenário que, em 2018, preparei-me para seleções de Doutorado e, em 2019, iniciei os estudos no Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Na minha trajetória como pesquisador, esta tese de doutoramento configura a minha maior entrega e o meu maior desafio intelectual até o presente momento. Ela traz em suas páginas marcas indeléveis dos estudos que realizei na área de Comunicação, tanto aqueles a respeito da Aids, como outros, anteriores, sobre linguagem e teorias do cinema⁵; das disciplinas, interlocuções e pesquisas que compuseram a minha feliz passagem pelo Doutorado em Letras na UEM; e, especialmente, do (*re*)encontro permeado por afetos e sensibilidades com a Profa. Dra. Renata Marcelle Lara, quem me apresentou a AD durante a graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, entre 2004 e 2007, e orientou esta tese a partir de tal referencial teórico-metodológico, mais de uma década depois. Em outras palavras, este estudo emerge do entremeio dos distintos caminhos que trilhei até hoje no âmbito científico.

O projeto de pesquisa que submeti ao processo seletivo para o Doutorado em Letras foi reformulado nos primeiros meses de orientação. A proposta inicial se baseava na análise de discursos acerca da Aids, a partir de materialidades textuais e audiovisuais produzidas por

⁵ Dentre eles, destaco a minha dissertação de mestrado, focada no cinema do austríaco Michael Haneke (1942-), publicada pela editora Appris (RAMARI, 2020).

sujeitos-soropositivos⁶ no Brasil desde a década de 1980. A potente interlocução com a Profa. Renata, todavia, ampliou o meu horizonte, levando-me a repensar a investigação que seria realizada. O corpo, essa materialidade do sujeito sobre a qual nunca tinha pensado propriamente, passou então a ser o enfoque de maior interesse para mim na abordagem discursiva à epidemia. Tal mudança fez despertar mais questionamentos, que logo me direcionaram novamente para o cinema, desta vez como dispositivo de visualização desses corpos discursivos, como denomina Leandro-Ferreira (2013b).

Para a seleção do material de análise, assisti ou reassisti a 35 longas-metragens de diferentes décadas e nacionalidades que tratam, em alguma medida, sobre a epidemia de HIV/Aids⁷. Filmes normalmente difíceis de se ver, dadas as angústias, as tristezas e os sofrimentos apresentados por meio de histórias fictícias, inspiradas em eventos já ocorridos ou de caráter documental, quando trabalhadas pelo gênero cinematográfico Documentário. Desse arquivo inicial, selecionei o francês *120 Batimentos Por Minuto*, lançado em 2017 sob a direção do cineasta franco-marroquino Robin Campillo (1962-), pelo potencial de investigação acerca do conceito de corpo discursivo e pelo enfoque nos aspectos sociais que sustentam as práticas significantes dos personagens, reverberando interesses que também observo na AD realizada atualmente no Brasil.

O filme retrata ficcionalmente a rotina de sujeitos-ativistas da associação Aids Coalition to Unleash Power em Paris, conhecida pela sigla ACT UP Paris, nos primeiros anos da década de 1990, quando o diagnóstico positivo para HIV ou Aids era comumente tomado como “[...] o exato sinônimo de morte incontornável” (HAYASHI, 2022, p. 28). A associação, ainda existente e da qual o cineasta participou quando jovem (LEWIS, 2018), integra a rede ACT UP, que chegou a somar 148 unidades em 19 países, todas criadas sob os moldes da matriz nova-iorquina, fundada em 1987 (FRANCE, 2017). Como sugere a sigla de

⁶ Nesta tese, emprego o termo sujeito-soropositivo de forma ampla, em referência tanto ao sujeito que vive com HIV como ao sujeito que se encontra no estágio da Aids. Tal decisão se ampara no Unids (2017, p. 15), que prevê o uso da palavra soropositivo para o sujeito “[...] que teve anticorpos contra o HIV detectados por meio de um teste de sangue ou teste de fluido oral”, o que ocorre nos dois casos. Quando necessário, no entanto, realizo especificações acerca de determinadas situações clínicas, pontuando se o sujeito vive com o vírus ou se lida diretamente com a síndrome.

⁷ A título de registro, foram estes os filmes, em ordem alfabética: *120 Batimentos Por Minuto* (2017), *ABC Africa* (2001), *A Cura* (1995), *Antes do Anoitecer* (2000), *A Paixão de JL* (2015), *As Testemunhas* (2007), *Avant Que J'Oublie* (2007), *A Vida, Acima de Tudo* (2010), *Black Is... Black Ain't* (1994), *Buddies* (1985), *Blue* (1993), *Carta Para Além dos Muros* (2019), *Clube de Compras Dallas* (2013), *Conquistar, Amar e Viver Intensamente* (2018), *E a Vida Continua* (1993), *E Agora? Lembra-me* (2013), *Filadélfia* (1993), *Holding The Man* (2015), *How To Survive a Plague* (2018), *Kids* (1995), *Mapplethorpe* (2018), *Merci La Vie* (1991), *Meu Nome é Jacques* (2016), *Meu Querido Companheiro* (1985), *Noites Felinas* (1992), *O Ano de 1985* (2018), *Paris is Burning* (1990), *Parting Glances – Olhares de Despedida* (1986), *Preciosa: Uma História de Esperança* (2009), *The Normal Heart* (2014), *Tongues Untied* (1989), *Un Año Sin Amor* (2005), *Uma Vez Mais* (1988), *Viver Até o Fim* (1992) e *Yesterday* (2004).

identificação, que traz o verbo “agir” no modo imperativo da língua inglesa, ACT UP, esses grupos se destacaram nos primeiros anos do ativismo social relacionado à epidemia, por meio de manifestações contundentes que buscavam garantir assistências farmacológica, médica e social a sujeitos-soropositivos, além de campanhas de prevenção eficientes, junto a governos, instituições e empresas. Embora tenha sido concebida pela comunidade homossexual, a rede sempre teve uma composição plural, com integrantes de diferentes gêneros, orientações sexuais e sorologias para HIV.

Na obra de Campillo, as reuniões internas e as ações em espaços públicos e privados realizadas pela ACT UP Paris são entrecortadas pelo romance entre os sujeitos-ativistas Sean (interpretado por Nahuel Pérez Biscayart) e Nathan (Arnaud Valois), o primeiro soropositivo e o segundo soronegativo. Os dois se conhecem durante os encontros da associação e ficam juntos até o momento em que Sean comete suicídio com o auxílio de Nathan. Antes, porém, o primeiro sofre com o severo declínio do seu estado de saúde, manifestado por doenças oportunistas e sintomas indicativos do quadro clínico de Aids, como a presença de sarcomas de Kaposi na pele, a mobilidade física comprometida e o emagrecimento acentuado. A angustiante tensão entre vida e morte percorre todo o filme, marcando-se de modo visível nos corpos de Sean e de outros sujeitos-ativistas da associação.

No que tange à temporalidade da epidemia, *120 Batimentos Por Minuto* foi realizado e lançado em uma época distinta daquela que aborda diegeticamente. Há mais de duas décadas, o diagnóstico positivo para HIV ou Aids não aponta para uma morte precoce, mas para uma condição de saúde capaz de ser tratada de maneira crônica. Embora a epidemia permaneça atravessada por estigmas, em parte pela associação feita com determinados grupos, sobretudo o dos sujeitos-homossexuais masculinos, o discurso de que o HIV não faz distinção de gênero e orientação sexual angariou maior circulação ao longo dos anos. A substituição do termo “grupos de risco” por “comportamentos de risco” nos dizeres científicos, médicos e midiáticos integra tal movimento, embora não de forma totalmente resolutiva: o argumento de que “são os comportamentos, e não o pertencimento a um determinado grupo, que colocam os indivíduos em situações que podem expô-los ao HIV” (UNAIDS, 2017, p. 21) continua atribuindo maior visibilidade, ainda que sob um efeito de atenuação, a determinados segmentos do/no social.

Como todo discurso é produzido mediante condições específicas, isto é, contextos sócio-histórico-ideológicos atravessados por relações de força, o olhar retrospectivo de *120 Batimentos Por Minuto* não pode ser tomado sem referência ao momento em que foi realizado e lançado. O “tecido histórico-ideológico” (MALDIDIER, 2017, p. 23) contemporâneo deixa

marcas na materialidade fílmica, fazendo ressoar discursos em circulação no século XXI, parcialmente diferentes no conjunto e nas predominâncias em relação àqueles dos anos 1980 e do início dos anos 1990. É o que se observa no destaque dado pelo longa à pluralidade de sujeitos-soropositivos que compõem a ACT UP Paris, incluindo homens e mulheres cisgêneros e transgêneros de distintas faixas etárias e orientações sexuais, cujos históricos de infecção pelo HIV, quando apresentados, não são necessariamente os mesmos. Ainda assim, o protagonismo continua sendo o de sujeitos-homossexuais masculinos.

Diante do filme, passei a observar os corpos dos sujeitos-ativistas como materialidades discursivas. Ao longo do processo de tateamento inicial, realizado junto com a Profa. Renata, o que mais me chamou a atenção foi a maneira como os corpos desses sujeitos marcam conjuntamente o *político*, isto é, a *divisão constitutiva dos sentidos* no social (ORLANDI, 1996), nos momentos em que protestam contra (*in*)ações do governo, de instituições e de empresas que integram, conforme a teoria de Althusser (2008), o Aparelho Repressor de Estado (ARE) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs)⁸. Esse funcionamento se mostrou intrigante desde o princípio, pois emerge de uma *contradição discursiva*, uma série de *diferenças que se indeterminam no interior de uma unidade* (LAGAZZI, 2013a). Se, nas reuniões internas da associação, o político atravessa os sujeitos entre si, apontando para uma heterogeneidade discursiva constitutiva, nas ações externas eles fabricam um “consenso” (ORLANDI, 2010, p. 14), “efeito de consenso” ou “efeito de sentido de consenso” (INDURSKY, 2019, p. 126, grifos da autora), uma aparente homogeneidade discursiva para demarcar uma oposição coletiva aos aparelhos supracitados, naquilo que é denominado “discursivização do político” (INDURSKY, 2019, p. 294).

O amadurecimento desse tateamento inicial, pontuado por orientações, pelo retorno contínuo ao longa-metragem e por leituras discursivas e não-discursivas, culminou na definição dos critérios teórico-metodológicos que estruturam esta tese de doutoramento. Com base no *corpus* analítico, a saber, os corpos dos sujeitos-ativistas da ACT UP Paris como materialidades que demarcam a divisão dos sentidos nas ações externas que compõem, a pesquisa objetiva, de maneira central, analisar a discursivização do político que se dá por meio deles, frente às relações de força com o ARE e os AIEs, durante a epidemia de HIV/Aids na França do início dos anos 1990, a fim de compreender o funcionamento discursivo do coletivo no social. Em vista desse objetivo, o percurso teórico-analítico

⁸ Devido às diferentes traduções e grafias constantes em *Sobre a reprodução* (2008) e *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1980), obras de Althusser traduzidas para o português, opto por utilizar nesta tese os termos Aparelho Ideológico de Estado e Aparelho Repressor de Estado (não Aparelho Repressivo de Estado), sempre com as iniciais maiúsculas.

interroga: como os corpos desses sujeitos discursivizam o político em diferentes embates travados com representantes dos aparelhos aludidos, no período sócio-histórico-ideológico da epidemia abordado retrospectivamente pelo longa-metragem?

Para contemplar o objetivo geral e a pergunta de análise, o processo de investigação articulou desdobramentos frente às necessidades colocadas desde o princípio pelo material de análise. Um deles, que destaco apenas brevemente nesta seção introdutória, por ser o principal sustentáculo e contribuição do estudo, foi o desenvolvimento de duas formulações conceituais, com o propósito de compreender as diferentes relações que os corpos dos sujeitos-ativistas tecem com o político nas práticas internas e externas à ACT UP Paris. Ao materializarem os sujeitos-ativistas, tais corpos são diretamente afetados no âmbito discursivo pela maneira como se separam ou se unem frente à divisão constitutiva dos sentidos no social.

A primeira formulação, o político dos corpos, foi pensada a partir de uma imbricação entre os conceitos de corpo e político em AD, amplamente discutidos por Indursky (2019), Leandro-Ferreira (2013a; 2013b) e Orlandi (1996; 2004; 2015a; 2017). Com essa proposta, busco um entendimento sobre como a divisão dos sentidos se marca nos corpos dos sujeitos-ativistas internamente à ACT UP Paris, sobretudo durante os conflitos que ocorrem nas chamadas reuniões semanais. Refiro-me a expressões faciais, a gesticulações ou à ausência delas, bem como a movimentos e a posições ocupadas no espaço físico, que significam de diferentes formas dependendo do modo como os sujeitos se relacionam com os saberes que regem predominantemente a associação. O corpo configura, nesse caso, um dispositivo de visualização da heterogeneidade discursiva constitutiva do grupo.

A outra formulação, *corpólitico*, resulta de olhares discursivos sobre conceitos não-discursivos em Butler (2019a) e Rancière (2009; 2018), sobretudo o de sujeito político, proposto pelo último autor. Conceituo *corpólitico* como a materialidade discursiva do sujeito político, que emerge, na perspectiva rancieriana, apenas nos momentos em que impõe dizeres quando e onde não tem autorização para tanto, desestabilizando e até transformando a ordem social sobre quem tem e quem não tem direito à fala, em nome de uma presumida igualdade. O *corpólitico* se compõe no mesmo instante que o sujeito político nele inscrito, fazendo-se forçosamente visto e ouvido, especialmente por representantes do ARE e dos AIEs, em um processo no qual significa e é significado em meio às tensões e às eventuais mudanças que provoca.

Como os sujeitos-ativistas normalmente se fazem sujeitos políticos nas ações externas da ACT UP Paris, essa segunda formulação configura uma leitura dos seus corpos durante manifestações, invasões e passeatas. É principalmente por meio dela que realizo gestos de

interpretação de recortes discursivos verbo-visuais nos quais esses sujeitos, que são corpos, revestem-se de um efeito de consenso para tomar ruas e avenidas, invadir prédios públicos e privados ou interromper eventos governamentais e empresariais, situações em que marcam o político como uma oposição coletiva às repressões advindas do ARE e dos AIEs. São momentos nos quais as diferenças internas são relegadas ao irrealizado, em prol da discursivização do político que visa garantir a escuta e o atendimento de determinadas reivindicações, dando visibilidade ao embate entre vida e morte no contexto epidêmico.

Diante do objetivo geral e da pergunta discursiva, quatro objetivos específicos pontuam o trajeto percorrido por esta pesquisa. São eles: 1) explicar, por meio de um percurso teórico-analítico, o entrelaçamento entre o corpo e o político na constituição das formulações conceituais de político dos corpos e corpolítico; 2) abordar o acontecimento histórico da Aids, incluindo a criação da rede ACT UP e de filmografia específica no cinema, na qual se encontra o longa-metragem de Robin Campillo; 3) discutir a divisão psicanalítica entre pulsões de vida e morte nos sujeitos-ativistas do filme, a partir de uma problematização das noções nazistas de *Muselmann* e *rosa Winkel*; e 4) descrever e interpretar recortes discursivos verbo-visuais nos quais o corpolítico discursiviza o político em meio às relações de força envolvendo o ARE e os AIEs.

De tudo quanto precede, o estudo tematiza, enfim, o corpolítico entre a vida e a morte no longa-metragem *120 Batimentos Por Minuto*. O investimento intelectual visa sustentar a tese de que *as desestabilizações e as eventuais transformações sociais provocadas pela discursivização do político empreendida por grupos de ativistas, como a ACT UP Paris, implicam a constituição e a mobilização de corpolíticos. Exemplo de resistência e revolta na acepção de Pêcheux (2014b), tal funcionamento se articula no interior de uma contradição discursiva inexorável, na medida em que a aparente união dos corpos de um coletivo em protestos se dá sobre e à revelia de divisões internas constitutivas. São momentos nos quais o efeito de consenso reveste a heterogeneidade discursiva que atravessa a todos os integrantes.*

Com este percurso teórico-analítico, delineio um olhar a mais dentre os estudos discursivo-materialistas que enfocam, principalmente, materialidades produzidas por grupos que representam movimentos sociais – não somente aqueles relacionados à epidemia de HIV/Aids, sobre a qual se concentram as minhas pesquisas dos últimos anos, mas tantos outros que vemos protestar e que estampam com regularidade páginas de jornais em todo o mundo. A tese que proponho permanece desde já aberta a retificações, a novos desdobramentos e a relações outras no futuro. Como afirma Pêcheux (2014b), os movimentos

autocríticos sobre reflexões e conceitos configuram um caminho produtivo e relevante para a ciência.

A tese está organizada em seis seções, a contar desta Introdução. Na próxima, a segunda, intitulada **Uma relação discursiva (in)tensa com corpos do ativismo**, abordo o batimento entre pesquisa e pesquisador, ressaltando conceitos estruturantes do meu olhar discursivo-materialista e o caminho teórico-prático que resultou nas formulações de político dos corpos e *corpópolítico*. Em seguida, na terceira, **A epidemia de HIV/Aids reclama por sentidos**, trabalho a historicidade da síndrome, com desdobramentos específicos na criação da rede ACT UP e na produção de filmes temáticos pelo cinema. Depois, na quarta, **As forças conflitivas entre vida-morte**, discuto a divisão constitutiva dos sujeitos entre as pulsões de vida e morte a partir do pensamento freudo-lacaniano, problematizando-a frente a mobilizações e atualizações das noções nazistas de *Muselmann* e *rosa Winkel* durante a fase mais mortal da epidemia de HIV/Aids. Na quinta, **ACT UP Paris versus Aparelhos de Estado**, realizo movimentos analíticos de três recortes discursivos verbo-visuais do longa-metragem de Campillo, nos quais o *corpópolítico* discursiviza o político em ações externas da associação retratada. E finalmente na sexta, **Outros grupos, outros sujeitos**, saliento a possibilidade do desdobramento das formulações desenvolvidas em leituras de práticas concernentes a grupos do ativismo do passado e do presente, bem como de sujeitos que, muitas vezes sozinhos, provocam enfrentamentos no social.

Embora movimentos analíticos ocupem a quinta seção em sua integralidade, eles também estão presentes na segunda, terceira e quarta seções, de maneira pontual, intrincados às questões teóricas. Os recortes discursivos verbo-visuais de *120 Batimentos Por Minuto* congregam corpos e enunciados de sujeitos-ativistas, sobre os quais realizo gestos de interpretação em coalescência com as diferentes discussões empreendidas. Na terceira seção, trago também recortes dos longas-metragens *Filadélfia* (1993) e *Clube de Compras Dallas* (2013), dirigidos respectivamente pelo norte-americano Jonathan Demme (1944-2017) e pelo canadense Jean-Marc Vallée (1963-2021), para compor o debate que enlaça a historicidade da Aids e a produção de filmes temáticos pelo cinema⁹.

Para as epígrafes de cada seção, dediquei alguns meses à descoberta e à leitura de obras literárias nacionais e estrangeiras que tratam sobre a epidemia de HIV/Aids. Ao fim desse processo, decidi trabalhar com trechos de quatro livros do francês Hervé Guibert: *Para o amigo que não me salvou a vida* (1995a), *Protocolo da compaixão* (1995b), *O homem do*

⁹ Ressalto que, em todos os casos, utilizei edições brasileiras em DVD, optando, no caso dos enunciados, pelas legendas constantes na língua portuguesa, a fim de evitar o meu envolvimento enquanto analista com a tradução.

chapéu vermelho (1996) e *Cytomégalo vírus: journal d'hospitalisation* (1992), este último não publicado no Brasil. Em cada um deles, o escritor registra, na forma de diário ou como personagem de uma ficção, a sua experiência com a Aids, após receber os diagnósticos clínico e laboratorial no final dos anos 1980. Ele morreu aos 36 anos, em 1991, na mesma época em que se passa a história de *120 Batimentos Por Minuto*, deixando como parte de seu legado o impactante relato sobre como era viver a síndrome na forma de uma sentença de morte. Em suas palavras,

[...] de repente, por causa do anúncio da minha morte, tinha me dado vontade de escrever todos os livros possíveis, todos aqueles que eu ainda não havia escrito, com o risco de escrevê-los mal, um livro alegre e malvado, depois um livro filosófico, e de devorar esses livros quase simultaneamente nessa margem de tempo encurtada, e de devorar o tempo junto com eles, vorazmente, e escrever não apenas os livros da minha maturidade antecipada, mas também, como flechas, os livros muito lentamente amadurecidos da minha velhice (GUIBERT, 1995a, p. 42).

Além de abordar um período trágico da epidemia de HIV/Aids, esta tese foi parcialmente realizada durante o momento mais catastrófico da pandemia por Covid-19. Não posso deixar de registrar que a redação das primeiras dezenas de páginas se deram perante um forte sentimento de angústia do porvir, de tristeza pelas centenas de milhares de mortes e de indignação pela maneira como o governo brasileiro lidou com a pandemia. Em diferentes momentos, ao tomar conhecimento sobre atitudes absurdas, desumanas e oportunistas adotadas por autoridades políticas nacionais que resultaram em números aviltantes de mortes evitáveis, lembrei-me de uma frase escrita pelo franco-argelino Albert Camus (1913-1960) em um de seus livros mais conhecidos, *A peste*: “O sono dos homens é mais sagrado que a vida do empestados” (CAMUS, 2018, p. 234). Quantas relações poderíamos traçar entre a doença não nomeada pelo autor e as tragédias da Aids e da Covid-19?

Por fim, pontuo que, se o meu texto é regido sobretudo na primeira pessoa do singular, é apenas para marcar uma trajetória que é pessoal sem jamais ter sido solitária. No Doutorado, percorri um longo caminho durante quatro anos e meio ao lado de companhias da maior importância, que se fazem, por isso mesmo, constitutivas deste estudo. Destaco duas delas, ambas do campo afetivo-científico: a de minha orientadora, Profa. Renata, que se manteve sempre ao meu lado, comprometida com o processo de desenvolvimento desta tese; e a de Pêcheux, que, por meio de trabalhos corajosos e questionadores, ensinou-se a ousar pensar por mim mesmo, esse ato revolucionário.

Tinha voltado para Roma deixando em Paris o segredo da minha doença. Tive no entanto que fazer uma exceção para Matou de tanto ser questionado por ele sobre a causa da minha tristeza. Não havia um dia em que não voltasse à carga: “Mas afinal o que está acontecendo com você, Hervelino? Você ficou todo esquisito... Você mudou... Alguma coisa te preocupa? Gosto muito de você, é normal que me preocupe contigo...” De início fiz de conta que não entendia o sentido de suas perguntas, depois mandei-o passear, mas ele não desistia. Enfim, quando estávamos os dois sozinhos, contei a verdade, disse textualmente que estava preocupado com a minha saúde, e, sem exigir nenhum detalhe suplementar, ele não me fez mais perguntas. Mas a confissão tinha qualquer coisa de atroz: dizer que estava doente só fazia dar crédito à doença, de repente ela se torna real, irrevogável, e parecia tirar sua eficácia e suas forças destrutivas do crédito que se dava a ela. Além disso, era um primeiro passo na separação que devia levar ao luto.

Hervé Guibert, em *Para o amigo que não me salvou a vida* (1995a, p. 91)

[...] Na partida o trem estava quase vazio, mas se encheu rapidamente ao longo daquela linha de subúrbio onde as pessoas andavam pelos trilhos, mas o meu banco continuava vazio, ninguém queria sentar ao meu lado ou na minha frente ou mesmo perto de mim, eu que no entanto evitava olhar quem quer que fosse nas paradas do trem, porque tinha compreendido, com um espanto irônico, que as pessoas teriam preferido se empilhar nas cabeças umas das outras em vez de pegar um lugar folgado ao lado daquele sujeito especial, cuja distância deles me devolvia a imagem, todos tinham virado aqueles gatos que fogem de mim, os gatos alérgicos ao diabo.

Hervé Guibert, em *Para o amigo que não me salvou a vida* (1995a, p. 114)

A Aids, microscópica e virulenta, come o homem, esse gigante.

Hervé Guibert, em *Protocolo da compaixão* (1995b, p. 129)

2 UMA RELAÇÃO DISCURSIVA (IN)TENSA COM CORPOS DO ATIVISMO

O meu retorno ao campo teórico-metodológico da AD traz a marca indelével do objeto analítico desta tese de doutoramento, os corpos dos sujeitos-ativistas da ACT UP Paris no longa-metragem *120 Batimentos Por Minuto* (2017), de Robin Campillo. O olhar que dediquei a esses corpos e as inquietudes suscitadas em retorno pelo funcionamento simbólico de cada um deles deram ritmo a um batimento entre pesquisa e analista do discurso, no qual ambos se constituíram mutuamente. Como efeito de início da exposição desse processo, destaco dois conceitos cuja compreensão delineou uma base para que eu estabelecesse uma relação discursiva (in)tensa com tais corpos: o primeiro é o de materialidade discursiva e o segundo, o de sujeito do discurso. Caracterizo essa relação como (in)tensa, uma vez que, ao mesmo tempo em que se faz constante na cadência analítica, ela se propõe desestabilizadora no que tange à produção de sentidos.

O conceito de materialidade discursiva se refere a objetos simbólicos, resultantes de entrelaçamentos entre a história e a linguagem que se dão nas práticas discursivas de sujeitos em uma formação social, entendida, a partir de Althusser (2008, p. 41, grifo do autor), como uma “[...] ‘sociedade concreta’, historicamente existente, e que é *individualizada*, portanto, distinta de suas contemporâneas e de seu próprio passado, pelo modo de produção que domina aí”. Nessa perspectiva, as materialidades se constituem invariavelmente no entremeio dos três campos do conhecimento que atravessam a AD: a Linguística, pelo corte da linguagem; o Materialismo Histórico, pelo corte histórico-ideológico; e a Psicanálise, pelo corte do inconsciente do sujeito. Devido a essa tessitura singular, Pêcheux (2016, p. 23) pontua que as materialidades são marcadas por uma “heterogeneidade irreduzível”, uma opacidade sob a qual os sentidos não são únicos nem fixos – eles deslizam, coexistem, contradizem-se.

As materialidades não existem, portanto, independentemente da exterioridade na qual se inserem. Como o cruzamento entre história e linguagem delimita determinadas condições de produção para as práticas discursivas dos sujeitos, elas se configuram em um “nível de existência sócio-histórica” (PÊCHEUX, 2015a, p. 151). Eis porque as materialidades colocam demandas específicas e provocam inquietações entre os pesquisadores, proporcionando o estabelecimento de relações discursivas (in)tensas. Conceitos caros à AD são mobilizados e frequentemente problematizados sob os regimentos de cada materialidade, para possibilitar

gestos de interpretação ou “abrir a leitura”, como afirma Lagazzi (2018, p. 160). Em outro texto, a autora explica que

[...] ‘recorte’, ‘efeito de sentido’, ‘acontecimento’, ‘arquivo’, ‘paráfrase’ e ‘família parafrástica’, ‘processo metafórico’, ‘memória discursiva’, ‘formação discursiva’, ‘ideologia’, ‘arquivo’, são noções e conceitos que significam na relação com os materiais tomados para análise, com distintas configurações em cada análise. As dificuldades analíticas impostas pelos materiais são a medida dos questionamentos teóricos necessários (LAGAZZI, 2009, p. 67).

As materialidades configuram um desafio contínuo aos pesquisadores, pois trazem à tona a indagação primordial acerca da compreensão do que é ler, de acordo com Pêcheux (2015a). Aceitar esse desafio configura, nas palavras do autor, uma tomada de partido contra a “imbecilidade”, entendida como “[...] decidir não saber nada do que se lê, permanecer estranho a sua própria leitura, acrescentá-la sistematicamente à fragmentação das sequências, para acabar de liberar a matéria verbal dos restos de sentido que ainda aderem aí...” (PÊCHEUX, 2015a, p. 25). A relação com esses elementos de ordem significativa, delineada por afetos e confrontos, é o caminho para se investigar como se dá a produção dos sentidos na formação social.

Ao teorizar sobre as materialidades, Pêcheux enfoca aquelas que são verbais. Em textos clássicos, pontua que elas remetem “[...] às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos) em uma conjuntura histórica dada” (PÊCHEUX, 2015a, p. 151-152), configurando-se como “[...] um remoer de falas ouvidas, relatadas ou transcritas, uma profusão de escritos mencionando falas e outros escritos” (PÊCHEUX, 2016, p. 23-24)¹⁰. Esse recorte não significa, entretanto, que o autor não pensasse em materialidades de ordem não-verbal ou em composições com características verbais e visuais. Em uma passagem de “Delimitações, inversões, deslocamentos”, Pêcheux (1990, p. 8) lança um questionamento que abarca materialidades de outras naturezas: “Abstrações como ‘o povo’, ‘as massas’, ‘o proletariado’, ‘a luta de classes’ podem ser mostradas (pintadas, filmadas ou televisionadas), enquanto conceitos, sem disfarces?”. Também em *O discurso: estrutura ou acontecimento*

¹⁰ De forma inegavelmente poética, Pêcheux (2016, p. 24) elenca uma série de exemplos, que vale a pena ser aqui reproduzida: “Relatos, privados ou oficiais, verídicos ou idealizados, murmúrios secretos e gritos, cartas de todos os tipos, profissões de fé, promessas, acusações e confissões, poemas, romances e canções, réplicas de teatro (em cena e na cidade), programas, sermões, chamados e instruções, tratados (de paz ou do vazio) e leis (da gravidade, da República, de Talião...), descrições, receitas, regulamentos e códigos, lições e conferências, proclamações, celebrações, declarações (de guerra ou de amor), citações (entre aspas, ou de ordem da Nação), inscrições e notas, notas de rodapé, atas, notas de infâmia...”.

(PÊCHEUX, 2015b, p. 49), faz referência a “formas culturais e estéticas”, que são tão plurais quanto possíveis.

É com base na abertura possibilitada por essas marcas teóricas que a AD se debruça atualmente sobre materialidades variadas. Orlandi (2015a, p. 19) se refere a elas como “materiais de reflexão para todo analista de discurso”, exemplificando-as em um amplo espectro: desde dizeres, escritos, imagens, silêncios e tecnologias (ORLANDI, 2015a) até corpos de sujeitos (ORLANDI, 2017). Tal investida contribui para o conhecido destaque internacional das pesquisas brasileiras, posto que, na avaliação de Leandro-Ferreira (2010, p. 4), os analistas vêm “[...] conseguindo trazer para a área as especificidades requeridas por novas materialidades discursivas que se impõem como objetos de análise”, sem negligenciar a singularidade teórico-analítica do pensamento pecheutiano. Olhar para o corpo como materialidade que significa e é significada em uma dada formação social se alinha à contemporaneidade da pesquisa em AD.

O outro conceito que destaco, o de sujeito do discurso, estilha tentações ilusórias promovidas pelo *cogito* cartesiano, incompatíveis com a pesquisa discursivo-materialista. Por meio de um entrelaçamento tensionado de conceitos da Psicanálise e do Materialismo Histórico, a AD demonstra que o sujeito não é uno nem origem do próprio dizer, mas um ponto nodal constituído por cortes diversos, condição para que (*re*)produza discursos. Essa concepção de sujeito abrange os próprios analistas, desde o princípio implicados em estruturas das quais podem apenas se deslocar ancorados pela teoria, a fim de realizar gestos de interpretação.

Em parte de suas produções teóricas, Leandro-Ferreira se dedica a discutir esse conceito. Em “Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso” (LEANDRO-FERREIRA, 2010), por exemplo, explica que tal sujeito se configura especificamente no entremeio das noções de sujeito para a Psicanálise e para o Materialismo Histórico. Ele não é tido, por isso, como algo dado, que nasce ou se desenvolve empiricamente como tal, mas construído a partir de uma complexa urdidura entre o inconsciente e a ideologia, conforme abordados, respectivamente, por Lacan (1985a) e Althusser (2008). Esse arranjo faz com que ele seja, desde o princípio, descentrado em relação ao uso que faz da linguagem e, por conseguinte, aos discursos que faz circular na formação social em que se inscreve.

Um breve percurso pelas perspectivas psicanalítica e materialista de sujeito contribui, desse modo, para a compreensão do conceito de sujeito do discurso. Em atenção à primeira, Lacan (1985a, p. 25, grifos do autor) teoriza que “[...] o inconsciente é estruturado como uma

linguagem [...]”. Esse postulado, amplamente conhecido, demonstra, conforme a leitura de Leandro-Ferreira (2010), que a linguagem preexiste à entrada que todo indivíduo faz nela em vias de se tornar sujeito. Isso significa que, antes que o sujeito se forme, comece a pensar e estabeleça relações sociais, o plano inconsciente se organiza com a inscrição de uma série de linhas de força compostas por significantes. Nas palavras de Lacan, (1985a, p. 26), “a natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas e as modelam”.

Esse processo também pode ser visualizado quando pensamos sobre os conceitos de Outro (*Autre*) e outro (*autre*) em Lacan (1995). O primeiro remonta à instância que fornece os significantes que estruturam o inconsciente como uma linguagem; o segundo se refere aos sujeitos que encontramos na formação social, incumbidos de mediar a nossa relação com o Outro, cujo acesso não se dá de forma direta. Ao nascer, o bebê é incapaz de falar ou de compreender o que é dito ao seu redor, mas, por intermédio do outro, sobretudo do sujeito-mãe, é exposto aos significantes do Outro, que se inscrevem em seu inconsciente e o constituem como sujeito psicanalítico. Nesse funcionamento, o inconsciente dissimula a própria existência ao mesmo tempo em que organiza e modela as relações humanas em torno do novo sujeito sob a mediação da linguagem¹¹.

Em outras palavras, tal processo leva o sujeito a criar uma imagem de si e a entender como deve ser e agir (RAMOS, 2020). O “tu és...”, resultante da relação estabelecida com o Outro por intermédio do outro, faz com que, a partir de então e ao longo de toda a vida, o sujeito seja sempre representado por um significante a outro significante – ele é criança em relação a um adulto; brasileiro em relação a um francês; advogado em relação a um professor. É por isso que Lacan (1998, p. 548) afirma, de modo aparentemente paradoxal, que o Outro é como um lugar alhures, “[...] presente para todos e vedado para cada um [...]”, já que não é possível ter-lhe acesso direto, a não ser, por exemplo, pelo outro. A teorização lacaniana em torno do Outro se baseia em Sigmund Freud, que ao tratar sobre o lugar do inconsciente utilizou um termo de conotação próxima, “uma outra cena” (*ein anderer Schauplatz*), emprestado de Gustav Theodor Fechner.

¹¹ Os romances do escritor português Valter Hugo Mãe (1971-) me remetem, por vezes, à teoria psicanalítica. Faço esse apontamento, uma vez que, nas narrações tocantes e profundas que caracterizam a obra desse autor, vejo cintilar aspectos do pensamento lacaniano, integrantes desta seção. Destaco, como exemplo, uma passagem de *A desumanização* (2017, p. 24), na qual ressoa, em minha leitura, a noção de formação do sujeito psicanalítico: “O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa qualquer”.

Embora não se dê conta disso, o sujeito psicanalítico é dividido, devido à diferença incontornável entre os planos inconsciente e consciente, que abrangem três registros psíquicos: o real, o simbólico e o imaginário. O inconsciente está diretamente ligado ao real, cujo aspecto totalizante é impossível de ser representado. Em seu vínculo, essas duas estruturas delimitam uma “hiância”, um “centro incógnito” (LACAN, 1985a, p. 28) que marca uma falta originária, algo desde sempre inalcançável porque resistente à simbolização. Já o plano consciente remete ao imaginário, que se baseia na aparente univocidade das imagens dos objetos que circundam o sujeito no mundo empírico. Esse registro é revestido por um caráter especular ilusório que remete à similitude, à homogeneidade e à completude. É por isso bem representado pelo estágio do espelho durante o desenvolvimento infantil¹².

Entre os planos inconsciente e consciente está o simbólico, no qual reina, nos termos de Lacan (1985a, p. 28), a “lei do significante”. Jorge e Ferreira (2007) explicam que esse registro busca simbolizar o real e articulá-lo ao imaginário, de forma insistente e sem sucesso, abrindo espaço para tropeços da linguagem, como duplos sentidos, mal-entendidos, falhas¹³. Nessa dinâmica, o real sempre se marca no simbólico como uma falta, enquanto o simbólico e o imaginário se entrelaçam na constituição da dita realidade, feita de palavras e imagens. Diante dessa experiência, Leandro-Ferreira (2010) pontua que o sujeito psicanalítico se configura como sujeito desejante, pois está sempre em busca da completude, cobiçada frente à falta ocasionada pela impossibilidade de simbolização do real. Tal funcionamento delineia em AD a noção de real da língua, entendida como o “impossível que lhe é próprio” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 52), a “incompletude” que lhe é inerente (LAGAZZI, 2018, p. 168), de modo que o sujeito, incapaz de enunciar o todo de forma plena e inequívoca, provoca o deslizamento de sentidos em suas tentativas de significação. A falta estrutura, portanto, a relação “falha” entre o sujeito e a linguagem, na qual se encontra o discurso.

Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. A falta é, então,

¹² De acordo com Roudinesco e Plon (1998), o estágio do espelho ocorre entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida, quando a criança forja uma unidade corporal para si, por meio da identificação com a imagem do outro e com a própria imagem refletida em um espelho. Nesse contexto, Quinet (2002) explica que, como se trata de um momento do desenvolvimento psíquico e ontológico baseado na identificação por imagens, ele é invariavelmente encampado pelo registro do imaginário. É por isso que Jorge e Ferreira (2007, p. 40) afirmam que, “em uma fase que a criança é absolutamente dependente do outro, a prefiguração da imagem unificada do próprio corpo produz a ilusão de um domínio que, apesar de fictício, a deixa radiante”.

¹³ Baldini (2017, p. 73) oferece uma explicação oportuna sobre a relação do real com o simbólico: “[...] o real não é aquilo que está proscrioto de toda escrita, de toda fala, de todo dizer [que constitui o registro do simbólico]. O real é aquilo que não cessa de não estar escrito, dito, falado. Nessa insistência, algo se escreve, a própria marca de uma impossibilidade de marcar”, a exemplo dos tropeços de linguagem.

tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua); impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira – o não-todo no todo, o não-representável no representado (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 5-6).

A outra concepção de sujeito, advinda do Materialismo Histórico, tem uma abordagem distinta. A demarcação de sua base se dá com a célebre afirmação de Althusser (2008, p. 212) de que “[...] a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”. Esse axioma aponta para o funcionamento da chamada Ideologia em geral¹⁴, que inscreve o indivíduo na categoria de sujeito, por meio do processo de interpelação – quando se fala do sujeito e ao sujeito antes mesmo que ele, tomando-se como causa de si, fale por si mesmo, em um “teatro da consciência” (PÊCHEUX, 1996, p. 149). Trata-se de um funcionamento que começa quando o indivíduo está no ventre materno e lhe são atribuídas singularidades de caráter simbólico, como nome, gênero e nacionalidade, que mais tarde serão reproduzidas por ele mesmo, como componentes de sua existência, tida como única. É por isso que, na teorização althusseriana (2008, p. 212, grifos do autor), “*os indivíduos são sempre-já sujeitos*”, porquanto a interpelação começa antes mesmo de nascerem.

Ao sujeito da ideologia ou ideológico, como denomina Leandro-Ferreira (2010), é concedido, portanto, o senso de unidade, concretude e insubstituibilidade. A interpelação pela Ideologia em geral, entendida como eterna, onipresente e imutável ao longo da história, produz um efeito de primeira evidência para e sobre o sujeito. Como comenta Pêcheux (1996), não se trata de uma coisa, máquina, anjo ou animal não humano, mas tão somente de um sujeito como animal ideológico. Nas palavras de Althusser (2008, p. 209), “[...] o caráter próprio da ideologia é impor [...] as evidências como evidências, que não podemos deixar de reconhecer e diante das quais temos a inevitável e natural reação de exclamar [...]: ‘é evidente! é isso mesmo! é mesmo verdade!’”. Nessa perspectiva, o sujeito funciona inexoravelmente como um “efeito ideológico elementar” (ALTHUSSER, 2008, p. 209), isto é, um sujeito que não questiona se é sujeito ou por que é sujeito.

Com a interpelação pela Ideologia em geral, ocorrem também assujeitamentos baseados em ideologias particulares, todas historicamente determinadas porque mutáveis ao longo do tempo. Os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), conceito althusseriano que se

¹⁴ Althusser emprega quase sempre caracteres minúsculos no termo “ideologia em geral”, como se observa na edição brasileira de *Sobre a reprodução* (2008). Pêcheux, por sua vez, adota uma outra grafia, utilizando quase sempre caixa alta na primeira letra do composto, “Ideologia em geral”, a exemplo do que se lê na edição também brasileira de *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2014b). Por entender que a opção predominante no último autor contribui para diferenciar a Ideologia em geral das ideologias particulares, decido por utilizar o termo com a primeira inicial maiúscula.

refere aos agrupamentos de instituições nas quais se realizam as ideologias particulares, recrutam já-sujeitos aos respectivos conjuntos de saberes, atribuindo-lhes novas camadas, novos revestimentos. Esses saberes ocupam o centro de toda ideologia, formatando o denominado Sujeito, Sujeito Único ou Sujeito Absoluto, que não se confunde com o sujeito do teatro da consciência, dada a sua capacidade de assujeitar. Como exemplificação, podemos remeter à ideologia religiosa-cristã, realizada por e em igrejas as mais diversas que, baseando-se nos ensinamentos do Sujeito-Deus, arregimentam já-sujeitos às posições de sujeitos-católicos, evangélicos, protestantes... Todo esse processo é marcado por uma relação de ordem especular, na qual ocorre o reconhecimento mútuo entre sujeito e Sujeito, dentre os próprios sujeitos e do sujeito para consigo mesmo. Como resultado, argumenta Althusser (2008, p. 218), não é de se surpreender que os sujeitos “funcionem sozinhos”.

As ideologias particulares agem sobre parcelas maiores ou menores de sujeitos, já que se entrelaçam à luta de classes nas formações sociais. Com suas engrenagens, o motor dessa luta estabelece continuamente relações conflituosas que (*re*)formatam classes e as ideologias que lhes dão sustentação, dentre as quais apenas uma é feita dominante por um período variável de tempo. Tal ideologia corresponde, conforme Althusser (2008), àquela da classe que detém o poder de Estado e, dessa posição, dá ordens ao chamado Aparelho Repressor de Estado (ARE), que congrega o governo e as instituições que adotam prioritariamente a violência como forma de manter a estrutura social e produtiva em vigência¹⁵. Essa mesma ideologia encontra também meios e locais de realização nos AIEs, circunscrevendo contradições internas perante as especificidades ideológicas que definem cada um deles. É por isso que os AIEs são atravessados pelas tendências de reprodução e transformação das relações sociais e produtivas: se nesses aparelhos a ideologia dominante encontra meios de se realizar, é também neles que, dadas as relações de força que se estabelecem a partir das contradições internas, transformações podem ocorrer, chegando posteriormente ao ARE. Na explicação de Pêcheux (2015c, p. 4),

¹⁵ A adoção prioritária ou não da violência é um dos aspectos que diferenciam o ARE e os AIEs. Para marcar essa distinção, reproduzo uma explicação do próprio Althusser (2008, p. 101, grifos do autor): “Enquanto o Aparelho repressor de Estado é, por definição, um Aparelho repressor que usa indireta ou diretamente da *violência física*, os Aparelhos ideológicos de Estado não podem ser ditos repressores no mesmo sentido em que se fala do ‘Aparelho de Estado’ [outro termo para o ARE] já que não utilizam, por definição, a *violência física*. Com efeito, para funcionarem junto à sua ‘clientela’, a Igreja, a Escola, os partidos políticos, a imprensa escrita e a rádio-televisão, a atividade editorial, os espetáculos, o esporte não *recorrem à violência física*, pelo menos, de maneira *dominante e visível*”. Além do governo, o autor menciona as prisões, as forças armadas, a polícia e os tribunais como exemplos de instituições que compõem o ARE.

[...] os AIE não são [...] puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes: ‘... esse estabelecimento (dos AIE) não se faz sozinho, ele é, ao contrário, o palco de uma difícil e ininterrupta luta de classes...’, o que significa que os AIE constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas de transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista).

Os processos de interpelação e assujeitamento ocorrem sem se deixarem notar, visto que um dos efeitos da ideologia, englobando a geral e as particulares, é o de negar a si mesma – conforme a formulação antropomórfica de Althusser (2008, p. 212), ela nunca diz “sou ideológica”. Por conseguinte, os sujeitos desconhecem os mecanismos ideológicos que os constituem como tais ao longo de toda a vida. Há, diante disso, três aspectos a serem sublinhados: 1) os sujeitos acreditam que, por serem únicos, são a origem e o centro dos próprios dizeres¹⁶; 2) o assujeitamento deles à ideologia dominante é um dos meios necessários para que se efetive a reprodução da estrutura que organiza as relações sociais e produtivas; e 3) a possibilidade de resistência a tal assujeitamento, derivado da ininterrupta luta de classes, abre espaço para transformações na formação social, a partir dos AIEs. Assim, os sujeitos não funcionam como agentes heroicos que decidem os rumos da humanidade, porque “os agentes-sujeitos só são ativos *na* história sob a determinação das relações de produção e de reprodução, e em suas formas” (ALTHUSSER, 1978, p. 67, grifo do autor).

Ponto *sine qua non* para os estudos em AD, a teoria althusseriana destaca o aspecto material da Ideologia em geral e das ideologias particulares, cavando uma longa distância para com autores como Destutt de Tracy e Georges Cabanis, que entendiam a ideologia pela tradição da Filosofia das Luzes, como “[...] a teoria [...] da gênese das ideias [...]” (ALTHUSSER, 2008, p. 191). As ideologias particulares, especialmente, apresentam-se por meio de rituais capazes de assujeitar, a exemplo de aulas, comícios, missas, protestos, registros de documentos e reuniões de trabalho e de família. Por conta disso, tais rituais, ideológicos, configuram-se, também e discursivamente, como rituais de linguagem, conforme analisa Lara Pimentel (2010), pois em todos eles há a base material comum das linguagens verbal e não-verbal. Esse funcionamento permite à AD relacionar ideologia e língua, a partir do postulado de que “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ORLANDI, 2017, p. 83-84).

¹⁶ Pêcheux (2014b, p. 144, grifos do autor) denomina de “efeito Münchhausen” o modo como o sujeito se percebe ilusoriamente como independente, como causa de si mesmo, “[...] em memória do imortal barão que se elevava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos”.

Notamos, nesse percurso, que os sujeitos psicanalítico e ideológico são atravessados pela linguagem – são “sujeitos de linguagem” (LAGAZZI, 2013b, p. 312). Apesar das diferenças constitutivas irredutíveis, o inconsciente é estruturado como linguagem e as ideologias se materializam em rituais permeados por linguagens. Frente a essa compatibilidade material, Pêcheux (2014b) argumenta, acerca do sujeito do discurso, que a interpelação e o assujeitamento ideológicos se dão propriamente via inconsciente, em uma imbricação que os entrelaça sem confundi-los. Nas suas palavras, “[...] a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente” (PÊCHEUX, 2014b, p. 278). Ora, se desde a primeira infância o contato com o Outro se dá por intermédio do outro, um sujeito que funciona como animal ideológico, a relação que traçamos com os significantes é invariavelmente atravessada por filtros ideológicos, que nos interpelam, assujeitam e, como resultado, orientam-nos sobre como ser e agir em uma dada formação social. Desse modo, o Outro e as ideologias, organizadas na figura do Sujeito althusseriano, entrelaçam-se desde o princípio na constituição dos sujeitos.

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos etc., e as noções de *asserção* e de *enunciação* estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante (PÊCHEUX, 2014b, p. 159, grifos do autor).

Na abordagem à imbricação conceitual entre inconsciente e ideologia, Pêcheux (2014b) trata, também, sobre a resistência do sujeito do discurso, incontornável porque constitutiva dele. Embora atribuam identidade e unicidade imaginárias, a interpelação e o assujeitamento ideológicos não recobrem totalmente o inconsciente, de modo que o registro simbólico, na tentativa de esquadriñar o real, continua a produzir lapsos e atos falhos nos dizeres do sujeito, fazendo transbordar o real da língua. Essa falha derivada de uma falta, que permite aos sentidos deslizarem entre cadeias significantes, é entendida na AD como a resistência do sujeito que se dá via inconsciente às investidas ideológicas¹⁷. É por esse motivo

¹⁷ Pêcheux (1990, p. 17) traz exemplos dessa resistência via inconsciente: “[...] não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras”.

que os rituais ideológicos, também rituais de linguagem, são considerados falhos, pois não há a possibilidade de que venham a enquadrar completamente o inconsciente. Assim, “apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como *ritual* supõe reconhecer que não há ritual sem falhas [...]” (PÊCHEUX, 2014b, p. 277, grifo do autor), o que nos leva, em desdobramento, à máxima de que “não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’” (PÊCHEUX, 2014b, p. 281).

Isso significa que, mesmo durando pelo “tempo de um relâmpago” (PÊCHEUX, 2014b, p. 278), a resistência que se dá via inconsciente pode se reorganizar no estrato consciente de um determinado grupo ou classe e, a partir disso, compor discursos, provocar revoltas e desestabilizar a formação social. Pêcheux (1990, p. 17, grifos do autor) tece tal consideração quando explica que “[...] o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e insurreição [...]”, abre espaço para um “[...] momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo de repetição”. A ousadia da revolta não se configura por meio de injunções isoladas da consciência, na qualidade de “gestos voluntaristas” (LAGAZZI, 2013b, p. 323), mas com base em uma resistência via inconsciente que repercute entre sujeitos agrupados na luta de classes, produzindo novos sentidos¹⁸.

O sujeito do discurso emerge, como mencionado, no entremeio do sujeito ideológico e do sujeito psicanalítico. De um lado, alheio ao mecanismo ideológico ao qual é submetido, considera-se autossuficiente, insubstituível, causa de si mesmo, (*re*)produzindo dizeres como se fosse a origem deles, como se não os pudesse manifestar de outra forma. De outro lado, em razão do aparelho psíquico dividido entre os planos inconsciente e consciente, é incapaz de simbolizar tudo de maneira completa, inequívoca e transparente. A falta e o desejo cavados pelo registro do real se marcam no simbólico por meio de dizeres atravessados por falhas, que põem os sentidos em movimento e sinalizam resistências e revoltas aos processos de interpelação e assujeitamento. Nessa imbricação entre os sujeitos ideológico e psicanalítico, atravessados desde o princípio pela linguagem, o sujeito do discurso se apresenta, também, como efeito de linguagem. Na compreensão de Leandro-Ferreira (2010, p. 10),

¹⁸ A articulação na diferença entre os estatutos da resistência e da revolta é formulada por Leandro-Ferreira (2015, p. 159) da seguinte maneira: ao mencionar o termo “resistência”, a autora acrescenta “e a revolta” entre parênteses: “a resistência (e a revolta)”. Na minha leitura, o elemento que aparece entre parênteses – revolta – não configura um simples acréscimo ao elemento que lhe é exterior – resistência –, mas aponta para uma relação de subordinação. Enquanto a resistência, que se dá via inconsciente nos sujeitos, ocorre de forma contínua frente à luta de classes em uma dada formação social, a revolta, que abrange as ordens do inconsciente e da consciência, pode ou não ocorrer, como um desdobramento da resistência.

o sujeito do discurso vai, então, colocar-se estratégica e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem. Como se vê, a Análise do Discurso ao construir a categoria teórica do sujeito o faz, desde o início, pautando-se por uma singularidade que a torna muito peculiar. O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-lacaniano; tampouco, é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade lingüística [sic.] e histórica que a AD lhe atribui.

Assim como o conceito de materialidade, essa concepção de sujeito é fundante para a AD. Ela atravessa os gestos de interpretação discursivos, ao mesmo tempo em que alerta o pesquisador, sempre-já sujeito, sobre a posição que deve ocupar durante o processo de investigação. Sobre este último ponto, o conjunto teórico-metodológico da AD possibilita ao analista um deslocamento, por meio do qual consegue atravessar o efeito ilusório de univocidade da linguagem, para investir na falha, no equívoco, na contradição, entre tantos outros funcionamentos que constituem as práticas discursivas na formação social. Como aponta Orlandi (2015b), esse lugar outro favorece o olhar distanciado da alteridade, por onde é possível trabalhar o *corpus* analítico no batimento entre teoria e prática, descrição e interpretação, pesquisa e pesquisador. É dessa posição que se pode contemplar o movimento da produção de sentidos, um movimento que é o da própria vida.

[A mobilização teórica em análises discursivo-materialistas] resulta na alteração da posição do leitor para o lugar construído pelo analista. Lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir. Nesse lugar, ele não reflete mas situa, compreende, o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico que é seu alvo. Ele pode então contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação (ORLANDI, 2015b, p. 59).

As noções de materialidade e sujeito do discurso delineiam uma base para a compreensão do funcionamento simbólico dos corpos dos sujeitos-ativistas em *120 Batimentos Por Minuto*, uma vez que, na AD, o *corpo é tomado teórica e metodologicamente como a materialidade do sujeito* (LEANDRO-FERREIRA, 2013b; ORLANDI, 2017). No longa-metragem, ao se vincularem, em termos discursivos, aos sujeitos que se (*des*)articulam na realização de protestos relativos à epidemia de HIV/Aids, tais corpos significam e são significados na formação social francesa do início dos anos 1990. Para analisá-los em suas especificidades, foi necessário investigar as diferentes relações que tecem com o político em

meio às práticas internas e externas da ACT UP Paris. Esse movimento exigiu a articulação de determinados conceitos, incluindo o de corpo discursivo, no desenvolvimento de duas novas formulações, que denominei o político dos corpos e *corpolítico*. Com base no que teoriza Mariani (1998) e reforçam Ferrari Soares e Medeiros (2012), essas denominações não se dão meramente na ordem da língua ou das coisas, mas na ordem própria do discurso, pois, mesmo contribuindo para a análise de sentidos no social, não podem se excluir deles.

2.1 O político dos corpos

Em *120 Batimentos Por Minuto* (2017), a ACT UP Paris realiza reuniões semanais, em um pequeno anfiteatro, para tratar coletivamente de pautas extensas, que abordam, entre outros assuntos, do planejamento de protestos contra diferentes agentes sociais, como o governo, empresas farmacêuticas, instituições de ensino e seguradoras de saúde. Cada tópico da pauta é conduzido por um ou mais sujeitos-ativistas e a discussão é controlada por mediadores. Sob o nome da associação, os sujeitos-ativistas buscam garantir assistências farmacológica, médica e social a sujeitos-soropositivos franceses, bem como campanhas de prevenção que reduzam a quantidade de novos casos de HIV e Aids no país governado, naquele momento, por François Mitterrand¹⁹. A homogeneidade discursiva que dão à visibilidade quando saem em manifestações é, no entanto, ilusória, imaginária; um efeito de consenso que opacifica a contradição enraizada pela heterogeneidade discursiva constitutiva, a divisão de sentidos que atravessa os personagens e que se marca nas reuniões semanais.

Como mencionado na Introdução, tal funcionamento foi um dos pontos intrigantes suscitados pelo longa-metragem de Robin Campillo. Os sujeitos-ativistas que durante os protestos normalmente dizem as mesmas palavras, seguem o mesmo fluxo de caminhada e repetem as mesmas gesticulações em uma coreografia com aparência de consenso são os mesmos sujeitos que divergem de modo tenaz durante as reuniões semanais da associação, marcando a divisão de sentidos nos próprios dizeres e corpos. Das duas formulações conceituais desenvolvidas na tentativa de compreender essa relação paradoxal, a primeira, o político dos corpos, refere-se ao funcionamento dos corpos desses sujeitos sobretudo

¹⁹ O período político abordado por *120 Batimentos Por Minuto* evoca a análise que Pêcheux (2015b) faz do enunciado “on a gagné”, pronunciado por muitos franceses em 10 de maio de 1981, quando o socialista François Mitterrand foi eleito pela primeira vez presidente da França. Uma vitória que, ao ser anunciada pelos meios de comunicação, causou o “estupor” de “maravilhamento” e de “terror” em parcelas diferentes da população (PÊCHEUX, 2015b, p. 19). Ele foi, depois, reeleito em 1988.

internamente ao grupo. Trata-se de uma formulação que pode se expandir para além do horizonte diegético, contribuindo para a análise das práticas discursivas de diferentes agrupamentos, relacionados ou não a movimentos sociais²⁰.

A noção de político dos corpos se dá a partir de uma imbricação entre os conceitos de político e corpo no âmbito discursivo, conceitos que, ao serem mobilizados, evocam tantos outros do dispositivo teórico-analítico pecheutiano²¹. Trata-se, portanto, de uma formulação que adere ao escopo da AD, considerando a sua singularidade perante as Ciências Sociais e Humanas no saber científico. Para argumentar sobre ela, é fundante percorrer os conceitos de político e corpo em suas especificidades, a fim de entrelaçá-los em seguida, sem perder de vista o *corpus* analítico em *120 Batimentos Por Minuto*. Para tanto, parto sobretudo de Indursky (2019), Leandro-Ferreira (2013a; 2013b) e Orlandi (1996; 2004; 2015a; 2017), pesquisadoras brasileiras que, ao longo das últimas décadas, teorizaram a respeito do político e do corpo a partir do legado deixado por Pêcheux, onipresente em toda a discussão.

O político diz respeito ao fato de que “[...] os sentidos são sempre divididos [...]” e “[...] não se recobrem [...]” (ORLANDI, 1996, p. 131). Como os sujeitos são confrontados pelo real da língua, assujeitados por diferentes ideologias particulares e resistentes à dominação, é impossível que haja um sentido único e pleno para cada forma material significante. Há, portanto, sentidos, no plural, que delimitam divisões e que são, por isso mesmo, causa e efeito dos diferentes conflitos que atravessam uma dada formação social. É em vista desse funcionamento que Dorneles (2020) conceitua o político como uma marca no discurso da contradição e das disputas inerentes ao social; uma marca que se delineia, por exemplo, quando sujeitos examinam, questionam, discordam, negociam e constroem consensos com base em diferentes posições ideológicas. Nessa configuração, os sentidos que orbitam em torno de um mesmo significante, sobretudo os discordantes entre si, estabelecem relações de força entre os sujeitos que os mobilizam. Voltando a Orlandi (2015b, p. 37), “como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’”.

A complexidade do funcionamento do político se traduz na mobilização do aparato discursivo, entrecruzando diferentes conceitos. Dois deles são os de formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD). O primeiro delineia um deslocamento que Haroche, Pêcheux e

²⁰ Sobre as possibilidades teórico-analíticas a serem exploradas acerca do conceito de político dos corpos, cf. capítulo 6.

²¹ Eis uma característica da AD: os conceitos não funcionam sozinhos, *per se*. Uma concepção sempre aponta para outra(s), fazendo reluzir diferentes pontos da tessitura na qual todas se enredam. Há, para mim, uma profunda beleza nessa paisagem.

Henry (2020, p. 33-34, grifos dos autores) operam do pensamento althusseriano para a teoria do discurso: no processo de assujeitamento por uma ideologia particular, o sujeito é inscrito em uma FI correspondente, que constitui “[...] um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas em relação às outras”. Logo, as FIs materializam a instância ideológica, oferecendo os objetos e a maneira de se servir deles em uma circunscrição de caráter regionalizado, especializado, tais como os bons costumes, a ciência, a política e a religião. Elas demarcam posições de classe e determinam que os sujeitos nelas inscritos falem a respeito de diferentes objetos a partir dos lugares sociais que ocupam, dando visibilidade à luta de classes. Isto ocorre porque “[...] as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2020, p. 34).

Ao mencionarem os termos “sentido” e “palavras”, os autores assinalam a “intrincação” (PÊCHEUX, 2014b, p. 147) entre FI e FD, condição *sine qua non* para a primeira funcionar na formação social. O conjunto complexo de atitudes e representações supracitadas necessita de uma existência material para compor as práticas discursivas dos sujeitos. Atentando que, no quadro teórico da AD, a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, os elementos de uma FI se materializam, no interior de uma ou mais FDs, por meio dos discursos e da língua. Em uma passagem já clássica e frequentemente reproduzida, Pêcheux (2018, p. 73, grifos do autor) afirma que as FDs “[...] determinam *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de um pronunciamento, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.), a partir de uma dada posição numa dada conjuntura [...]”. O assujeitamento a uma ideologia, assim sendo, só se concretiza no interior de uma FD, quando, reconhecendo-se e engajando-se nas práticas discursivas, o sujeito funciona sozinho (COURTINE, 2020).

A intrincação entre FI e FD não pode ser pensada sem referência ao interdiscurso. Isto porque as materialidades componentes das FDs são fornecidas por essa estrutura, em consonância com as características das FIs correspondentes. O interdiscurso remete ao conjunto de FDs existentes, espaço imensurável e inapreensível da multiplicidade dos sentidos, no qual se concentram todos os já-ditos, não-ditos e aquilo que ainda há por dizer, conforme Leandro-Ferreira (2012). É, portanto, nessa região onde se encontram as construções realizadas até então, correspondendo a um “sempre-já-aí” (PÊCHEUX, 2014b, p. 151) que retorna, a algo que fala antes e de forma autônoma em relação ao sujeito, delineando a memória discursiva, além de tudo o que foi silenciado e permanece em estado de devir. Em

uma operação da qual só podemos identificar rastros, o interdiscurso fornece e articula já-ditos hegemônicos aos limites de cada FD, fazendo-se absorver e esquecer no intradiscurso, as práticas discursivas dos sujeitos ali inscritos. Em vista disso, destacam-se duas propriedades do interdiscurso: o efeito de pré-construído, derivado do retorno de determinados dizeres e sentidos, e o discurso transversal, referente à articulação entre sequências dispersas, linearizando-as em correferências de sentidos no intradiscurso. Nas palavras de Pêcheux (2014b, p. 154, grifos do autor),

[...] o *interdiscurso enquanto discurso-transversal* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita.

Esse mecanismo é, no entanto, pontuado por falhas, que movimentam e podem até mudar o estatuto de não-ditos e daquilo que há por dizer, dividindo os sentidos e dando vazão ao político. Desse modo, é possível assumir que, se o político se marca de modo inelutável entre os discursos produzidos por diferentes FDs, a resistência ao assujeitamento ideológico provoca falhas que fazem com que o mesmo ocorra internamente em cada uma delas, afastando a possibilidade de homogeneidade. A divisão dos sentidos depende do processo de identificação dos sujeitos frente à forma-sujeito, o conjunto de saberes que organiza uma FD em um momento sócio-histórico-ideológico, correspondente a determinados já-ditos e articulações fornecidos pelo interdiscurso²². Sobre esse aspecto, Pêcheux (2014b) considera três modalidades discursivas do funcionamento subjetivo: a identificação, quando há um recobrimento amplo, porém não totalizante, do sujeito pela forma-sujeito, no qual o primeiro reverbera a segunda em grande medida, caracterizando-se como um bom sujeito²³; a contra-

²² Althusser (1978) conceituou a forma-sujeito. Segundo o autor, em uma formação social capitalista, o sujeito assume uma forma-sujeito, isto é, uma forma de existência histórica, por meio da qual participa das práticas sociais. As formas-sujeitos remetem à divisão do trabalho e à luta de classes, implicando os processos de assujeitamento ideológico – daí podermos conceber, por exemplo, uma forma-sujeito operário e uma forma-sujeito patrão. No deslocamento realizado pela AD, tal conceito se torna elemento constituinte das FDs, mais propriamente um conjunto de saberes que se faz predominante, perante o qual os sujeitos podem traçar uma relação de identificação, fazendo circular os discursos correspondentes no social. Na explicação de Courtine (2020, p. 77), é “[...] um sujeito do saber próprio de uma FD dada e [que] existe na identificação mediante a qual os sujeitos enunciativos encontram ali os elementos do saber (enunciados) pré-construídos dos quais se apropriam como objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses elementos do saber que asseguram uma coerência intradiscurso a seus objetivos”.

²³ A menção ao aspecto não totalizante do processo de identificação já se alinha à retificação que Pêcheux faz da própria teoria em “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, o conhecido “Anexo 3” de *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2014b). Se o autor não pondera, em um momento anterior, sobre a resistência do sujeito no processo de identificação, tomado como totalizante, o mesmo não acontece na retificação, quando afirma que “[...] levar demasiadamente a sério a ilusão

identificação, nas situações em que o sujeito se volta contra a forma-sujeito, duvidando, questionando, contestando as evidências de sentido, um mau sujeito; e a desidentificação, à medida que o sujeito se desvincula da forma-sujeito e, por extensão, da FD, inscrevendo-se imediatamente em outra(s), uma vez que é impossível estar fora da ideologia.

As modalidades discursivas do funcionamento subjetivo implicam considerar a estabilidade na desestabilidade. Como o conjunto de saberes que organiza a forma-sujeito é o hegemônico em um dado período, essa estabilidade só pode se constituir sobre constantes relações de força entre reprodução e transformação, impedindo a sua conservação *ad infinitum*. É diante dessa estrutura que figura como um quociente dos embates discursivos travados que os sujeitos tecem relações de identificação ou contra-identificação – a desidentificação não integra esse quadro, posto que, ao se concretizar, os sujeitos já estão submetidos a outra(s) FD(s). Eles ocupam, dessa forma, posições-sujeito mais próximas ou mais distantes da forma-sujeito, dentre as quais a mais próxima de todas, aquela cujas práticas se confundem com os saberes em questão, faz-se dominante (INDURSKY, 2019)²⁴. Tal conjuntura fragmentada expõe o caráter heterogêneo da FD, pois a resistência imposta pelos sujeitos fomenta a multiplicação dos dizeres e o deslizamento dos sentidos internamente. Isso nos permite assumir, juntamente de Indursky (2019), a impossibilidade de um ritual ideológico sem falhas, assim como a imobilização dos sujeitos e dos sentidos, abrindo espaço para a contradição discursiva.

Essa tessitura conceitual demonstra por que o político é constitutivo das práticas discursivas dos sujeitos. Ele é resultado de processos distintos que marcam um espaço de confronto, apontando para uma formação social sempre dividida, “[...] um mundo que não acaba nunca de *se dividir em dois*” (PÊCHEUX, 1990, p. 12, grifos do autor). O funcionamento das ideologias combinado à resistência dos sujeitos impede que os mesmos sentidos sejam reproduzidos sobre os mesmos objetos, desencadeando relações de força que se ramificam em uma rede sem início nem fim. Nesse cenário, podemos observar a ocorrência

de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha [...]” (PÊCHEUX, 2014b, p. 279). Sobre a autocrítica de Pêcheux, cf. também “Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3” (LAGAZZI, 2013b).

²⁴ Ao tratar sobre a FD Sem Terra no contexto brasileiro dos anos 1990, Indursky (2019) ressalta a sua heterogeneidade discursiva interna, em função das diferentes posições-sujeito que a constituem, ocupadas por posseiros e por integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Movimento Pela Luta da Terra (MLT) e do Movimento Democrático dos Sem-Terra (MDST). Em tal cenário, o MST ocupa a posição-sujeito dominante: ao deflagrar um acontecimento discursivo, as ações do grupo colocam novos sentidos e dizeres em circulação, que são incorporados pelo interdiscurso e, posteriormente, dada a hegemonia que gozam entre aqueles que reivindicam um pedaço de terra, dão também forma ao conjunto de saberes predominante da FD Sem Terra. Ainda assim, mesmo dentre os integrantes do MST, não há homogeneidade discursiva, com o político se marcando a partir das relações de contra-identificação.

do que Indursky (2019, p. 294) denomina de “discursivização do político”: dizeres que, revestidos de um efeito de homogeneidade que opacifica a heterogeneidade constitutiva interna, referem-se a grupos de sujeitos que se mobilizam para expor demandas, exigências e reivindicações frente a outros agentes sociais na arena pública da luta de classes.

O corpo, o outro conceito fundante da formulação que denomino como político dos corpos, não é abordado pelo aspecto biológico ou empírico, mas como a já mencionada materialidade do sujeito, conforme pontuam Leandro-Ferreira (2013b) e Orlandi (2017). Por conseguinte, em vez de máquina concebida de forma ciosa pela natureza, o corpo é considerado, teórica e metodologicamente, como resultado de uma construção complexa que se dá no social, tal qual o sujeito nele inscrito (LEANDRO-FERREIRA, 2010; 2013b). Dada a relação de inseparabilidade entre sujeito e corpo, suas constituições se confundem, de modo que os efeitos de sentido (*re*)produzidos pelo segundo não são passíveis de análise apartados do primeiro (ORLANDI, 2017). O corpo se torna, assim, um “dispositivo de visualização” do sujeito, um “[...] modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem” (LEANDRO-FERREIRA, 2013b, p. 78).

Como o sujeito do discurso se posiciona no entremeio dos sujeitos psicanalítico e ideológico (LEANDRO-FERREIRA, 2010), o seu corpo é diretamente afetado tanto pelo inconsciente como pelo assujeitamento ideológico. Na relação tecida com o primeiro, o corpo é, na perspectiva lacaniana, tomado pela lei do significante, que o desnaturaliza, transforma e molda, fazendo com que, em vez de mera carne, funcione como efeito de linguagem na formação social em que se inscreve. Eis a razão pela qual Lacan (1985b, p. 161) afirma, no seu estilo muito próprio: “falo com o meu corpo, e isto sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei”.

Na base dessa desnaturalização, os três registros psíquicos do sujeito – o imaginário, o simbólico e o real – delimitam diferentes dimensões para o corpo. Na leitura de Fleig (2004, p. 135), elas dão visibilidade a um “corpo plural”, respaldado “[...] na diversidade de nossos modos de relação com ele”. O chamado corpo imaginário é resultante do estádio do espelho, no qual a criança forja para si um corpo ilusório porque aparentemente uno e completo, a partir da relação que tece com o outro (*autre*) e com a própria imagem refletida em um espelho. Já o corpo simbólico, ao qual o corpo imaginário se articula para compor uma dita realidade, é construído por significantes como nome, gênero, etnia, classe social e lugar na genealogia, que chegam do Outro (*Autre*) por meio dos outros (*autres*), delineando também a alienação simbólica do sujeito. O real do corpo, por fim, refere-se àquela parte que, embora resista a qualquer tentativa de simbolização, não cessa nunca de não se inscrever, cavando

uma falta incontornável que provoca falhas no corpo simbólico, uma equivalência aos tropeços de linguagem – trata-se daquela parte que concentra impulsos negados, proibidos e recalçados, cujas realizações dariam vazão ao gozo pleno.

Não estamos assegurados de um corpo sem falhas, apesar de todos os recursos da estética contemporânea, em sua promessa de substituir o ideal do corpo glorioso que encontraríamos no céu. O corpo de significantes, como o grande livro do mundo no qual suporíamos ter lá tudo já escrito, é um livro com capítulos perdidos, como o livro de Aristóteles sobre o riso, que deixa sua Poética interrompida na tragédia. E este real do corpo que não cessa de não se inscrever, em torno do qual esperamos poder agarrar ao menos uma farpa, suspendendo por um instante o horror do corpo esfacelado. O mal-estar em nossos corpos, corpos atravessados pela promessa do discurso da ciência moderna de eliminação das dores e realização de um gozo sem falhas, irrompe no fracasso desses ideais (FLEIG, 2004, p. 139).

O real do corpo nos remete ao modo como o corpo também (se) fala por meio das falhas que inscreve no corpo simbólico, sinalizando uma falta inexorável, um não-todo jamais ultrapassado, uma incompletude. “O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”, afirma Lacan (1985b, p. 178) em outra de suas célebres passagens. Essa noção é central para os deslocamentos que Leandro-Ferreira (2013a; 2013b) realiza da Psicanálise lacaniana para a teoria do discurso, a fim de conceituar o que denomina de corpo discursivo. Tomando o corpo como uma construção, feito e efeito de linguagem, a autora defende que as falhas desencadeadas pela imbricação entre real do corpo e corpo simbólico fazem com que os sentidos não se petrifiquem, mas se movimentem de forma contínua, uma propriedade discursiva porque significante – tal como acontece com a língua. Diante disso, define que o corpo é uma “[...] materialidade que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à falha” (LEANDRO-FERREIRA, 2013b, p. 78), um “*corpo da visibilidade e da invisibilidade, corpo que se deixa olhar e que se coloca na posição de quem olha*” (LEANDRO-FERREIRA, 2013a, p. 128, grifos da autora), significando e sendo significado.

Esse corpo é afetado ao mesmo tempo por ideologias, pois o sujeito é desde sempre assujeitado ideologicamente via inconsciente, como demonstra Pêcheux (2014b) com base nas leituras de Althusser e Lacan. Se, por um lado, as ideologias são as responsáveis por revestir o corpo com os sentidos constituintes do sujeito e de suas práticas discursivas em uma dada formação social, por outro lado são incapazes de suturar a hiância entre real do corpo e corpo simbólico e, assim, evitar as falhas que dela derivam, apontando para a inexatidão dos rituais ideológicos. É nesse invólucro discursivo permanentemente crivado que o corpo é atravessado

pela historicidade, bem como pelos processos de identificação e significação de que participa o sujeito nele inscrito, incluindo aquilo que escapa a qualquer determinação. Eis porque se pode falar de corpos religiosos, indígenas, homossexuais, operários ou artísticos e de corpos que, marcados pela resistência dos sujeitos, significam por vezes de modo diverso perante os saberes de determinada forma-sujeito. Conforme Orlandi (2017, p. 93), é impossível conceber um corpo que não seja investido de sentidos e que não seja o corpo de um sujeito igualmente constituído por sentidos sempre em movimento²⁵.

O corpo do sujeito é, nas condições sócio-históricas em que vivemos, parte do corpo social tal como ele está significado na história. Isto quer dizer, entre outras coisas, que o sujeito relaciona-se com o seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza. No entanto, sempre há a incompletude, a falha, o possível. E os sentidos, como tenho repetido, sempre podem ser outros (ORLANDI, 2017, p. 93).

A relação entre os conceitos de político e corpo circunscreve a base sobre a qual penso a formulação de político dos corpos. Se, nas práticas discursivas, os sentidos se dividem continuamente, estando os sujeitos inscritos ou não nas mesmas FDs, os corpos desses sujeitos também participam desse funcionamento, na medida em que são feitos e efeitos de linguagem, significando e sendo significados a partir do lugar social que ocupam. As divisões neles materializadas são provocadas pelo movimento ao mesmo tempo intrincado e tensionado do inconsciente e da(s) ideologia(s) nos sujeitos do discurso, por meio do qual determinados sentidos são produzidos, sempre com a possibilidade de deslizamentos advindos de falhas. Proponho, em vista disso, a noção de político dos corpos como a divisão dos sentidos produzida pelos corpos discursivos, em razão do modo pelo qual são afetados pelo inconsciente e pela(s) ideologia(s) que assujeita(m) os sempre-já sujeitos. Tal divisão encontra sua *vis et ratio* desde o princípio da constituição desses corpos, delimitando, a partir de então e continuamente, espaços de disputa e relações de força. O político dos corpos traz, portanto, marcas da luta de classes de uma determinada formação social.

²⁵ Souza (2010, p. 1) trata sobre os processos ideológicos na constituição do corpo discursivo, ou “corpodiscurso”. O autor problematiza a relação entre a carne e o corpo, a primeira remetendo a uma “ponta do real”, um “impossível de se ordenar” (SOUZA, 2010, p. 3), paraíso das pulsões e das sensações fisiológicas, e o segundo à materialidade discursiva, atravessada pela língua, pela história e pela ideologia. Como esses dois elementos não se confundem, pode-se falar de um retorno da carne sobre o corpo nas práticas discursivas cotidianas, como uma tentativa mesma de simbolizar o real sempre inapreensível. Em seus termos, a carne “[...] comparece apenas como *acidente*” (SOUZA, 2010, p. 4, grifo do autor) perante o corpo, provocando furos no simbólico. O corpodiscurso se erige no entremeio da Psicanálise e do Materialismo Histórico, abarcando a dinâmica entre real do corpo e corpo simbólico atravessada pela ideologia.

Como mencionado, o desenvolvimento dessa formulação se entrelaça ao funcionamento discursivo dos corpos dos sujeitos-ativistas sobretudo nas reuniões internas da ACT UP Paris em *120 Batimentos Por Minuto*. Esse vínculo se ampara em uma regularidade, a algo que se repete como uma estrutura discursiva nessas situações, apontando para uma “[...] relação contraditória da linguagem com a exterioridade” (ORLANDI, 1996, p. 29). Refiro-me às intensas e, por vezes, insuperáveis discordâncias que atravessam os sujeitos participantes: dos sete encontros retratados pelo longa-metragem, seis deles são marcados por objeções que os levam a discutir tenazmente o papel e os planos do grupo perante diferentes circunstâncias, colocando sentidos divergentes em jogo. A sexta reunião é a única que não traz tal regularidade, pois o enfoque não está no debate, nem sequer apresentado, mas no diálogo em tom confessional entre os dois personagens centrais, Sean (interpretado por Nahuel Pérez Biscayart) e Nathan (Arnaud Valois).

Para realizar um gesto de interpretação, pondero, no trabalho com a materialidade fílmica, que os sujeitos-ativistas se inscrevem em uma FD por mim designada “Ativismo Social Relacionado à Aids”. Parto da observação de que, independentemente da própria sorologia para HIV, eles são afetados em alguma medida pela epidemia de HIV/Aids, o que os leva a um engajamento que só se concretiza com a vinculação à FD e com a consequente relação com os saberes da forma-sujeito que a organiza, a do “Ativista Social Relacionado à Aids”. No início dos anos 1990, a ACT UP Paris é a associação ligada à epidemia com maior notoriedade pública na França, em razão das ações contundentes, alinhadas à rede mundial da ACT UP. Por isso, o grupo ocupa a posição-sujeito dominante da FD, “Ativista Social da ACT UP Paris”, mais próxima dos saberes da forma-sujeito, confundindo-se mesmo com eles, o que não exclui as disputas internas entre os seus membros. Outras associações francesas, a exemplo da Aides, também integram a FD, mas ocupam posições-sujeito distanciadas da forma-sujeito, dadas as especificidades do próprio ativismo, mais brando.

Na regência dessa configuração está a FI designada, nesta tese, de “Ativismo Social”. Ela fornece um conjunto de atitudes e representações não somente à FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”, mas a todas aquelas compostas por sujeitos-ativistas. Podemos mencionar, a título de exemplificação, FDs com especificidades ambientais, antirracistas e feministas, cujos sujeitos e grupos integrantes também alcançaram notoriedade pública mundial. Essa FI, que materializa uma ideologia homônima, a do “Ativismo Social”, dá início ao processo de assujeitamento de sempre-já sujeitos em ativistas sociais, cuja finalização ocorre em uma das várias FDs a ela intrincadas. Por meio desse funcionamento, sujeitos se reconhecem como ativistas e compartilham de um *modus operandi* semelhante: reuniões em

grupo para angariar legitimidade e visibilidade públicas; realização de ações das mais brandas às mais contundentes, a fim de expor reivindicações; e participação em tentativas de negociação envolvendo os Aparelhos Repressor e Ideológicos de Estado (ARE e AIEs).

No processo de assujeitamento do ativista social, as especificidades de cada FD funcionam como desdobramentos possíveis. Embora seja o mais recorrente, não é condição, para o ativista, integrar o grupo pelo qual se reivindica algo, o que implica diferentes relações com a ideologia. Eis porque não é preciso ser um sujeito-negro para ser um sujeito-ativista relacionado ao antirracismo; um sujeito-mulher para ser um sujeito-ativista relacionado ao feminismo; ou, ainda, um sujeito-soropositivo para ser um sujeito-ativista relacionado à Aids. Independentemente da FD, as reivindicações demarcam um confronto com a *ideologia que se faz dominante, aquela que reveste a classe que detém o poder de Estado* (ALTHUSSER, 2008) e se sobressai nas relações de *contradição-desigualdade-subordinação* que compõem os AIEs (PÊCHEUX, 1996; 2014b; 2015c). No período e local considerados, a ideologia “Burguesa” é a que se faz dominante, enquanto a do “Ativismo Social” integra o rol daquelas tidas como dominadas, salientando a resistência e dando mais visibilidade ao político do discurso, do qual os corpos dos sujeitos-ativistas não saem incólumes.

Para esse primeiro batimento entre teoria e prática, dedicado ao político dos corpos, destaco um recorte discursivo verbo-visual referente à quinta reunião semanal da ACT UP Paris apresentada pelo longa-metragem (imagem 2), enfocando os sujeitos-ativistas Hélène (Catherine Vinatier), Max (Félix Maritaud), Sean e Thibault (Antoine Reinartz). Assim como as outras reuniões, trata-se de um *ritual ideológico* (ALTHUSSER, 2008) e *de linguagem* (LARA PIMENTEL, 2010) da associação, já que materializa a ideologia “Ativismo Social” dentre os saberes que regem a FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”. O recorte abrange os corpos e parte dos enunciados dos personagens no trecho entre os pontos 75’33” e 79’39”²⁶ da edição brasileira em DVD, quando debatem se o grupo deve continuar exigindo a prisão de agentes governamentais, em vista dos casos de franceses infectados com o HIV durante transfusões de sangue. Mesmo ocupando a posição-sujeito dominante, “Ativista Social da ACT UP Paris”, esses personagens integram subgrupos distintos e não aderem à mesma modalidade discursiva do funcionamento subjetivo, fornecendo marcas da heterogeneidade discursiva que os constitui, assim como do funcionamento do político dos corpos. Essa tensão delinea, de forma inescapável, a contradição discursiva interna à associação.

²⁶ Por delimitarem recortes baseados em critérios discursivos, as indicações de minutagem nesta tese não têm correspondência com conceituações específicas da teoria cinematográfica, a exemplo de cena, plano e sequência, abordadas por autores como Aumont e Marie (2012) e Jullier e Marie (2012).

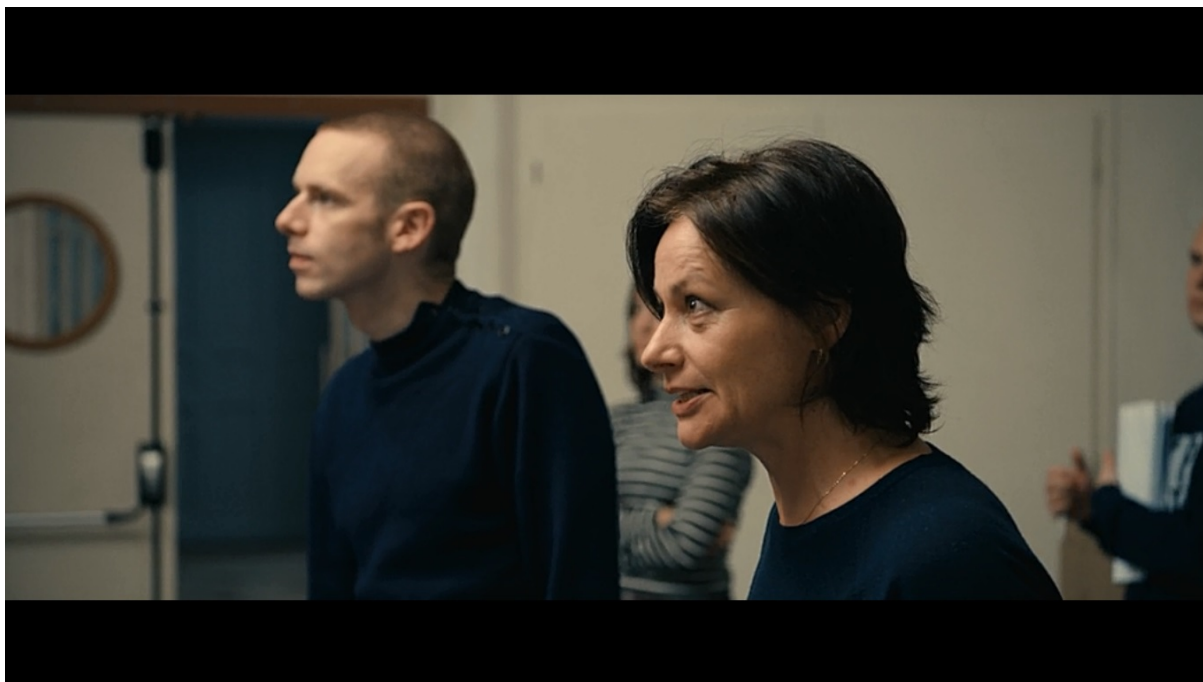
Imagem 2 – Quinta reunião semanal da ACT UP Paris



Sujeitos-ativistas discutem se o grupo deve continuar exigindo a prisão de autoridades, em vista de quem contraiu o HIV em transfusões de sangue. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

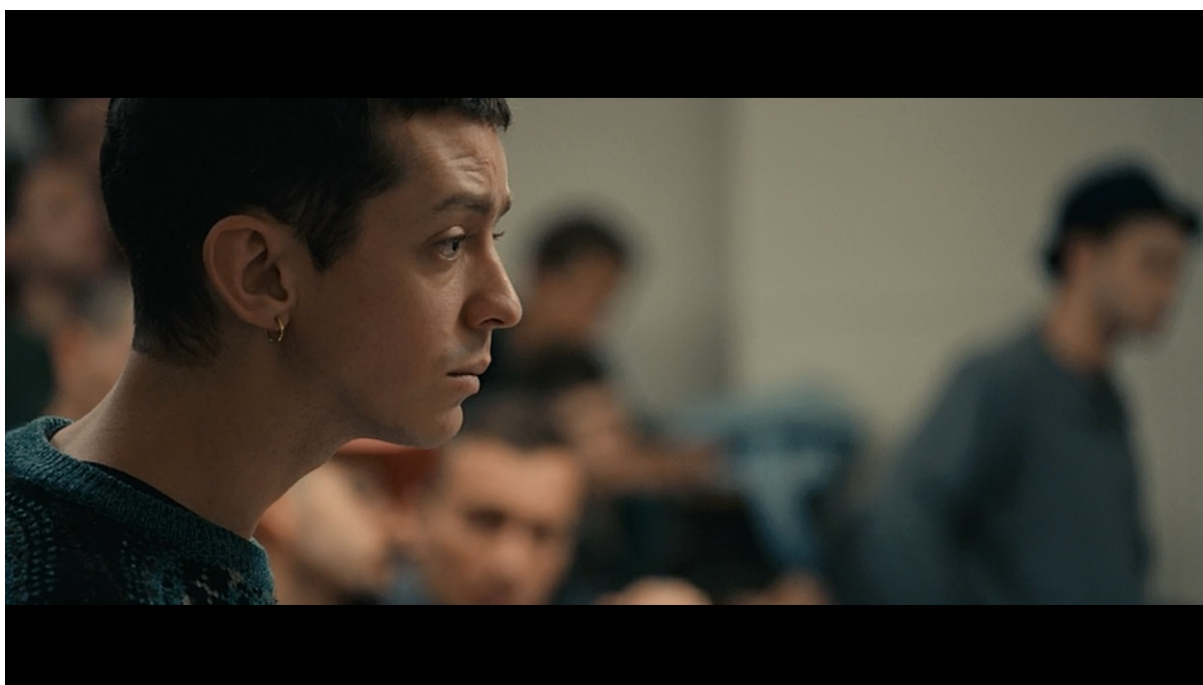
Hélène começou a participar da ACT UP Paris depois que o seu filho, o também ativista Marco (Théophile Ray), infectou-se com o HIV durante transfusões de sangue. Em um momento da reunião, ela se levanta da carteira onde está sentada e segue para o espaço em frente ao quadro-negro do anfiteatro, demandando um debate sobre a posição da associação acerca da exigência de prisão de agentes governamentais franceses. O pedido dela se dá em resposta a um texto publicado em um informativo do grupo que circula durante o encontro, no qual é criticada por, frente à comissão dedicada às questões relativas às transfusões sanguíneas, vindicar as penas de detenção. O principal argumento dos autores do texto, Max e Sean, da comissão que trata da epidemia no cenário carcerário, é o de que as penitenciárias são locais onde ocorrem infecções pelo HIV, pois os detentos não têm acesso a preservativos ou a seringas descartáveis. Durante o debate que se estabelece, os dois jovens também se levantam, mas permanecem em frente às carteiras onde estavam sentados até então (imagem 4). Thibault, presidente e porta-voz oficial do grupo, é o último a se levantar, posicionando-se ao lado de Hélène, de onde defende o ponto de vista dela (imagem 3).

Imagem 3 –Thibault e Hélène em frente ao quadro-negro do anfiteatro



Perante todos os presentes, os dois sujeitos-ativistas defendem que a ACT UP Paris continue a exigir a detenção de autoridades francesas. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 4 – Sean e Max no espaço reservado às carteiras do anfiteatro



A dupla se opõe à exigência de penas de prisão por parte da associação, uma vez que as penitenciárias são locais de disseminação do HIV. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Um ponto a ser explorado, porque constitutivo das condições de produção do recorte, é a segmentação da ACT UP Paris em comissões que lidam com diferentes frentes relacionadas à epidemia de HIV/Aids, a fim de se alcançar objetivos específicos, além de outros, gerais, compartilhados por todas. Essa ramificação em grupos menores com interesses inerentes e coletivos é um dos meios pelos quais a divisão discursiva e, por conseguinte, as relações de força se dão à visibilidade no âmago da posição-sujeito “Ativista Social da ACT UP Paris”. A luta de classes, atravessada pelas características da epidemia no período abordado, sustenta a criação e os embates entre as comissões, estabelecendo lugares ao mesmo tempo deslocados e atados entre si, de onde os sujeitos e seus corpos significam e são significados. Como resultado, algumas comissões angariam mais importância do que outras, fazendo com que os discursos de seus integrantes tenham mais peso do que os de outros interna e externamente à associação. Ao fim do recorte, Max expõe essa diferença em um enunciado: “O caso do sangue contaminado é a vitrine da Act Up. Interessa mais à mídia do que putas, drogados e estrangeiros, sem falar das prisões”. A contradição está, portanto, posta na forma-sujeito “Ativista Social Relacionado à Aids”.

Levando em conta as comissões das quais os sujeitos-ativistas enfocados participam, os espaços que os corpos deles ocupam no anfiteatro durante o debate são significantes para a análise discursiva. No início, quando Hélène segue até o local em frente ao quadro-negro demandando um debate sobre a exigência das penas de prisão, seu corpo passa a ocupar uma posição destinada a uma autoridade, a quem tem o direito de falar a um público com base em uma legitimidade construída imaginária e socialmente. Tal efeito integra as práticas discursivas de diferentes FDs: os rituais de sala de aula, de palestra científica ou de missa católica trazem o(s) sujeito(s) tido(s) como autoridade(s) à frente das respectivas audiências, de onde enuncia(m) reflexões, saberes, sermões. A realocação espacial da personagem faz com que os seus enunciados e o seu corpo signifiquem e sejam significados de uma posição privilegiada, neste caso para tratar de questões relativas às transfusões de sangue em meio à epidemia de HIV/Aids na França. Desse local, ela fala como membro da comissão correspondente e como mãe de um jovem que se infectou por meio de tal procedimento.

Max e Sean, por sua vez, levantam-se de suas carteiras na porção final do auditório, mas não se deslocam para outro espaço, como faz Hélène. Eles permanecem, portanto, no local reservado àqueles que escutam quem enuncia de uma posição de autoridade, ainda que discordem e rebatem o que é dito. Diante do corpo de Hélène, seus corpos dão visibilidade à dissimetria das relações de força internamente à ACT UP Paris, mediante a qual seus discursos valem menos perante os sujeitos-ativistas ali presentes. Essa diferença resulta do

fato de eles não terem supostamente a mesma autoridade de H       para discutir o caso do sangue contaminado, assim como o fato de participarem da comissão relacionada às penitenciárias francesas, com pouco destaque na associa  o e fora dela²⁷.    também significativa a posi  o que os corpos dos dois personagens ocupam um em rela  o ao outro durante o debate. Embora não estejam lado a lado, eles se encontram na mesma fileira de carteiras, o que provoca um efeito de alinhamento discursivo entre ambos.

O modo como os corpos dos três personagens significam e são significados   , também, determinado pelas modalidades discursivas do funcionamento subjetivo. Enunciados de H       nos fornecem marcas de que ela se identifica com a forma-sujeito da FD “Ativismo Social Relacionado    Aids”. Ao defender a exigência de prisão de agentes governamentais, o sujeito-ativista afirma, em um primeiro momento do debate: “Sempre pedimos isso...”. O pronome “nós”, ali evocado, e o advérbio de tempo “sempre” buscam restabelecer o semanticamente estabilizado, salientando um efeito de consenso interno tanto    comissão como    associa  o, amparado portanto no conjunto de saberes em vigência. Não há questionamento, discordância ou nega  o: há defesa de um discurso que se julga unânime, isento de qualquer injun  o pol  mica. Outros dois enunciados que circulam em seguida reforçam a rela  o identificada de H      , um “bom sujeito” (P      , 2014b, p. 199): “Eu entrei pra Act Up porque só vocês falavam desse assunto”, referindo-se    demanda de prisões; e “Marco e eu sempre fomos leais a vocês” – neste caso, a diferença entre “nós” e “vocês”, como a demarca  o de um limite, demonstra que a identifica  o, reafirmada por uma lealdade permanente, nunca    totalizante. Todo esse alinhamento compõe a autoridade que o corpo dela provoca quando se desloca até o espaço em frente ao quadro-negro, em virtude de uma legitimidade atribuída pela própria forma-sujeito.

Max e Sean, em contrapartida, fornecem marcas de que estão em um processo de contra-identifica  o. Ao enfrentarem H      , argumentando por que são contrários às penas de prisão, eles cavam um distanciamento dentro dos limites da posi  o-sujeito dominante, voltando-se, em rela  o ao objeto em debate, contra o conjunto de saberes predominante da FD. No momento em que Max enuncia “me d  i ver a Act Up exigindo penas de prisão quando somos contra isso” e “[...] você [H      ] quer fazer cartazes exigindo a puni  o deles como se quiséssemos pena de prisão”, dois pontos se destacam: no primeiro enunciado, a

²⁷ Em outro trecho do filme, quando fala a respeito da comissão relacionada às penitenciárias francesas, Max pede: “Somos s   dois nessa comissão, caso queiram ajudar”.    possível estabelecer, a partir desse enunciado, que poucos sujeitos-ativistas se voluntariam a integrar tal subgrupo, negligenciado frente a outros que compõem a ACT UP Paris. Trata-se de uma marca que nos ajuda a compreender as posi  es discursivas internas    associa  o.

menção à associação sinaliza um confronto, uma oposição ao que é praticado pela posição-sujeito dominante; no primeiro e no segundo, o pronome “nós”, também evocado, aponta para a contradição discursiva interna ao grupo e, por extensão, à forma-sujeito, pois também existe um entendimento de que não se deve pedir penas de encarceramento, já que as penitenciárias são locais de disseminação do HIV. Sean endossa a objeção, quando trata como um “equivoco coletivo” a reivindicação de detenções, circunscrevendo, ao lado de Max, a figura do “mau sujeito” (PÊCHEUX, 2014b, p. 199). Ao questionarem a forma-sujeito com parte do saber que lhe é constitutivo, os dois não gozam da mesma legitimidade que Hélène, determinando a maneira como seus corpos se discursivizam perante a associação.

Tal gesto analítico é reforçado pela entrada, no debate, do presidente e porta-voz Thibault. Nos diferentes agrupamentos existentes na formação social, incluindo aqueles categorizados como ativistas, o porta-voz é o sujeito autorizado a falar publicamente em nome de todos os integrantes, como conceitua Indursky (1995; 2019) em movimentos teórico-analíticos envolvendo o povo e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Utilizando-se normalmente do pronome “nós”, no qual se inclui, o porta-voz faz circular dizeres tomados como representativos de uma coletividade, compostos por análises, críticas, dados ou exigências e dirigidos a agentes sociais diversos, a exemplo do governo, dos meios de comunicação e de parcelas populacionais (INDURSKY, 2019). Didaticamente, Conein (2016, p. 95, grifo do autor) expõe o mecanismo operacionalizado por essa função enunciativa, por meio da fórmula linguística “*legisladores, nós pedimos F*”, na qual “F” remeteria à decisão consensual de um grupo que é dada à visibilidade pública por intermédio de seu porta-voz. Nas palavras de Pêcheux (1990, p. 17), o sujeito que exerce essa função é

[...] ao mesmo tempo ator visível e testemunha ocular do acontecimento: o efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior.

O consenso que cerca a figura do porta-voz não passa, entretanto, de um efeito, de uma construção. Conforme Lara (2020, p. 235), ainda que essa função enunciativa seja “[...] destinada a dar voz ao grupo ou ao movimento que o porta-voz representa(ria) [...]”, o seu cumprimento faz com que posições discordantes internas sejam silenciadas, permanecendo

deste então como o irrealizado, em prol de um discurso pretensamente homogêneo. No recorte analisado, a exposição da contradição discursiva faz com que Thibault se levante da carteira onde está sentado e se posicione ao lado de Hélène em frente ao quadro-negro, de onde argumenta em defesa da exigência dos pedidos de prisão. Dada a sua visibilidade interna e externa, o personagem reforça a autoridade que atravessa os enunciados e o corpo de Hélène, ao mesmo tempo em que compartilha dela. A sua posição expõe a disparidade das relações de força que envolvem as comissões: se ambas as reivindicações encontram respaldo na forma-sujeito, o embate entre elas tende a privilegiar aquela que conta com mais apoio, mais visibilidade, silenciando a outra. Até o fim do debate, nenhuma decisão é tomada sobre a continuidade da exigência das prisões, mas, naquele momento, a comissão relativa às transfusões de sangue é a “vitrine da Act Up”, como diz Max.

Embora dê força a Hélène, a entrada de Thibault ao debate problematiza a representatividade da função enunciativa do porta-voz na ACT UP Paris. Da posição de autoridade, à frente do quadro-negro, ele se volta para Max e Sean, dizendo “não entendo o que vocês querem” e “nosso papel é defender todas as vítimas da AIDS”. Enquanto o uso do pronome “vocês”, no primeiro enunciado, aponta para Max e Sean como maus sujeitos à parte do todo, o uso de “nosso”, no segundo, remete a toda a associação como se fosse um agrupamento atravessado pelo consenso que ele promove. Os enunciados, que aparecem um após o outro, forçam um efeito de homogeneização discursiva em torno da exigência de prisões por meio do encobrimento da divisão apontada. Como Max e Sean resistem a compartilhar do mesmo ponto de vista, a representatividade do porta-voz, um “efeito visual” (PÊCHEUX, 1990, p. 17), é colocada em xeque – é o primeiro que, perante o risco do irrealizado, enuncia: “Você está contente com isso, Thibault, mas eu não estou!”. Essa resistência assinala, com base em Pêcheux (2014b), o funcionamento da falha na identificação com uma FD.

Nas relações de força estabelecidas mediante a contradição, o político se marca tanto nos dizeres como nos corpos em questão. Isto ocorre porque, para além do que é formulado verbalmente, existe um “[...] sistema de signos não linguísticos [...]” que configura os gestos corporais, a exemplo de aplausos, risos, tumultos e assobios, como “[...] atos no nível do simbólico [...]”, conforme Pêcheux (2014a, p. 77). Assim, considerando que “um sujeito em silêncio se apresenta com um corpo que significa seu silêncio e se significa nesse silêncio”, como afirma Orlandi (2017, p. 86), observamos que, em vista do político, o tom das vozes, as expressões faciais e as gesticulações e movimentos (ausentes) dos corpos, mesmo quando semelhantes ou até idênticos, significam e são significados conforme o sujeito-ativista se

relaciona com a forma-sujeito da FD e, por extensão, com a ideologia que a instaura, apontando falhas dos rituais ideológicos. Esse funcionamento se sustenta naquilo que Cazarin, Souza e Silva (2022, p. 91) tratam como “[...] a relação corpo, sujeito e sentido que se faz significar, visualizar [...]”.

É o que se dá, no recorte, com o chamado “encarar agressivo”, um olhar fixo que remete comumente ao *confronto*, à *intimidação* e à *intolerância a um comportamento*, segundo Navarro (2018, p. 29, tradução minha). Nas imagens 3 e 4, Hélène e Thibault, de um lado, e Max e Sean, de outro, encaram-se dessa forma, mas os sentidos produzidos em torno do gesto não são os mesmos, pois partem de posições-sujeito diferentes, identificada ou contra-identificada perante os saberes predominantes à FD. Isso nos faz retornar à teoria: se, conforme Haroche, Pêcheux e Henry (2020), uma mesma palavra muda de sentido de acordo com as posições ocupadas pelos sujeitos, o mesmo pode ser considerado em relação à maneira como os seus corpos se apresentam, interna ou externamente a uma FD, delineando de forma inviolável a relação entre corpo, sujeito e sentido.

A divisão dos sentidos também se marca nos corpos dos sujeitos-ativistas que assistem ao debate. Destaco o estalar de dedos, movimento no qual o polegar e o dedo médio são friccionados a fim de gerar o som de estalo, cujo efeito é deslocado no recorte. Se, no âmbito do semanticamente estabilizado, esse gesto remete a um pedido de atenção, a uma exigência por agilidade ou ainda a uma sinalização de que o sujeito tenta se lembrar de algo (MORRIS, 1994), nas reuniões semanais da ACT UP Paris significa uma manifestação de aprovação a algo dito durante um debate, sentido derivado do aplauso. Esse funcionamento se apoia em uma regra do ritual da reunião: como o bater das palmas gera um som que acaba por interromper quem está se pronunciando, o estalar de dedos é o gesto utilizado para indicar anuência, assentimento²⁸. Os sujeitos-ativistas e os seus corpos significam e são significados, desse modo, perante o político que racha invariavelmente o grupo. No recorte em questão, enquanto alguns se alinham a Hélène e Thibault, outros o fazem com Max e Sean.

O político, por ser constitutivo do discurso, não escapa ao corpo. Como “todo dizer é um gesto político, porque toda a significação tem uma direção, divide” (ORLANDI, 2004, p. 129), o mesmo pode ser assumido em relação aos corpos dos sujeitos. Nessa perspectiva, ao materializar o sujeito, o corpo se torna um “dispositivo de visualização do sujeito” (LEANDRO-FERREIRA, 2013b, p. 78) e, por conseguinte, um “dispositivo de observação do

²⁸ Nos minutos iniciais do longa-metragem, a regra dos estalos é introduzida por Fabien (Jean-François Auguste) a quatro novos sujeitos-ativistas da associação. Ele explica: “Não se aplaudem as intervenções dos outros. Se quiserem expressar aprovação, podem estalar os dedos [...]”. Isso não atrapalha quem está falando e não atrasa o debate”.

político” (INDURSKY, 2019, p. 58) que se manifesta nas suas práticas discursivas. O político dos corpos está ligado à maneira como o sujeito se relaciona com as ideologias por meio do inconsciente, integrando o complexo mecanismo composto por FIs, FDs, interdiscurso, intradiscurso, formas-sujeito e posições-sujeito, em processos distintos e passíveis de falhas, de equívocos. Falamos por meio de enunciados e, como Lacan (1985b) não nos deixa esquecer, por meio de nossos corpos – e sempre mais do que imaginamos.

2.2 O corpolítico

A segunda formulação que apresento nesta tese é a de *corpolítico*. Trata-se de um conceito que, desenvolvido no trabalho com a materialidade fílmica de *120 Batimentos Por Minuto* (2017), relaciona-se intrínseca e paradoxalmente com o de político dos corpos. Enquanto este último aborda a heterogeneidade discursiva que atravessa os corpos dos sujeitos-ativistas sobretudo internamente à ACT UP Paris, o *corpolítico* se relaciona ao efeito de homogeneidade que os envolve durante ações externas, também *rituais ideológicos* (ALTHUSSER, 2008) e *de linguagem* (LARA PIMENTEL, 2010), a exemplo de manifestações, invasões e passeatas. O *corpolítico* denomina, assim, os *corpos enquanto materialidades discursivas* (LEANDRO-FERREIRA, 2013b; ORLANDI, 2017) nos momentos em que os integrantes da associação se fazem sujeitos políticos, conjunção que não é automática e, quando se dá, não é ininterrupta. A grafia do termo, com a aplicação de itálico na sílaba “po”, marca o cruzamento entre o corpo e o sujeito político nele inscrito (*corpo* $\cap$ [sujeito] *político*), permitindo uma definição mais direta da proposição: o *corpolítico* é a materialidade específica do sujeito político, este que, conforme Rancière (2018), desestabiliza e até transforma uma ordem social no que se refere à igualdade do direito à fala.

Da mesma forma que com o político dos corpos, o conceito de *corpolítico* não se restringe às práticas da ACT UP Paris no longa-metragem de Campillo. Ele pode ser mobilizado na análise de discursos de outras associações ligadas a movimentos sociais, de agrupamentos temporários em torno de diferentes causas e até de sujeitos que, sozinhos, são capazes de perturbar ou modificar uma dada ordem²⁹. A proposição se sustenta a partir do deslocamento de conceitos não discursivos, demarcando uma relação de entremeio da AD com, sobretudo, a Filosofia: ela articula os pensamentos de Butler (2019a), Rancière (2009;

²⁹ Cf. capítulo 6.

2018) e Indursky (2019), esta última responsável por parte dos deslocamentos supracitados. Mais uma vez, e a fim de estabelecer um batimento entre teoria e prática, outro recorte discursivo verbo-visual é analisado ao fim desta subseção.

Partindo de uma abordagem não discursiva, Butler (2019a) teoriza sobre a reunião de sujeitos e, consequentemente, de corpos em protestos que ocorrem, sobretudo, em espaços públicos. Esses sujeitos, que podem ou não fazer parte de grupos específicos, não precisam usar palavras nas manifestações, pois os seus corpos reunidos compõem uma performatividade que significa *a priori*. Na explicação de Butler (2019a, p. 173, grifos da autora), “[...] *a assembleia*³⁰ *já está falando antes de qualquer palavra ser pronunciada [...]*”, porque “[...] reunir a assembleia *já* é uma representação da vontade popular [...]”, seja ela uma recusa, uma exigência, uma demonstração de basta. Para argumentar sobre o motor dessas ações, a autora retoma a discussão de dois conceitos introduzidos em obras anteriores³¹, dos quais me valho para pensar a noção de *corpolítico*. O primeiro, condição precária, diz respeito à circunstância invariável de todos os sujeitos estarem diuturnamente expostos à morte. Trata-se de uma situação que permeia a existência humana na imbricação com o social, da qual não se pode escapar nem por um instante. O segundo, precariedade, aborda a distribuição desigual da condição precária entre os sujeitos, normalmente realizada pelo Estado no gerenciamento da própria população. Neste caso, atribui-se um volume maior de condição precária a determinados grupos, deixando-os mais vulneráveis na comparação com outros.

A ‘precariedade’ designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte. [...] A precariedade é, portanto, a distribuição diferencial da condição precária. Populações diferencialmente expostas sofrem um risco mais alto de doenças, pobreza, fome, remoção e vulnerabilidade à violência sem proteção ou reparações adequadas. A precariedade também caracteriza a condição politicamente induzida de vulnerabilidade e exposição maximizadas de populações expostas à violência arbitrária do Estado, à violência urbana ou doméstica, ou a outras formas de violência não representadas pelo Estado, mas contra as quais os instrumentos judiciais do Estado não proporcionam proteção e reparação suficientes (BUTLER, 2019a, p. 40-41).

Butler (2019a) pontua que, ao se mobilizarem para fazer frente à precariedade que lhes é imposta, os sujeitos reivindicam a igualdade para com aqueles cujas existências são

³⁰ Em Butler (2019a), o termo *assembleia* é entendido como reunião de sujeitos, no contexto dos protestos realizados em diferentes partes do mundo.

³¹ Refiro-me a *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* (BUTLER, 2017) e *Vida precária: os poderes do luto e da violência* (BUTLER, 2019b).

protegidas pelo Estado; mais do que isso, ao darem forma a vidas entendidas como não passíveis de luto ou merecedoras apenas de lutos periféricos, eles exigem paridade com aqueles pelos quais o social realmente se enluta. Na performance corpórea que as ações assumem, esses sujeitos exercitam o direito de aparecer, de serem reconhecidos, de ocupar lugares destinados a outros públicos, podendo fissurar a ordem social pautada em uma dada distribuição da condição precária. Tomando como exemplo principal sujeitos que não atendem às normas de gênero na sociedade contemporânea, vítimas constantemente ameaçadas pela violência e pela morte, Butler (2019a, p. 44) afirma que “[...] é apenas por meio de uma forma insistente de aparecer precisamente quando e onde somos apagados que a esfera da aparência se rompe e se abre de novas maneiras”. Isso não quer dizer, contudo, que a isonomia plena entre todos os sujeitos seja uma meta alcançável, exequível: o argumento da autora é o de que o contrário da precariedade é a luta por uma configuração social e política equidosa, delineando a impossibilidade de esgotamento da busca pela igualdade.

Da perspectiva da AD, a precariedade pode ser compreendida como parte das condições de produção que levam determinados sujeitos a discursivizarem a resistência na revolta. A mobilização dos próprios corpos e enunciados em ações públicas dá visibilidade às relações de força, especialmente àquelas que se colocam contrariamente aos efeitos do “discurso da dominação” (PÊCHEUX, 1990, p. 17), instaurado pela ideologia dominante. Com isso, a tensão entre reprodução/transformação, constante nos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), pode se intensificar e até abrir espaço para reconfigurações, das quais as práticas discursivas não sairiam ilesas. Nesse funcionamento, a luta de classes se faz onipresente, possibilitando que, por meio da resistência e da revolta, a transformação venha suplantar a reprodução em alguma medida. Se é reconsiderada nesse processo, a igualdade nunca se estabelece identicamente a todos os sujeitos, delineando contornos outros para a luta de classes.

O pensamento de Butler (2019a) tem pontos de encontro com o de Rancière em *O desentendimento: política e filosofia* (2018), para quem o conflito em torno da igualdade é o que define a política, prática específica do sujeito político. Para apresentar a sua tese, o autor parte de Aristóteles, afirmando que a sociedade é dividida entre os sujeitos que têm direito ao *logos* e os que são submetidos à *phoné*. Os primeiros são aqueles cujas palavras têm valor em razão dos lugares sociais privilegiados que ocupam, pois demonstram o que é útil e nocivo, justo e injusto; os outros não gozam desse privilégio, de modo que as palavras que pronunciam, tomadas como ruídos, não se diferenciam dos sons emitidos pelos animais, exprimindo apenas prazer ou sofrimento. Essa divisão traz, no seu cerne, um paradoxo

inescapável: para que os primeiros dominem os outros, delegando ordens que são efetivamente atendidas, é necessário que todos compreendam as mesmas palavras, que todos sejam, em última instância, iguais. Há, portanto, uma relação antitética entre tais sujeitos, amparada pelo direito de uso do discurso e, por conseguinte, do exercício da dominação, estabelecendo espaços de (*i*)legitimidade, (*in*)visibilidade. A comunidade se concretiza, nas palavras de Rancière (2018, p. 21), como “[...] uma contagem das ‘partes’ [...] que é sempre uma falsa conta, uma dupla contagem ou um erro de conta”, de modo que há “partes” que têm parte e “partes” que são sem-parte³².

A divisão entre quem tem *logos* e quem é submetido à *phoné* é sustentada pela polícia, conceito que se refere a “[...] uma ordem do visível e do dizível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que essa palavra seja entendida como discurso e outra como ruído” (RANCIÈRE, 2018, p. 43)³³. A polícia é, desse modo, dependente tanto das relações sociais quanto das atividades do Estado, que estabelecem leis muitas vezes implícitas acerca da distribuição de partes entre as “partes”. A política, por sua vez, é o que rompe com essa ordem e promove, temporariamente ou não, um novo arranjo do *logos* entre os sujeitos, em nome de um comum que é a igualdade. Há política precisamente porque, diante do dano ocasionado pela conta malfeita das “partes”, a noção de isonomia precisa ser atualizada, deslocando sujeitos de um lugar a outro, dos espaços de invisibilidade para aqueles de visibilidade. É por meio dessa atualização, que se dá via enfrentamento, que “partes” inicialmente não contadas conseguem ser contadas e, *ipso facto*, usufruir de uma partilha do sensível³⁴ renovada.

Espetacular ou não, a atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as partilhas do sensível da ordem policial ao atualizar uma

³² Na tradução brasileira de *O desentendimento: política e filosofia* (RANCIÈRE, 2018), há diferença entre os termos “parte” (com aspas) e parte (sem aspas). O primeiro diz respeito aos sujeitos de uma comunidade e o segundo, à fração ou parcela de um todo. Quando se diz que uma “parte” tem parte, faz-se referência àqueles sujeitos que gozam de legitimidade social, que são efetivamente vistos, que detêm *logos*. O contrário se dá em relação à “parte” que é sem-parte: os sujeitos que não têm legitimidade, os invisibilizados, reduzidos à *phoné*.

³³ Por ser considerada uma ordem estável, mas nem por isso imutável, a polícia, em Rancière (2018), não se confunde com a polícia e os outros integrantes do Aparelho de Estado, que remete ao Aparelho Repressor de Estado (ARE), em Althusser (2008). “A noção de aparelho de Estado encontra-se de fato ligada à pressuposição de que Estado e sociedade se opõem, sendo o primeiro figurado como a máquina, o ‘monstro frio’ que impõe a rigidez de sua ordem à vida da segunda”, já sinalizando “[...] uma certa ‘filosofia política’, isto é, uma certa confusão da política e da polícia” (RANCIÈRE, 2018, p. 42-43).

³⁴ A partilha do sensível é um termo conceitual proposto por Rancière (2009; 2018) para se referir à divisão sustentada pela polícia. Ela fixa, ao mesmo tempo, um comum que é partilhado por todos os sujeitos e regiões que são exclusivas a apenas alguns deles. Eis porque o mundo, esse comum a todos, contempla “[...] sempre uma distribuição polêmica das maneiras de ser e das ‘ocupações’ num espaço de possíveis” (RANCIÈRE, 2009, p. 63). Trata-se de uma noção que lida diretamente com a divisão dos sujeitos entre aqueles que têm direito ao *logos* e aqueles que são submetidos à *phoné*.

pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parte dos sem-parte que manifesta ela mesma, em última instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer ser falante com outro ser falante qualquer. Existe política quando existe um lugar e formas para o encontro entre dois processos heterogêneos. O primeiro é o processo policial [...]. O segundo é o processo da igualdade (RANCIÈRE, 2018, p. 44).

A política é, para Rancière (2018), idêntica à luta de classes – não é a causa nem tampouco o resultado, mas a própria luta de classes, inesgotável em uma formação social dividida em classes, como é a nossa, dominada pelo modo de produção capitalista. Os sujeitos políticos são aqueles que praticam a política, que promovem um encontro entre a lógica policial e a lógica da igualdade, gerando, como efeito final ou temporário, a própria contagem no social, o cômputo de uma “parte” que não tem parte. Como tal encontro só se dá via enfrentamento, o sujeito político é tido como aquele que toma a palavra quando e onde não deveria fazê-lo (FREIRE apud AUGUSTO; FREIRE, 1995, p. 4), funcionando como “[...] um operador que junta e separa as regiões, as identidades, as funções, as capacidades que existem na configuração da experiência dada [...]” (RANCIÈRE, 2018, p. 54). É quem age na articulação da partilha do sensível que constitui a ordem policial, enfocando o que nela se inscreveu como dano, como (*des*)igualdade.

Dito de outra forma, os sujeitos se fazem sujeitos políticos somente quando movimentam as linhas divisórias entre o *logos* e a *phoné*. Eles existem na medida em que deflagram ou redeflagram conflitos, como aqueles derivados da distribuição desigual da condição precária, provocando uma atualização perene ou fugidia do estatuto da igualdade. Por esse motivo, há nos sujeitos políticos um modo de subjetivação que não se dá espontaneamente, *ex nihilo*, mas somente quando transforma “[...] identidades definidas na ordem natural da repartição das funções e dos lugares em instâncias de experiências de um litígio” (RANCIÈRE, 2018, p. 50). Os protestos de um determinado grupo ligado à *phoné* não configuram uma prática política se não repartilham o sensível em vigência, mantendo a ordem policial intacta, retilínea em sua sustentação – nestes casos, os sujeitos envolvidos não se fazem sujeitos políticos, pois permanecem na sua esfera de apagamento e invisibilidade, ainda que as manifestações se deem em espaços públicos.

Pelas suas características, a prática política impõe também uma relação de desentendimento, outra formulação rancieriana, entre a “parte” historicamente legitimada e a “parte” que se desloca à força do espaço de invisibilidade para o de visibilidade. Com a introdução desse conceito, o autor reforça que a política não se dá em uma mesa de negociação entre iguais, mas no conflito derivado da situação de fala, da qualidade social

distinta daqueles que falam, do descompasso entre *logos* e *phoné*. O desentendimento circunscreve, em um caso puro, a situação na qual um interlocutor X entende e não entende o que é dito pelo interlocutor Y, pois não toma as palavras ditas por ele como semelhantes às suas ou porque vê ou quer fazer ver outro objeto a partir das mesmas palavras. Trata-se de um “[...] conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa, ou não entende que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura” (RANCIÈRE, 2018, p. 10). Podemos acrescentar que esse conflito, movido pela luta de classes que é a própria política, expõe também as relações de força entre formações ideológicas (FIs) e discursivas (FDs) diferentes, colocando em jogo todo o aparato simbólico.

Foi Indursky (2019) quem deslocou os conceitos rancierianos de política, sujeito político e desentendimento para o campo da AD. Com base na noção discursiva de porta-voz, como abordada na subseção anterior, a autora propõe, no contexto de estudos acerca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que o sujeito que ocupa tal função enunciativa é, também, um sujeito político por excelência. Tal conclusão se dá porque, sob o revestimento da forma-sujeito da FD na qual se inscreve, o porta-voz é o único autorizado a falar em nome de um coletivo, por meio do pronome “nós”, podendo, portanto, *tomar a palavra quando e onde não deveria fazê-lo* (FREIRE apud AUGUSTO; FREIRE, 1995), para reivindicar uma parte àqueles que são sem-parte, dar-lhes voz pública em diferentes circunstâncias. Os sujeitos representados pelo porta-voz, por sua vez, desempenham um papel igualmente fundamental na prática política, quando emprestam seus corpos às ações empreendidas, atribuindo uma corporeidade ao movimento social. Em uma visão de conjunto, o porta-voz dá voz aos corpos dos integrantes que se engajam nos atos, constituindo todos a militância em torno de uma causa, de uma parte de igualdade. Em uma das análises que realiza sobre o MST, Indursky (2019, p. 142, grifos da autora) afirma:

Sem os sem-terra não seria possível a luta pela terra. São eles que *emprestam seu corpo ao coletivo*, saem à rua, fazem manifestações, ocupam terras, acampam, resistem às investidas dos proprietários rurais, fazem marchas, ocupam prédios públicos. São esses sujeitos que garantem a realização das ações e práticas do MST. Por outro lado, sem a liderança do MST, não haveria organização nacional do movimento, não haveria o planejamento de ações coordenadas pelo Brasil à fora [sic.]. Não haveria porta-voz para dar voz a esse coletivo. Ou seja, as lideranças dão voz a esse corpo e juntos constituem a militância. Por conseguinte, são membros da *militância* do movimento, se inscrevem no interior da mesma FD SEM TERRA, mas o fazem a partir de diferentes posições-sujeito. Os *sem-terra* são militantes que exercem a *função política que se traduz nas ações práticas* do MST, as quais são significadas pelo porta-voz que empresta sua voz aos sem-terra, formulando suas demandas. Em suma, *os sem-terra e suas lideranças* são as

duas faces complementares desse movimento social que luta pela reforma agrária.

Diante desse funcionamento apresentado por Indursky (2019), que entendo como concernente à ACT UP Paris de *120 Batimentos Por Minuto*, a formulação de *corpolítico* se dá como um desdobramento em especificidade. Considerando que o corpo é a materialidade discursiva do sujeito, denomino de *corpolítico* a materialidade discursiva específica do sujeito político, tal como concebido por Rancière (2018). Trata-se de um corpo que, inseparável do sujeito político nele inscrito, ocupa espaços quando e onde é proibido, dando-se à visibilidade, fazendo-se reconhecido; um corpo que serve como caixa de ressonância para a voz que emite, modulando-a do suspiro ao grito a fim de fazê-la notada quando e onde não se tem direito à fala; um corpo, enfim, que significa e é significado a cada (ausência de) gesticulação, (ausência de) movimento e (ausência de) palavra, promovendo a repartilha do sensível, ainda que apenas transitoriamente. O corpo só se faz *corpolítico* quando o sujeito se faz sujeito político, o que implica a articulação de um embate entre a lógica policial e a lógica igualitária como forma de resistência e revolta a situações ligadas, desde o princípio, à *precariedade* (BUTLER, 2019a). Desse modo, por meio da compreensão de sujeito político movimentada de Rancière (2018) para a AD, sustento que, se não há a tomada de partes por aquele que é sem-parte, não há sujeito político nem *corpolítico*.

Nas ações externas da ACT UP Paris em que há repartilha do sensível, todos os sujeitos-ativistas se fazem, portanto, sujeitos políticos materializados em *corpolíticos*. Como o único (*des*)autorizado a falar publicamente em nome de um grupo, o porta-voz precisa do seu corpo para emitir enunciados, para articular e entonar a própria voz, significando e sendo significado pelas características que nela emprega. Ele também protesta, marcha, gesticula, levanta cartazes, reivindicando uma parte com (a ausência de) movimentos do seu corpo. Juntamente dele, os outros integrantes também realizam política, discursivizando a resistência tanto nos momentos em que dão corporeidade às ações, como naqueles em que enunciam por meio de cantos ou palavras de ordem. Como destaca Indursky (2019) a partir das análises sobre o MST, o porta-voz e os outros sujeitos-ativistas ocupam posições-sujeito distintas e, por isso, figuram como faces complementares que não podem ser dissociadas. O desdobramento em especificidade que proponho busca salientar o modo como todos esses sujeitos se fazem sujeitos políticos, discursivizando também pelos corpos nos quais se materializam, os *corpolíticos*.

As práticas políticas da ACT UP Paris implicam a tomada de uma parte, uma resistência à precariedade que se desdobra em reivindicação por igualdade. Essa articulação é significativa, pois reúne os sujeitos-ativistas em torno de um comum que se sobressai temporariamente às diferenças que os dividem. Em vista disso, compreendo que, quando esses sujeitos se engajam em ações que repartilham o sensível, esse comum delineia o efeito de homogeneidade que os reveste. Tal estrutura se aloca em uma coreografia ilusória do consenso, silenciando o *político* (ORLANDI, 1996) que aparta os sujeitos, identificados ou contra-identificados com a forma-sujeito da FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”. Se, internamente ao grupo, a divisão dos sentidos se marca nos enunciados e nos corpos dos integrantes, externamente, durante as ações, ela pode ser sobreposta por essa conjunção de dizeres e movimentos que sugere uma relação de identificação generalizada, como se não houvesse a possibilidade de falha. Como explica Indursky (2019, p. 126, grifos da autora), a partir de estudos acerca do MST, trata-se de um “efeito de sentido de consenso”, no qual as alianças prevalecem sobre as divergências, dando uma aparência de homogeneidade ao discurso. Por serem invariavelmente rituais ideológicos e de linguagem, contudo, essas ações “homogêneas” correm sempre o risco de estilhaçamento pela falha, como quando um sujeito erra as palavras de ordem ou interrompe o próprio caminhar em uma passeata.

A essas práticas políticas, instaura-se o desentendimento. Ao assumirem forçosamente um lugar social outro, aquele ocupado por quem tem direito ao *logos*, os sujeitos-ativistas estabelecem uma interlocução com as “partes” que já gozam de uma parte, situação permeada desde o princípio pelo conflito. O encontro entre tais sujeitos, fisicamente ou não, estabelece um “lugar-fronteira”, formulação proposta por Indursky (2019, p. 55, grifos da autora) para se referir a “[...] uma zona de *intercompreensão constitutiva* [...] e mútua, *que se constrói* sobre o *desentendimento* [...] e que explica o litígio que se mantém permanentemente entre as partes envolvidas”. Trata-se de um espaço no qual os interlocutores se entendem e não se entendem, pois é atravessado pela qualidade social atribuída àqueles que falam e, também, pelos limites tensos entre FIs, FDs, discursos, imaginários e interesses diversos que compõem a luta de classes. Para retomar Rancière (2018, p. 11), na configuração dessa situação na qual “[...] a disputa sobre o que quer dizer falar constitui a própria racionalidade da situação de fala”, as relações de força são distendidas e o aparato discursivo, implicado em sua completude.

Em benefício do batimento entre teoria e prática, é oportuno realizar um novo gesto de interpretação a partir de *120 Batimentos Por Minuto*, desta vez com enfoque na constituição de corpolíticos. Os protestos organizados e realizados pela ACT UP Paris delimitam rituais sustentados por uma regularidade: nas oito ocorrências contabilizadas, os sujeitos-ativistas se

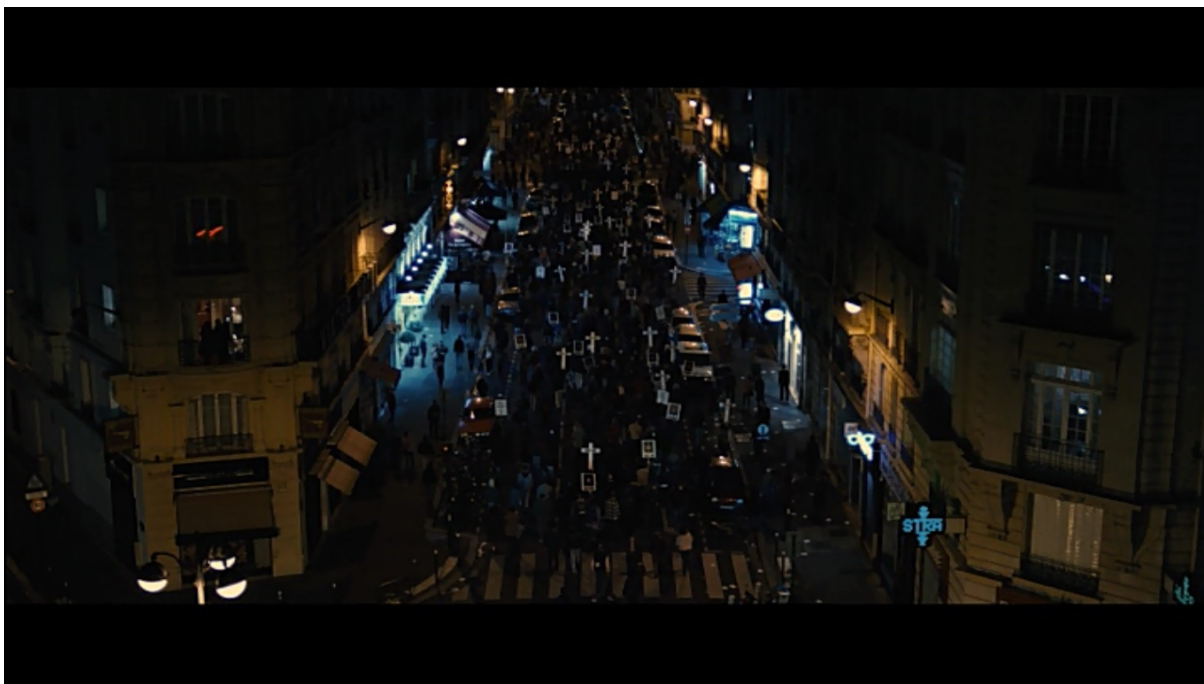
manifestam de forma contundente, tomando ruas e avenidas, invadindo prédios públicos e privados ou interrompendo eventos governamentais e empresariais, sob um revestimento de homogeneidade. Embora nem sempre as reivindicações sejam exploradas em profundidade, as condições de produção daquele momento sócio-histórico-ideológico na França, assim como as particularidades de cada ação, apontam para o delineamento de sujeitos políticos materializados em corpópolíticos que desestabilizam a ordem policial em vigência. Não incluem nessa contagem as participações recorrentes da associação na Gay Pride, posto que o evento não é organizado pelos sujeitos-ativistas, mas pela comunidade homossexual, além de estar previsto no calendário parisiense de eventos anuais, delineando, portanto, outros funcionamentos discursivos.

Para esse gesto de interpretação, destaco um recorte discursivo verbo-visual formado por corpos e enunciados de sujeitos-ativistas em um protesto noturno da ACT UP Paris, compreendido entre os pontos 111'39" e 114'07" da edição brasileira do filme em DVD. Por meio de um enquadramento aéreo, vemos inicialmente um número expressivo de sujeitos-ativistas marchando e carregando cartazes por uma via pública da capital francesa (imagem 5). Durante a caminhada, eles também soam apitos ou buzinas e entoam palavras de ordem³⁵ que ressoam pela vizinhança - primeiro "Mitterrand [sic.] criminoso! Nossas vidas estão em jogo!" e, depois, "a AIDS não dá trégua! Act Up não se entrega!". Há, então, um corte fílmico, por meio do qual vemos um outro momento da ação, desta vez com mais proximidade: os sujeitos deitados parcialmente uns sobre os outros e em silêncio na via pública (imagem 6), enquanto Thibault (interpretado por Antoine Reinartz), presidente e porta-voz, lê o texto abaixo no microfone de mão de um megafone segurado por Sophie (Adèle Haenel) (imagem 7):

Nós vivemos a AIDS como uma guerra. Uma guerra invisível aos outros. Nossos amigos estão morrendo e não queremos morrer. Em todas as guerras há os colaboradores. A AIDS tem os seus. Aqueles que veem essa epidemia como um castigo contra veados, drogados, prostitutas e prisioneiros que sofrem com a indiferença. Aqueles que aproveitam para reavivar a raiva e a discriminação. É contra eles que lutamos desde 1989 com a nossa presença incansável em todas as frentes. Juntos podemos unir forças para resistir à epidemia, às tragédias pessoais e problemas sociais que ela causa. Juntos podemos construir uma comunidade capaz de se organizar contra essa doença com uma atitude positiva e combativa. A Act Up Paris vê a AIDS como um desafio. Vocês podem enfrentá-lo conosco. Juntem-se a nós!

³⁵ As palavras de ordem compõem uma regularidade nos protestos da ACT UP Paris em *120 Batimentos Por Minuto*. Com base no comentário que Pêcheux (2015b) faz sobre palavras de ordem, a enunciação delas, pelos sujeitos-ativistas, remete ao formato *clássico* dos *slogans políticos das décadas de 1960 e 1970*, pois são construídas em *ritmos de marcha*.

Imagem 5 – Manifestação noturna da ACT UP Paris



Sujeitos-ativistas marcham por uma via parisiense recitando palavras de ordem, segurando cartazes e soando apitos e buzinas. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 6 – Sujeitos-ativistas deitados no chão durante protesto



Após a marcha, integrantes da associação se deitam sobre a via pública, onde permanecem por um tempo em silêncio. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 7 – Pronunciamento de Thibault



Na qualidade de porta-voz, o presidente da ACT UP Paris lê um texto em nome do grupo, enquanto outros sujeitos-ativistas estão deitados no chão em silêncio. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Durante a leitura do texto, Thibault é fotografado várias vezes por um sujeito não identificado com um equipamento que aparenta ser profissional, compondo, com base no imaginário social em vigência, a figura de um jornalista. Finalizado esse momento de pronunciamento, o sujeito-ativista Luc (Simon Bourgade), que está de pé ao lado do presidente e porta-voz, soa um apito e os integrantes da ACT UP Paris deitados no chão se levantam sem pressa e em silêncio. Enquanto olham uns para os outros e para os arredores da via pública, eles choram, soam apitos sem força ou erguem novamente os cartazes que trouxeram – dois tipos são identificados: um retangular, de fundo preto, no qual vemos um dos símbolos adotados pela associação, o triângulo rosa, e lemos o enunciado “ACTION = VIE” (“AÇÃO = VIDA”, tradução minha) em letras brancas; e outro no formato de cruz, inteiramente branco, com a inscrição “SILENCE = MORT” (SILÊNCIO = MORTE”, tradução minha) em letras pretas.

O entendimento sobre a configuração dos *corpolíticos* nesse recorte passa necessariamente pelas condições de produção que envolviam os sujeitos que viviam com HIV ou Aids na França do início da década de 1990. Ao receber o diagnóstico positivo, o sujeito tinha de lidar, também, com a precariedade imposta tanto pelo Aparelho Repressor de Estado (ARE) como pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs). Em relação ao primeiro, remeto

sobretudo ao governo da época, liderado pelo presidente François Mitterrand, “o grande ausente dos anos mais difíceis da epidemia”, na avaliação de Bienvault (2018, online, tradução minha)³⁶. A afirmação do autor encontra parte de sua justificativa no fato de que, durante os 14 anos que administrou o país, de 1981 a 1995, Mitterrand raramente se pronunciou em público sobre o avanço do HIV e da Aids. Esse silenciamento, entendido discursivamente como um “[...] pôr em silêncio [...]” que “[...] liga o não dizer à história e à ideologia” (ORLANDI, 2007, p. 12), explica o efeito produzido de um presidente “ausente”, em cotejamento com as noções de descaso, desprezo e omissão. A Agência Francesa de Luta Contra a Aids (AFLS, na sigla em francês), criada pelo governo em 1989, foi também criticada pelos planos de prevenção que propôs e executou no país (BIENVAULT, 2018).

O silenciamento de Mitterrand aponta para um discurso atravessado pelo imaginário de que o HIV e a Aids atingiam principalmente *sujeitos cujas vidas não eram passíveis de luto* (BUTLER, 2019a), vidas pelas quais não valeria a pena lutar. Dentre eles estão aqueles mencionados pelo presidente e porta-voz Thibault, no protesto noturno da ACT Paris: homossexuais masculinos, presidiários, profissionais do sexo e toxicômanos. Em vista disso, o cenário ganha complexidade: esses sujeitos já sofriam com a distribuição desigual da condição precária e o diagnóstico para HIV ou Aids serviu à intensificação e ao fortalecimento dela. Tal observação fornece rastros do funcionamento ideológico: 1) ao se realizar no governo e, portanto, no ARE, o imaginário em torno desses sujeitos remete à *ideologia dominante*, isto é, *a ideologia da classe que detém o poder de Estado* (ALTHUSSER, 2008), neste caso a burguesia; 2) por via de consequência, esse imaginário se realiza também no conjunto complexo dos AIEs, respeitadas as suas especificidades e relações de *contradição-desigualdade-subordinação* (PÊCHEUX, 1996; 2014b; 2015c) que travam entre si: do aparelho familiar ao religioso-cristão, passando pelo cultural, empresarial e escolar, para mencionar apenas alguns exemplos.

Esse imaginário afetou, também, sujeitos que receberam o diagnóstico positivo, mas que não necessariamente viviam a precariedade até então, como os hemofílicos, os heterossexuais e os profissionais da saúde. A relação muito próxima que se fez entre Aids e sujeitos cujas vidas não eram passíveis de luto costumava afastar (ainda mais) estes e todos os outros para as margens sociais, quando o diagnóstico era compartilhado. Daí a decisão de muitos que suspeitavam estar infectados de nunca procurar assistência médica ou, quando já

³⁶ Devido à quantidade de referências em idiomas estrangeiros mobilizados nesta tese, opto por não trazer em notas de rodapé as versões originais dos trechos traduzidos por mim, devidamente indicados, que aparecem como citações no corpo do texto. As exceções se reservam aos casos nos quais a tradução de um ou mais termos exige esclarecimentos específicos aos leitores.

diagnosticados, de não falar sobre a própria condição de saúde com outras pessoas: tratava-se de uma forma de manter em segredo o pertencimento a determinados grupos ou de não ser confundido com os sujeitos que integravam esses grupos. Outros fatores, com ou sem inter-relações, também sustentavam esse silenciamento: a vergonha do diagnóstico; o medo social de contágio; a manutenção do emprego e da fonte de renda; e a preservação das relações familiares e de amizade. Não obstante, quando os sintomas começavam a se manifestar mais intensamente pelo corpo, tal contorno se mostrava impossível e o isolamento acabava sendo a única opção para muitos deles.

Exemplo do efeito de tal imaginário nos é dado por Pollak (1990). Ao abordar, por uma ótica sociológica, a epidemia de HIV/Aids entre os sujeitos-homossexuais masculinos na França do final da década de 1980, o autor considera que o silêncio era a única arma existente para retardar consequências que integravam o que tomo como a precariedade intensificada imposta ao grupo. Na sua leitura, “as principais características da experiência da doença são o segredo e o silêncio, e na medida do possível a manutenção de uma continuidade da vida: tudo muda na visão que o doente tem de si mesmo, mas nada deve mudar na imagem que os outros têm dele” (POLLAK, 1990, p. 99). Mesmo quando o sujeito contava sobre a própria condição de saúde aos familiares e encontrava, ali, parte do apoio que necessitava, era comum que um “muro de silêncio” (POLLAK, 1990, p. 104) fosse imposto na relação com o exterior, a fim de que ninguém mais soubesse da orientação sexual e/ou do diagnóstico clínico dele³⁷. O autor apresenta um levantamento de informações de 1986 que esquadrinha o silenciamento adotado tanto por sujeitos que se engajavam, como por sujeitos que não se engajavam em relações homossexuais.

Uma pesquisa realizada junto a uma centena de pacientes no hospital Pitié-Salpêtrière [localizado em Paris] revela que quase todos [aqueles que se engajam em relações homossexuais] se impõem o silêncio diante do empregador, dos colegas de trabalho e do senhorio. Os homens casados o estendem aos amigos, à família, aos amantes e à esposa. Somente a metade dos soropositivos não-sintomáticos que têm relação estável informam os parceiros. Diante dos primeiros sinais clínicos, alguns começam a colocar a

³⁷ O apoio privado amalgamado à vergonha pública me remete a um relato inquietante descrito por France (2017). Ao narrar uma entrevista com Edith e Jim, nomes fictícios de uma mãe e do seu filho em estágio de Aids, o autor mostra que, nos Estados Unidos dos anos 1980, a precariedade imposta a quem vivia com HIV ou Aids era muito semelhante àquela observada por Pollak (1990) na França do mesmo período sócio-histórico-ideológico. Ao encontrá-los no apartamento onde viviam, no estado de Michigan, France (2017, p. 221, tradução minha) conta que a mãe estava muito preocupada em manter em sigilo o diagnóstico do filho, cuja silhueta era “cadavérica”. Naquele período, os dois estavam se escondendo na própria residência havia um ano e o plano era se manterem dessa forma até que Jim morresse. Em uma frase reproduzida por France (2017, p. 221, tradução minha), Edith diz: “Nós não podemos suportar que alguém saiba sobre isso ou nós perderemos o apartamento. Para onde nós iríamos então?”.

par os amigos íntimos e alguns membros da família (irmã ou irmão, de preferência; depois a mãe; raramente o pai). Mas se, no caso de diagnósticos mais graves (ARC³⁸ e AIDS), mais da metade se abre com os parentes, mais de um terço (sobretudo os bissexuais e os homens casados) insistem, mesmo nesse estágio, no mutismo. A associação comum da AIDS às práticas homossexuais torna a doença ainda mais estigmatizante para aqueles que não pertencem ao mundo homossexual e podem ser vítimas da desconfiança de possuírem uma vida sexual secreta. Daí uma situação de dupla coerção impossível de desfazer, já que manter um diagnóstico em segredo impede a mobilidade dos apoios materiais e afetivos indispensáveis (POLLAK, 1990, p. 104).

Se o silenciamento de Mitterrand se ligava aos discursos da ideologia “Burguesa”, gerando sentidos da ordem da negligência à epidemia, o dos sujeitos que viviam com HIV ou Aids delimitava, desde o princípio, uma das facetas da precariedade. Neste último caso, embora figurasse como a única estratégia para retardar consequências outras, como pontua Pollak (1990), o silenciamento se impunha com toda a força como uma autocensura da qual o sujeito mal podia escapar, configurando uma violência simbólica que o mantinha igualmente mais exposto à morte. Ao se sentir inseguro para compartilhar o diagnóstico, o sujeito não buscava os apoios materiais e afetivos de que necessitava ou, antes, evitava o próprio diagnóstico, quando se negava a procurar por atendimento médico mesmo diante de sintomas preocupantes, aflitivos. Essa autocensura remete ao que Orlandi (2007) denomina de silêncio local, isto é, uma interdição do dizer, uma limitação pelo percurso dos sentidos que se concretiza, aqui, como uma restrição imposta ao sujeito de ocupar certas posições publicamente. Ainda que a falha seja constitutiva das práticas discursivas, impedindo o sujeito de ter o controle total sobre os sentidos produzidos pelo próprio discurso, a autocensura busca estancar o que não é estancável, fazendo-se precariedade pela violência e consequências que engendra.

Assumindo, pois, o silenciamento de si como uma das facetas da precariedade imposta a sujeitos-soropositivos no período mais desolador da epidemia de HIV/Aids na França, o protesto da ACT UP Paris retratado no recorte é composto, desde o primeiro momento, por sujeitos-ativistas que se fazem sujeitos políticos materializados em corpolíticos. Ao ocuparem uma via pública enquanto entoam palavras de ordem, carregam cartazes e soam apitos e buzinas, eles tomam uma parte como sujeitos que vivem com HIV ou Aids ou que se

³⁸ ARC é a sigla em inglês para Complexo Relacionado com a Aids (AMATO NETO, 1987, p. 1). Era considerado um estágio intermediário entre a infecção pelo HIV e a instauração da Aids, quando alguns sintomas apareciam, tais como cansaço, diarreia e emagrecimento. O termo e a sigla não constam no *Guia de terminologia do Unaid*s (2017).

projetam/são projetados como tais³⁹, fazendo-se forçosamente reconhecidos e ouvidos pelo social. Para cada um dos atos empreendidos durante a manifestação, dos enunciados à coreografia convergente de movimentos, eles mobilizam os próprios corpos discursivamente, ocupando um espaço que não lhes cabe sem o risco de coerções e consequências. Por meio desse protesto, o grupo faz uma frente de resistência à precariedade, aos discursos da ideologia dominante e aos limites entre quem tem direito ao *logos* e quem é submetido à *phoné*, configurando uma prática política segundo o pensamento rancieriano. Ao saírem das sombras onde não eram vistos nem ouvidos, eles fazem a lógica policial ser confrontada pela lógica da igualdade.

Ainda que todos se façam sujeitos políticos materializados em *corpópolíticos*, as diferenças entre as funções discursivas do porta-voz e dos outros sujeitos-ativistas são preservadas em suas especificidades. Thibault, esse “corpo-que-é-sujeito” (SOUZA, 2010, p. 2), significa e é significado ao longo de todo o protesto, dos atos que compõem a marcha à leitura do texto que atribui voz pública aos sujeitos-ativistas, utilizando-se sempre de pronomes coletivos, como “nós”, “nosso” e “nossa”. Mesmo que haja divergências internas, ele é o representante (*i*)legítimo do grupo, o único (*des*)autorizado a falar em nome de todos – não por acaso, é o ativista que tem um momento de fala próprio e é também aquele pelo qual o jornalista mais se interessa, produzindo fotos que, se publicadas em periódicos da imprensa, tomariam uma parte em outro espaço institucionalizado pelos *logos*. Igualmente inseparáveis de seus corpos, os outros sujeitos-ativistas significam e são significados por todos os feitos que realizam durante a ação, incluindo a tomada de palavra. Suas vozes, contudo, só adquirem o efeito de grupo quando somadas umas às outras e não de forma isolada, como ocorre com a do presidente e porta-voz. Tal efeito se dá quando, em uma articulação corpórea conjunta, eles fazem ecoar por toda a vizinhança os enunciados “Mitterrand [sic.] criminoso! Nossas vidas estão em jogo!” e “a AIDS não dá trégua! Act Up não se entrega!”.

³⁹ Nas ações externas da ACT UP Paris, os sujeitos-ativistas soronegativos tendem a significar e a ser significados publicamente do lugar social de sujeitos que vivem com HIV ou Aids. Dada a causa que mobiliza a associação e por enunciarem a partir dela, eles se projetam/são projetados dessa forma. O longa-metragem salienta esse funcionamento quando, nos minutos iniciais, o sujeito-ativista Fabien (Jean-François Auguste) fala sobre a associação a quatro novos integrantes: “No momento em que se filiam à Act Up, seja qual for a sua condição de saúde, devem aceitar que aos olhos da mídia e do público vocês serão soropositivos”. Dentre os personagens com mais destaque, aqueles sobre os quais temos mais informações, apenas Hélène (Catherine Vinatier) e Nathan (Arnaud Valois) se declaram como sujeitos-soronegativos, o que sugere uma minoria internamente ao grupo. Ainda assim, eles são atravessados por questões relacionadas à epidemia, justificando as suas inscrições na FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”: Hélène se tornou sujeito-ativista por conta do filho, Marco (Théophile Ray), infectado durante transfusões de sangue; e Nathan, pelo impacto que a síndrome provocou entre os sujeitos-homossexuais masculinos.

É nessa composição que o efeito de homogeneidade se marca ao longo do ritual. No que tange aos enunciados, o porta-voz, que fala em nome de todos, e os sujeitos-ativistas, que somam as próprias vozes, apagam a divisão dos sentidos que atravessa constitutivamente o grupo. A esses dizeres se articulam os próprios corpos, feitos *corpolíticos*, já que se apresentam em uma espécie de coreografia convergente, harmônica. É por meio de tais corpos que, além de entoarem as mesmas palavras de ordem simultaneamente, os sujeitos marcham em uma dada direção e velocidade, soam apitos e buzinas em momentos específicos, erguem cartazes com mensagens políticas e se deitam juntos sobre a via pública. O entrecruzamento de todas essas ações atribui aos sujeitos um mesmo revestimento público de identificação plena para com a forma-sujeito da FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”, o que é, *a fortiori*, ilusório. Essa aparente homogeneidade contrasta com a heterogeneidade discursiva que se marca nas reuniões semanais da associação.

Atentando para uma necessidade generalizada de concordância, que só se dá pelo silenciamento do conflito e, por conseguinte, do político, a prática política da ACT UP Paris produz, no recorte em questão, o efeito de consenso. As diferenças que atravessam os sujeitos-ativistas são deixadas provisoriamente de lado em prol daquilo que os une, a saber, a resistência à precariedade que se desdobra na exigência de igualdade para com aqueles cujas vidas são passíveis de luto. A conformidade em relação a esse ponto sedimenta a base que entrelaça sujeitos e discursos no protesto, colocando em jogo a dominação e provocando, neste caso, rupturas no social. São nesses momentos que a ordem policial é suspensa para que uma repartilha do sensível ganhe espaço, ainda que por um tempo exíguo. Trata-se de instantes nos quais uma parte é, enfim, tomada à força por aqueles que *ousaram se revoltar* (PÊCHEUX, 2014b), por aqueles que resolveram assumir ou se projetar publicamente do lugar social de sujeitos que vivem com HIV ou Aids, a fim de reivindicar assistências terapêuticas, médicas e sociais a todos os sujeitos-soropositivos que vivem no território francês.

Nesse complexo funcionamento, os sentidos produzidos pelo protesto estão intrincados aos sujeitos políticos, bem como aos *corpolíticos* em que se materializam. Destaco o momento do pronunciamento de Thibault, no qual os saberes da ideologia dominante são desestabilizados pela *discursivização do político* (INDURSKY, 2019). Ao se referir à Aids como uma guerra que se vive na formação social, o porta-voz faz circular efeitos relacionados à *luta*, ao *combate*, à *rivalidade*, ao *conflito com ou sem armas*, ao *extermínio de populações* (GEIGER, 2011) e à *irmandade perante um sofrimento partilhado* (THE ARCHIVE..., 2010). Todos eles, que deslizam sobretudo de FDs ligadas ao militarismo para aquela do “Ativismo

Social Relacionado à Aids”, dando visibilidade ao que Pêcheux (2014a) denomina de efeito metafórico, permitem que o personagem redivida o mundo sempre-já dividido. Utilizando o pronome “nós”, ele reposiciona a si e a todos os sujeitos-ativistas não como responsáveis pela epidemia e pelos próprios diagnósticos em função de hábitos supostamente reprováveis, mas como alvos de investidas mortais, que podem ser compreendidas como a precariedade imposta pelos ditos “colaboradores” da Aids – a exemplo do governo francês, enquanto ARE, e de outras instituições que integram diferentes AIEs⁴⁰.

Esse reposicionamento a partir do militarismo se entrelaça, ao mesmo tempo, com os sentidos produzidos pelos corpos dos sujeitos-ativistas deitados sobre a via pública, em uma composição de *die-in*⁴¹. Atravessado pela memória discursiva, componente do interdiscurso, o arranjo visual do protesto reverbera imagens realizadas em locais de guerras, chacinas e conflitos, nas quais cadáveres de civis ou prisioneiros jazem sobre o chão, com espaço variável entre si, às vezes parcialmente uns sobre os outros. Posto que a memória discursiva remete a dizeres de existência histórica (COURTINE, 2014), como pré-construídos e discursos transversos (PÊCHEUX, 2015d), que são mobilizados e atualizados no interior de determinadas FDs (INDURSKY, 2011), os sujeitos-ativistas deitados sobre o chão fazem significar ali, também por efeitos metafóricos, os discursos dessas imagens em consonância com os saberes que regem a FD na qual se inscrevem. Como exemplo, reporto a uma das fotografias exibidas no média-metragem *Noite e Neblina* (1956), do cineasta francês Alain Resnais (1922-2014), na qual vemos cadáveres de prisioneiros espalhados em um campo de concentração nazista, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (imagem 8). No batimento específico com esta fotografia, os efeitos produzidos pelo *die-in* da ACT UP Paris aproximam a epidemia de HIV/Aids do extermínio em massa perpetrado pelo regime de Adolf Hitler, estabelecendo um paralelo discursivo entre os sujeitos que morreram nos dois momentos sócio-histórico-ideológicos.

⁴⁰ Em meu gesto de interpretação, o discurso do presidente e porta-voz Thibault se inscreve na FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”. Desse modo, os efeitos por ele produzidos diferem daqueles apontados por Sontag (1989) ao analisar a produção, em outros lugares, de enunciados sobre diferentes doenças infecciosas que também trazem termos de cunho militar. Amparado em uma abordagem filosófica, o argumento da autora é o de que a mobilização de tais significantes, sobretudo pelo campo médico-científico, contribui para a estigmatização dos sujeitos que adoeceram devido a comportamentos considerados reprováveis na formação social, a exemplo daqueles que se entrelaçam à noção de pecado. Essa perspectiva será abordada na próxima seção, referente à historicidade da Aids.

⁴¹ De acordo com o Cambridge Dictionary (2022), *die-in* é uma forma de protesto que ocorre quando pessoas vão até um espaço público e se deitam sobre o chão, como se estivessem mortas.

Imagem 8 – Cadáveres de prisioneiros em campo de concentração nazista



Esta fotografia, exibida no filme de Resnais, compõe discursos da memória discursiva mobilizados pelos corpos dos sujeitos-ativistas no protesto da ACT UP Paris. Fonte: *Noite e Neblina* (1956).

Outros sentidos são postos em circulação ao fim do pronunciamento, quando Thibault recorre a uma paráfrase para “guerra” e diz que a ACT UP Paris vê a epidemia como um “desafio”. Se, por um lado, este último termo também remete à “luta” e ao “combate”, por outro lado desliza para o entendimento de uma “ação muito difícil de realizar”, de um “[...] problema que exige coragem ou esforço [...]” (GEIGER, 2011, p. 453), sustentando o pedido feito pelo porta-voz para que a população se engaje e colabore com o ativismo social relacionado à Aids. Perante esse movimento discursivo, os corpos deitados sobre o chão ganham mais contornos significantes, uma vez que, se os sujeitos neles inscritos são alvos ou se projetam/são projetados socialmente como alvos de uma precariedade que mata, são eles também que assumem o compromisso de lutar contra ela, a fim de que as vidas dos sujeitos-soropositivos sejam tomadas como passíveis de luto. É precisamente na sequência desse momento que o ativista Luc soa um apito e todos os participantes se levantam do chão, como se recusassem a morte e as (*in*)ações daqueles acusados de se aliarem a ela.

Os cartazes que os sujeitos-ativistas carregam, vistos com mais nitidez neste momento, apontam para as relações de força e para a tensão entre vida e morte que atravessam a discursivização do político. Naquele em que o enunciado iguala o silêncio à morte (“SILENCE = MORT”), a associação aponta, por meio dos efeitos produzidos, para os

silenciamentos do presidente François Mitterrand e dos sujeitos diagnosticados com HIV ou Aids; para o descaso com vidas consideradas não passíveis de luto; e para a faceta da precariedade que expõe os sujeitos-soropositivos mais intensamente à morte. O formato de cruz potencializa tal discurso, em virtude da relação feita, nos países ocidentais, com saberes religiosos-cristãos, evocando noções de *martírio*, *sofrimento*, *suplício* e *morte* (GEIGER, 2011), assim como imagens da Paixão de Cristo e da estética mesma dos cemitérios, onde as cruzes estão por toda parte.

No outro cartaz, no qual a ação é igualada à vida (“ACTION = VIE”), os sujeitos-ativistas dão visibilidade à própria resistência perante os silenciamentos que levam à morte. Eles relacionam as ações que empreendem na guerra/desafio que dá forma à epidemia a um movimento vital, pois é por meio delas que conseguem reivindicar por vidas que valham a pena ser vividas. Apesar de todos os riscos, eles assumem com seus corpos o lugar social de sujeitos-soropositivos, por meio do qual discursivizam o político, tomando a palavra e os espaços quando e onde não deveriam, como o protesto aqui abordado. O triângulo rosa impresso junto à inscrição não significa apenas um dos símbolos adotados pela ACT UP Paris, mas também a injunção da vida sobre a morte: a arte evoca, ao mesmo tempo em que refuta pelas mudanças nela operadas, o símbolo que constava nos uniformes dos prisioneiros homossexuais masculinos nos campos de concentração nazistas, o triângulo rosa invertido conhecido como *rosa Winkel*. Mais uma vez, ocorre uma filiação discursiva entre a epidemia de HIV/Aids e o extermínio em massa liderado por Hitler.

A composição dos cartazes é, portanto, discursivamente complexa. Ao lado dos símbolos, que mobilizam e atualizam sentidos referentes ao cristianismo e ao nazismo como forma de resistência, os enunciados verbais se amparam nos jogos inerentes ao que Mariani (1998) denomina como equação linguística. Os efeitos produzidos na equiparação, marcada pelo sinal matemático de igual (=), dos termos SILENCE e MORT, em um cartaz, e ACTION e VIE, noutro cartaz, encontram uma sustentação simbólica específica nos saberes discursivos que regem as práticas da associação no período sócio-histórico-ideológico em questão⁴². Em decorrência disso, todo o conjunto, símbolos e equações linguísticas, delimita uma contraposição aos discursos feitos dominantes que cercam a precariedade gerenciada socialmente sobre e contra os sujeitos-soropositivos. Ao longo do protesto, estabelece-se,

⁴² Ferrari Soares (2019) também trabalha com equações linguísticas envolvendo a epidemia de HIV/Aids, mas acerca do imaginário da homossexualidade em revistas semanais brasileiras que circularam no período de 1985 a 1990. Por meio do *corpus* analítico, Ferrari Soares (2019, p. 142, grifo do autor) identifica filiações de sentidos que sustentam equações nas quais o homossexual é igualado a: “[...] irresponsável, ameaça, sem virilidade, promíscuo, falta de talento profissional, não-cristão, sem fé, distante de Deus, pecador, responsável pela disseminação da doença, dissimulado, mentiroso, doente *etc*”.

assim, intensas relações de força entre os cartazes, de um lado, e os discursos e as (*in*)ações que caracterizam o governo de Mitterrand, de outro lado.

No batimento entre pesquisa e pesquisador, a relação (*in*)tensa com os corpos dos sujeitos-ativistas me permite propor a tese já anunciada, a de que as desestabilizações e eventuais transformações sociais provocadas pela discursivização do político encampada por grupos de ativismo social, como a ACT UP Paris, implicam a constituição e a mobilização de *corpolíticos*. Esse funcionamento não se dá, entretanto, fora da contradição: é sobre a divisão interna dos sentidos inerente a esses coletivos que se constrói um efeito de consenso durante ações externas, a fim de se forçar uma repartilha do sensível. Em outras palavras, é em meio a essas (*dis*)simetrias que se sobrepõem como práticas discursivas que o *corpolítico* pode enfim se efetivar, estabelecendo posteriormente zonas de intercompreensão constitutiva com agentes sociais outros. Trata-se de um funcionamento paradoxal, significativo desde o princípio porque inescapável à ideologia, ao discurso e à linguagem.

Pondero que, para cada grupo que representa movimentos sociais, haja particularidades que impõem questionamentos específicos, não havendo portanto uma forma única de abordagem discursiva. É por isso que, frente ao *corpus* analítico deste estudo, e antes de investir em gestos de interpretação mais amplos, há dois aspectos a serem explorados, porque incontornáveis à discussão já iniciada: a historicidade da Aids, para uma compreensão mais detalhada da precariedade denunciada pelos sujeitos-ativistas, e a divisão psicanalítica entre as pulsões de vida e morte que, ao ressoarem intensa e significativamente nos corpos dos sujeitos-soropositivos, provocam um atravessamento constante nas práticas da ACT UP Paris. Neste último caso, aprofundo a relação discursiva entre a tragédia do nazismo e a epidemia de HIV/Aids.

Mas eu sei muito bem, de fontes seguras que me chegam dos mais altos níveis, que a Aids está atrelada a uma cadeia de mentiras.

Hervé Guibert, em *Protocolo da compaixão* (1995b, p. 71)

Um desses bandos de jovens ferozes passou na minha frente e escutei coisas do tipo: “Vamos enterrar o chapéu na cabeça desse veado?” Eu explodi e lhes disse: “Escutem, operaram a minha garganta hoje de manhã, estou com Aids e tenho também uma seringa no bolso, melhor me deixarem em paz!”.

Hervé Guibert, em *O homem do chapéu vermelho* (1996, p. 14)

Dans un premier temps on reçoit le grand coup de poing dans le ventre, c’est quand même la tristesse, le désespoir, on s’empêche de pleurer. Puis, on cherche des arguments qui peuvent soutenir le réflexe de vie. Il est dangereux de passer à l’euphorie, parce que, de là, on risque de passer à l’effondrement.

Hervé Guibert, em *Cytomégalo-virus: journal d’hospitalisation* (1992, p. 24-25)

3 A EPIDEMIA DE HIV/AIDS RECLAMA POR SENTIDOS

Em uma visada panorâmica, Henry (2014, p. 55) afirma que “[...] não há ‘fato’ ou ‘evento’ histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e consequências”. Essa perspectiva traz embutida uma reconsideração da história, não mais reduzida a um mero conjunto de causalidades entre ocorrências que se sucedem, no qual se marca o efeito de evidência, positivista – um “historicismo”, conforme Baldini e Barbosa Filho (2017, p. 7). Tomada em seu entrelaçamento constitutivo com a luta de classes, a história congrega, aqui, a produção de diferentes sentidos perante os eventos que a atravessam, dentre os quais alguns angariam maior circulação do que outros devido às relações de força em jogo. Como pontua Orlandi (1996, p. 9), “não há sentido sem interpretação”, de modo que, em vez de transparentes, os eventos históricos são determinados, desde o princípio, pela opacidade.

Neste ângulo teórico, as epidemias circunscrevem não apenas fatos, mas fatos discursivos, objetos que “[...] representam um lugar de entrada na memória da linguagem, sua sistematicidade, seu modo de funcionamento” (ORLANDI, 1996, p. 58), colocando-nos “[...] no campo do acontecimento lingüístico [sic.] e do funcionamento discursivo” (ORLANDI, 1996, p. 36). No momento em que (*res*)surgem, as doenças que se tornam epidêmicas, caracterizadas pela “rápida difusão” e pelo “elevado número de casos” (REZENDE, 1998, p. 153), reivindicam sentidos na formação social. Em um processo complexo, marcado por diferentes mecanismos da engrenagem simbólica, elas são inseridas ou atualizadas na ordem do discurso, adquirindo espessura semântica. Desse modo, tornam-se ou fortalecem-se como objetos simbólicos, que significam para além de quaisquer dados tomados apenas empiricamente. Quando ocorre, a imposição da *precariedade* (BUTLER, 2019a) aos sujeitos que adoecem pode ser compreendida pelo modo como tais enfermidades significam e são significadas no social.

Por derivar dessa imbricação entre história e linguagem, o conceito de historicidade em AD nos permite compreender a produção de sentidos sobre determinados objetos em determinadas formações sociais. A historicidade “[...] é a função da necessidade do sentido no universo simbólico” (ORLANDI, 1996, p. 57), de modo que, para a língua fazer sentido, “[...] é preciso que se inscreva na história” (ORLANDI, 2010, p. 11). Nessa engrenagem, os sujeitos são peça fundamental, pois são eles que, divididos em classes e descentrados pelo inconsciente e por diferentes ideologias, (*re*)atribuem sentidos aos objetos. Por meio das

próprias práticas, eles (*re*)produzem dizeres, ao mesmo tempo em que se constituem, em um movimento que é contínuo na dinâmica do social. Como explica Orlandi (1996, p. 133), “[...] não há sentidos já dados [pelos eventos históricos], estes são constituídos por sujeitos inscritos na história num processo simbólico”.

Por isso, é possível falar, primeiramente, de uma historicidade das doenças em geral, construída através dos séculos por diferentes formações sociais, cada qual com as suas características e especificidades. O estudo sobre símbolos do *The Archive For Research in Archetypal Symbolism* (2010) demonstra que, desde o início da dita civilização, as enfermidades são invariavelmente lidas. Entre os povos mais antigos, eram vistas como o resultado da atuação de espíritos maus, da impureza de rituais, da transgressão de tabus e da relação equivocada com divindades, por exemplo. Na nossa contemporaneidade, são associadas ao adoecimento resultante de um processo biológico natural ou de ocorrências metafísicas diversas, polos que incluem as noções de esgotamento físico, invasão por outros entes, desordens, desequilíbrios, excessos... sentidos que ressoam outros mais antigos, inscritos no espaço imensurável do interdiscurso.

No emaranhado dessa rede, encontramos a noção de castigo, considerada por Sontag (1989), no campo de estudos filosóficos, a explicação mais antiga para as doenças que se tornaram especificamente epidêmicas. O retorno dessa noção ao longo do tempo, por ela pontuado no curso de análises que realiza, permite afirmar, em âmbito discursivo, que epidemias foram e continuam sendo interpretadas como castigos impostos a grupos de sujeitos ou a comunidades inteiras por motivos variados. A autora também mostra que tais leituras mobilizam, por vezes, o vocábulo “peste”, já que remete tanto a “doenças assustadoras”, como ao que “[...] pode haver de pior em termos de calamidades e males coletivos [...]” (SONTAG, 1989, p. 53). Derivado etimologicamente do latim *pestis*, os sentidos evocados por esse termo abrangem, na esfera do estabilizado, uma fonte de dano ou incômodo; um instrumento de morte ou destruição; e uma praga ou pestilência, entendidas como enfermidades que afetam os sujeitos (OXFORD..., 1968).

Dentre os discursos que remetem epidemias a castigos, um deles, relevante para esta pesquisa, constituiu-se no funcionamento de formações discursivas (FDs) relacionadas ao cristianismo. A Bíblia Sagrada (1990) entrelaça milenarmente o aparecimento de certas doenças, além de destruições e maldições as mais diversas, a castigos infligidos por um Deus Todo-Poderoso. Eis o que lemos no episódio das “Dez Pragas do Egito”, no qual as úlceras, as chagas e os tumores que se espalham entre os habitantes e os animais daquela localidade configuram uma punição de Javé ao Faraó, por se negar a libertar os hebreus, filhos de Israel,

presos como escravos⁴³. O mesmo acontece em outro momento, quando tumores arrasam as populações de Azoto e Gat, em um castigo de Javé aos filisteus que, após a vitória em uma batalha, tomaram a sagrada arca da aliança do povo hebreu⁴⁴. Os dizeres que compõem esses e outros relatos bíblicos foram parafraseados diversas vezes perante epidemias que eclodiram ao longo dos séculos, em um “regime de repetibilidade” (INDURSKY, 2011, p. 75).

Na seção anterior, abordei o conceito de memória discursiva, a partir de Courtine (2014), Pêcheux (2015d) e Indursky (2011), como dizeres de existência histórica, a exemplo de pré-construídos e discursos transversos, que podem ser mobilizados e atualizados em diferentes FDs. Esses dizeres delineiam estruturas pré-existentes e, por isso, são independentes dos sujeitos, sustentando discursos em uma ou mais formações sociais (INDURSKY, 2003). Diante de um evento que demanda interpretação, como as epidemias que preocupa(ra)m a humanidade, a mobilização de tais dizeres se entrelaça constitutivamente ao esquecimento. No momento em que um conjunto deles é articulado, como os que remetem ao castigo-cristão, outros são esquecidos, pela impossibilidade de uma significação total, saturada⁴⁵. Isso não quer dizer, no entanto, que os dizeres postos em circulação (*re*)produzam sempre os mesmos efeitos de sentido, de modo estanque. Ao serem confrontados com os saberes de uma dada FD, bem como com o evento em foco, eles são instados à atualização. Por esse motivo, Leandro-Ferreira (2012, p. 142) explica que, ao se atualizar, a memória funciona como uma “cola”, buscando unir “[...] fragmentos esparsos, descontínuos, que nos assolam, ressoam, produzindo um universo de significações, quase sempre, deslocadas e condensadas” na FD envolvida.

A memória, enquanto possibilidade de dizeres que se atualizam no momento da enunciação e como efeito de um esquecimento correspondente a um conjunto virtual de significações, funciona no dispositivo da Análise do Discurso como um motor que aciona os incontáveis fios que chegam com toda a força da heterogeneidade, da descontinuidade, da disjunção e também da ruptura. É precisamente a memória e os processos discursivos que são dela derivados os responsáveis por fazerem emergir em uma memória coletiva aquilo que é próprio de um determinado processo histórico (LEANDRO-FERREIRA, 2008, p. 15).

O mecanismo da memória discursiva é, portanto, dinâmico desde o princípio. Se a mobilização de determinados dizeres de existência histórica direciona uma dada leitura, a

⁴³ Cf. Bíblia Sagrada, Antigo Testamento, livro de Êxodo, capítulos de 7 a 11.

⁴⁴ Cf. Bíblia Sagrada, Antigo Testamento, primeiro livro de Samuel, capítulo 5.

⁴⁵ Esse mecanismo que entrelaça memória e esquecimento pode ser resumido pela recorrente citação do postulado “[...] falar é esquecer”, de autoria de Orlandi (2015c, p. 56).

atualização deles frente aos saberes das FDs e do evento que se interpreta possibilita a irrupção de sentidos outros. Compreende-se assim por que, ao mesmo tempo em que estabelece os “implícitos” que uma leitura necessita, “a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 2015d, p. 46), a memória não pode ser tomada como uma esfera fechada, pois “[...] é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2015d, p. 50). Dada a impossibilidade de se produzir sentidos sem a injunção de dizeres históricos, o que faz com que a linguagem configure, segundo Courtine (2006, p. 9, grifos do autor), o “*tecido da memória*”, Leandro-Ferreira (2012, p. 142) explica, com referência ao autor, que a memória é como “[...] um tecido, que ora se esgarça, se perde, se esburaca, se rompe, mas que nos constitui irremediavelmente [...]”.

Para fins de exemplificação, faço referência à sífilis, uma infecção sexualmente transmissível, que, conforme Carrara (1996, p. 25), tornou-se epidêmica em diferentes países ocidentais entre os séculos XV e XIX, o que fez com que fosse considerada “[...] uma das mais graves doenças humanas e [...] uma das mais sérias ameaças à saúde pública”. Como era desconhecida em suas especificidades etiológicas e, portanto, incurável no período referido, a enfermidade recebeu, segundo o autor, diferentes interpretações, dentre as quais um castigo de Deus àqueles que se rendiam ao pecado da luxúria. Balakian (2015, p. 49, grifos do autor, tradução minha) menciona Cotton Mather, um pregador puritano que viveu na Nova Inglaterra, hoje parte dos Estados Unidos, entre 1663 e 1728, a quem é atribuído o enunciado de que a “*sífilis é uma punição que Deus reservou para nossa era tardia*”. O lugar social ocupado por esse sujeito indica que tal formulação se produziu no interior de uma FD relacionada à vertente puritana do cristianismo, de caráter mais ortodoxo do que outras. As marcas constantes no enunciado apontam para um batimento entre os dizeres históricos do castigo-cristão, os saberes da FD na qual Mather se inscrevia e os eventos epidêmicos da sífilis. Nesse funcionamento, a mobilização e a atualização de uma estrutura significativa pré-existente compõem o alicerce da interpretação que faz da enfermidade um objeto simbólico.

Situação semelhante ocorreu em FDs médico-científicas. Os dizeres do castigo-cristão atravessaram-nas, estabelecendo um batimento com os saberes pré-pasteurianos⁴⁶ e o

⁴⁶ Chamo de saberes pré-pasteurianos aqueles caracterizados por sentidos sobretudo metafísicos, que circularam mais intensamente em FDs médico-científicas até as descobertas epidemiológicas de Pasteur no fim do século XIX. Muitas doenças recebiam até então explicações de ordem astrológica, cristã ou humoral, como pontuam, com maior ou menor destaque, Faure (2012), Porter e Vigarello (2008) e Carrara (1996) – este último especificamente em relação à sífilis.

acontecimento histórico da sífilis. Segundo Carrara (1996), não era raro que instituições de saúde atribuísem os diagnósticos da doença a uma punição de Deus, sobretudo quando os sujeitos tinham hábitos sexuais considerados desviantes. Nessas situações, eles eram tratados como pecadores e, por conseguinte, como culpados pela enfermidade que os acometia individual ou coletivamente. Discutido por Foucault (2014) e mencionado por Carrara (1996), o caso do Hospital Geral de Paris é emblemático frente à urdidura de sentidos tecida nesse campo discursivo. Nos séculos XVII e XVIII, os tratamentos ofertados incluíam punições aos pecados, coadunando-se àquela já imposta pela ira divina. Além de sangrias e tóxicas fricções com mercúrio, os sujeitos eram submetidos a confissões e a chibatadas, dentre outros ritos de purificação. Ao deliberar, em 1679, que os afligidos só seriam recebidos “[...] sob a condição de se sujeitarem à correção, antes de mais nada, e chicoteados [...]” (HILDENFINGER apud FOUCAULT, 2014, p. 84), o hospital atribuía à terapêutica um sentido de acerto de contas do sujeito-doente com Deus Todo-Poderoso⁴⁷, ressoando por todo o social.

Apesar das diferenças intransponíveis, tanto a FD relacionada ao puritanismo, como FDs de cunho médico-científico mobilizaram e atualizaram dizeres do castigo-cristão, delineando imbricações ideológicas que resultaram em discursos mais ou menos próximos frente aos eventos epidêmicos da sífilis. Em circulação, os sentidos de ordem bíblica contribuíram em grande medida para a estigmatização dos sujeitos que adoeceram e morreram no período entre os séculos XV e XIX, e mesmo depois dele. As feridas provocadas pela doença em seus corpos e sobretudo em seus rostos, feridas que conotavam “putrefação” (SONTAG, 1989, p. 49), faziam com que muitos fossem identificados como transgressores da ordem regulada pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), como a igreja e as instituições médico-científicas. Não à toa, as pessoas diagnosticadas com sífilis eram comumente marginalizadas, isoladas na formação social. Conforme salientam Geraldine Neto, Soler, Braille e Daher (2009, p. 128),

a população reagia com medo. Os sífilíticos eram segregados como os leprosos. Multidões de doentes afluíam em hospitais que não tinham como atendê-los e nem queriam. Em Paris o governo local tentou colocar os doentes em celeiros numa abadia próxima a uma colônia de leprosos, provocando a reação desses, que temiam tal vizinhança.

⁴⁷ Em consonância com esse relato, Plagens-Rotman, Jarzabek-Bielecka, Merks, Kedzia e Czarnecka-Operacz (2021, p. 553, tradução minha) afirmam que muitos dos tratamentos realizados em pacientes com sífilis “[...] eram mais comumente ‘punição pelos pecados’ do que alívio para o sofrimento, e o efeito final deles não era bom como o esperado”, pois resultavam em mortes.

Para a compreensão da historicidade da Aids, tecida a partir da década de 1980 nos países ocidentais⁴⁸, outras condições de produção se colocam em jogo. Dentre os AIEs cristão e médico-científico, este foi o que mais teve as relações de produção transformadas, devido à “revolução pasteuriana”, tal como denominada por Faure (2012, p. 49), ocorrida no final do século XIX. O termo faz referência a Louis Pasteur, que demonstrou “[...] a existência de [micro-]organismos vivos responsáveis por inúmeras doenças [...]”, consolidando uma “[...] concepção microbiana da doença [...]” (FAURE, 2012, p. 49). Esse corte epistemológico inaugurou o período no qual, conforme Timerman e Magalhães (2015), foi possível desenvolver medicamentos e vacinas que debelaram, em definitivo, infecções até então fatais. A sífilis, por exemplo, tornou-se curável: em 1905 ocorreu o isolamento do agente causador, a bactéria espiroqueta *Treponema pallidum*, e em 1938 foi apresentado o medicamento capaz de interromper o ciclo dele no organismo humano, a penicilina (CARRARA, 1996). Tal mudança fez com que um discurso propriamente microbiano se sobrepusesse àqueles pré-pasteurianos, no que tange às patologias infecciosas, no interior das FDs de cunho médico-científico.

O conhecimento e a tecnologia desenvolvidos desde Pasteur possibilitaram que, na década de 1970, sujeitos anunciassem, segundo Moulin (2011, p. 28), “[...] não somente o fim das epidemias, mas o das doenças infecciosas, nos países industrializados pelo menos”. Esse imaginário de infalibilidade foi, no entanto, desestabilizado com a eclosão da Aids, inicialmente nos Estados Unidos, onde as instituições médico-científicas foram lançadas ao desconhecido. O estudo de France (2017) mostra que, com os primeiros casos da síndrome em 1981, elas não sabiam se estavam diante de uma nova patologia e, se assim fosse, qual era o seu funcionamento no organismo humano. Da mesma forma, desconheciam se havia um agente causador externo, conhecido ou desconhecido, por trás dos sujeitos-doentes que começaram a se avolumar nas unidades hospitalares. Como não há fato ou evento que não reivindique sentidos, a engrenagem simbólica começou a funcionar imediata e inevitavelmente, por meio da qual tais instituições e os sujeitos passaram a interpretar o cenário que se impunha.

Com base nas descrições de France (2017), Jardim (2019) e Timerman e Magalhães (2015), os primeiros sujeitos atendidos eram homossexuais masculinos que viviam nas

⁴⁸ Nesta tese, enfoco aspectos da historicidade da Aids que começaram a ser tecidos sob as condições de produção verificadas nos Estados Unidos na década de 1980 e que se reproduziram em outros países ocidentais, fortemente atravessados por ideologias relacionadas ao cristianismo. Há, no entanto, estudos que apontam que a síndrome surgiu décadas antes no continente africano, na região da atual República Democrática do Congo, onde a produção de sentidos respondeu a outras condições de produção. France (2017) e Ujvari (2020) fazem breves menções a esse respeito.

idades de Los Angeles, Nova York e São Francisco. Todos apresentavam quadros clínicos semelhantes que levavam à morte: um sistema imunológico inexplicavelmente deteriorado combinado a enfermidades consideradas raras para sujeitos que não tinham históricos de problemas de saúde, como a pneumonia causada pelo fungo *Pneumocystis jiroveci* e o câncer conhecido como sarcoma de Kaposi. A repetibilidade sintomática levou as instituições médico-científicas à desconfiança de que haveria uma causa única para todos os registros, talvez uma nova doença causada por um agente patológico até então desconhecido. Diante disso, os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), órgãos administrados pelo governo estadunidense, instauraram uma investigação, ao mesmo tempo em que sujeitos-médicos e pesquisadores elaboravam hipóteses.

Em 3 de julho de 1981, o jornal *The New York Times* publicou a primeira reportagem sobre o assunto, enfocando casos de sarcoma de Kaposi entre sujeitos-homossexuais masculinos. Sob o título “Câncer raro visto em 41 homossexuais” (ALTMAN, 1981, online, tradução minha), o texto traz o discurso jornalístico atravessado pelo discurso médico-científico, ambos historicamente revestidos pelo efeito de verdade. Pelo menos duas marcas ajudam a entender como o cenário estava sendo interpretado naquele momento. Uma delas é a restrição do problema ao grupo de sujeitos-homossexuais masculinos, tanto no título como em diferentes trechos da reportagem. A outra se dá na produção de um efeito relacional entre o adoecimento e um comportamento compartilhado por vários dos sujeitos-doentes, quando se enuncia, a partir de uma entrevista com um sujeito-pesquisador, que “[...] a maioria dos casos envolveria homens homossexuais que tiveram múltiplos e frequentes encontros sexuais com diferentes parceiros, até 10 encontros por noite por até quatro vezes na semana” (ALTMAN, 1981, online, tradução minha).

No mesmo ano e antes que qualquer dado sobre a suposta nova doença fosse descoberto, a necessidade de atribuição de um nome para ela se mostrou incontornável ao funcionamento simbólico. O “meio acadêmico” (TIMERMAN; MAGALHÃES, 2015, p. 84), que abrange instituições médico-científicas, começou então a chamá-la de Doença Imunológica Relacionada aos Gays, representada pela sigla GRID a partir do original na língua inglesa⁴⁹. Assim como a reportagem do *The New York Times* (ALTMAN, 1981), a nomeação restringe o problema de saúde ao grupo formado por sujeitos-homossexuais masculinos. Mais do que uma referência pretensamente objetiva ao cenário que se impunha, a presença do

⁴⁹ Não foi possível, a partir das referências consultadas, especificar a data na qual essa denominação passou a ser empregada para se referir à suposta doença. Platt e Platt (2013, p. 1, tradução minha) mencionam os “[...] primeiros dias do HIV”. Timerman e Magalhães (2015), por sua vez, localizam-na juntamente da primeira reportagem do *The New York Times*. Já France (2017) faz uma referência vaga ao ano de 1981.

vocábulo *gay*⁵⁰ aponta para a interpretação de que a homossexualidade atravessa, em alguma medida, a causa do adoecimento, do sofrimento e da morte dos sujeitos afetados até aquela altura.

A partir desses e outros entrelaçamentos discursivos, a relação “sexo-doença-punição” (POLLAK, 1990, p. 17) ganhou rapidamente consistência material primeiro na formação social dos Estados Unidos e depois nas de outros países ocidentais que começaram a registrar casos com características semelhantes. Nesse processo de significação do que estava acontecendo, os dizeres históricos do castigo-cristão foram novamente mobilizados e atualizados em enunciados que tinham, desta vez, os sujeitos-homossexuais masculinos como alvo principal. Por meio do movimento parafrástico, esses dizeres da memória discursiva circularam ao longo dos anos seguintes, ao mesmo tempo em que instituições médico-científicas identificaram aspectos etiológicos que confirmaram irrevogavelmente a nova enfermidade – a partir de France (2017), destaco a verificação de que a infecção é transmitida pelo sangue e por relações sexuais, em 1982 e 1983, respectivamente; e o isolamento dos tipos um e dois do agente patológico, o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), em 1983 e 1986.

Um exemplo da força do discurso produzido a partir dos dizeres do castigo-cristão está na sua manutenção mesmo após à renomeação da doença para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), em 1982. Conforme France (2017, p. 67, tradução minha), os “[...] pesquisadores começaram a utilizar um novo nome para GRID, respondendo às preocupações relativas à denominação de uma enfermidade a partir da comunidade [homossexual masculina]”. Mais do que uma preocupação, o novo termo resultava de uma mudança do cenário inicial, visto que sujeitos que não eram homossexuais também começaram a ser internados e a morrer em função do mesmo quadro clínico, abrindo espaço para a consideração, por partes das instituições médico-científicas, de novos grupos de risco⁵¹. Apesar de provocar um efeito politicamente correto, a segunda designação foi enredada pelos sentidos que já estavam em circulação tão logo se inscreveu nas práticas do/no social. O imaginário que orbitava em torno da síndrome era – e ainda é – muito forte.

⁵⁰ Embora denomine, independentemente do gênero, uma “pessoa homossexual” (GEIGER, 2011, p. 703), a palavra *gay* é utilizada com recorrência para se referir somente ao sujeito-homossexual masculino. A sigla LGBTQIA+, em ampla circulação no mundo, delinea tal efeito: como a letra L, de lésbicas, já remete aos sujeitos-homossexuais femininos, a letra G, de *gays*, acaba por se referir aos sujeitos-homossexuais masculinos.

⁵¹ Conforme France (2017) e Jardim (2019), as instituições médico-científicas dos Estados Unidos consideraram como grupos de risco os sujeitos-homossexuais masculinos (pela prática sexual), os heroínômanos (pelo compartilhamento de seringas), os hemofílicos (pelas transfusões de sangue) e os haitianos (porque vários deles, que negavam pertencer aos outros grupos, começaram a adoecer). Timerman e Magalhães (2015) mencionam os mesmos sujeitos e ainda incluem os(as) profissionais do sexo.

Esse imaginário encontra pelo menos parte de sua sustentação no funcionamento dos dizeres do castigo-cristão enquanto uma estrutura discursiva que se mobiliza e atualiza no processo de significação da Aids. Enunciados postos em circulação desde o início da epidemia trouxeram na própria raiz efeitos relacionados ao pecado da sodomia, que abrangem desde práticas sexuais não-reprodutivas até, de forma restritiva, o coito anal entre sujeitos-homossexuais masculinos⁵². A falta, considerada grave desde a Idade Média, contraria a ordem que Javé deu a Noé e a seus filhos após o grande dilúvio: “[...] sejam fecundos, multipliquem-se e encham a terra” (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 21)⁵³. Não por acaso, amparou a condenação de sujeitos a diferentes penas perante tribunais eclesiásticos ao longo dos séculos, incluindo a morte por enforcamento, seguida da fogueira e do espalhamento das cinzas (MATTHEWS-GRIECO, 2008). No que tange especificamente ao sexo entre sujeitos-homossexuais masculinos, essa perspectiva ideológica se diferencia de outras que vigoraram em formações sociais mais antigas, como algumas da Grécia Antiga em que tais relações eram aceitas e até estimuladas dentro de certos limites, como mostra Dover (2007).

Quando os casos de Aids começaram a aparecer nos Estados Unidos, os discursos do castigo-cristão no espaço móvel da memória já contemplavam a sodomia, a começar pelo episódio bíblico que deu nome ao pecado, o de Sodoma e Gomorra. Nele, Javé destrói toda a região que abrange as duas localidades, fazendo chover do céu grandes quantidades de fogo e enxofre, porque quase todos os sujeitos que vivem ali praticam a grave falta (BÍBLIA SAGRADA, 1990)⁵⁴. Durante a Idade Média, à sodomia foi também atribuída a causa de outras calamidades bíblicas em retrospecto, bem como daquelas que acometiam as formações sociais de quando em quando. Richards (1993, p. 139) reproduz um enunciado do teólogo Jean Charlier de Gerson, que viveu nos séculos XIV e XV, no qual a transgressão sexual é associada a uma variedade abrangente de eventos:

Por causa deste pecado detestável [a sodomia], o mundo foi uma vez destruído por um dilúvio universal, e as cinco cidades de Sodoma e Gomorra foram queimadas pelo fogo celestial, de modo que seus habitantes desceram vivos ao inferno⁵⁵. Igualmente por causa deste pecado – que suscita a

⁵² Matthews-Grieco (2008, p. 284) explica que, na Europa do fim da Idade Média, “a transgressão conhecida como ‘sodomia’ compreendia todas a [sic.] relações sexuais que não tinham a função reprodutiva, estendendo-se das relações heterossexuais extravaginais às relações com animais e até às relações homossexuais entre homens ou entre mulheres [...]”. Nos estudos que consultei sobre períodos sócio-histórico-ideológicos subsequentes, contudo, a sodomia é abordada sobretudo como a prática do coito anal, especialmente entre sujeitos-homossexuais masculinos. Cf. Ferrari Soares (2019), Foucault (2018), Sohn (2011) e Trevisan (2018).

⁵³ Cf. Bíblia Sagrada, Antigo Testamento, livro de Gênesis, capítulo 9, versículo 1.

⁵⁴ Cf. Bíblia Sagrada, Antigo Testamento, livro de Gênesis, capítulo 19.

⁵⁵ A menção ao inferno na relação com a sodomia aparece também na primeira parte de *A divina comédia*, obra-prima de Alighieri (2020). Nela, o inferno é dividido em nove círculos, alguns deles com compartimentos

vingança divina –, fomes coletivas, guerras, pestes, enchentes, traições de reinos e muitas outras calamidades acontecem com mais frequência [sic.], como atesta a Sagrada Escritura.

Tantos séculos mais tarde, são os dizeres do castigo-cristão que sustentam enunciados como o de que a “Aids não é apenas um castigo de Deus para os homossexuais, é um castigo de Deus para a sociedade que tolera homossexuais”, atribuído ao pastor estadunidense Jerry Lewis Falwell (apud REED, 2007, online, tradução minha) nos anos 1980. Esse enunciado tem como alicerce a mobilização e a atualização de já-ditos no batimento tanto com os saberes de uma FD relacionada ao cristianismo evangélico, como com o evento epidêmico em si, dando visibilidade a um regime de repetibilidade. A expansão de um castigo destinado aos sujeitos-homossexuais masculinos para toda a formação social produz mesmo um efeito de destruição completa em andamento, traçando semelhanças com o episódio bíblico de Sodoma e Gomorra. Se os primeiros casos de adoecimento foram identificados na comunidade homossexual, a tolerância acerca dela, marcada pelo “pecado nefando” (TREVISAN, 2018, p. 138), possibilitou que o vírus acometesse outros sujeitos – além dos que compuseram novos grupos de risco, homens, mulheres e crianças que não se encaixavam em nenhum deles. Em uma aproximação com a leitura que Defoe (2021) faz da epidemia de peste bubônica na Londres de 1625, é como se a Aids resultasse de uma visitação de Deus a uma população condescendente com o pecado da sodomia⁵⁶.

O discurso microbiano de FDs médico-científicas também abriu espaço aos dizeres do castigo-cristão no contexto da Aids. Da perspectiva filosófica, Sontag (1989) aborda, em certa medida, essa ligação, ao analisar as consequências no social da mobilização de significantes militares, pela medicina dita moderna, em enunciados que tratam da relação entre determinadas doenças infecciosas e o corpo empírico humano. Com a superação dos saberes pré-pasteurianos, Sontag (1989, p. 14) afirma que as enfermidades passaram a ser encaradas como resultado da “[...] invasão de organismos alienígenas [...]”, perante as quais o sistema biológico humano “[...] reage com suas próprias operações militares, tais como a mobilização de ‘defesas imunológicas’ [...]”. Esse movimento fez com que, conforme a autora, os agentes

internos, nos quais sujeitos agrupados conforme os pecados cometidos cumprem dolorosas sentenças. Os sodomitas se localizam no terceiro compartimento do sétimo círculo, dedicado àqueles que foram violentos contra Deus, contra a natureza e contra a arte. Lá, todos eles jazem em um “campo de areia ardente, devastado por grandes chamas de fogo” (ALIGHIERI, 2020, p. 94).

⁵⁶ Em *Um diário do ano da peste*, Defoe (2021) traz o próprio testemunho acerca do impacto da peste bubônica, no ano de 1665, em Londres. A doença é tratada pelo autor como um castigo entregue aos moradores durante uma visitação de Deus àquela cidade. Em suas palavras: “Aquele era um tempo de visitação, um tempo de ira divina, e aquelas palavras vieram ao meu pensamento, Jeremias 5, 29: ‘Deixaria eu de castigar estas coisas, diz o Senhor, ou não se vingaria a minha alma de uma nação como esta?’” (DEFOE, 2021, p. 82).

patológicos fossem tomados como inimigos microscópicos e os sujeitos que adoeceram devido a comportamentos julgados reprováveis, a exemplo daqueles entrelaçados à noção de pecado, fossem vistos como vítimas e culpados pelo próprio diagnóstico. Em outras palavras, estes passaram a ser alinhados à figura de soldados que, por negligências estratégicas de guerra, facilitaram o ataque do exército oponente, perante o qual saíram feridos ou abatidos. O emaranhamento que se dá, nestes casos, entre o discurso médico-científico e os dizeres do castigo-cristão apontam para o funcionamento da *orquestração* na qual *um discurso sempre remete a outro* (PÊCHEUX, 2014a). Como pontua Sontag (1989, p. 32),

uma doença infecciosa cuja principal forma de transmissão é sexual necessariamente expõe mais ao risco aqueles que são sexualmente mais ativos – e torna-se fácil encará-la como um castigo [divino, inclusive] dirigido àquela atividade. Isso se aplica à sífilis, e mais ainda à AIDS, pois não apenas a promiscuidade é considerada perigosa, mas também uma determinada ‘prática’ tida como antinatural. Contrair a doença através da prática sexual parece depender mais da vontade, e portanto implica mais culpabilidade.

É o que se observa no enunciado “os aidéticos são verdadeiras bombas virais”, dito pelo médico e deputado de extrema-direita francês François Bachelot (apud POULTRENIÉZ; LAFORGERIE; HENRY, 2017, online, tradução minha)⁵⁷, durante uma entrevista jornalística em 1987. Nele, os discursos militar e microbiano se imbricam na sustentação, enquanto efeito, de um duplo risco: tanto para os diagnosticados com HIV ou Aids como para a formação social na qual vivem. Com base nas definições de Geiger (2011) referentes ao campo militar, as bombas são artefatos que explodem mediante acionamentos externos, uma vez que são constituídas por mecanismos de autodestruição, podendo arrasar uma parte variável do ambiente ao redor. Ainda que aborde os sujeitos-soropositivos de forma generalizada, como efeito de uma estigmatização social mais ampla, o enunciado encontra aderência sobretudo entre aqueles passíveis de ser considerados vítimas culpadas, como os homossexuais masculinos e os toxicômanos⁵⁸. Isto porque eles são os únicos que adoecem e morrem pela ação do HIV, enquanto um agente que vem do exterior, devido aos próprios comportamentos “autodestrutivos”, configurando também um possível risco à vida de outros sujeitos.

⁵⁷ No original, o enunciado aparece da seguinte forma: “Les sidaïques sont de véritables bombes virologiques” (BACHELOT apud POULTRENIÉZ; LAFORGERIE; HENRY, 2017, online). Na falta de um termo mais adequado, traduzi “sidaïques” como “aidéticos”, posto que ambos circularam com mais ênfase na década de 1980, referindo-se de forma pejorativa aos sujeitos que viviam com HIV ou Aids.

⁵⁸ Conforme Jeolàs (2007), os sujeitos-soropositivos foram socialmente divididos em dois grupos: o de vítimas culpadas, com sujeitos-homossexuais masculinos e toxicômanos, e o de vítimas inocentes, com sujeitos-hemofílicos, mulheres casadas e crianças. Poderíamos, ainda, incluir os profissionais do sexo no primeiro grupo e os profissionais de saúde no segundo.

Ao apontar com mais ênfase para os sujeitos tidos como vítimas culpadas, o enunciado favorece a evocação de sentidos relacionados à imputação de culpa no contexto da Aids. Por meio dessa orquestração, os dizeres históricos do castigo-cristão podem *(re)*encontrar meios para se realizarem, sobretudo nas práticas discursivas resultantes dos desdobramentos da entrevista jornalística na formação social, sob o amparo do imaginário construído em torno da síndrome, desde 1981. No caso em questão, essa possibilidade parece acentuada porque Bachelot, além de se identificar com uma FD de cunho médico-científico, inscrevia-se em uma FD que contemplava os saberes do partido pelo qual fora eleito deputado, a Front National (FN), conhecido por dialogar com o eleitorado formado por sujeitos-católicos radicais, como destaca Mercier (2011)⁵⁹. Ao ser produzido desse lugar híbrido, o enunciado não só pode direcionar desdobramentos que evoquem os já-ditos do castigo-cristão no social, como é provavelmente atravessado por tais sentidos de forma constitutiva, ainda que não haja marcas explicitadas na própria superfície linguística.

De tudo quanto precede, podemos acrescentar uma dobra, afirmando que tais movimentos discursivos da historicidade da Aids atravessaram inexoravelmente a burguesia. Desde o seu desenvolvimento, a formação ideológica (FI) dessa classe social se manteve próxima de outras já existentes, dentre as quais interessam sobretudo a cristã e a médico-científica⁶⁰, demarcando um espaço favorável para imbricações. No que tange especificamente à sexualidade, essa posição possibilitou a formulação de um discurso moral no interior das FDs burguesas⁶¹, nas quais *a saúde passou a ser entendida como sinal de virtude e a doença, como sinal de depravação do sujeito* (SONTAG, 1989), dando visibilidade ao entrelaçamento de saberes. Desse modo, perante a epidemia de HIV/Aids, os dizeres históricos do castigo-cristão e os discursos médico-científicos encontraram espaço

⁵⁹ Os católicos radicais eram aqueles que, segundo Mercier (2011), lamentavam-se à época acerca da dissolução da família e dos valores tidos como tradicionais.

⁶⁰ Richards (1993, p. 148) pontua um efeito de início para a relação entre a burguesia e o cristianismo: durante a Idade Média, os chamados frades mendicantes, pregadores ligados à igreja católica, “[...] fizeram campanhas sistemáticas nas cidades [europeias] para a implementação da moralidade cristã, e isto envolvia a denúncia do jogo, da bebida, da prostituição e da sodomia”, princípios que “[...] tornaram-se parte integrante da mentalidade burguesa emergente”. Do campo médico-científico, destaco sobretudo os sujeitos-médicos, que estabeleceram um dos meios de atravessamento do discurso científico nessa mesma classe social. Foi e é pela atuação como profissionais liberais que, nas palavras de Daumard (apud ARBORIO, 2004, p. 4, tradução minha), eles tiveram acesso às “[...] vantagens da sociedade burguesa”. Em um estudo focado na França da década de 1960, Baudelot, Establet e Malemort (1974, p. 256, tradução minha, grifos dos autores) incluem os sujeitos-médicos na chamada “*pequena burguesia comerciante de bens e serviços*”, que abrange “[...] os pequenos comerciantes a quem vêm juntar-se [...] a essência das profissões liberais”. Eles são, nessa perspectiva, aqueles que cobram dos pacientes pagamentos pelos cuidados que lhes são dedicados.

⁶¹ Dentre os estudos que analisam a moralidade burguesa acerca da sexualidade entre os séculos XV e XX, tive acesso àqueles de Matthews-Grieco (2008), Sohn (2011) e Foucault (2018). Como características centrais, eles ressaltam o pudor, a monogamia, a heterossexualidade estrita e o silenciamento em torno das práticas sexuais.

cativo de circulação nesse grupo, em batimentos com os saberes referentes à moralidade sexual.

O fato de a burguesia ocupar o Aparelho Repressor de Estado (ARE) em vários países desde a Revolução Francesa, no século XVIII, garantiu a dominância desse conjunto de efeitos na significação da Aids, posto que foram materializados em enunciados e ações governamentais, judiciárias e policiais. De uma perspectiva sociológica, Souza (1994a, p. 38) afirma que “os governos [de diferentes países] praticaram o terrorismo e incorporaram todos os preconceitos que a sociedade inspirava, decretando na maioria dos casos a morte civil dos portadores do vírus fatal”. Ao analisarem o contexto epidêmico brasileiro sob o prisma antropológico e sociológico, Daniel e Parker (1991, p. 22) lembram também que ações policiais em lugares onde sujeitos-homossexuais costumavam se encontrar ou que serviam de ponto de prostituição para travestis foram apresentadas como esforços das autoridades para a “prevenção da AIDS”. Diante desse cenário, Souza (1994b, p. 16) considera que a síndrome deu visibilidade ao “[...] ao modo como a nossa sociedade discrimina as pessoas, discrimina o homossexual, discrimina a relação sexual [...]” e, por meio disso, fez com que muitos sujeitos decidissem morrer “[...] na clandestinidade, sem lutar pelos seus direitos mais elementares”.

A mobilização e a atualização dos dizeres históricos do castigo cristão constituíram o principal meio pelo qual a memória discursiva *absorveu* (PÊCHEUX, 2015d) a epidemia de HIV/Aids, enquanto um evento a ser significado. Apesar de se tornar dominante, essa estrutura específica de já-ditos estabeleceu uma tensão contínua com outros sentidos, advindos da falha, do político e da equivocidade das práticas discursivas. Tal estrutura se manteve em alta circulação até 1996, quando a disponibilidade de novos tratamentos capazes de controlar permanentemente a reprodução do HIV no organismo forçou a incisão de um acontecimento discursivo. Conceituado por Pêcheux (2015b, p. 16) como o “[...] o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” que pode, em alusão a Achard, “desmanchar” uma dada “regularização” e produzir “[...] uma outra série sob[re] a primeira [...]” (PÊCHEUX, 2015d, p. 46), o acontecimento provocou uma desregularização dos sentidos do castigo cristão frente à Aids. Os tratamentos que surgiram, baseados em combinações entre inibidores de transcriptase reversa e inibidores de protease⁶², fizeram com que o diagnóstico

⁶² Soares (2001) explora o desenvolvimento das drogas anti-HIV desde o início da epidemia de HIV/Aids no Ocidente. A partir de 1987, os inibidores de transcriptase reversa, como a zidovudina (AZT), passaram a ser prescritos, sozinhos ou combinados, para interromper o ciclo de infecção do HIV no interior de células já invadidas nos organismos de sujeitos-soropositivos. Esses primeiros tratamentos costumavam melhorar as condições gerais de saúde apenas temporariamente, até que o vírus se tornasse resistente às substâncias e retomasse o processo de infecção sem impedimentos, levando à morte dos sujeitos. Em 1995, surgiram os inibidores de protease, “[...] uma nova classe de droga que iria revolucionar de forma dramática esse quadro”

para HIV ou Aids passasse a configurar uma condição crônica de saúde, não mais uma sentença de morte, abrindo um espaço maior para interpretações outras da epidemia. France (2017, p. 4-5, tradução minha) lembra que

os novos tratamentos alcançaram milhões de pessoas em todo o mundo, devolvendo-lhes a promessa de uma vida quase normal. Algumas estavam a apenas alguns suspiros de suas próprias mortes. Mas depois de algumas semanas em tratamento, elas se levantaram de seus leitos de hospital e, contra todas as expectativas razoáveis, foram para casa para retomar uma vida comum. Tão dramática foi a ressurreição delas que médicos estupefatos começaram a chamá-la de efeito Lázaro.

O acontecimento discursivo não interrompeu a circulação dos discursos relacionados ao castigo cristão, mas sobrepôs outros sentidos, o que explica a permanência de um grau de estigmatização sobre a epidemia e os sujeitos-soropositivos na atualidade. Como explica Indursky (2003, p. 107), “um acontecimento [...] rompe com a ordem do repetível instaurando um novo sentido, mas não consegue produzir o ‘esquecimento’ do sentido outro, que o precede”. A terapia antirretroviral altamente ativa possibilitou a emergência de uma rede de formulações que compôs uma nova estrutura, abrangendo efeitos relacionados a uma vida considerada normal e saudável, impraticáveis nos primeiros 15 anos da epidemia. Mais tarde, ela deu também sustentação ao discurso de que sujeitos-soropositivos que realizam o tratamento podem reduzir drasticamente a quantidade de HIV na corrente sanguínea, a ponto de não mais transmitirem-no a outros sujeitos por via sexual. Foi a mudança de *status* da infecção pelo HIV e da Aids, de doença mortal para doença crônica, que possibilitou uma ruptura com o modo que a epidemia significava e era significada de forma dominante. Conforme Indursky (2003, p. 119),

para que haja ruptura é preciso que haja antes estrutura, repetição. Não se trata aqui de pensar em um apagamento dos sentidos já-lá. Não se trata tampouco de optar pela estrutura ou pelo acontecimento. Ao contrário. Ambos têm o seu funcionamento próprio e distinto. Sem estrutura não há acontecimento e a ruptura não implica o apagamento da memória. Se houvesse apagamento, não haveria a possibilidade de construção de uma memória social. É a permanência dos já-sabidos que possibilita que sentidos outros ressoem, mesmo quando sentidos novos se fazem ouvir.

(SOARES, 2001, p. 70), com outra frente de atuação: impedir que as cópias que o HIV produzia se tornassem maduras o suficiente para infectar células saudáveis. Esses medicamentos foram logo combinados com os inibidores de transcriptase reversa, dando origem à chamada terapia antirretroviral altamente ativa, a partir da qual os sujeitos mantiveram bons índices de saúde, evitando a evolução clínica para a Aids. Desde então, os tratamentos prescritos agem de forma simultânea na interrupção tanto da infecção do HIV no interior das células, como da maturação de novas cópias do vírus.

Considerando o período de 1981 a 1996, a historicidade construída em torno da Aids nos ajuda a compreender a precariedade, como definida por Butler (2019a), imposta aos sujeitos-soropositivos. Se para alguns deles a distribuição desigual da condição precária já ocorria por pertencerem a grupos não passíveis de luto, a exemplo dos homossexuais masculinos, dos profissionais do sexo e dos toxicômanos⁶³, o diagnóstico positivo para HIV ou Aids intensificou de maneira dramática tal situação. Para outros que não viviam necessariamente nas mesmas condições, como os hemofílicos, os heterossexuais e os profissionais da saúde, a precariedade também se fez valer, pela estigmatização da epidemia e pela possibilidade de serem confundidos com os primeiros, párias sociais. Em ambos os casos, a distribuição desigual da condição precária se marcou tanto no silenciamento de muitos acerca da própria infecção, como nas consequências sociais às quais foram submetidos quando assumiram o lugar social de sujeitos-soropositivos ou quando sintomas característicos da síndrome lhes marcaram os corpos.

Embora os discursos atravessados pelos dizeres históricos do castigo cristão tenham circulado de forma dominante nos primeiros 15 anos de epidemia, isto não quer dizer que não tenha havido resistência, pois “não há dominação sem resistência [...]” (PÊCHEUX, 2014b, p. 281). Ela se constituiu internamente às FDs e aos AIEs ligados ao cristianismo e ao setor médico-científico, envolvendo nas primeiras os processos de *contra-identificação* e *desidentificação* e nas últimas as relações de *contradição-desigualdade-subordinação* (PÊCHEUX, 2014b). Houve ainda a resistência de sujeitos inscritos em outras tantas FDs, visibilizada principalmente nas relações de força que se marcaram de forma contínua nos embates do/no social. Pelo menos em parte, é possível afirmar que a resistência se amparou em leituras diferentes acerca da sexualidade, da síndrome e de determinados sujeitos, moldadas, por exemplo, a partir do desenvolvimento da sexologia, dos movimentos de contracultura e da luta por direitos civis. Essa frente contrária afetou invariavelmente o ARE

⁶³ A precariedade compartilhada por esses grupos antes da epidemia de HIV/Aids se ampara em diferentes fatores. Os sujeitos que deles fizeram parte eram, ou ainda são, diretamente relacionados a atitudes criminosas, imorais e/ou pecaminosas, via pela qual se tornaram não passíveis de luto nas formações sociais. Como exemplo, tomo os homossexuais masculinos, na medida em que foram os mais estigmatizados perante o surgimento e a disseminação do HIV. Além de entrelaçada ao pecado da sodomia, a homossexualidade foi considerada um crime e uma doença em diferentes países ocidentais até poucas décadas atrás. No primeiro caso, motivou a prisão de vários sujeitos, como relata France (2017); no segundo, justificou tratamentos agressivos, constando no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), até 1973 e 1990, respectivamente (DRESCHER, 2015; GUIMARÃES, 2009). Essas condições de produção contribuíram para a constituição de um imaginário acerca dos homossexuais atravessado pela imoralidade, com base em parâmetros propriamente burgueses. Nas palavras de Ferrari Soares (2019, p. 98), “crime, pecado e doença foram usados para significar o homossexual e fazem sentido a partir da inscrição em uma determinada formação discursiva. [...] Tudo o que se diz hoje ou se sabe sobre os homossexuais faz parte de um processo histórico e discursivo construído, principalmente, nos dois últimos séculos [XIX e XX]”.

burguês, fomentando desestabilizações sob a aparente estabilidade do poder de Estado. É nela que se encontra, em vários países, o grupo de ativismo social ACT UP.

3.1 Nasce a ACT UP (Paris)

Por ser induzida socialmente, sobretudo a partir do Aparelho Repressor de Estado (ARE), a precariedade faz com que sujeitos ou grupos cujas vidas não são consideradas passíveis de luto experimentem uma “morte lenta”, “uma noção danificada do tempo” ou “uma exposição não administrável à perda, ao prejuízo e à indignidade arbitrários” (BUTLER, 2019a, p. 78). Sentindo na pele essa situação, sujeitos-soropositivos se organizaram em associações de ativismo social, sobretudo nos primeiros 15 anos da epidemia de HIV/Aids, para forçar uma ordem mais igualitária, na qual as suas vidas seriam protegidas da mesma forma que tantas outras. Com recorrência, sujeitos-soronegativos, afetados em alguma medida pelo cenário epidemiológico, também se juntaram a esses grupos, projetando-se/sendo projetados publicamente como soropositivos. Nessas frentes de resistência, todos eles, feitos sujeitos-ativistas, tornaram-se *sujeitos políticos* materializados em *corpolíticos* nos momentos em que se fizeram vistos e ouvidos quando e onde não deveriam, *repartilhando o sensível* ainda que apenas temporariamente – um gesto de interpretação que entrelaça, no âmbito da AD, o pensamento de Rancière (2009; 2018) e a formulação que proponho de *corpolítico*.

A precariedade estabeleceu, portanto, as condições de produção necessárias para o surgimento dessas associações em diferentes países ocidentais. Com base no panorama realizado por France (2017) sobre essa mobilização nos Estados Unidos, destaco primeiramente fragmentos da atuação de três delas: a People With AIDS San Francisco, que organizou a National Association of People With AIDS; a Gay and Lesbian Alliance Against Defamation (Glaad), na qual dissidências de membros deram origem à Lavender Hill Mob; e a ACT UP, que chegou a somar 148 unidades em 19 países, incluindo a parisiense retratada no filme *120 Batimentos Por Minuto* (2017). O meu interesse reside sobretudo nas ações empreendidas por essas associações, pois delimitam *rituais ideológicos* (ALTHUSSER, 2008) e *de linguagem* (LARA PIMENTEL, 2010) que apontam para a emersão de sujeitos políticos e *corpolíticos* frente à precariedade imposta. Outros grupos também tiveram importância inegável no auxílio a sujeitos-soropositivos, a partir de abordagens distintas – a Gay Men’s Health Crisis (GHMC) investiu, por exemplo, na oferta de cuidadores em domicílio, na disponibilização de advogados e nas visitas àqueles internados em hospitais.

As associações elencadas surgiram durante os dois governos do presidente republicano Ronald Reagan, entre 1981 e 1989. Conforme France (2017), ele jamais mencionou o acrônimo Aids em público durante o primeiro e o início do segundo mandato. Somente em 1985, depois de o ator Rock Hudson (1925-1985) anunciar que estava com Aids, Reagan reconheceu a gravidade da epidemia e comentou brevemente sobre investimentos em pesquisa em uma coletiva regular de imprensa. Embora fosse homossexual, Hudson manteve a sua orientação em segredo ao longo da vida, sendo comumente tomado como um sujeito-heterossexual, a exemplo dos personagens que interpretou. O filantropo Wallis Annenberg (apud FRANCE, 2017, p. 191, tradução minha) disse à época que o ator, um sujeito cuja vida era considerada de máxima importância, merecia “[...] o prêmio da Academia [Oscar], porque sua doença tornou a AIDS respeitável”. O diagnóstico dele e as declarações do presidente, contudo, pouco ou nada mudaram quanto à distribuição desigual da condição precária aos outros sujeitos afetados no país. Isto porque, além do modo como a epidemia significava e era significada socialmente, o longo silenciamento de Reagan já havia produzido efeitos duradouros relacionados ao descaso, ao desprezo e à omissão, de forma semelhante à que Bienvault (2018) observa nos governos de François Mitterrand na França.

A People With AIDS San Francisco foi criada durante o primeiro governo de Reagan, em 1982. Ao encarar a epidemia de forma sobretudo política, a associação recusava termos como “paciente de AIDS” ou “vítima da AIDS” (FRANCE, 2017, p. 107-108, tradução minha), por entender que inferiorizavam os sujeitos com diagnósticos positivos. Em maio de 1983, o grupo organizou uma passeata à luz de velas pela Market Street, uma das principais vias de São Francisco, a fim de *discursivizar o político* (INDURSKY, 2019) acerca da Aids. Essa foi uma das primeiras ações do país em que sujeitos-soropositivos e negativos assumiram forçosa e publicamente o lugar social de infectados, apesar dos riscos que corriam, para denunciar a precariedade. As vozes de todos foram canalizadas por um *banner* e pelo porta-voz do grupo, Bobbi Campbell, produzindo um efeito de homogeneidade: o primeiro trouxe impresso, à frente da marcha, o enunciado “LUTANDO POR NOSSAS VIDAS”; e o segundo realizou um “discurso poderoso” (FRANCE, 2017, p. 108, tradução minha) sobre a manutenção da esperança. Como tomaram a palavra e se fizeram vistos para confrontar o discurso dominante, esses sujeitos-ativistas se configuraram inevitavelmente sujeitos políticos materializados em *corpóliticos*, repartilhando o sensível durante o ato.

Em junho de 1983, ao participar, em Denver, de uma conferência voltada a profissionais de saúde homossexuais, o porta-voz da People With AIDS San Francisco propôs a criação de uma rede de associações que atuavam em prol dos sujeitos-soropositivos, sob o

nome de National Association of People With AIDS. Com a concordância dos membros de outros grupos também presentes, a rede foi criada e o conselho administrativo, eleito. Eles redigiram um manifesto, conhecido como “Os Princípios de Denver”, que estabeleceu recomendações para “todas as pessoas” e para as “pessoas com AIDS” (FRANCE, 2017, p. 109, traduções minhas), assim como os direitos destas últimas. Dentre os 11 tópicos do documento, saliento aqueles que buscavam legitimar o *logos* (RANCIÈRE, 2018) a sujeitos-soropositivos e aqueles que confrontavam a precariedade a eles imposta. Dois exemplos: a reivindicação de que fossem incluídos “[...] em todos os fóruns de AIDS com a mesma credibilidade que outros participantes, para compartilhar suas próprias experiências e conhecimentos” (FRANCE, 2017, p. 109, tradução minha) e a de que dispusessem de “[...] tratamento médico e de prestação de serviços sociais de qualidade sem discriminação de qualquer forma, incluindo orientação sexual, gênero, diagnóstico, status econômico ou raça” (FRANCE, 2017, p. 110, tradução minha).

Os Princípios de Denver intensificaram as relações de força no social, já que atravessaram o discurso de associações existentes e daquelas que seriam criadas nos anos seguintes. As exigências de que fossem ouvidos e de que as vidas dos sujeitos-soropositivos fossem protegidas levaram sobretudo alguns grupos futuros a realizar ações públicas contundentes, angariando uma visibilidade gradual na imprensa dos Estados Unidos⁶⁴. A escalada da *revolta*, entendida como uma faceta da *resistência* constitutiva do sujeito (PÊCHEUX, 1990; 2014b), deu-se na mesma medida em que a distribuição da condição precária se mantinha praticamente incólume. Para mencionar alguns exemplos, em 1985, mesmo ano do “caso Hudson”, policiais de determinadas cidades encaminhavam sujeitos-homossexuais de forma coercitiva para realizar testes sorológicos em hospitais; autoridades do estado da Flórida deportavam sujeitos-soropositivos para São Francisco independentemente do custo ao erário; e o diretor municipal de Saúde de San Antonio enviou cartas aos moradores diagnosticados com Aids, nas quais constavam uma ameaça de dez anos de prisão, caso tivessem relações sexuais protegidas ou não (FRANCE, 2017).

A associação Gay and Lesbian Alliance Against Defamation (Glaad) foi criada em Nova York, em novembro de 1985, com uma abordagem mais ofensiva. Em meio à hostilização social aos sujeitos-homossexuais em virtude da epidemia de HIV/Aids, os membros do grupo estabeleceram uma missão mais ampla, por meio da qual “[...]”

⁶⁴ Os Princípios de Denver também subsidiaram discursivamente a atuação de associações fora dos Estados Unidos. Em 1994, por exemplo, a ACT UP Paris considerou que a iniciativa “representou o ato de nascença do ativismo [acerca da] aids” e que “descreveu o programa de ativismo [...] para os anos seguintes” (apud BROQUA; JAUFFRET-ROUSTIDE, 2004, p. 476, tradução minha).

assegurariam justiça e tratamento justo para lésbicas e gays e responderiam sempre que inverdades sobre a vida deles fossem disseminadas” (FRANCE, 2017, p. 201, tradução minha). A Glaad ganhou visibilidade principalmente por conta de uma comissão interna, a Swift & Terrible Retribution Committee, responsável pela realização dos chamados *zaps*, protestos de caráter fortemente imperativo, organizados em reação a um evento ou para denunciar um problema específico, incluindo invasões a escritórios; imposições de barreiras à circulação pública; e ações teatralizadas em ruas e avenidas, como definem Broqua e Fillieule (2006) e France (2017). Em um deles, os integrantes da comissão realizaram um *sit-in*⁶⁵ no escritório do senador republicano Alfonse D’Amato, para exigir mais recursos às políticas de controle da epidemia. Esses atos, que também forçavam a escuta e a visibilidade de sujeitos a partir do lugar social de soropositivos, só podiam se sustentar na imbricação constitutiva entre *sujeitos políticos* e *corpolíticos* frente à *ordem policial* (RANCIÈRE, 2018).

Em meados de 1986, o Swift & Terrible Retribution Committee rompeu com a Glaad e criou uma nova associação, a Lavender Hill Mob, comprometida com ações contundentes em defesa dos sujeitos-soropositivos. Os poucos registros bibliográficos que mencionam essa dissidência e os motivos que a ocasionaram apontam para uma forte tensão derivada da heterogeneidade discursiva interna, na qual se marca, de forma inexorável, o político dos corpos, tal como formulado na seção anterior desta tese. Em uma entrevista reproduzida pelo site da ACT UP Nova York, por exemplo, a ex-ativista desta última Maxine Wolfe afirma que o diretor do Swift & Terrible Retribution Committee, Marty Robinson, saiu da Glaad “[...] porque a organização havia se tornado muito mais focada em não realizar reuniões públicas e em não querer fazer grandes ações” e que “ele se sentia totalmente estrangulado pela agenda da GLAAD” (SOMMELLA, 1997, online, tradução minha).

Os *zaps* continuaram com a Lavender Hill Mob. Em novembro de 1986, dez dos seus integrantes realizaram novamente um *sit-in* no escritório do senador Alfonse D’Amato, para entregar a ele um mandado de prisão falso sob a acusação de mortes em massa por indiferença à epidemia de HIV/Aids. Depois, entraram na Nova Escola de Pesquisa Social, onde ocorria um fórum sobre o *The New York Times*, com o objetivo de confrontar representantes da publicação. Além da cobertura jornalística relativa à epidemia, os sujeitos-ativistas estavam indignados com o editorial que recomendava aos leitores não ceder ao pânico em torno da Aids, visto que “a vasta maioria das vítimas [...] continuava a ser os homossexuais masculinos

⁶⁵ Conforme o Cambridge Dictionary (2022), o *sit-in* é uma forma de protesto que ocorre quando um grupo de pessoas ocupa um prédio público, recusando-se a sair dele ou impedindo a realização das atividades internas até que as suas reivindicações sejam atendidas. A observação dessas manifestações, contudo, demonstra que tais grupos nem sempre se restringem aos prédios públicos, abarcando também os privados.

e os viciados em drogas intravenosas” (DON’T..., 1986, online, tradução minha). Das laterais e do fundo da sala onde ocorria o fórum, eles enfrentaram um editor que compunha a mesa, às vezes aos gritos, repreendendo a postura e exigindo uma retratação do jornal, atos que, ao discursivizarem o político, tensionaram os limites do sensível.

A ACT UP, sigla para Aids Coalition to Unleash Power, foi criada em 1987, também em Nova York. A associação, como aponta France (2017), foi articulada dentro da comunidade homossexual e mobilizou sujeitos de diferentes gêneros, orientações sexuais e sorologias para HIV, dentre os quais a maioria era jovem, privilegiada e movida por um alto nível de indignação. Divididos em comissões internas, eles investiram na “desobediência civil” (FRANCE, 2017, p. 318, tradução minha)⁶⁶, incluindo protestos que configuraram *práticas políticas* (RANCIÈRE, 2018) frente ao ARE e a diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), a fim de tentar garantir assistências farmacológica, médica e social aos sujeitos-soropositivos, além de campanhas de prevenção eficientes⁶⁷. Ao longo dos anos, o grupo teve reivindicações atendidas, como a legitimação do *logos* em meios científicos e governamentais; a aceleração do processo de aprovação de medicamentos pelos órgãos reguladores; e a redução do preço da zidovudina (AZT), o primeiro inibidor de transcriptase reversa utilizado para controlar a infecção pelo HIV. Com a visibilidade social que angariou, o grupo logo se multiplicou em várias unidades pelos Estados Unidos e outros países.

As ações de impacto constituíram um *moto* da associação, salientando a revolta como forma de resistência e o jogo discursivo que envolve o termo ACT UP: além de sigla de identificação, funciona como o verbo “agir” no modo imperativo da língua inglesa. Até 1990, os sujeitos-ativistas protestaram de diferentes formas contra a precariedade em lugares públicos e privados, dentre os quais a Catedral de St. Patrick e a Wall Street, ambas em Nova York; a sede da Burroughs Wellcome, responsável pela produção do AZT, na Carolina do Norte; e os prédios da Agência de Alimentos e Drogas (FDA) e dos Institutos Nacionais de Saúde (NIH), responsáveis pela regulação de remédios, em Maryland. Eles também adentraram em locais onde ocorriam palestras, reuniões ou encontros entre autoridades

⁶⁶ France (2017) não explicita o modo como entende a desobediência civil. Por isso, em meu gesto de interpretação, tomo-a a partir de Gros (2018, p. 144), como um movimento de contestação coletivo, no qual podemos incluir “[...] atos de desobediência concertada, em nome de uma sociedade mais justa e mais igualitária, em nome de um mundo fraternal, respeitoso”. Compreendo que tal definição contempla a leitura que France (2017) faz da ACT UP, bem como a imbricação que realizo dos conceitos de precariedade, em Butler (2019a), e política, sujeito político e partilha do sensível, em Rancière (2009; 2018), perante o discurso dos (corpos dos) sujeitos-ativistas da ACT UP Paris em *120 Batimentos Por Minuto*.

⁶⁷ Os protestos eram de diferentes tipos. Broqua e Fillicule (2006) mencionam três deles: as manifestações de rua, que reuniam normalmente uma quantidade expressiva de sujeitos-ativistas; os piquetes, que ocorriam com regularidade em um mesmo lugar, como forma de pressionar determinados agentes sociais, mobilizando menos participantes; e os *zaps*, que seguiam a mesma abordagem observada na Glaad e na Lavender Hill Mob.

científicas e governamentais para discursivizar o político e, quando era o caso, pressionar por determinadas deliberações relativas à epidemia. Nessas situações, além de ocuparem ou se projetarem/serem projetados do lugar social de sujeitos-soropositivos, eles tomavam para si uma parte do sensível à revelia da ordem policial, estirando as relações de força a um limite que, por vezes, resultava na prisão de vários deles. Seus corpos se faziam vistos e escutados primeiro pelos sujeitos que se encontravam nesses locais e, depois, por muitos outros, quando as manifestações eram postas em circulação pelo discurso jornalístico.

Como exemplificação, remeto às ações da ACT UP no 5º Congresso Internacional de Aids, realizado em Montreal, no Canadá, em junho de 1989. Esse evento foi considerado o maior até então com enfoque na epidemia, reunindo 12 mil sujeitos-pesquisadores e 5.302 estudos de diferentes países. Os integrantes da associação chegaram em três ônibus, com o objetivo de realizar um “ataque frontal total ao estabelecimento da pesquisa/regulamentação”, nas palavras de um dos integrantes, Jim Eigo (apud FRANCE, 2017, p. 367, tradução minha). Juntamente de outros grupos de ativismo que lá estavam, como o Réaction SIDA e o AIDS Action Now, ambos canadenses, eles assumiram microfones, interromperam apresentações e se engajaram em confrontos diretos, marcando a divisão dos sentidos em um espaço no qual não gozavam da legitimidade do *logos*. Conforme France (2017), participantes do evento se sentiram aflitos perante a raiva expressa pelos sujeitos-ativistas – raiva enquanto efeito produzido não só pelas vozes emitidas, mas também pelos corpos que lhes davam suporte, durante as situações supracitadas.

Destaco um momento específico dentre as práticas políticas que ali se configuraram. Desrespeitando a organização e a programação do congresso, a comissão interna da ACT UP chamada Treatment + Data (T+D), focada em questões relativas às terapias e às informações acerca da Aids, convocou os presentes para a apresentação de um estudo que havia desenvolvido, o *National AIDS treatment research agenda* (ACT UP, 1989). Em um estrado improvisado com microfones, membros da comissão falaram a respeito do conteúdo do documento, que trazia uma lista de medicamentos considerados promissores para sujeitos-soropositivos, bem como críticas e propostas aos processos de testagem e regulamentação de remédios nos Estados Unidos. Dito de outra forma, a associação tomou a palavra em um evento internacional para divulgar o estudo no qual questionava o modo como a epidemia era gerenciada no próprio país, em um movimento pontuado pelo efeito de homogeneidade e pela emersão de sujeitos políticos materializados em *corpolíticos*. Em um determinado momento, do estrado improvisado, o sujeito-ativista Peter Staley (apud FRANCE, 2017, p. 369, tradução minha) afirmou:

As razões pelas quais não consigo obter nenhum desses medicamentos [considerados promissores] são porque há nove anos a liderança do [meu] país [primeiro Ronald Reagan e, naquele momento, George H. W. Bush] não conseguiu elaborar um plano de ação. Eles não conseguiram elaborar um plano de pesquisa, uma agenda nacional de pesquisa. As pessoas com AIDS e seus defensores finalmente fizeram isso por eles. É isso.

De acordo com France (2017), a fala dos sujeitos-ativistas foi acompanhada por alguns participantes e 400 cópias do estudo foram disponibilizadas no congresso. Somada ao *continuum* de ações realizadas desde 1987, a discursivização do político aos olhos do mundo em Montreal intensificou a tal ponto as relações de força entre a ACT UP e o governo dos Estados Unidos que uma repartilha do sensível um pouco mais perene começou a se delinear no horizonte. Ainda em 1989, um grupo de trabalho foi criado nos NIH para colocar sujeitos-ativistas da T+D em diálogo direto com sujeitos-pesquisadores do governo, a fim de que pudessem discutir os tópicos constantes no estudo apresentado. Em 1990, depois de pedidos negados, a T+D começou a participar, também nos NIH, dos encontros da AIDS Clinical Trials Group (ACTG), com outros sujeitos-pesquisadores, sobre o planejamento e a execução de testes com novos medicamentos para controlar a epidemia. Neste último caso, o receio de que os sujeitos-ativistas acabassem por afastar empresas farmacêuticas e levassem o programa à falência baseou a negação dos primeiros pedidos de participação.

Se a homogeneidade se marcava durante as ações externas empreendidas pelos sujeitos-ativistas, a heterogeneidade discursiva e, por conseguinte, o político dos corpos se tornaram cada vez mais intensos dentro da ACT UP, a partir de 1990. France (2017) pontua sobretudo os embates entre duas comissões: a T+D, que gozava de maior visibilidade interna e externa, e a Women's Caucus, concentrada no avanço da epidemia entre mulheres. Esta não aceitava que assuntos relativos aos tratamentos de sujeitos-soropositivos femininos fossem abordados pela T+D em reuniões com o governo, reivindicando para si tal responsabilidade. Como a outra comissão não concordava, as reuniões semanais que abordaram o assunto foram permeadas por “brigas desagradáveis” (FRANCE, 2017, p. 441, tradução minha), ressaltando as relações de força que atravessavam a associação. As discordâncias alcançaram tamanho acirramento que sujeitos-ativistas começaram a relatar o recebimento de ameaças, algumas das quais registradas no aparelho policial. Com essa e outras divisões que ocorriam paralelamente, as dissidências se tornaram inevitáveis na ACT UP. Em 1991, por exemplo, integrantes da T+D se desligaram dela para fundar um outro grupo de ativismo, denominado Treatment Action Group (TAG). Na leitura de France (2017, p. 449, tradução minha),

“embora [a ACT UP] continuasse se reunindo regularmente e realizando algumas ações espetaculares de protesto, ela perdeu sua forte tração na comunidade científica [...]”.

Assim como nos Estados Unidos, associações de ativismo social foram criadas na França para fazer frente à precariedade imposta aos sujeitos-soropositivos. De acordo com outro panorama, realizado por Broqua e Fillieule (2006), elas começaram a surgir em 1983, quando o país ainda tinha poucos diagnosticados com HIV ou Aids. Dentre os grupos formalizados até meados da década de 1990 estão a ACT UP Paris, Aides, Aparts, Arcat-Sida, Positifs, Solidarité Plus e Vaincre le Sida (VLS). Apesar de estarem entrelaçadas a uma mesma situação sócio-histórica-ideológica, as reivindicações e as abordagens delas diferiam em mais ou menos aspectos. Segundo os autores, as duas que mais angariaram visibilidade pública foram a ACT UP Paris e a Aides, o que ajuda a compreender por que, em *120 Batimentos Por Minuto*, são elas as mais retratadas/mencionadas. Devido a essa notoriedade no social que se reoperacionaliza no material de análise, opto por discorrer e trazer fragmentos da atuação de ambas, cujos perfis eram distintos no que diz respeito às práticas políticas.

A Aides foi criada primeiro, em dezembro de 1984, na capital francesa, pelo sociólogo Daniel Defert, após a morte do seu companheiro, Michel Foucault, em decorrência da Aids⁶⁸. Conforme Broqua e Fillieule (2006), a associação, heterogênea em sua composição, evitava qualquer identificação com a comunidade homossexual, que liderava a quantidade de casos positivos da síndrome no país, definindo os próprios objetivos em torno de todos aqueles afetados pela epidemia direta ou indiretamente. Com uma organização que dividia os sujeitos-ativistas em assalariados ou voluntários, ela enfocava, em termos de rituais, o auxílio aos usuários, como eram denominados os sujeitos-soropositivos e seus próximos, bem como ações de prevenção ao HIV, em vez de protestos⁶⁹. Com essa abordagem, o grupo se expandiu geograficamente, com a criação de unidades regionais sobretudo em 1987 e 1988, posicionando-se na liderança do ativismo relacionado à Aids na França “[...] até o início dos anos 90 pelo menos [...]” (BROQUA; FILLIEULE, 2006, p. 337, tradução minha).

Devido a tais características, as possibilidades de configuração de sujeitos políticos materializados em corpolíticos eram minimizadas na Aides, na comparação com as associações que investiam em protestos. Ao longo dos anos, as cisões internas, marcas da

⁶⁸ Guibert, autor da maioria das epígrafes desta tese, tinha uma relação próxima com Foucault. Em *Para o amigo que não me salvou a vida*, Guibert (1995a) traz Foucault como um personagem, sob o pseudônimo de Muzil, e aborda, dentre outros aspectos, as circunstâncias da morte dele.

⁶⁹ Ainda que não fosse um dos objetivos, a Aides organizou manifestações eventualmente. Broqua e Fillieule (2006, p. 387, traduções minhas) mencionam a “Marcha pela vida”, em 1994, e outra, de caráter interassociativo, com o tema “Aids: o terceiro septênio vai começar”, em 1995.

heterogeneidade discursiva, da divisão dos sentidos e do político dos corpos, atravessaram também diferentes momentos. Segundo Broqua e Fillieule (2006), houve tensões a respeito das ações a serem realizadas, da profissionalização dos serviços ofertados e das diferenças entre voluntários e assalariados e, principalmente, entre voluntários e usuários – estes dois últimos compartilhavam por vezes de semelhanças que impediam um distanciamento considerado ideal, como quando ambos eram sujeitos-soropositivos. Essas e outras divergências provocaram dissidências no grupo, como as dos cofundadores Frédéric Edelman e Jean-Florian Mettetal, jornalista e médico, respectivamente, em 1987. Tais problemas subsidiaram, também, a aposentadoria do fundador, Defert, em novembro de 1991. Broqua e Fillieule (2006, p. 383, grifo dos autores, tradução minha) explicam que,

[...] quando está prestes a deixar a presidência da Aides Fédération, Daniel Defert justifica a escolha de sua saída por três motivos: um estado de “*burnout*” (ou esgotamento psicológico), a necessidade de uma evolução para a associação, e o fato de ser HIV negativo e de que sua legitimidade não é mais completa desse ponto de vista.

A ACT UP Paris, por sua vez, surgiu em 1989, quando a Aides já se encontrava consolidada. Criada pelos jornalistas Didier Lestrade, Luc Coulavin e Pascal Loubet, a associação marcou, desde o princípio, a sua relação como a comunidade homossexual, sem, no entanto, restringir-se a ela. Broqua e Fillieule (2006) pontuam que a estrutura, o funcionamento e as formas de ação do grupo seguiram o modelo da matriz nova-iorquina, sobretudo nos primeiros anos de atividade, aqueles retratados em *120 Batimentos Por Minuto*. Os rituais de protesto tinham como alvos principais o governo, representante do ARE, e outros agentes públicos e privados envolvidos na gestão da epidemia, como os hospitais, os laboratórios farmacêuticos e as companhias de seguros, representantes de diferentes AIEs. A associação se destacou como uma nova geração do ativismo social relacionado à Aids na França, por focar as práticas políticas mais do que a abordagem assistencial a sujeitos-soropositivos, como fazia a Aides. Ela trabalhou para que os sujeitos-soropositivos existissem “[...] como grupo com interesses e representantes próprios” (BROQUA; FILLIEULE, 2006, p. 381, tradução minha), implicando a busca pela legitimidade do *logos* na formação social.

O desenvolvimento e a popularidade da ACT UP Paris se deram rapidamente. Broqua e Fillieule (2006) afirmam que ela ocupou a liderança do ativismo francês relacionado à Aids já nos primeiros anos da década de 1990, mantendo uma concorrência acirrada com a Aides. As marcas que indicavam essa dominância estavam na influência política, na capacidade de interpelação de sujeitos-ativistas e nos protestos de apelo midiático, que incluíam

manifestações de rua, piquetes e *zaps*. Se, no início de suas atividades, “[...] as ações públicas [...] serviam principalmente para ilustrar artigos ou reportagens sobre a aids [...]” na imprensa, a visibilidade foi ampliada pouco tempo depois, quando “[...] começa[ra]m a aparecer reportagens sobre a Act Up, seus militantes, seu funcionamento, etc., tanto nos jornais como na televisão” (BROQUA; FILLIEULE, 2006, p. 386-387, tradução minha). As ações do grupo perante o escândalo do sangue contaminado⁷⁰ contribuíram para essa proeminência, ao mesmo tempo em que provocou desentendimentos internos, já que, para alguns sujeitos-ativistas, reforçavam a distinção entre “vítimas culpadas” e “vítimas inocentes” (JEOLÁS, 2007, p. 57). Essa foi uma das diferenças que expuseram o *político* do discurso (ORLANDI, 1996) e, conseqüentemente, o político dos corpos entre os integrantes.

Dentre os protestos da ACT UP Paris, destaco aquele que ocorreu em novembro de 1991, durante a Missa de Todos os Santos, na Catedral Notre-Dame de Paris. Conforme o site da associação (ACT-UP PARIS..., 1999), os sujeitos-ativistas foram ao local para se manifestarem contra o AIE católico, uma vez que se opunha ao uso de preservativos sexuais, devido à sua função contraceptiva, mesmo diante da epidemia de HIV/Aids. As materialidades imagéticas de uma reportagem da emissora televisiva Antenne 2 (MANIF..., 1991) ajudam a compreender aspectos discursivos desse protesto. Na parte interna da igreja, a ação se configurou como um *zap*: durante a celebração, sujeitos-ativistas se levantaram de diferentes bancos para gritar as palavras de ordem “L’église l’interdit, la capote c’est la vie” (“A igreja interdita, a camisinha é a vida”, tradução minha) e para abrir uma faixa retangular rosa com a logomarca do grupo em preto, cores integrantes de sua identidade visual (imagem 9). Ao tomarem a palavra e se fazerem vistos durante o ritual católico para discursivizar o político a respeito dos preservativos, eles compuseram um movimento no qual se configuraram como sujeitos políticos materializados em *corpópolíticos*. Se o AIE católico significava o uso da camisinha como pecado, os sujeitos-ativistas, enunciando ou se projetando/sendo projetados do lugar social de sujeitos-soropositivos, forçaram a circulação de sentidos outros, equiparando o recurso à vida, posto que previne a transmissão sexual do HIV. A ação, revestida do efeito de homogeneidade, só foi interrompida com a intervenção da equipe de segurança.

⁷⁰ De acordo com Chauveau (2011), o caso do sangue contaminado foi uma crise sanitária que ocorreu na França em 1991, quando centenas de sujeitos foram infectados pelos vírus da Aids e da hepatite C durante transfusões de sangue e de derivados sanguíneos. Com repercussão nacional, autoridades públicas e responsáveis pelos estabelecimentos que realizavam esses procedimentos foram acusados de negligência.

Imagem 9 – Protesto da ACT UP Paris dentro da Catedral Notre-Dame de Paris



Sujeitos-ativistas abrem uma faixa com o logotipo da associação no interior da igreja, durante a Missa de Todos os Santos. Fonte: *Manif Act up à Notre Dame de Paris* (1991).

Do lado de fora da catedral, sujeitos-ativistas realizaram também uma manifestação de rua. Ainda com base nas imagens veiculadas pela Antenne 2 (MANIF..., 1991), eles entoaram as mesmas palavras de ordem, soaram apitos e buzinas em diferentes momentos e exibiram uma longa faixa e quatro cartazes, mantendo o efeito de homogeneidade (imagem 10). A faixa era rosa e retangular, contendo o seguinte enunciado em letras pretas: “SIDA: 750 000 MORTS. L’EGLISE EN VEUT ENCORE” (“AIDS: 750 000 MORTOS. A IGREJA QUER MAIS”, tradução minha). Os cartazes trouxeram impressos dizeres, no formato de equações linguísticas, dirigidos a aparelhos de Estado e aos próprios sujeitos-ativistas. Em um deles, com formato de cruz na cor branca, lia-se em preto: “SILENCE = MORT” (“SILÊNCIO = MORTE”, tradução minha); os outros três, retangulares, traziam, sobre um fundo preto, um dos símbolos da associação – o triângulo rosa – e um enunciado em branco – “SILENCE = MORT”, “COLÈRE = ACTION” (“RAIVA = AÇÃO”, tradução minha) ou “ACTION = VIE” (“AÇÃO = VIDA”, tradução minha).

Imagem 10 – Protesto da ACT UP Paris fora da Catedral Notre-Dame de Paris



Uma longa faixa e quatro tipos de cartazes são exibidos pelos sujeitos-ativistas durante a manifestação do lado externo da igreja. Fonte: *Manif Act up à Notre Dame de Paris* (1991).

Todos esses elementos foram congregados em um movimento discursivo no qual os membros da ACT UP Paris se fizeram igualmente sujeitos políticos materializados em *corpolíticos*. Com as palavras de ordem e a faixa exposta, eles discursivizaram o político a respeito do preservativo e do AIE católico, atribuindo, no caso deste último, sentidos pouco cristãos, que vão da indiferença ao desejo de morte do outro. No que tange aos cartazes, os processos de significação se desdobraram para direções além. Ao igualarem o silêncio à morte (“SILENCE = MORT”), eles reforçaram a interpretação de que o silenciamento dos sujeitos provocava mortes por Aids. O silenciamento, no sentido de *pôr em silêncio*, que relaciona *o não dizer à história e à ideologia* (ORLANDI, 2007), era articulado tanto por autoridades, que evitavam falar em público sobre a epidemia, a exemplo de François Mitterrand (BIENVAULT, 2018), como por sujeitos-soropositivos, que escondiam o próprio diagnóstico frente aos riscos que corriam no social (POLLAK, 1990), impossibilitando uma mobilização que talvez pudesse frear o avanço dos óbitos. O formato de cruz de um dos cartazes deu suporte a essa leitura, porque, como símbolo caro aos saberes cristãos, remete aos sentidos de *martírio, sofrimento, suplicio e morte* (GEIGER, 2011). Ao equiparar a raiva à ação (“COLÈRE = ACTION”) e a ação à vida (“ACTION = VIE”), o grupo chamou a atenção para

si, marcando a resistência à precariedade que se desdobrava em revoltas para reivindicar vidas que valessem a pena ser vividas, vidas que fossem verdadeiramente passíveis de luto.

Levando em conta as condições de produção do início da década de 1990 na França, a ACT UP Paris obteve, por meio de tais ações, uma notoriedade pública inédita, na comparação com outras associações, a exemplo da Aides. O enfoque na revolta, na repartilha do sensível e na discursivização do político, meios deflagradores de *desentendimentos* (RANCIÈRE, 2018) e de *zonas de intercompreensão constitutiva* (INDURSKY, 2019), deslocou o grupo para a posição-sujeito dominante na formação discursiva (FD) por mim denominada de “Ativismo Social Relacionado à Aids”. Dessa forma, a ACT UP Paris, alinhada a uma rede internacional, passou a organizar os saberes da forma-sujeito dessa FD, a do “Ativista Social Relacionado à Aids”, em meio às tensões que se marcavam continuamente no âmbito interno e na relação com outras associações. A produção de um longa-metragem como *120 Batimentos Por Minuto*, posto em circulação 28 anos após a fundação do grupo, configura em si um desdobramento e um meio de atualização dessa popularidade.

Dentre todas as associações mencionadas, permanecem em operação a ACT UP, a Glaad e a TAG, nos Estados Unidos, e a ACT UP Paris, a Aides e a Arcat, antiga Arcat-Sida, na França. A atuação social delas mudou, em maior ou menor medida, a partir de meados da década de 1990, quando a infecção pelo HIV e a Aids passaram a ser vistas como doença crônica, em função dos tratamentos desenvolvidos e disponibilizados. O novo estatuto da enfermidade, que provocou um acontecimento discursivo, como observo em meu gesto de interpretação, afetou o *modus operandi* desses grupos, já que a epidemia deixou de ser tão temida. No que tange à ACT UP Paris, os objetivos abrangem atualmente a divulgação de informações sobre a Aids em encontros abertos; a mobilização pública em torno da prevenção por meio de intervenções e do periódico *Réactup*; a exigência de mudanças na gestão da epidemia a diferentes atores sociais nela envolvidos; e o apoio e acompanhamento de pessoas vivendo com HIV ou Aids⁷¹ na França. Protestos também são realizados para denunciar a precariedade imposta aos sujeitos-soropositivos, em datas como o Dia Mundial de Luta Contra a Aids, e também em apoio a outras pautas concernentes, sobretudo, à população LGBTQIA+.

⁷¹ Esses objetivos constam em uma seção específica do site oficial da ACT UP Paris, denominada “Nos Actions”. Disponível em: <https://www.actupparis.org/nos-actions>. Acesso em: 30 abr. 2022.

3.2 A (discursivização da) resistência no cinema

A resistência e a revolta aos discursos que se fizeram dominantes acerca da epidemia de HIV/Aids entre 1981 e 1996 não se restringiram às associações de ativismo social. Outras instituições e sujeitos levantaram e ainda levantam frentes de oposição aos sentidos que os compõem, dando visibilidade ao *político* (ORLANDI, 1996) que atravessa a simbolização de tal condição de saúde nas formações sociais do Ocidente. Como o material de análise desta tese é cinematográfico, interessa-me olhar para a resistência tecida pelo cinema, enquanto instituição cultural, diante do modo como os sujeitos-soropositivos e a síndrome significaram e foram significados nos primeiros anos da epidemia. Para tanto, trago, nesta subseção, recortes discursivos verbo-visuais de três longas-metragens: *Filadélfia* (1993), do norte-americano Jonathan Demme; *Clube de Compras Dallas* (2013), do canadense Jean-Marc Vallée; e, novamente, *120 Batimentos Por Minuto* (2017), de Robin Campillo. Esses títulos foram escolhidos devido às marcas de resistência constantes em suas narrativas.

Como mencionado na segunda seção, Pêcheux (2014b) trata a resistência discursiva como constitutiva do sujeito. Por conta disso, é inevitavelmente fundante das práticas discursivas que se dão no e pelo social. No âmbito desse funcionamento, Leandro-Ferreira (2015) trata sobre a resistência da cultura. Se, por um lado, a cultura é “[...] fonte de produção de estereótipos a provocarem danosos efeitos de homogeneidade nos fatos, condutas e valores [...]” (LEANDRO-FERREIRA, 2015, p. 165), por outro lado “[...] pode funcionar como anteparo ideológico de dominação e opressão” (LEANDRO-FERREIRA, 2015, p. 166). A autora toma a cultura de forma ampla, atravessada pelas resistências do sujeito, do discurso e da língua e implicando necessariamente o inconsciente e as ideologias, de modo que é possível incluir, em tal escopo, o cinema como (*re*)produtor de discursos passíveis de análise pelo conceito de resistência.

Lançados em décadas diferentes, os filmes selecionados são compostos por histórias ambientadas nos primeiros 15 anos da epidemia de HIV/Aids. Um aspecto inicial a ser considerado reside nas relações de contradição que os constituem. As marcas de resistência não se mostram isoladas, mas imbricadas aos discursos dominantes do período sócio-histórico-ideológico em questão. Esses arranjos fazem ressoar, no âmbito da AD, a consideração que Leandro-Ferreira (2015) faz acerca da cultura, como produtora de estereótipos e de anteparos à ideologia dominante, bem como a afirmação de Pêcheux (2014b, p. 281) de que “[...] não há dominação sem resistência [...]”. É, portanto, a partir de composições que abrangem os sentidos primeiros atribuídos à síndrome que essas produções

tecem resistências, materializando o político que transborda para o social, ao circularem em salas de cinema, em emissoras televisivas e nas modalidades de *home video* e *streaming*. Também constitutiva do discurso, a contradição desafia os analistas “[...] a sempre tentar[em] compreender que toda unidade se compõe por diferenças que não se dissipam e que se indeterminam” (LAGAZZI, 2013a, p. 104), caminho pelo qual é possível observar o funcionamento da resistência.

Filadélfia é contemporâneo ao período no qual o diagnóstico para HIV ou Aids era tomado majoritariamente como sentença de morte. O longa-metragem foi lançado em 1993, durante o pior momento da epidemia, no qual os medicamentos disponíveis tinham pouca eficácia e os discursos dominantes eram fortemente atravessados pelos dizeres históricos do castigo-cristão, estigmatizando sobretudo os sujeitos-homossexuais masculinos. A história é ficcional, passa-se nos Estados Unidos e gira em torno do sujeito-advogado, homossexual e soropositivo Andrew Beckett (interpretado por Tom Hanks), que processa o escritório de advocacia Wyant, Whieler, Hellerman, Tetlow & Brown, por tê-lo demitido após a descoberta de que estava com Aids. O filme enfoca Andrew como um sujeito que resiste à *precariedade* (BUTLER, 2019a) que lhe é imposta, sustentada pelos discursos dominantes acerca da epidemia que circulam entre os sócios do escritório. A rotina diária, o julgamento do processo e a vitória final do protagonista produzem, entretanto, sentidos outros que escoam na direção do público-espectador, com potencial de afetar o social.

Para tratar sobre a resistência discursiva, recorto o trecho entre os pontos 47’24” e 48’47” da edição brasileira em DVD, no qual Andrew, ao lado de seu companheiro, Miguel (Antonio Banderas), pede a opinião da própria família sobre o processo que move contra o escritório de advocacia. A reunião ocorre na casa dos pais do protagonista, em um cômodo fartamente decorado e guarnecido por uma lareira acesa, em função do intenso frio que faz do lado de fora. Nesse espaço de intimidade, que remete a um porto seguro, a um “lugar de refúgio, de paz, de descanso” (GEIGER, 2011, p. 1090), Andrew alimenta uma sobrinha recém-nascida e explica a todos os presentes – os pais, dois irmãos, uma irmã e os respectivos cônjuges – que o julgamento dará visibilidade a detalhes de sua vida privada (imagem 11). Em seguida, pergunta a eles se concordam ou não com a continuidade do processo judicial.

Imagem 11 – Reunião entre Andrew e familiares sobre processo judicial



O sujeito-soropositivo Andrew (ao fundo, segurando um bebê) pergunta aos presentes se concordam com a continuidade do processo contra os ex-empregadores dele. Fonte: *Filadélfia* (1993).

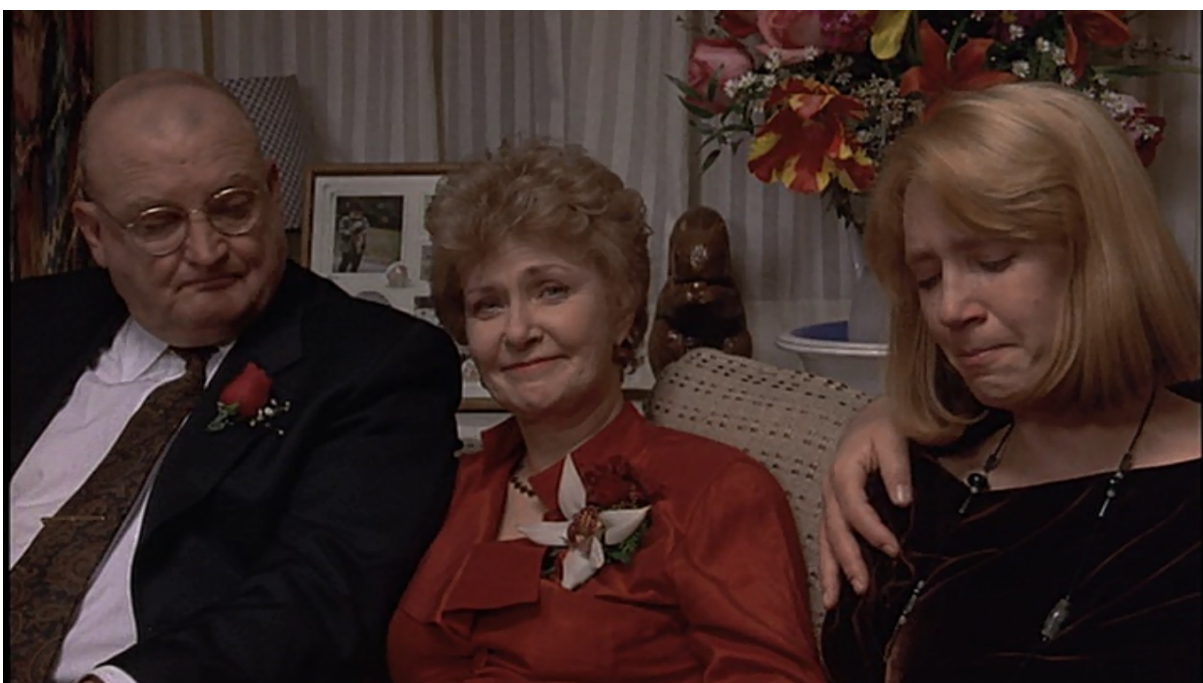
Randy (Dan Olmstead), um dos irmãos, é o primeiro a se manifestar. Ele diz: “Acho muito legal você perguntar, Andy... mas isso é um assunto seu”, emendando um sorriso contido (imagem 12). Em seguida, Matt (John Bedford Lloyd), o outro irmão, afirma, com tom de voz firme: “Você é meu irmão caçula, só isso importa”. Jill (Ann Dowd), a irmã, enuncia então uma inquietude: “Para ser franca, preocupo-me com mamãe e papai. Eles já sofreram muito, e pode haver dias difíceis pela frente”. Depois, os pais de todos eles, Bud (Robert W. Castle) e Sarah (Joanne Woodward), apoiam a continuidade do processo judicial. Primeiro, o pai diz: “Andy, do modo em que estão enfrentando tudo isso... você e Miguel, com tanta coragem... não acho que alguém possa dizer algo... que nos faça deixar de sentir um grande orgulho de vocês”. Logo após, a mãe afirma: “Não criei meus filhos para se calarem. Vá lá e lute por seus direitos”, finalizando com um sorriso como o de Randy, contido (imagem 13). Diante da maioria das respostas, Andrew se declara aos familiares, enunciando “eu amo todos vocês”, com um sorriso aberto no rosto (imagem 14).

Imagem 12 – Randy e a esposa durante reunião familiar



O irmão de Andrew é o primeiro a manifestar apoio ao processo judicial contra a empresa de advocacia. Fonte: *Filadélfia* (1993).

Imagem 13 – Pais e irmã de Andrew durante reunião familiar



A mãe, Sarah, sorri para o filho soropositivo após lhe aconselhar: “Vá lá e lute por seus direitos”.

Fonte: *Filadélfia* (1993).

Imagem 14 – Miguel, Andrew e a sobrinha recém-nascida durante reunião familiar



Após escutar o apoio da maioria, Andrew (à direita) abre um sorriso e se declara aos familiares: “Eu amo todos vocês”. Fonte: *Filadélfia* (1993).

A resistência de *Filadélfia* se confunde com a de Andrew e sua família, que funciona como um Aparelho Ideológico de Estado (AIE), em relação aos discursos dominantes sobre a Aids. Os apoios à continuidade do processo judicial, realizados por Bud, Matt, Randy e Sarah, contrapõem-se às famílias que negavam assistência a parentes soropositivos ou que os acolhiam sob um regime de silenciamento público do diagnóstico, como mostram os estudos de France (2017) e Pollak (1990)⁷². Ainda que a família se oponha aos referidos discursos, estes lhe atravessam constante e invariavelmente, traçando relações internas de *contradição-desigualdade-subordinação* (PÊCHEUX, 1996; 2014b; 2015c). Na reunião, isso ocorre quando a irmã Jill confessa ter o receio de que o processo movido por Andrew faça aumentar o sofrimento dos pais. O enunciado dela (*re*)marca as relações de força e a luta de classes do/no social, mas não reverbera para além disso no espaço do encontro, um espaço que significa como proteção ao que é externo, como um porto seguro familiar. Os dizeres de Bud e Sarah, que ocorrem logo em seguida, revestem-se de uma autoridade progenitora que fortalece a postura conjunta de contraposição àquilo que se põe como dominante.

O atravessamento desses discursos outros também ocorre entre personagens que declaram apoio à continuidade do processo judicial. Tomados como *gestos no nível do*

⁷² Cf. nota de rodapé n. 37.

simbólico (PÊCHEUX, 2014a), os sorrisos contidos que o irmão Randy e a mãe Sarah oferecem a Andrew configuram uma marca nessa direção. Com base na leitura que Morris (1994) faz do sorriso enquanto linguagem, observo que, no caso desses sujeitos, o sentido estabilizado referente àquilo que é amistoso se entrelaça a outro mais primevo, relacionado ao sentimento de medo perante uma dada situação. O autor explica que, enquanto retração dos lábios, o sorriso denotava temor e apavoramento antes de passar a ser interpretado no social como algo quase que estritamente positivo. Assim, mesmo que os enunciados verbais dos dois familiares apoiem Andrew de modo irrestrito, as relações de contradição-desigualdade-subordinação deixam um rastro simbólico em seus sorrisos, frente ao conflito travado entre o filho soropositivo e os ex-empregadores que (*re*)produzem os discursos dominantes acerca da epidemia de HIV/Aids. Se, por um lado, há (o apoio à) resistência, por outro também há hesitação diante da estrutura social e discursiva que sustenta a precariedade imposta aos sujeitos-soropositivos desde o início da epidemia, na década de 1980.

A demonstração majoritária de apoio dos parentes (*re*)delineia, desse modo, uma união que não é unânime, mas permeada por diferenças nos limites do aparelho familiar. Ainda que haja o atravessamento de discursos outros no enunciado de Jill e nos gestos simbólicos de Randy e Sarah, as relações de força internas ao grupo fazem predominar a resistência contra a opressão do/no social. A possibilidade de um silenciamento ou da construção de um “muro de silêncio” (POLLAK, 1990, p. 104), no que se refere ao diagnóstico ou às consequências sofridas por Andrew, é relegada ao irrealizado. Em outras palavras, o grupo constrói, em sua união pontuada pela contradição, uma posição contrária à precariedade imposta ao filho/irmão/cunhado e, por extensão, aos outros sujeitos-soropositivos. O efeito desse apoio faz com que o protagonista responda com uma declaração de amor e um largo sorriso no rosto: como é ele quem estabelece prioritariamente o confronto com os discursos dominantes, por meio do processo judicial em andamento, o seu enunciado reforça a agregação familiar e o seu sorriso, de tão expansivo, remete ao estabilizado de uma “[...] expressão facial cultural indicando felicidade, alegria, satisfação [...]” (ORLANDI, 2004, p. 122).

Diferentemente de *Filadélfia*, o longa-metragem *Clube de Compras Dallas* foi lançado em 2013, quando o diagnóstico positivo para HIV ou Aids já era revestido socialmente do sentido de doença crônica, em função do acontecimento discursivo provocado pela terapia antirretroviral altamente ativa. É a partir dessas condições de produção que a história do filme é ambientada nos primeiros anos da epidemia de HIV/Aids nos Estados Unidos e traz marcas de resistência aos discursos que se fizeram dominantes naquela época. O roteiro é baseado em

“fatos reais” e se concentra no sujeito-eletricista, caubói e homossexual Ron Woodroof (Matthew McConaughey), que descobre por acaso estar no estágio terminal de Aids em 1985. Diante da precariedade delineada pela impossibilidade de acesso regular à zidovudina (AZT), ele vai até o México na tentativa de obtê-lo, mas um médico de lá lhe apresenta outros remédios que diz serem mais eficazes, levando-o à decisão de abrir um negócio nos Estados Unidos: o Clube de Compras Dallas. Nele, sujeitos-soropositivos pagam uma mensalidade para ter acesso aos mesmos medicamentos, todos contrabandeados de outros países por Ron, visto que não são aprovados pelo governo estadunidense⁷³. O sujeito homônimo no qual o protagonista foi inspirado morreu em 1992.

Como recorte discursivo, seleciono o trecho entre os pontos 8’19” e 11’52” do longa-metragem, no qual Ron recebe o diagnóstico de Aids durante um atendimento hospitalar ocasionado por um acidente de trabalho. Nele, vemos o personagem, bastante magro e vestido com o uniforme de eletricista, acordando sobre uma maca em um espaço reservado (imagem 15), quando é surpreendido pelos sujeitos-médicos Eve (Jennifer Garner) e Sevard (Denis O’Hare). Após os cumprimentos formais, o protagonista é informado pelo último que os exames apontam que ele está com a síndrome, desencadeando uma reação agressiva de sua parte. Dados os lugares sociais que ocupa, ligados ao imaginário da homossexualidade masculina, como os de eletricista e caubói, Ron reproduz ali dizeres que associam a Aids apenas aos sujeitos-homossexuais masculinos, em descrença ao diagnóstico apresentado. Ele afirma: “Está de sacanagem! A mesma história do Rock Hudson com a rola?”, “não sou veado, seu desgraçado! Nem conheço nenhum veado. Olhe para mim. O que vê? Vê o rodeio em pessoa” e, ainda, “trocaram o meu sangue com o de uma bichinha... porque não sou eu”. Quando o médico acrescenta que ele tem cerca de 30 dias de vida, a reação é igualmente explosiva: “À merda com isso! Que besteira! 30 dias nada! Vou lhes contar uma coisinha: nada pode matar o Ron Woodroof aqui em 30 dias”. Todo o embate é acompanhado por gestos hostis de Ron, como quando aponta o dedo do meio para Sevard (imagem 16).

⁷³ O Clube de Compras Dallas foi um dentre os vários que surgiram com a mesma premissa nos Estados Unidos, nos primeiros anos da epidemia de HIV/Aids. De acordo com France (2017, p. 260-261, tradução minha), esses “grupos [...] se formaram rapidamente em cidades americanas conforme o movimento de clubes de compradores relacionados à Aids se firmaram, oferecendo um longo cardápio de opções [de medicamentos] para dezenas de milhares de pacientes”.

Imagem 15 – Ron em espaço reservado do hospital



Ao acordar sobre uma maca, o personagem veste o uniforme que utiliza no trabalho como eletricista, marca de um dos lugares sociais que ocupa. Fonte: *Clube de Compras Dallas* (2013).

Imagem 16 – Discussão entre Ron e sujeitos-médicos



Dentre os gestos considerados hostis que faz após ser informado de que está com Aids, o protagonista (ao centro) aponta o dedo do meio para Sevard. Fonte: *Clube de Compras Dallas* (2013).

Um dos meios pelos quais a resistência atravessa a narrativa está na construção do personagem principal. O enfoque em um sujeito-heterossexual soropositivo, raramente visto em produções cinematográficas anteriores sobre a epidemia, delineia uma recusa ao discurso de que a Aids acomete somente sujeitos-homossexuais masculinos. Na tessitura do recorte, destaco o corpo de Ron: uma materialidade que significa e é significada por elementos relacionados ao imaginário da heterossexualidade masculina, tais como o uniforme de um trabalho tido como viril e a autocaracterização como “o rodeio em pessoa”, mas que, em função do resultado dos exames médicos, passa também a ser permeada por significantes de uma condição de saúde tida como exclusiva do outro homossexual. Se, até então, a magreza acentuada do personagem poderia ser atribuída à hereditariedade, à má alimentação ou ao consumo excessivo de álcool e drogas, o diagnóstico a reveste com um novo efeito, o de um sintoma recorrente entre sujeitos que vivem os estágios mais avançados da Aids. Em outras palavras, esse corpo passa, à revelia do sujeito nele inscrito, a significar e a ser significado também de outro lugar social, o de sujeito-soropositivo.

O funcionamento discursivo dos gestos de Ron exemplifica a imbricação simbólica realizada pelo filme entre a heterossexualidade e a Aids. Quando o protagonista aponta o dedo do meio para Sevard, os efeitos (*re*)produzidos remetem a um amálgama de discursos agressivos que operam em cotejamento com os lugares sociais com os quais ele se identifica, bem como com os discursos dominantes que o constituem. Enquanto apontar o dedo indicador é normalmente lido como uma “arma simbólica” que ameaça o outro (MORRIS, 1994, p. 86, tradução minha), mostrar o dedo do meio é considerado um insulto de ordem sexual, uma vez que faz referência ao órgão genital masculino (MORRIS, 1994). Ao congregiar esses efeitos em um único gesto, Ron empreende um ato simbólico violento contra o sujeito-médico, como modo de se (*re*)afirmar sujeito-heterossexual masculino e refutar o diagnóstico de Aids. Apesar disso, o corpo do protagonista já significa e é significado do lugar social de sujeito-soropositivo, em virtude do resultado dos exames realizados, cujo efeito, sustentado pelo discurso médico-científico, é o de uma verdade incontornável, inquestionável. Assim, a gestualidade que afirma a heterossexualidade se emaranha ao novo lugar imposto ao sujeito e ao seu corpo, marcando uma oposição do filme ao estereótipo construído na fase mais mortal da epidemia.

Por meio desses dizeres, gestos e caracterizações, a resistência aos discursos até então dominantes acerca da epidemia se marca no longa-metragem. Se, durante a discussão com os sujeitos-médicos, Ron reproduz dizeres que relacionam a Aids aos sujeitos-homossexuais masculinos e gesticula de modo a se (*re*)afirmar como sujeito-heterossexual, ele também

passa a enunciar de um novo lugar social, o de sujeito-soropositivo, cruzando todos esses elementos. O protagonista e o corpo no qual se materializa circunscrevem a contradição e, por meio dela, o sentido de que a heterossexualidade também se relaciona ao diagnóstico positivo para Aids. Esse funcionamento ressoa no social, entre os espectadores da produção, significando a síndrome não como uma característica inerente ao outro homossexual, mas como resultado da adesão de quaisquer sujeitos a comportamentos tidos como arriscados. No que diz respeito ao personagem, a narrativa pontua, em um momento posterior, que a infecção pelo HIV se deu em função de práticas sexuais desprotegidas com mulheres.

Assim como *Clube de Compras Dallas*, o longa-metragem *120 Batimentos Por Minuto*, lançado em 2017, também tece resistência a discursos que se fizeram dominantes no período mais grave da epidemia de HIV/Aids. As marcas dessa resistência derivam do *modus operandi* da ACT UP Paris no âmbito diegético, abrangendo desde a composição interna do grupo até os embates com governantes, instituições de ensino, empresas farmacêuticas e seguradoras de saúde, em um arranjo sustentado pela contradição. Como já mencionado, a história do filme se passa na França do início dos anos 1990, abordando, entre outros tópicos, as ações que a associação realiza na tentativa de garantir assistências farmacológica, médica e social a sujeitos-soropositivos, além de campanhas de prevenção eficientes, em uma injunção contra a precariedade imposta. Ainda que seja ficcional, a narrativa cinematográfica é permeada pela experiência do cineasta Robin Campillo no grupo, do qual participou entre 1992 e o início do século XXI, conforme aponta Lewis (2018).

Um dos atravessamentos da resistência ocorre no modo como o longa-metragem apresenta a composição interna da ACT UP Paris. Embora tenha sido concebida pela comunidade homossexual, a associação reúne sujeitos-soropositivos de diferentes gêneros e orientações sexuais, além daqueles que são soronegativos, mas se projetam/são projetados socialmente como soropositivos, contrapondo-se ao discurso de que o HIV e a Aids afetam somente sujeitos-homossexuais masculinos. Nesse rol variado de sujeitos-ativistas, o filme de Campillo nem sempre especifica quais são soropositivos e, no caso daqueles que sabemos que são, como se deram as infecções pelo HIV – por relações sexuais, compartilhamentos de seringas, transfusões de sangue etc. Diante de uma constituição tão heterogênea, essas indeterminações reforçam o efeito de que o diagnóstico positivo pode acometer qualquer um(a), não importando o(s) grupo(s) com que se identifica na formação social. Em outras palavras, o longa mobiliza sentidos acerca da síndrome para além do imaginário dominante que vigorava naquela época e que ainda hoje ressoa no/pelo social.

O modo como a epidemia é significada pela composição da ACT UP Paris se estende aos protestos realizados, rituais que trazem marcas de resistência à precariedade. O recorte compreendido entre os pontos 38'22" e 42'26", no qual a associação engendra uma ação a favor da educação sexual em uma instituição de ensino, permite tal olhar analítico. O ato se desdobra em dois momentos: em um deles, os sujeitos-ativistas interrompem os rituais de ensino-aprendizagem em salas de aula, para falar sobre a prevenção ao HIV e distribuir preservativos e materiais informativos aos sujeitos-estudantes, todos adolescentes (imagem 17); no outro, eles ocupam o pátio da instituição, onde protestam contra o governo, entoam palavras de ordem, exibem diferentes cartazes e continuam distribuindo os materiais informativos que trouxeram. Dentre os cartazes, há aqueles que se repetem em outras ações do longa-metragem e dois que aparecem somente ali: um com a imagem do rosto de uma menina e outro com a imagem do rosto de um menino, ambos com o mesmo enunciado: “QUAND JE SERAI GRAND[E], JE SERAI SEROPOSITIVE” (“QUANDO EU FOR GRANDE, EU SEREI SOROPOSITIVO[A]”, tradução minha) (imagem 18).

Imagem 17 – Ação da ACT UP Paris em sala de aula



Sujeitos-estudantes folheiam materiais informativos sobre as formas de prevenção ao HIV.

Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 18 – Ação da ACT UP Paris em pátio de escola



Um dos cartazes expostos traz a imagem de uma menina e o enunciado: “QUAND JE SERAI GRANDE, JE SERAI SEROPOSITIVE”. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Como adentram sem autorização nos espaços da instituição de ensino para falar sobre as formas de prevenção ao HIV aos sujeitos-estudantes e para protestar contra o governo francês, os sujeitos-ativistas se fazem, desde o princípio, *sujeitos políticos* (RANCIÈRE, 2018) materializados em *corpolíticos*. Por meio da ação, a composição heterogênea da ACT UP Paris, na qual cada corpo significa e é significado como soropositivo independentemente do seu *status* sorológico, impõe a circulação do efeito de que o HIV pode infectar qualquer um(a), não sendo capaz de diferenciar entre os diferentes gêneros e orientações sexuais. Ao não focar um único grupo dentre os sujeitos-estudantes, dirigindo orientações e entregando preservativos e materiais informativos a todos de forma indistinta, os sujeitos-ativistas reforçam tal sentido naquele local. Do mesmo modo, os cartazes destacados anteriormente integram esse funcionamento discursivo, posto que o mesmo enunciado é impresso sobre imagens distintas, as dos rostos de uma menina e de um menino, indiferenciando a ação do vírus causador da Aids sobre os gêneros e, mesmo que não mencionadas, as orientações sexuais.

Nesse movimento, o *político é invariavelmente discursivizado* (INDURSKY, 2019) na escola. Os integrantes da ACT UP Paris enfrentam sujeitos que trabalham ou estudam no local e que reproduzem discursos dominantes e/ou tentam silenciar sentidos outros acerca da

epidemia de HIV/Aids – em ordem de aparição, um professor que leciona um conteúdo de literatura; um homem que, ao aparecer no pátio falando em nome da escola, remete imaginariamente à figura do diretor; e uma estudante adolescente. Para este momento, destaco o último caso, no qual ocorre um embate entre o sujeito-ativista Nathan (Arnauld Valois) e a referida aluna, um sujeito-estudante cujo nome não é apresentado, no pátio da instituição de ensino. Enquanto a associação realiza o protesto, o primeiro se dirige à segunda, oferecendo-lhe um preservativo: “Proteja-se, use camisinha”. A jovem recusa a oferta, justificando-se: “Eu nunca uso”. Nathan pergunta o motivo, e ela explica: “Não sou veado” (imagem 19). O ativista, aparentando indignação, retruca: “Como pode dizer isso?” (imagem 20). E ela responde: “Não vou pegar essa merda de AIDS, entendeu?”. Em seguida, o sujeito-ativista Sean (Nahuel Pérez Biscayart), que acompanha o confronto de perto, beija Nathan nos lábios de repente, o que faz com que a estudante se afaste dali irritada: “Ah, puta que pariu” (imagem 21).

Imagem 19 – Sujeito-estudante, durante embate com Nathan



Ao ser abordada pelo sujeito-ativista, a jovem diz que nunca usa camisinha, porque não é “veado”. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

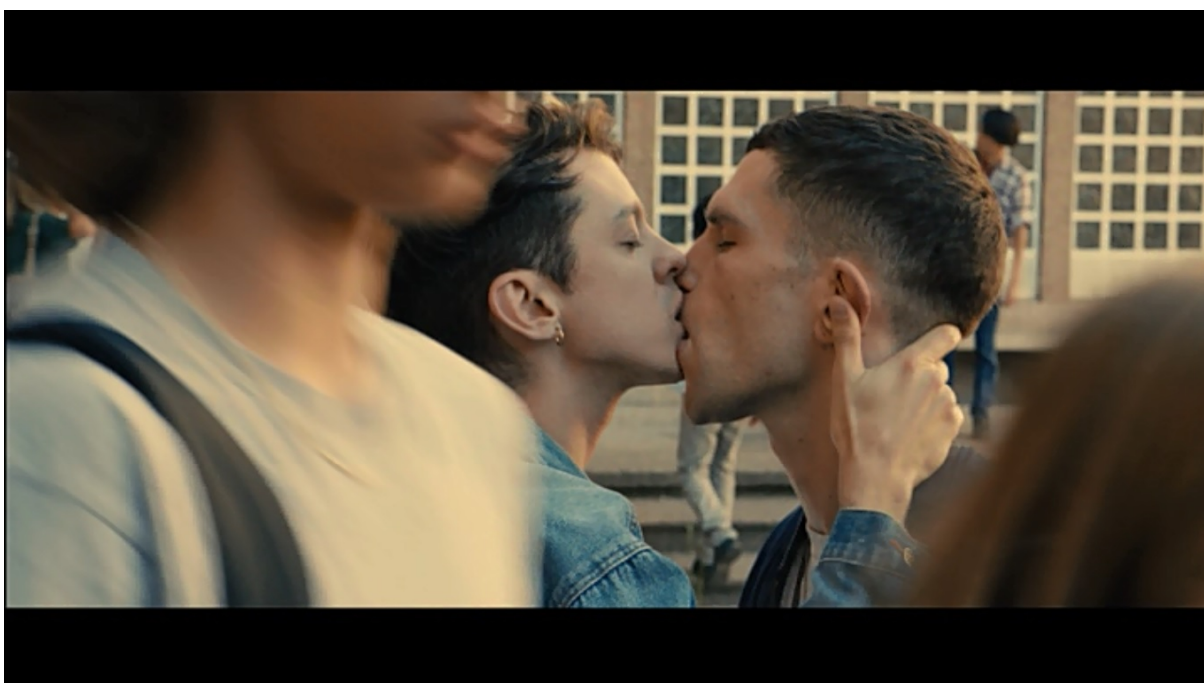
Imagem 20 – Nathan, durante embate com sujeito-estudante



Diante da justificativa dada pela jovem, Nathan (à direita) devolve: “Como pode dizer isso?”.

Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 21 – Beijo de Sean e Nathan durante embate



O beijo que Sean (à esquerda) dá em Nathan (à direita) faz com que a estudante se retire imediatamente do local. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

O embate entre Nathan e a estudante demarca o político acerca da Aids, em função dos discursos com os quais os dois (não) se identificam. Enquanto ele significa a epidemia a partir da resistência, atribuindo-lhe a capacidade de afetar qualquer sujeito, ela reproduz o discurso dominante de que a síndrome é exclusiva dos sujeitos-homossexuais masculinos, pontuando a sua aversão a eles pelo uso do termo “veado”, tido como *depreciativo* (GEIGER, 2011). Diante das relações de força estabelecidas, é o beijo que Sean dá em Nathan que interrompe a discussão sem desfazer o conflito, ao fazer com que a aluna se retire do local, significando e sendo significada como homofóbica. Considerando o estudo do The Archive For Research in Archetypal Symbolism (2010, p. 374), o beijo de Sean funciona como uma “aprovação” e “reconhecimento” à orientação homossexual, além de uma prática “escandalosa” que provoca a saída imediata da jovem. Os enunciados e a reação ao beijo por ela materializados encontram ressonância na afirmação de Jardim (2019, p. 9-10) de que, “nos primeiros anos [da epidemia], houve a tendência de circunscrever o problema a determinados ambientes” e que “essa visão equivocada [...] causou danos à saúde pública e justificou a discriminação, sobretudo dos homossexuais”. Nesse jogo discursivo sustentado pela contradição, no qual o dizer dominante é também significado como preconceituoso, a narrativa fílmica, atravessada pela resistência, afeta o social extradieético.

Para além dos recortes analisados, cabe ressaltar que os três longas-metragens, *Filadélfia*, *Clube de Compras Dallas* e *120 Batimentos Por Minuto*, trazem outras marcas de resistência aos discursos que se fizeram dominantes no período considerado. Por meio de composições que abrangem a contradição do/no social, esses filmes estabelecem frentes contra determinados sentidos a partir de condições de produção específicas. Enquanto *Filadélfia* enuncia da época em que a Aids era tomada como sentença de morte e os sujeitos-homossexuais masculinos eram alvos de intensa estigmatização, *Clube de Compras Dallas* e *120 Batimentos Por Minuto* foram realizados em um momento posterior, quando o diagnóstico positivo para HIV ou Aids já configurava uma doença crônica e o discurso enfocado em comportamentos de risco, em vez de grupos de risco, havia angariado mais espaço. Essas condições atravessam a maneira como a resistência se apresenta: se, em *Filadélfia*, é um sujeito-homossexual masculino que enfrenta a precariedade imposta por ter sido diagnosticado com Aids, *Clube de Compras Dallas* e *120 Batimentos Por Minuto* também dão visibilidade a sujeitos-soropositivos de outros grupos normalmente relegados ao irrealizado no período mais crítico da epidemia. Mesmo sem poder evitar a incompletude, constitutiva que é, os movimentos teórico-analíticos que compõem os gestos de interpretação demonstram como o cinema e, por extensão, a cultura resistem a discursos.

Em meio aos movimentos da historicidade da Aids e das diferentes formas de resistência e revolta abordadas ao longo desta seção, há outras relações discursivas em constante funcionamento. Uma delas se constitui pelos modos como as pulsões psicanalíticas de vida e morte, pensadas a partir do escopo teórico freudo-lacanian, afetavam os sujeitos diagnosticados com HIV ou Aids no social no período mais mortal da epidemia. Em um desses modos, os efeitos produzidos pelos corpos desses sujeitos em razão da ação contínua de tais pulsões favoreciam enlaces significantes com outros sujeitos que também passaram por situações extremas, a exemplo dos *Muselmänner*, os prisioneiros mais debilitados dos campos de concentração nazistas. Essas articulações se estenderam à ficção, marcando-se entre os sujeitos-ativistas e as práticas da ACT UP Paris em *120 Batimentos Por Minuto*. Nessa direção, a próxima seção aborda a teoria psicanalítica e o entrelaçamento desta com a AD, analisando as imbricações discursivas entre as pulsões de vida e morte, os sujeitos-soropositivos, a tragédia do nazismo e a narrativa fílmica, destacando ao fim um gesto de interpretação enfocado no corpo (não) dançante do protagonista Sean.

Turner pintou A morte num cavalo pálido, eu tornava a pensar essa noite naquela imagem, ela me voltava muito precisamente no seu galope, na sua loucura, era eu mesmo aquele corpo jogado sobre a montaria, com os farrapos de carne que se prendem no osso e que a gente teria vontade de raspar de uma vez por todas para limpá-lo, esse cadáver vivo dobrado em cima daquela fúria que rompe a noite, de pelagem tão quente e cheirosa, sacudido pela sua cavalgada, um esqueleto amarrado à cauda do cavalo, fendendo a tempestade, o fervilhamento do vulcão, com uma mão enorme que desemboca no quadro, uma tábua de carne projetada para frente pelo movimento, e que desequilibra a imagem. O espectro, sobre sua nudez de esqueleto, usa um diadema.

Hervé Guibert, em *Protocolo da compaixão* (1995b, p. 125)

Irrompendo na biblioteca, Sam disse: “Ele está com o aspecto doente, esse rato, deve ter se envenenado.” Ao ouvir a palavra doente, diante da imagem do doente agonizante a quem iriam abater com um cacete, imediatamente eu me identifiquei com o rato e berrei como uma criança: “Não, por favor, não o matem! Deixem-no viver!”

Hervé Guibert, em *O homem do chapéu vermelho* (1996, p. 60)

Lena me disse gentilmente que aquelas fotos não pareciam nem um pouco comigo, que meu rosto era realmente mais alegre e mais cheio de vida do que aquele cadáver com olhos arregalados.

Hervé Guibert, em *O homem do chapéu vermelho* (1996, p. 79)

4 AS FORÇAS CONFLITIVAS ENTRE VIDA-MORTE

O político do discurso remete à divisão dos sentidos em uma determinada formação social (ORLANDI, 1996), implicando os sujeitos e os corpos nos quais se materializam. Como abordado anteriormente, o funcionamento do político é sustentado por uma imbricação de fatores, que incluem a interpelação e assujeitamento ideológicos, bem como as práticas concernentes a cada formação discursiva (FD). Nesta seção, proponho a consideração, dentre tais fatores, de um aspecto psicanalítico inerente a todos os sujeitos: trata-se das pulsões⁷⁴ de vida e morte, que travam um embate contínuo entre si e cujas formulações conceituais integram a chamada metapsicologia, “[...] uma espécie de infra-estrutura (*Unterbau*) teórica da psicanálise”, conforme a releitura de obras de Freud realizada por Giacoia Junior (2008, p. 18, grifo do autor). A reflexão em torno desses conceitos e de seus desdobramentos simbólicos no social salienta a relação de entremeio da AD com a Psicanálise e possibilita um aprofundamento da compreensão dos discursos dos (corpos dos) sujeitos-ativistas da ACT UP Paris, no período sócio-histórico-ideológico abordado pelo filme *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

A teorização sobre as pulsões de vida e morte compõe um longo estudo de Freud, publicado originalmente em 1920, a respeito do princípio do prazer, outro conceito psicanalítico. Freud (2010a) começa o texto afirmando que os pesquisadores daquele período não hesitavam em supor que os processos mentais eram predominantemente regulados por esse princípio, cujo objetivo era evitar o desprazer e proporcionar prazer ao sujeito, por meio do controle da quantidade de excitações afluentes na *psique*. Nesta perspectiva, o aparelho psíquico se empenharia centralmente em manter o nível mais baixo ou, pelo menos, um nível constante dessas excitações, pois o desprazer é desencadeado quando ocorre um aumento delas e o prazer, quando há uma diminuição significativa. É por isso que, dado tal funcionamento, o princípio do prazer é relacionado e, até mesmo, tido como derivado do princípio físico da constância⁷⁵.

⁷⁴ Entre as edições em português de Freud e de autores que comentam as obras dele, o termo alemão *Trieb* é traduzido ora como “instinto”, ora como “pulsão”. Nesta tese, opto por utilizar “pulsão”, a fim de aderir ao movimento clínico e teórico brasileiro apontado por Saroldi (2018, p. 15): “[...] a grande influência da psicanálise francesa (especificamente a dos seguidores de Jacques Lacan) no Brasil fez com que [...] na linguagem corrente dos psicanalistas brasileiros – e em traduções mais recentes [de livros da Psicanálise] – o termo oriundo da tradução francesa ‘pulsão’ (*pulsion*) fosse adotado [para se referir a *Trieb*]”. Nos casos das citações diretas de textos que adotam “instinto”, acrescento “[pulsão]” à frente.

⁷⁵ Giacoia Junior (2008, p. 29) explica que o princípio físico da constância é aquele que “[...] determina a tendência de manutenção das quantidades de energia no interior de sistemas mecânicos em níveis constantes”.

Frente ao cenário teórico em questão, Freud (2010a) empreende uma reavaliação do funcionamento do princípio do prazer na *psique*. A justificativa apresentada pelo autor é de que a alegada predominância não se sustenta, pois, “se assim fosse, a grande maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, quando a experiência geral contradiz energicamente essa ilação” (FREUD, 2010a, p. 164-165). Em termos de possibilidade, assume apenas que “[...] haja na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado nem sempre corresponde à tendência ao prazer” (FREUD, 2010a, p. 164-165). Essas ressalvas iniciais delineiam a construção da hipótese de que as exigências impostas pelo ambiente externo provocam a modificação do princípio do prazer em princípio de realidade, levando o sujeito a aceitar o desprazer e o consequente adiamento do prazer, em prol, por exemplo, da sobrevivência. Na explicação de Giacoia Junior (2008, p. 32-33):

esse princípio [da realidade], embora não determine o abandono da meta original do prazer, tende a adiar sua obtenção imediata, a renunciar a muitas possibilidades de alcançá-la, em proveito da produção de prazer mais efetivo, por longas e tortuosas vias indiretas, no entanto viáveis nas condições fixadas pelo mundo externo.

Freud (2010a) constrói, a partir de então, um percurso teórico com múltiplas dobras. De saída, ele recorre às observações que realizou de três situações distintas: as neuroses traumáticas; o jogo criado por uma criança; e as relações tecidas entre médicos e pacientes, denominadas, no âmbito psiquiátrico, de transferência. Em todas elas, salienta a ocorrência de um momento comum, no qual os sujeitos repetem compulsivamente experiências de desprazer, para somente depois haver a possibilidade de operacionalização, pelo aparelho psíquico, do princípio do prazer. Com base nessa discussão, Roudinesco e Plon (1998, p. 631) afirmam que a compulsão à repetição é de origem inconsciente e, por isso, difícil de controlar, levando “[...] o sujeito a se colocar repetidamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas”. Por esse motivo, pontua Giacoia Junior (2008, p. 45), “[...] sua finalidade ou meta dificilmente pode ser remetida, de modo direto, ao princípio do prazer”. Este último circunscreve, por conseguinte, uma possibilidade, e não uma garantia, de funcionamento.

A primeira das situações apresentadas por Freud (2010a), a neurose traumática, é tida como resultado de vivências marcadas pelo terror. Há as neuroses de períodos de guerra, observadas, por exemplo, entre sujeitos que lutaram em *fronts* de batalhas, e as neuroses de períodos de paz, desenvolvidas por aqueles que sofreram acidentes com riscos de morte. Em

todos esses casos, Freud (2010a, p. 169) afirma que os sonhos fazem com que os sujeitos retornem, recorrentemente, às situações vivenciadas, das quais despertam com “renovado terror”. Se, por um lado, a ocorrência desses sonhos demonstra que o princípio do prazer não predomina no aparelho psíquico, por outro lado, configura uma tentativa de criar condições para a efetivação dele. Por isso, Freud (2010a, p. 195-196) pontua que, ao mesmo tempo em que buscam lidar de maneira retrospectiva com fatos traumáticos, os sonhos “[...] nos permitem vislumbrar uma função do aparelho psíquico, que, sem contrariar o princípio do prazer, é independente dele e parece mais primitiva que a intenção de obter prazer e evitar desprazer”.

A segunda situação, um jogo infantil, parte da observação que Freud (2010a) faz de uma criança de dezoito meses de idade – o próprio neto, segundo Giacoia Junior (2008). Na brincadeira em questão, o menino jogava com frequência pequenos objetos para longe de si, enquanto pronunciava um longo “o-o-o-o”, em referência a *fort* (“ausente”, em alemão). Mas esse não era o jogo completo, o que foi constatado quando o garoto escolheu um carretel de madeira enrolado em um cordão: ele jogou o objeto para dentro do berço, dizendo “o-o-o-o” e, depois, puxou-o de volta pelo cordão, emendando um alegre *da* (“aqui”, em alemão). A brincadeira cotejava, portanto, com o desaparecimento e a reaparição, o que levou Freud (2010a) à seguinte leitura: aquela foi a forma encontrada pelo menino para lidar com o desprazer que sentia toda vez que a mãe tinha de se ausentar. Em suas palavras, “[...] o garoto só podia repetir brincando uma impressão desagradável [o desaparecimento do objeto/mãe] porque a essa repetição está ligada a uma obtenção de prazer de outro tipo, porém direta [o reaparecimento do objeto/mãe]” (FREUD, 2010a, p. 174). Desse modo, ao passar da passividade da experiência com a mãe à atividade da brincadeira criada, o menino buscava, por meio da compulsão à repetição, dominar a vivência do desprazer, atrelando a ela a operacionalização do prazer.

A última situação é a de transferência. Freud (2010a) relata que, nos primeiros anos da prática psicanalítica, o médico procurava descobrir e comunicar uma construção que tornasse consciente o que era inconsciente ao paciente, para depois incitá-lo à confirmação por meio de lembranças e ao abandono de determinadas resistências. Evocando a própria bagagem clínica, o autor explica, então, que o sucesso dessa abordagem não podia ser alcançado exatamente da forma exposta, pois o analisando é incapaz de se lembrar de tudo o que está reprimido, por vezes daquilo tido como essencial, impossibilitando a confirmação da construção informada. O processo terapêutico faz, antes, com que o paciente repita o reprimido com grande habilidade, como se fosse uma vivência atual, no ambiente do consultório. Trata-se de uma

etapa tensa, já que o analisando pode reagir adotando uma impressão de desdém, tentando interromper a sessão ou forçando o médico a assumir uma postura fria. Para Freud (2010a, p. 178), é necessário que o paciente reviva essa parte da “vida esquecida”, para que “[...] a aparente realidade seja sempre reconhecida, afinal, como reflexo de um passado esquecido”. Somente assim é possível convencê-lo da construção informada e finalizar o tratamento, o que coloca a repetição da situação de desprazer à frente, mais uma vez, do princípio do prazer.

Todas as três situações levam Freud a tomar a compulsão à repetição como o indício da ocorrência de uma força mais instintual e, por isso mesmo, mais primordial do que o princípio do prazer, destituindo-o do suposto predomínio no aparelho psíquico. A partir de então, o que se segue é especulação, por vezes “especulação extremada” (FREUD, 2010a, p. 184), no âmbito da metapsicologia. Dado o caráter impulsivo das manifestações de compulsão à repetição, o autor as aproxima do conceito de pulsões, referente a “[...] todas as forças precedentes do interior do corpo e transmitidas ao aparelho psíquico [...]”, constituindo “[...] o elemento mais importante e mais obscuro da pesquisa psicológica” (FREUD, 2010a, p. 198). Essa movimentação teórica delimita as condições para o autor identificar uma característica das pulsões que, segundo ele, não havia sido totalmente demonstrada até aquele momento: o de que tais forças têm uma natureza de cunho regressivo. Como resultado, Freud (2010a, p. 202, grifos do autor) propõe uma definição mais específica das pulsões: “*um instinto [pulsão] seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior [...]*”.

Com base nessa reformulação conceitual, o que se nota entre os sujeitos nos referidos casos de compulsão à repetição nada mais é do que marcas do pulsional, cujo funcionamento visa o retorno a um estado pretérito do organismo, independentemente do princípio do prazer. Ao pontuar que as pulsões estão presentes em todo organismo vivo, Freud (2010a) expande a ação delas para toda a vida orgânica do planeta. Dentre exemplos outros, elenca as migrações realizadas por peixes, durante os períodos de desova, para os antigos lugares supostamente povoados pela espécie; as formações de órgãos novos, para substituir identicamente aqueles que foram perdidos, em diferentes representantes do reino animal; e os fenômenos biológicos da hereditariedade e da embriologia, “[...] provas [das] mais formidáveis de uma orgânica compulsão a repetir” (FREUD, 2010a, p. 202). Tudo isso possibilita a consideração de que,

[...] se todos os instintos [pulsões] orgânicos são conservadores, historicamente adquiridos e orientados para a regressão, o restabelecimento de algo anterior, temos de pôr os êxitos do desenvolvimento orgânico na conta de influências externas, perturbadoras e desviantes. O ser vivo

elementar não pretenderia mudar desde o seu início; permanecendo iguais as condições, ele repetiria sempre o mesmo curso de vida. Mas, em última instância, a história do desenvolvimento da terra e de sua relação com o sol é que deixaria sua marca no desenvolvimento dos organismos. Os instintos [pulsões] orgânicos conservadores acolheram cada uma dessas mudanças impostas ao curso da vida e as preservaram para a repetição, e assim produzem a enganadora impressão de forças que aspiram à transformação e ao progresso, quando apenas tratam de alcançar uma antiga meta por vias antigas e novas. Também essa meta final de todo esforço orgânico pode ser indicada. Seria contrário à natureza conservadora dos instintos [pulsões] que o objetivo da vida fosse um estado nunca antes alcançado. Terá de ser, isto sim, um velho estado inicial, que o vivente abandonou certa vez e ao qual ele se esforça por voltar, através de todos os rodeios de seu desenvolvimento. Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente* (FREUD, 2010a, p. 203-204, grifos do autor).

O estabelecimento da meta final e dos rodeios para alcançá-la exige uma segunda movimentação teórica, a reformulação do dualismo pulsional originário. A chamada primeira tópica freudiana, anterior a 1920, traça uma polaridade que contrapõe, nos sujeitos, as pulsões autoconservadoras do Eu – representadas pela fome e remetidas a Ananké, divindade grega da *necessidade* e da *obrigação absoluta* – e as pulsões eróticas ou sexuais – representadas pela sexualidade e remetidas a Eros, *deus grego do amor* (GRIMAL, 1986)⁷⁶. Com a reflexão acerca do princípio do prazer nos sujeitos, Freud (2010a) substitui tal polaridade por outra, entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, remetidas a Eros e Tânatos, *deuses gregos do amor e da morte* (GRIMAL, 1986), dentro de uma abrangência que reúne todos os seres vivos. Tais pulsões “[...] passam a ser princípios gerais que regem o funcionamento, não só da vida psíquica [dos sujeitos], mas de toda a vida orgânica, presente nos animais, nas plantas e nos organismos unicelulares (GOMES, 2001, online), provocando uma “[...] repercussão [...] imensa, tanto por seus efeitos no pensamento filosófico do século XX quanto pelas polêmicas e pelas rejeições que essa tese provocaria no próprio âmago do movimento psicanalítico” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 631). O novo dualismo delineia o ritmo da vida: enquanto as pulsões de morte trabalham ciosamente para o restabelecimento do velho estado primordial do inanimado, as pulsões de vida se empenham na renovação e prolongamento da jornada – o que se apresenta, de forma continuamente marcada, entre os sujeitos-soropositivos no início da epidemia de HIV/Aids e em *120 Batimentos Por Minuto*, como será discutido adiante. Em razão desse tensionado funcionamento, Lacan (1995, p. 293) afirma que

⁷⁶ Sobre o dualismo entre pulsões autoconservadoras do Eu e pulsões eróticas ou sexuais, cf. Freud (2010b), Birman (2018) e Gomes (2001).

a vida, da qual somos cativos, vida essencialmente alienada, existente, vida no outro, está, como tal, conjugada à morte, ela sempre retorna à morte, e só é puxada para dentro de circuitos cada vez maiores e com maiores rodeios, por aquilo que Freud chama de elementos do mundo externo.

Para sustentar o novo dualismo pulsional, Freud (2010a) promove um batimento entre Biologia e Psicanálise. Em relação às pulsões de morte, ele constrói um trajeto teórico para demonstrar a ação delas na vida orgânica do planeta. Naquela época, pesquisadores buscavam comprovar a suposta imortalidade dos seres unicelulares, motivados pela tese de August Weismann de que a morte ocorreria somente nos pluricelulares, os únicos nos quais há a divisão entre o soma – o corpo empírico, fadado à morte por causas internas – e o plasma germinativo – responsável pela geração de novos organismos e, por essa razão, imortal. Em sua argumentação, Freud (2010a) contrapõe os experimentos com protozoários realizados por Lorand Loss Woodruff, que reforçavam a tese de Weismann, e os de outros pesquisadores, a exemplo de Emile Maupas e Gary N. Calkins, que apontavam na direção contrária. Woodruff cultivou paramécios, um gênero de protozoários, e observou a reprodução deles por conjugação e cissiparidade⁷⁷ até a 3029ª geração, sempre isolando os novos seres e fornecendo nutrientes a todo o conjunto. Como resultado, observou que, dentre as gerações antigas e recentes, não havia qualquer indício de degeneração ou envelhecimento, o que reforçava a hipótese de imortalidade. Já os outros pesquisadores não forneceram nutrientes aos protozoários analisados e, por isso, obtiveram uma conclusão distinta: depois de um certo número de reproduções, eles passavam por uma fase de declínio senil e, por fim, morriam.

Mediante tal contraposição, Freud (2010a) assinala que os protozoários também estão sujeitos à morte, caso não haja nenhuma influência revigoradora, a exemplo do fornecimento de nutrientes. Ele também acrescenta, como argumento adicional, uma outra conclusão de Woodruff, ao que tudo indica resultante de experiências posteriores, segundo a qual esses seres microscópicos, quando abandonados a si mesmos, são prejudicados pelos produtos metabólicos que despejam no líquido que os rodeia, a ponto de morrerem após um período de tempo. Freud (2010a) defende, desse modo, que as estruturas rudimentares desses organismos, nas quais não há separação entre o soma e o plasma germinativo, podem ocultar funcionamentos já observados nos pluricelulares, como aqueles referentes às pulsões de morte. Na leitura que Mezan (2011, p. 262, grifo do autor) faz do texto freudiano, “o caráter

⁷⁷ Ao mobilizar a interpretação freudiana das experiências com paramécios, Botelho (2002) explica as formas de reprodução por conjugação e por cissiparidade (ou divisão binária, como denomina): na primeira, dois paramécios se unem para trocar material hereditário; na segunda, que ocorre na sequência, cada um deles, já separados, dividem-se em dois, idênticos a si.

transcendental da pulsão de morte fica assim confirmado, uma vez que nenhum sistema específico tem a seu cargo a efetivação desta finalidade pulsional: trata-se do *fundamento* de outros fenômenos, não de mais um entre eles”.

A sustentação teórica das pulsões de morte possibilita, pelo menos, duas asserções em desdobramento. Uma vez que agem para o restabelecimento do inanimado, do “estado de não-vida”, as pulsões de morte funcionam como o “protótipo” para todas as outras pulsões em operação nos seres vivos, “[...] na medida em que a especificidade do pulsional reside nesse movimento regressivo de retorno a um estado anterior” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 631). Além disso, como a morte do organismo é o único caminho para se realçar a inércia absoluta existente antes do início da vida, as pulsões de morte têm uma íntima afinidade com o princípio do prazer estudado no âmbito específico dos sujeitos: enquanto o referido princípio busca reduzir ao mínimo ou manter em um nível constante as excitações afluentes no aparelho psíquico, a fim de proporcionar prazer, as pulsões trabalham para a eliminação completa de toda e qualquer excitação, mirando o prazer em seu estado mais extremado. Como considera Freud (2010a, p. 238), “o princípio do prazer parece mesmo estar a serviço dos instintos [pulsões] de morte [...]”, dessas forças originárias que direcionam o organismo para o momento anterior ao desabrochar da vida. Não por acaso, nos estudos psicanalíticos, essas pulsões são remetidas à divindade grega de Tânatos.

A chegada ao inanimado é, no entanto, atrasada, de maneira contínua e combativa, pelas pulsões de vida, forças que atuam na renovação e no prolongamento da vida de todos os seres, mesmo tendo, também, um caráter regressivo. Ao abordar as experiências de Woodruff, Maupas, Calkins e outros pesquisadores, Freud (2010a) discute a ação desse conjunto de forças na primeira etapa do processo reprodutivo dos protozoários, a conjugação. Em sua elaboração teórica, a fusão para a troca de material hereditário provoca o rejuvenescimento desses seres microscópicos, porque a mistura de substâncias genéticas “[...] introduz como que novas *diferenças vitais*, que depois têm de ser *dissipadas vivendo*” (FREUD, 2010a, p. 228, grifos do autor), prolongando o tempo de vida. Desse modo, a conjugação delineia o caráter regressivo do pulsional, pois é um dos meios pelos quais ocorre tal rejuvenescimento, postergando o estágio da senilidade e, por conseguinte, a morte. Com a troca de material hereditário, os protozoários se tornam “[...] capazes de resistir mais longamente aos danos de seu próprio metabolismo” (FREUD, 2010a, p. 227).

A observação acerca dos protozoários leva Freud (2010a) a relacionar as pulsões de vida e as pulsões sexuais, equivalendo-as. O cenário ganha complexidade quando, ao incluir os seres pluricelulares, dentre os quais os sujeitos, o autor realiza um deslocamento da própria

teoria da sexualidade, por meio dos conceitos de libido e narcisismo⁷⁸. Desse ponto em diante, no cotejamento com as pulsões de vida, as células dos organismos unicelulares e pluricelulares são tomadas sob uma economia de ordem libidinal. Freud (2010a) propõe que as células se tomam mutualmente como objetos libidinais, para neutralizar, de modos diversos, parte dos efeitos das pulsões de morte e, assim, manterem-se vivas e em operação por mais tempo. As forças vitais ou sexuais agem para que as células protejam a si e as outras, mesmo que, em determinadas situações, algumas delas precisem se sacrificar em prol do restante. A exceção se restringe às células germinativas nos pluricelulares, cujo funcionamento é distinto, mas não divergente: elas retêm a própria libido em si, sem direcioná-la a outras células, em um comportamento de natureza narcísica, até o momento em que são convocadas para a atividade reprodutiva, da qual são parte fundamental. Como afirma Freud (2010a, p. 220-221),

é opinião geral que a união de numerosas células num agregado vital, a multicelularidade dos organismos, tornou-se um meio para o prolongamento de sua vida. Uma célula ajuda a conservar a vida das outras, e a comunidade das células pode continuar vivendo, mesmo quando células individuais têm de morrer. Já vimos que também a copulação [conjugação], a temporária fusão de dois seres unicelulares, tem efeito preservador da vida e rejuvenescedor em ambos. Assim pode-se fazer a tentativa de transpor a teoria da libido, produto da psicanálise, à relação das células entre si, imaginando que sejam os instintos [pulsões] vitais ou sexuais atuantes em cada célula que tomam as outras células por objeto, neutralizam parcialmente os seus instintos [pulsões] de morte, isto é, os processos por eles estimulados, e desse modo as mantêm vivas; enquanto outras células fazem o mesmo para elas, e ainda outras se sacrificam no exercício dessa função libidinal. As células germinais mesmas se comportariam de modo absolutamente “narcísico”, segundo a designação que costumamos usar, na teoria das neuroses, quando um indivíduo conserva no Eu sua libido e não despende parte alguma dela em investimentos objetivos. As células germinais requerem para si mesmas a sua libido, a atividade de seus instintos [pulsões] de vida, como reserva para a sua posterior, grandiosa atividade reprodutiva.

Ainda que não especifique, o excerto aponta para o caráter regressivo das pulsões de vida também nos seres pluricelulares. Entre as células que tomam umas às outras como objetos libidinais, as forças em questão trabalham para a manutenção temporária de certa vitalidade do conjunto, uma operação que é, por si só, de cunho retroativo. É possível

⁷⁸ Roudinesco e Plon (1998, p. 471) explicam que, na clássica teoria freudiana da sexualidade, a libido designa “[...] a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e, por extensão, a sexualidade humana em geral e a infantil em particular [...]”. Diferentemente do emprego realizado pelos sexólogos, a referência de Freud à libido, nos estudos de 1914 em diante, remete a um componente imprescindível da sexualidade enquanto fonte de conflito psíquico, abarcando tanto a relação do sujeito com objetos (na chamada libido objetiva) como a relação narcísica (libido do eu), da qual deriva a discussão sobre o narcisismo.

considerar que, assim como os protozoários rejuvenescem com a conjugação, as células dos pluricelulares adiam a morte quando desempenham as funções que lhes cabem em benefício do todo. Já entre as células germinativas, o comportamento narcísico serve a uma futura reprodução do organismo, na qual se repetirão todos os estágios de desenvolvimento de uma nova vida, com a formação de outro conjunto de células que manterão a economia libidinal. Em comum, essas operações (*re*)injetam excitações orgânicas que retardam o restabelecimento derradeiro do inanimado. É nesse percurso que o autor relaciona as pulsões de vida à divindade de Eros, em oposição às pulsões de morte e a Tânatos. A influência do deus grego do amor busca “[...] impelir uma [célula] para a outra e manter juntas as partes da substância viva [...]” (FREUD, 2010a, p. 235), resultando, em desdobramento, na constituição de unidades cada vez mais amplas – no caso dos sujeitos, “[...] do organismo individual, passando pela família, até a grande união da cidade” (GIACOLA JUNIOR, 2008, p. 74).

Os processos que atrasam a morte nos seres unicelulares e pluricelulares não configuram, entretanto, a meta final das pulsões de vida. Como estas são tão originárias quanto as pulsões de morte, Freud (2010a) sugere um alvo último, radical e pretérito, diferente das formas de vida tal qual as conhecemos. Na leitura de Giacoia Junior (2008, p. 85), a definição dessa meta final é ponto *sine qua non* para a sustentação do dualismo pulsional, visto que, se não houvesse isonomia entre os dois grupos de forças, um deles teria de ser uma “[...] formação derivada e secundária [...]” do outro. Tal alvo, “[...] de natureza tão fantástica [...]” (FREUD, 2010a, p. 230), é a restauração de um suposto “hermafroditismo originário” (GIACOLA JUNIOR, 2008, p. 90), expresso como uma teoria pelo dramaturgo Aristófanes n’*O banquete* de Platão (2012). A interpretação psicanalítica é a de que a teoria trata tanto da origem das pulsões sexuais, equivalentes às pulsões de vida, quanto da variação delas relacionada aos objetos. Freud (2010a, p. 230-231) expõe uma síntese do discurso de Aristófanes, entrelaçando o próprio texto àquele platônico:

“Pois antes o nosso corpo não era formado exatamente como hoje; era muito diferente. Em primeiro lugar havia três sexos, não só o masculino e o feminino, como agora, mas também um terceiro, que unia os dois [...] o homem-fêmea [...]” Mas nestes seres tudo era duplo, tinham quatro mãos e quatro pés, dois rostos, duplos genitais etc. Então Zeus decidiu parti-los em dois, “como se divide os marmelos para fazer conserva [...]”. Como todos se achavam então divididos, o anseio impeliu as duas metades a juntar-se: elas se enlaçavam com as mãos, abraçavam-se, *desejando fundir-se* [...]”⁷⁹.

⁷⁹ O excerto se refere especificamente a sujeitos, mas a proposição freudiana de meta final inclui todos os seres unicelulares e pluricelulares, ainda que sob a forma de perguntas: “Devemos seguir a deixa do filósofo-poeta e arriscar a suposição de que a substância viva, ao ser animada, foi desmembrada em pequenas partículas que desde então buscam reunir-se de novo mediante os instintos [pulsões] sexuais? De que esses instintos [pulsões],

A fusão de corpos, sejam eles unicelulares ou pluricelulares, aponta para o funcionamento de diferentes formas de reprodução, emulando, nunca definitivamente, o alcance da meta final. Essa fusão, “[...] o essencial nos processos visados pelo instinto [pulsão] sexual [...]” (FREUD, 2010a, p. 228), possibilita o prolongamento da vida dos seres, pela (*re*)injeção de excitações, e a preservação das espécies, pela constituição de complexos orgânicos cada vez maiores, reforçando a equivalência entre as pulsões de vida e sexuais. No caso dos sujeitos, a linha que emaranha os corpos à rede do social é tecida em parte pela união de células germinativas sob as forças que buscam o retorno do “andrógino”, “[...] um gênero comum, composto do macho e da fêmea” (PLATÃO, 2012, p. 63). Esse funcionamento não pode ocorrer sem a afluência de excitações invariavelmente desprazerosas à *psique* dos sujeitos, adiando o máximo possível a obtenção do prazer absoluto do inanimado e, por isso mesmo, relacionando-se ao princípio de realidade, aquele que altera o princípio do prazer frente às premências do mundo externo. Na proposta de dualismo pulsional, se a morte é o último ato, no qual o nível de excitações afluentes é zerado e o prazer perene é alcançado, as forças vitais trabalham para atrasá-la o máximo possível, justificando-se como “[...] desvios de duração, atalhos, satélites da morte” (GIACOIA JUNIOR, 2008, p. 83).

Se Freud (2010a) desenvolve a teoria das pulsões de vida e morte a partir de uma perspectiva sobretudo biológica, Lacan (1995) insere nela, enfocando os sujeitos, a problemática do sentido. Em suas palavras, a vida é “[...] um rodeio obstinado, em si mesmo transitório e caduco, e desprovido de significação”, mas que insiste para entrar no sentido, entendido como “[...] uma ordem que surge” (LACAN, 1995, p. 292). Além de implicar o sujeito e o seu corpo no sentido, tal formulação estabelece a majoração da ordem significante sobre a vida, uma vez que segue para além desta, por uma razão já pontuada pela teoria freudiana e reelaborada por Lacan (1995, p. 292): “[...] quando vamos à raiz desta vida, e por detrás do drama da passagem para a existência, não achamos nada senão a vida conjugada com a morte”. A problemática do sentido amplia a consideração do social e, por conseguinte, do discursivo no dualismo pulsional originário, uma vez que não é possível pensar o sentido, no pensamento lacaniano, sem referência ao Outro (*Autre*) e aos outros (*autres*) – como já mencionado, o Outro é a instância que fornece os significantes que estruturam o inconsciente como uma linguagem e os outros, os sujeitos incumbidos de mediar a nossa relação com o

nos quais prossegue a afinidade química da matéria inanimada, gradualmente superam, atravessando o reino dos protozoários, as dificuldades que opõe a tal esforço um meio carregado de estímulos perigosos para a vida, que os obriga a formar uma camada cortical protetora? Que essas dispersadas partículas da substância viva alcançam desse modo a multicelularidade e enfim transferem às células germinais, em elevada concentração, o instinto [pulsão] de reunir-se? Acho que neste ponto devemos parar” (FREUD, 2010a, p. 232).

Outro, cujo acesso não se dá de forma direta. É nessa dinâmica que o sujeito passa a ser representado por significantes aos demais significantes ao longo de sua existência.

O ângulo teórico lacaniano configura, assim, uma base para a abordagem discursiva das pulsões originárias propostas por Freud (2010a), no âmbito específico dos sujeitos. Ao se inserir na ordem do sentido, a vida e as forças que lhes são mantenedoras passam a significar e a serem significadas no/pelo social, discursivizando-se. Como essa mesma vida trava um embate ininterrupto com a morte na esfera do pulsional, representado pelo duelo entre as divindades de Eros e Tânatos, o dualismo também não escapa ao simbólico, marcando-se no discurso do sujeito e do corpo no qual se materializa. A consideração da ordem do sentido entrelaça ainda as pulsões de vida e morte às premências do mundo externo, especialmente à imposição da *precariedade* (BUTLER, 2019a) e aos conflitos dela derivados, implicando aspectos ideológicos, condições de produção, luta de classes, relações de força e, como pontuado no início desta seção, o político do discurso. Em outras palavras, o funcionamento das pulsões originárias se emaranha ao modo como determinadas vidas são e não são consideradas passíveis de luto, desdobrando-se simbolicamente nos embates e divisões do/no social. Se “a vida só pensa em morrer [...]” (LACAN, 1995, p. 293), mesmo trilhando, de forma paradoxal, caminhos mais longos para o retorno ao inanimado, ela o faz no batimento com o sentido e, desse modo, com todo o aparato discursivo.

As condições de produção que atravessaram o início da epidemia de HIV/Aids em países ocidentais circunscreveram funcionamentos envolvendo as pulsões de vida e morte, os sujeitos-soropositivos e os discursos do/no social. Enquanto a ação do vírus acelerava a rota dos organismos infectados para a morte, as forças concernentes à vida buscavam adiar o retorno ao inanimado, por meio da economia libidinal das células. Destaco, com base em Soares (2001), as células do sistema imunológico, cuja principal propriedade é tentar eliminar agentes nocivos, a exemplo do HIV, com o objetivo de manter vivo o conjunto orgânico. Tal confronto era simbolizado no/pelo corpo do sujeito-soropositivo, por meio do (não) aparecimento de sintomas que indicavam clínica e socialmente o estágio da infecção. Ao mesmo tempo, o sujeito-soropositivo que se envolvia em associações como a ACT UP Paris buscava meios para interromper ou, ao menos, retardar o adoecimento, agindo na mesma direção das pulsões de vida. Ele protestava contra a precariedade sustentada pelas (*in*)ações de diferentes agentes sociais, exigindo assistências e medicamentos por meio da *discursivização do político* (INDURSKY, 2019). Nessa tessitura, o trabalho da memória fazia emergir significantes que aproximavam, como se verá a seguir, a epidemia da exterminação em massa empreendida pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial: refiro-me ao sujeito

denominado *Muselmann* e ao símbolo conhecido como *rosa Winkel*, que circularam primeiro nos campos de concentração do regime hitlerista e, depois, no período mais mortal do HIV/Aids.

4.1 O sujeito-soropositivo no campo de concentração nazista

Desde o início da epidemia de HIV/Aids até a disponibilização de medicamentos capazes de controlar a infecção no Ocidente, os sujeitos-soropositivos e os seus corpos significaram e foram significados, de maneira intensa, pelos sintomas que (não) apresentavam no social. A estratégia de parte desses sujeitos de silenciar acerca do diagnóstico, tópico discutido por Pollak (1990), era tão mais eficaz quanto os seus corpos não trouxessem marcas visíveis da patologia, situação que podia perdurar, segundo Soares (2001), por até oito anos. Com aparências físicas revestidas pelo efeito de saúde incólume, havia condições para eles se projetarem imaginariamente como soronegativos, afastando determinadas consequências como a perda do emprego, o despejo do imóvel e o afastamento de amigos e familiares. Depois, no entanto, o surgimento quase invariável de sintomas característicos da Aids lhes impunha o lugar social de soropositivos, levando-os, por vezes, a um isolamento (quase) completo. É perante este segundo cenário, quando se encontravam acometidos, conforme Timerman (2015), por sintomas genéricos – febre, gânglios inchados, perda significativa de peso – e por doenças oportunistas – pneumonia, toxoplasmose, tuberculose e sarcomas de Kaposi – que surgiu, nos Estados Unidos, a “piada doentia” de que “[...] panquecas eram o único alimento adequado para um paciente com AIDS, porque passavam por debaixo da porta” (FRANCE, 2017, p. 92, traduções minhas). O silenciamento do diagnóstico, as consequências sociais e o isolamento de si integravam, como já mencionado, a *precariedade* (BUTLER, 2019a) compelida aos sujeitos-soropositivos.

Esse deslocamento simbólico que atravessou muitos corpos infectados pelo HIV encontra um suporte interpretativo no dualismo pulsional originário de Freud (2010a), bem como na releitura que Lacan (1995) faz dessa teoria. A sustentação de tal gesto depende da compreensão das ações recorrentemente travadas entre o vírus e o sistema imunológico dos sujeitos diagnosticados na época em que não havia tratamentos eficazes⁸⁰. Com base na

⁸⁰ As referidas ações ocorrem ainda hoje, mas em uma proporção menor, quando o sujeito não tem acesso, não se adapta ou se nega a realizar o tratamento. Por conta disso, mortes por Aids são registradas todos os anos no planeta, como mostram as estatísticas mais recentes, de 2021, apresentadas pelo UnAids (2022).

explicação de Soares (2001), o HIV, ao acessar a corrente sanguínea, começava a invadir determinadas células imunitárias, sobretudo os linfócitos CD4⁺, para produzir cópias de si mesmo, em um complexo processo que garantia não só a própria multiplicação, como a destruição das referidas células. Passadas as primeiras semanas do contágio, quando o corpo podia apresentar “manifestações clínicas transitórias” (SOARES, 2001, p. 18), o sistema imunológico conseguia construir uma resposta contra o vírus, dando início a um enfrentamento ininterrupto que evitava a manifestação de sintomas visíveis por até oito anos. Essa “luta incessante”, contudo, seguia até certo limite, quando o sistema imunológico “[...] começa[va] a sair perdendo” (SOARES, 2001, p. 20), a Aids se instalava e progredia até a morte do sujeito.

O esteio teórico de Freud (2010a) e Lacan (1995) permite a leitura de que, enquanto a economia libidinal das células, principalmente daquelas do sistema imunológico, conseguia neutralizar parte da ação do HIV no organismo, o corpo continuava a produzir um efeito de saúde, de modo que o sujeito tinha condições de significar e ser significado como soronegativo no social. Quando essas mesmas células já não eram capazes de conter o avanço do agente patológico, delimitando o estágio da Aids, sintomas visíveis apareciam, revestindo a materialidade corpórea de sentidos outros que obrigavam o sujeito a ocupar o lugar de soropositivo. Se, no primeiro momento, as pulsões de vida demonstravam força perante as pulsões de morte, no segundo elas eram sobrepostas e o sujeito acelerava o caminho rumo ao inanimado. Todo esse funcionamento era intensificado pelas diferentes facetas da precariedade impostas aos sujeitos, como quando deixavam de ter renda, moradia e acesso aos afetos e assistências de que necessitavam. Em obras literárias ou testemunhais acerca de tal período, é comum que os autores empreguem determinados termos para caracterizar a própria vida e/ou a de outros sujeitos sob o efeito majorado das pulsões de morte na fase da Aids. Os livros de Guibert (1992, traduções minhas; 1995a; 1995b; 1996) são exemplos disso, trazendo expressões como *agonizante*, *cadáver vivo*, *cadáveres ambulantes*, *cara de morte*, *cara de morto horrorizado*, *caveira*, *corpo descarnado*, *corpo esquelético*, *esqueleto*, *estado de decrepitude*, *homem macérrimo*, *moribundo*, *magreza alucinante* e *rosto emaciado*.

Na discursivização do corpo debilitado do sujeito-soropositivo, que se materializa gradualmente na fase da Aids, destaco uma regularidade que se dá a partir da mobilização, pelo trabalho da memória, de dizeres produzidos em formações discursivas (FDs) relacionadas ao nazismo. Trata-se de um movimento no qual se demarca a ocorrência de efeitos metafóricos, referentes ao “deslizamento de sentido[s]” (PÊCHEUX, 2014a, p. 96), ao “deslocamento de significações” (HERBERT, 1995, p. 83) entre cadeias distintas, neste caso

aquelas relacionadas à epidemia de HIV/Aids e ao regime instituído por Adolf Hitler na Alemanha. É o que se observa quando France (2017, p. 150, grifo do autor, tradução minha) relata a última vez que viu um amigo internado em um hospital nova-iorquino, em decorrência da síndrome, em 1984: “[...] eu lamentei a morte dele naquele dia, [...] como se ele já tivesse partido, como as velhas mãos em Auschwitz faziam com aqueles desagradavelmente chamados de *Muselmänner*⁸¹, os mortos que não haviam morrido ainda, uma mera tecnicidade”. O testemunho aproxima simbolicamente os sujeitos no estágio mais crítico da Aids dos prisioneiros mais depauperados do campo de concentração de Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial, por meio do efeito de adoecimento terminal produzido pelos corpos de ambos. Sem mencionar os *Muselmänner*, a descrição que Guibert (1995b, p. 14) faz do hábito de observar o próprio corpo em um espelho também se insere nesse funcionamento:

[...] eu o reencontrava [o próprio corpo] toda manhã numa tela panorâmica auschwitziana no grande espelho do banheiro que o empreiteiro, como se fosse de propósito, tinha feito instalar ali, embora eu sempre tivesse tido nos meus banheiros apenas espelhinhos de bolso. Um imenso espelho que forrava toda a parede acima da pia, com um trilho com três focos de luz a pino, que perfurava bem cada osso que estava sendo lavado. Não havia um só dia em que eu não descobrisse uma nova linha inquietante, uma nova ausência de carne sobre a carcaça, isso tinha começado por uma linha transversal sobre as bochechas, segundo determinados reflexos que a mostravam, e agora o osso parecia sair para fora da pele, à flor da pele como pequenas ilhas chatas sobre o mar. A pele refluía para trás do osso, ele a empurrava. Esse confronto todas as manhãs com a minha nudez no espelho era uma experiência fundamental, renovada a cada dia, não posso dizer que sua perspectiva me ajudava a me pôr para fora da cama. Também não podia dizer que tinha pena desse sujeito, isso depende do dia, às vezes tenho a impressão de que ele vai sair dessa porque afinal houve gente que voltou de Auschwitz, outras vezes fica claro que ele está condenado, a caminho da sepultura, inelutavelmente.

A aproximação entre os corpos dos sujeitos-soropositivos no estágio mais crítico da Aids e dos sujeitos-*Muselmänner* é especialmente marcante, porque a tragédia envolvendo os últimos também pode ser lida pelo dualismo das pulsões de vida e morte. Conforme Settingington (2017), os campos de concentração nazistas, ou *Lager*, foram inaugurados a partir de 1933, para receber sobretudo os sujeitos considerados inferiores pela ideologia ariana

⁸¹ As edições brasileiras de obras de autores estrangeiros costumam traduzir os substantivos alemães *Muselmann* (singular) e *Muselmänner* (plural) como “muçulmano” e “muçulmanos”. Assim como France (2017) em seu texto original em inglês, opto por manter os vocábulos no idioma alemão, a fim de preservar a especificidade simbólica deles nas condições de produção dos campos de concentração nazistas, uma vez que, embora haja possíveis relações, não se referem literalmente aos sujeitos que professam a religião islâmica, como se verá adiante. Exceções ocorrem, no entanto, quando reproduzo, *ipsis litteris*, excertos de tais edições brasileiras.

que formatava o governo de Hitler, a exemplo de ciganos, homossexuais, judeus e testemunhas de Jeová. Assim como a ação do HIV no organismo, tais campos aceleravam o caminho da maioria dos prisioneiros à inércia absoluta, mas por outro método: a fome extrema, o trabalho extenuante e a exposição a condições das mais desumanas, administrados violentamente. Desse modo, os *Lager* funcionavam como “fábricas de morte” (LEVI, 2022, p. 9): bastava “[...] executar cada ordem recebida, comer apenas a ração, obedecer à disciplina do trabalho e do Campo” e o sujeito dificilmente viveria por “[...] mais do que três meses” (LEVI, 1998, p. 131). Antes, porém, o corpo dele se degradava, qualquer efeito de saúde produzido pela aparência física era substituído por outro, o de adoecimento terminal, marcando o desequilíbrio flagrante entre as pulsões de vida e morte, em favor destas últimas. Era a partir de então que tal sujeito, de tão fraco e inepto, passava a ser chamado de *Muselmann* e se tornava o alvo principal para as câmaras de gás ou outras formas de execução mortífera, pois não era mais útil ao sistema concentracionário.

A sua vida é curta, mas seu número é imenso; são eles, os “muçulmanos”, os submersos, são eles a força do Campo: a multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar “morte” à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la (LEVI, 1998, p. 132).

As denominações *Muselmann* e *Muselmänner* circularam por diferentes campos de concentração em referência aos prisioneiros à beira da morte⁸². Os vínculos que sustentaram tal imbricação significativa ainda são debatidos por pesquisadores e/ou sobreviventes do extermínio em massa perpetrado pelo regime hitlerista. Agamben (2008) aponta como explicação mais provável a relação feita entre o prisioneiro faminto, extenuado e, conseqüentemente, submisso e o suposto fatalismo islâmico, no qual o sujeito-muçulmano se rende de maneira incondicional à vontade de Deus. Pfefferkorn (2011, p. XIX, tradução minha), sobrevivente de Majdanek, segue na mesma direção, afirmando que “[...] o crente que entrega sua vontade a Alá não é diferente do *Muselmann* que desistiu de sua vida, entregando-a para ser soprada para o céu pela chaminé do crematório [dos campos]”. Levi (2022, p. 79),

⁸² A partir de Wolfgang Sofsky, Agamben (2008) salienta que outros termos também foram utilizados, de forma limitada a alguns campos de concentração, em referência aos mesmos sujeitos: *Gamel* (gamela), em Majdanek; *Kretiner* (idiotas), em Dachau; *Krüppel* (aleijados), em Stutthof; *Schwimmer* (remetendo a quem boia na água se fingindo de morto), em Mathausen; *Kamele* (camelos ou idiotas), em Neuengamme; *müde Scheichs* (imbecis), em Buchenwald; e *Muselweiber* (muçulmana) ou *Schmuckstücke* (enfeites ou joias de pouco valor), em Ravensbrück, campo exclusivamente feminino.

sobrevivente de Auschwitz, considera tal explicação “pouco convincente”, bem como outra, a de que, por usarem eventualmente faixas na cabeça que lembravam turbantes, tais prisioneiros passaram a ser chamados de *Muselmänner*. Outras razões menos prováveis, mencionadas por Agamben (2008, p. 53), relacionam os termos a duas posturas corporais observadas dentre os sujeitos em questão: uma delas era a de “[...] ficarem encolhidos ao chão, com as pernas dobradas de maneira oriental, com o rosto rígido como uma máscara”; e a outra, a de prostrarem e levantarem de forma recorrente a parte superior do corpo, possivelmente pelas limitações físicas, lembrando os movimentos feitos pelos árabes durante orações a Alá.

O modo como pesquisadores e/ou sobreviventes descrevem os sujeitos-*Muselmänner* é semelhante às caracterizações que Guibert (1992; 1995a; 1995b; 1996) e France (2017) fazem dos sujeitos-soropositivos em vias de morrer. Era no “[...] umbral extremo entre a vida e a morte, entre o humano e o inumano, em que habitava o muçulmano” (AGAMBEN, 2008, p. 55), “[...] um cadáver ambulante, um feixe de funções físicas já em agonia” (AMÉRY apud AGAMBEN, 2008, p. 49). Esses sujeitos, “figuras semelhantes a esqueletos” (PFEFFERKORN, 2011, p. XII, tradução minha), tinham os “olhos vidrados, [eram] despídos de carne e dignidade, e ocos de espírito [...]” (PFEFFERKORN, 2011, p. 60, tradução minha). Cada um deles se mostrava “[...] irreversivelmente exausto, extenuado, próximo à morte” (LEVI, 2022, p. 79), sem “[...] capacidade de observar, recordar, medir e se expressar” (LEVI, 2022, p. 67). Tais “‘muçulmanos’ descarnados” (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 66) nada mais eram, portanto, do que “cadáveres vivos” (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 45). Todas essas descrições derivam do sistema desumano ao qual os prisioneiros eram submetidos, marcas de que a produção de *Muselmänner* era uma das etapas que constituíam os *Lager* como “fábricas de morte” (LEVI, 2022, p. 9)⁸³.

O efeito de adoecimento terminal que enreda os corpos dos sujeitos no estágio mais crítico da Aids e dos sujeitos-*Muselmänner* é produzido, neste gesto de interpretação, pela

⁸³ Com referência a Hermann Langbein, Didi-Huberman (2020, p. 13-14) delineia o horror dessas fábricas de morte, ao descrever o trabalho realizado pelo *Sonderkommando*, o grupo de prisioneiros obrigados pelos nazistas a gerir a exterminação de seus semelhantes nas câmaras de gás: “Ver entrar homens, mulheres e crianças [muitos deles *Muselmänner*] na câmara de gás. Ouvir os gritos, os movimentos bruscos, as agonias. Esperar. Receber de uma assentada o ‘indescritível empilhamento humano’ – uma ‘coluna de basalto’ feita de carne, da sua carne, da nossa própria carne – que se desmorona à abertura das portas. Tirar os corpos um a um, despi-los (pelo menos antes dos nazis terem imaginado a solução do vestiário [onde as vítimas eram despidas antes de morrerem]). Lavar à mangueira todo o sangue, todos os líquidos, todo o pus acumulado. Extrair os dentes de ouro para o espólio do Reich. Introduzir os corpos na fôrnelha dos crematórios. Manter a inumana cadência. Alimentar o coque. Retirar as cinzas humanas debaixo dessa espécie de ‘matéria informe, incandescente e esbranquiçada que se escoava em regatos [e que] ao arrefecer ganhava um tom acinzantado’... Triturar os ossos, essa última resistência dos pobres corpos à sua industrial destruição. Fazer pilhas com tudo isso, deitar esses restos ao rio mais próximo ou utilizá-los como material para terraplanagem da estrada em construção perto do campo de concentração”.

majoração das pulsões de morte decorrente da infecção pelo HIV ou do sistema concentracionário nazista. Além das descrições acadêmicas, literárias e testemunhais já mencionadas, tal efeito se apresenta, de forma ainda mais impactante, em fotografias que circulam há décadas no/pelo social. Dentre elas, saliento duas: a que retrata os últimos momentos de vida do sujeito-soropositivo David Kirby, conhecida como *Face of AIDS*, de autoria de Therese Frase (apud COSGROVE, online); e a que mostra um sujeito-*Muselmann* ainda vivo ou já morto, reproduzida tanto no estudo de Ryn e Kłodziński (2017), como no média-metragem *Noite e Neblina* (1956), de Alain Resnais. Na primeira, Kirby aparece em 1990, exageradamente magro e com um olhar vítreo que remete ao cadavérico, sobre um leito de hospital nos Estados Unidos, onde recebe o último adeus de amigos e familiares (imagem 22); na segunda, o prisioneiro de um campo de concentração apresenta uma magreza profunda e um olhar que também aponta para aquele dos cadáveres, sobre um beliche rudimentar de madeira, não nos permitindo especificar se está vivo ou morto (imagem 23). Nas duas, é a morte, muito mais do que a vida, que significa e é significada em tais corpos.

Imagem 22 – David Kirby pouco antes de morrer



Demasiadamente magro e com olhar de aspecto vítreo, o sujeito-soropositivo recebe, sobre um leito de hospital, o último adeus de amigos e familiares. Fonte: Therese Frare (apud COSGROVE, online).

Imagem 23 – Sujeito-*Muselmann* ainda vivo ou já morto

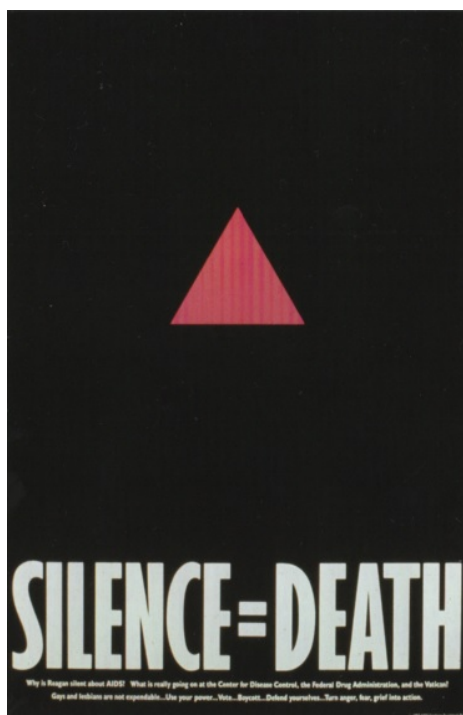


Igualmente magérrimo, o prisioneiro de um campo de concentração tem os olhos abertos como os dos cadáveres. Fonte: *Noite e Neblina* (1956).

Em outras palavras, o efeito de terminalidade é resultado de um profundo desequilíbrio entre as pulsões de vida e morte nos corpos dos sujeitos-soropositivos e dos sujeitos-*Muselmänner*. Eles significam e são significados em um momento derradeiro no processo de restabelecimento do inanimado, no qual a morte se expande, onipotente, sobre a insistência fragilizada da vida. Nos primeiros 15 anos da epidemia de HIV/Aids e ao longo da operação dos *Lager* nazistas, não havia praticamente condições de se evitar a instauração de tamanho descompasso pulsional. Não por acaso, no longa-metragem documental *How To Survive a Plague* (2012), dirigido pelo estadunidense David France (1959-), sujeitos-soropositivos dizem acreditar, no período em questão, que morrerão em decorrência da síndrome. Nos campos, por sua vez, Levi (1988) relata que os prisioneiros costumavam mostrar partes dos próprios corpos uns aos outros, a fim de identificarem marcas inquietantes que fariam deles sujeitos-*Muselmänner*, delineando a última etapa de suas vidas antes da morte. No cruzamento discursivo que se estabelece em função da disseminação do HIV, os sujeitos-soropositivos mais debilitados atualizaram, por meio dos próprios corpos, efeitos que remetem aos sujeitos-*Muselmänner*, como se eles mesmos tivessem passado, *anacronicamente* (DIDI-HUBERMAN, 2015), pelos campos de concentração.

Ainda que a degradação física ocasionada pelo HIV fosse tomada como certa, sujeitos-soropositivos e soronegativos resistiram às condições que possibilitavam a atualização, nos corpos dos primeiros, de discursos relacionados aos sujeitos-*Muselmänner*. Como exemplo, recorro ao relato que France faz do cartaz que circulou por Nova York em dezembro de 1986, uma marca dessa resistência (imagem 24). O cartaz, sem indicação de autoria, traz sobre um fundo preto uma modificação do *rosa Winkel*, o triângulo rosa que identificava, em uniformes nos campos de concentração nazistas, os prisioneiros homossexuais masculinos: em vez de apontar para baixo, como o original, o símbolo aponta para cima. O cartaz também contém, em letras grandes e brancas, a equação linguística “SILÊNCIO = MORTE” e, em letras pequenas da mesma cor, duas perguntas – “Por que [Ronald] Reagan silencia sobre a AIDS?” e “O que está realmente acontecendo nos Centros de Controle e Prevenção de Doenças, na Agência de Alimentos e Drogas, e no Vaticano?” – e uma mensagem aos sujeitos-homossexuais – “Gays e lésbicas não são dispensáveis... Use o seu poder... Vote... Boicote... Defendam-se... Transformem raiva, medo e luto em ação” (FRANCE, 2017, s/p, traduções minhas). Diante da precariedade, o cartaz produziu um efeito de chamamento de sujeitos-homossexuais à política, na perspectiva rancieriana, a fim de forçar medidas que evitassem a ampliação da nova *Muselmanland* (AGAMBEN, 2008).

Imagem 24 – Cartaz com *rosa Winkel* modificado



Em vez de apontar para baixo, como o original utilizado nos campos de concentração nazistas, o símbolo aponta para cima. Fonte: France (2017).

Na leitura de France (2017, p. 244, traduções minhas), a modificação fez com que o *rosa Winkel* não funcionasse, enquanto efeito, como “sinal de rendimento”, mas como “poder e força cósmica”, principalmente entre sujeitos-homossexuais masculinos, os mais estigmatizados pela epidemia e a quem o símbolo original dizia respeito nos *Lager*. Proponho, no entanto, outro gesto de interpretação, com base na tensão entre as pulsões de vida e morte constante na teoria psicanalítica. Uma vez que o sistema concentracionário nazista era um “sistema de extermínio” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 31), os discursos a ele relacionados são atravessados pelo significante da morte. Além da noção de *Muselmann*, isso se dá, por exemplo, com os símbolos nos uniformes dos prisioneiros, marcas sectárias daqueles que provavelmente seriam mortos; e com a execução da Solução Final, um dos pontos fulcrais do Holocausto⁸⁴. Em meio às condições que aproximaram os corpos dos sujeitos-soropositivos no estágio mais crítico da Aids e dos sujeitos-*Muselmänner*, o discurso acerca do *rosa Winkel* foi, então, mobilizado e atualizado para sobrepor, como resistência, o efeito de vida. A *(des)*inversão do triângulo força um sentido contrário à morte: é a vida que se marca, perturbando a rede semântica do símbolo original. Como a morte não deixa de significar ali, devido ao trabalho da memória, a interposição da vida provoca um confronto, em benefício desta última, que remete ao dualismo pulsional originário e ao *político* (ORLANDI, 1996).

Segundo Finkelstein (2018, p. 38, tradução minha), um “grupo de conscientização” assumiu a autoria do cartaz em março de 1987. Além do autor, Avram Finkelstein, participavam desse grupo Brian Howard, Charles Kreloff, Chris Lione, Jorge Socarrás e Oliver Johnston, todos homossexuais. À resistência que possibilitou a sobreposição do efeito de vida sobre o de morte no cartaz, emaranharam-se, como relata France (2017), reuniões envolvendo centenas de sujeitos-homossexuais preocupados com as consequências da epidemia, no início de 1987, em Nova York. Um dos resultados de todo esse movimento foi a criação da primeira unidade da ACT UP no mesmo ano e cidade, cujos integrantes passaram a *(re)*produzir o novo triângulo rosa e a equação linguística “SILÊNCIO = MORTE” nos protestos. A multiplicação de unidades da associação por outros países fez com que tais elementos do cartaz se inserissem também na ordem de diferentes idiomas, confrontando os Aparelhos Repressor e Ideológicos de Estado (ARE e AIEs) de cada localidade. Assim, o triângulo rosa e a inscrição “SILÊNCIO = MORTE” delinearam regularidades nas práticas políticas das unidades da ACT UP, a partir dos saberes que as regiam (imagens 25 e 26).

⁸⁴ Como pontua Lindquist (2012), o Holocausto, ou *Shoah*, refere-se ao extermínio de sujeitos-judeus europeus durante a era nazista. Já a Solução Final, conforme Arendt (1999), foi um dos programas empreendidos pelo regime hitlerista para exterminar tais sujeitos: “[...] o total de judeus vítimas da Solução Final é uma suposição – entre 4 milhões e meio e 6 milhões – jamais comprovada [...]” (ARENDR, 1999, p. 5).

Imagem 25 – Protesto da ACT UP nos Estados Unidos



Sujeitos caminham por via pública, carregando faixa e balões que trazem o *rosa Winkel (des)invertido* e a equação linguística “SILÊNCIO = MORTE” em inglês. Fonte: *How To Survive a Plague* (2012).

Imagem 26 – Protesto da ACT UP no Canadá



Membros da rede carregam cartazes contendo o novo triângulo rosa e a inscrição “SILÊNCIO = MORTE” em inglês e em alemão. Fonte: *How To Survive a Plague* (2012).

A relação entre a resistência discursivizada no cartaz em 1986, nas reuniões realizadas no início de 1987 e na criação da primeira unidade da ACT UP também em 1987 aponta para o “[...] momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo de repetição” (PÊCHEUX, 1990, p. 17, grifos do autor). Em meio à precariedade imposta aos sujeitos-soropositivos, que reforçava as condições para a aproximação no social dos corpos deles com os dos sujeitos-*Muselmänner*, os efeitos produzidos pelo cartaz do *grupo de conscientização* de Finkelstein (2018) se entrelaçaram àqueles das reuniões abordadas por France (2017), resultando no acontecimento histórico que foi a criação da unidade nova-iorquina da ACT UP. Dentre os referidos efeitos individuais, destaco principalmente o cartaz, pois o discurso constante nele demarcou posteriormente uma regularidade nas manifestações da associação, resistências discursivizadas em revoltas, implicando *sujeitos políticos* (RANCIÈRE, 2018) materializados em *corpolíticos*. Finkelstein (2018, p. 57, tradução minha) pontua mesmo que, ao se constituir, a ACT UP funcionou como uma segunda fase do movimento de resistência impresso no cartaz: “Tínhamos projetado o *Silence = Death*. [A] ACT UP estava prestes a criá-lo”.

Em *120 Batimentos Por Minuto* (2017), a tensão entre as pulsões de vida e as pulsões de morte se marca de diferentes maneiras nos corpos e nas práticas constitutivos da unidade parisiense da ACT UP. Há rastros significantes dessa tensão no corpo de cada sujeito-ativista que é ou se projeta/é projetado socialmente como soropositivo, bem como no *modus operandi* da associação nos protestos realizados, que incluem a (*re*)produção do discurso do cartaz nova-iorquino e, também, a mobilização e atualização de efeitos relacionados aos sujeitos-*Muselmänner*. Proponho, na próxima parte desta seção, um movimento de leitura que relaciona, pela teoria psicanalítica do dualismo pulsional, o corpo que (não) dança do sujeito-ativista Sean (interpretado por Nahuel Pérez Biscayart) e os deslocamentos discursivos das noções nazistas de *rosa Winkel* e sujeito-*Muselmann* inscritos nas práticas da ACT UP Paris. A forma como o corpo do personagem simboliza o (*des*)equilíbrio pulsional resultante da ação do HIV, em momentos do filme envolvendo a dança, ressoa os efeitos metafóricos entre os discursos nazistas e os discursos da associação durante as revoltas desta última contra as (*in*)ações dos aparelhos de Estado que sustentam a precariedade compelida aos sujeitos-soropositivos na França do início dos anos 1990.

4.2 As danças de Sean

No longa-metragem *120 Batimentos Por Minuto* (2017), o sujeito-ativista Sean (interpretado por Nahuel Pérez Biscayart) conta ao par romântico, o também sujeito-ativista Nathan (Arnaud Valois), que contraiu o HIV aos 16 anos. Foi durante a primeira relação sexual, que ocorreu sem preservativo e com alguém que conhecia previamente, o próprio professor de Matemática. Durante o relato, Sean afirma que talvez o professor “[...] não soubesse que era soropositivo” naquela época: “Estávamos apaixonados. Eu confiava nele. E ele confiava em mim. Como dois idiotas. Uma semana depois [da relação sexual], fiquei superdoente. Não entendi o que era. Por fim, entendi. Eu já suspeitava. Eu já tinha medo. Fui fazer o teste... e lá estava”. Embora não especifique a idade de Sean no momento do relato, que se dá no início da década de 1990, o filme sinaliza que anos se passaram desde a infecção pelo vírus: durante um protesto anterior da ACT UP Paris em um escritório da empresa farmacêutica Melton Pharm, o personagem afirma a um dirigente que vive com Aids; depois, na conversa supracitada com Nathan, confirma o estado clínico quando diz que tem sarcomas de Kaposi, uma das doenças oportunistas que, segundo Timerman (2015), aparecem comumente durante o estágio da Aids⁸⁵. Quando morre, ao fim do filme, tem 26 anos.

No gesto de interpretação que proponho, com base em Freud (2010a) e Lacan (1995), observo que o HIV rearranja a dinâmica entre as pulsões de vida e as pulsões de morte no organismo de Sean. Desde a infecção, a ação do vírus de invadir e destruir células imunitárias, durante o processo de multiplicação de si mesmo, potencializa as pulsões de morte, uma vez que acelera o trajeto do sujeito rumo ao inanimado. Ao mesmo tempo, a resposta que o sistema imunológico organiza para conter o vírus, com relativa eficácia por até oito anos, como pontua Soares (2001), remete à economia libidinal das células, que busca manter o conjunto orgânico intacto e operante, função das pulsões de vida. Como doença típica à etapa da Aids, os sarcomas de Kaposi configuram, no corpo de Sean, um rastro simbólico de que o sistema imunológico não está mais dando conta do vírus, de que as pulsões de morte se sobrepuseram às pulsões de vida. Na ausência de um tratamento capaz de reverter o

⁸⁵ Em histórias baseadas na epidemia de HIV/Aids, os sarcomas de Kaposi, que se manifestam regularmente como manchas roxas na pele, costumam gerar inquietação entre os personagens, por ser um indicativo da fase da Aids. Quando Sean faz o relato a Nathan, há poucas manchas pelo corpo dele, quantidade que aumentará com o agravamento da síndrome. Referencio também a peça teatral *A mancha roxa*, do brasileiro Plínio Marcos (1935-1999), no qual cinco sujeitos-mulheres detidos em uma penitenciária descobrem estar com uma doença incurável devido às manchas arroxeadas em seus corpos. Pelo menos três marcas aproximam a peça da epidemia: o ano de 1989, quando começou a ser apresentada, faz parte do período mais mortal da Aids; as prisioneiras compartilham seringas para se drogarem, uma forma comum de transmissão do HIV; e as manchas roxas nos corpos delas cotejam com os sarcomas de Kaposi, enquanto doença oportunista.

desequilíbrio pulsional, o quadro clínico do personagem continua se agravando paulatinamente desde o relato feito a Nathan, culminando no retorno ao inanimado.

No corpo de Sean afetado pela Aids, o adoecimento progressivo que delineia o grau de majoração das pulsões de morte sobre as pulsões de vida é pontuado, discursivamente, de formas distintas. Para analisar esse processo e relacioná-lo aos deslocamentos das noções nazistas de *rosa Winkel* e sujeito-*Muselmann* (re)produzidos pelos protestos da ACT UP Paris, opto por recortes discursivos verbo-visuais de três momentos nos quais Sean (não) dança com outros sujeitos-ativistas, em um espaço que, devido às músicas eletrônicas e às luzes estroboscópicas e/ou coloridas, remete, imaginariamente, a casas noturnas. No primeiro recorte, constante entre os pontos 23'58" e 26'31" da edição brasileira em DVD, a câmera mostra o personagem dançando (imagem 27) e beijando Max (Félix Maritaud) na boca, além de grânulos de poeira no ar que se metaforizam, discursivamente, em células e cópias do HIV em uma corrente sanguínea. No segundo recorte, entre os pontos 42'26" e 44'14", vemos Sean dançando novamente (imagem 28) e se aproximando de Nathan, com quem terá uma relação sexual depois, iniciando o envolvimento amoroso de ambos. No terceiro recorte, entre 91'29" e 92'01", o personagem aparece abatido e encostado em um balcão, de onde vê os colegas dançando (imagem 29) e recebe de Nathan um beijo na boca.

Imagem 27 – Sean dança com sujeitos-ativistas



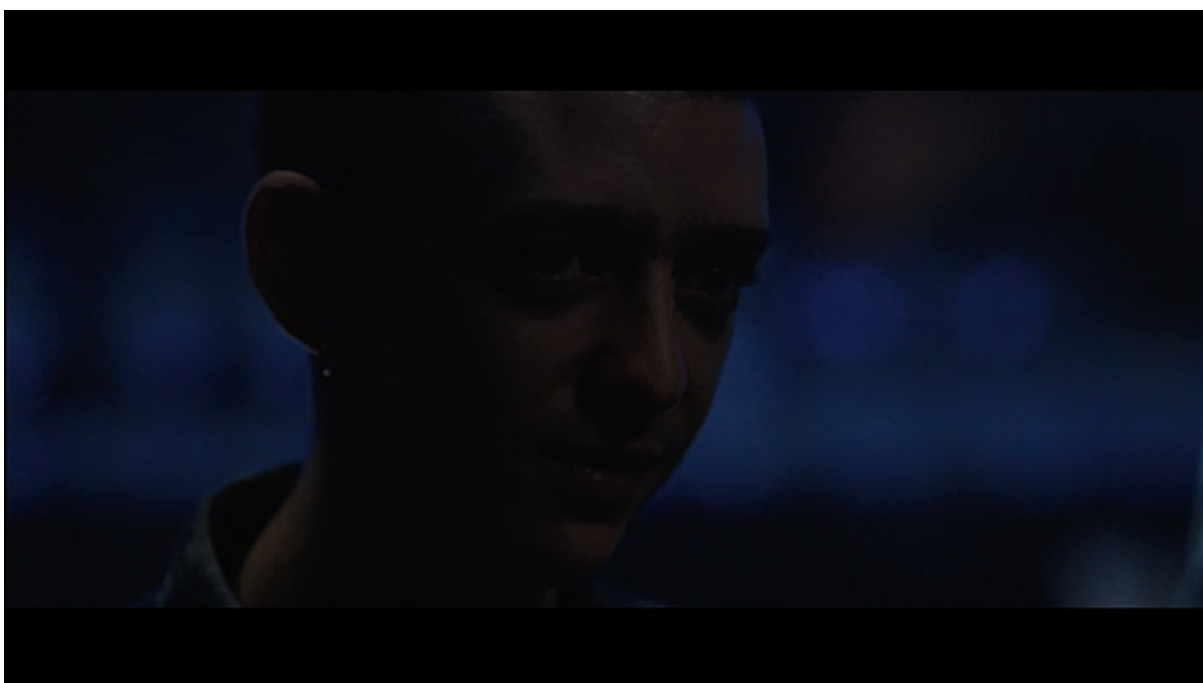
No primeiro recorte, em um ambiente que se liga imaginariamente a uma boate, o personagem dança com outros membros da ACT UP Paris. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 28 – Sean dança novamente com sujeitos-ativistas



No segundo recorte, ele volta a dançar, em outra situação, com integrantes da ACT UP Paris. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 29 – Sean observa sujeitos-ativistas dançarem



No terceiro recorte, o personagem, abatido, não dança: fica encostado em um balcão, vendo os colegas dançarem. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

A dança compõe uma regularidade nos três recortes. Considerando que “só o homem [ser humano] pode dançar” (HAN, 2017, p. 35) e que ele, por ser *sempre-já sujeito* (ALTHUSSER, 2008), está atrelado ao simbólico, tal prática inclui, invariavelmente, o funcionamento discursivo. É por isso que, no âmbito da AD, Ferreira e Orlandi (2001, p. 89) pontuam que a dança é sempre significativa, “porque os homens [...] estabelecem relações de sentido entre si [...]”, demarcando a existência de uma “[...] relação do homem com o simbólico constituído pela história e pela cultura”. Dessa maneira, o discurso produzido por uma determinada dança está atrelado aos sujeitos-dançarinos envolvidos, aos lugares sociais que eles ocupam e, conseqüentemente, às ideologias que os atravessam de modo contínuo na formação social. Por isso, podemos afirmar, com Azevedo (2013, p. 226), que dançar é uma forma do sujeito “[...] inscrever-se no simbólico, produzir sentidos através dos movimentos corporais”, entrelaçando o (*per*)curso dos próprios membros àquele dos sentidos inerente ao aparato discursivo. Dito de outro modo, “[...] dançar é significar-se [...]” (AZEVEDO, 2013, p. 228), já que os movimentos que compõem a prática delimitam gestos enquanto “[...] atos no nível do simbólico [...]” (PÊCHEUX, 2014a, p. 77), sempre em movência.

A leitura que Azevedo (2012; 2013) realiza especificamente da dança em festas do tipo *rave* tem pontos de encontro com os três recortes. Enquanto uma festividade que aparece em países europeus na década de 1980 (AZEVEDO, 2013), a *rave* produz danças nas quais não há coreografia, mas “movimento espontâneo, improvisação” (AZEVEDO, 2012, p. 57), em meio ao som de músicas criadas por sintetizadores eletrônicos, como as dos gêneros *acid house*, *techno*, *trance*, *goa trance*, entre outras. No desvio da linearidade regular às coreografias, tais movimentos configuram uma posição do sujeito de “[...] resistir às determinações” e à “[...] normalização/normatização do discurso social” (AZEVEDO, 2012, p. 60). Em *120 Batimentos Por Minuto*, além do período sócio-histórico-ideológico ser próximo ao supracitado, aspectos das *raves* se repetem nas danças dos membros da ACT UP Paris, bem como nas músicas que compõem os espaços imaginariamente ligados a casas noturnas. Ainda que o filme não atribua qualquer denominação às festas, estas são marcadas por corpos que dançam de maneira espontânea, em meio às batidas de músicas eletrônicas no *dance floor*.

Os estudos da autora possibilitam traçar, com o auxílio da Psicanálise, uma relação discursiva entre a dança e as pulsões de vida no corpo de Sean, nos dois primeiros recortes apresentados. Ao afirmar que “o corpo do sujeito, na *rave*, textualiza uma forma de experimentação de si mesmo e do outro, dando visibilidade para acolher o movimento significativo da vida no próprio corpo”, Azevedo (2012, p. 52) salienta a imbricação existente

entre a dança e a vida, em um funcionamento cuja repetibilidade é admissível em condições de produção semelhantes, como as observadas nos dois recortes. Diante dessa imbricação, a consideração das discussões de Freud (2010a) e Lacan (1995) acerca das pulsões originárias propiciam um desdobramento em profundidade: uma vez que o motor mantenedor da referida vida é constituído pelas forças orgânicas que lhe são concernentes, as pulsões de vida, é plausível tomar as danças do personagem (imagens 27 e 28) como uma discursivização desse conjunto pulsional. Apesar de Sean já apresentar doenças oportunistas resultantes da instalação da Aids, os movimentos espontâneos do corpo dele se ligam discursivamente às forças que, mesmo minoradas, ainda conseguem fazer frente ao retorno do inanimado, daquilo que não se mexe mais, meta final das pulsões de morte. Em outras palavras, o personagem se contrapõe, por meio dos próprios movimentos, ao destino de uma fúnebre imobilidade precoce.

Essa discursivização das pulsões de vida no corpo de Sean remete à economia libidinal das células, cujo objetivo é manter o organismo intacto, operante e, eu acrescentaria, em constante movimento. Tal gesto de interpretação é reforçado por outras marcas do mesmo conjunto pulsional, como o beijo que o personagem troca com Max, durante a festa do primeiro recorte, e a relação sexual que tem com Nathan, após a aproximação de ambos no segundo recorte. Ainda que os sujeitos envolvidos sejam homens cisgêneros, o comportamento sexual de Sean aponta para a reprodução e, conseqüentemente, para a meta última das pulsões de vida, a fusão com outro corpo, a restauração do “hermafroditismo originário” (GIACIOIA JUNIOR, 2008, p. 90). Assim, pela dança, pelo beijo e pelo sexo, a economia libidinal das células e o impulso à reprodução simbolizam, no corpo de Sean já afetado pela Aids, a persistência da força de Eros enquanto forma de “[...] impelir uma para a outra e manter juntas as partes da substância viva [...]” (FREUD, 2010a, p. 235). Desse modo, no cenário em que a epidemia e os sujeitos-soropositivos são fortemente atravessados pelo significante da morte, Sean produz, nas pistas de dança, um efeito de imposição da vida sobre a morte como forma de resistência.

É justamente por esse efeito que o discurso do corpo dançante de Sean tece uma aproximação com os deslocamentos de noções nazistas (*re*)produzidos por ações externas da ACT UP Paris. Como já mencionado em relação ao símbolo do *rosa Winkel*, o uso feito pela associação da versão modificada em 1986 pelo “grupo de conscientização” de Finkelstein (2018, p. 38, tradução minha), na qual o triângulo rosa aponta para cima e não para baixo, força o significante da vida sobre o da morte, demarcando a resistência dos sujeitos-ativistas aos discursos que sustentam a *precariedade* (BUTLER, 2019a) no contexto da epidemia de

HIV/Aids. Diferentemente do modo como o símbolo era utilizado pelo sistema concentracionário, para identificar sujeitos-homossexuais masculinos que provavelmente seriam mortos, como explica Settingrington (2017), a presença da versão alterada nos protestos se refere ao mesmo tempo em que refuta o discurso nazista, sinalizando para a vida, para o desejo de viver daqueles que são soropositivos ou se projetam/são projetados socialmente como tais no grupo.

Em relação ao sujeito-*Muselmann*, os sentidos que orbitam em torno dele são mobilizados e atualizados em ações da ACT UP Paris, mas de modo diferente ao realizado por France (2017) e Guibert (1995b), enfocados no quadro clínico terminal da Aids. Conforme a leitura que realizei na segunda seção, quando os sujeitos-ativistas operacionalizam um protesto do tipo *die-in*, deitando-se no chão como se estivessem mortos, a composição visual evoca, pelo trabalho da memória, imagens de cadáveres espalhados em áreas de conflitos, a exemplo de chacinas, extermínios e guerras. Dentre elas, estão as de sujeitos assassinados pelo sistema concentracionário nazista, muitos dos quais com características físicas comumente atribuídas aos *Muselmänner*, como mostram registros da época no média-metragem *Noite e Neblina* (1955), de Alain Resnais⁸⁶. No estabelecimento de uma relação discursiva entre os mortos na epidemia e os mortos pelo regime hitlerista, especificamente, o protesto dos sujeitos-ativistas produz não o efeito de terminalidade da Aids, mas de denúncia à precariedade que contribui com a produção de tal quadro clínico, como forma de exigir condições de produção que garantam uma vida mais longa, se possível sem encurtamentos, aos diagnosticados com HIV ou Aids. Dito de outra maneira, o ato significa e é significado pelo anseio do grupo de que a vida supere a morte, de que esta última se redefina, no contexto em questão, como um sem-sentido, isto é, algo “[...] que já significou e que não faz mais sentido [...]” (ORLANDI, 2015c, p. 63).

Ao mesmo tempo em que o corpo dançante de Sean discursiviza as pulsões de vida e ressoa os deslocamentos de noções nazistas (*re*)produzidos pela ACT UP Paris, os dois recortes trazem pelo menos duas marcas do funcionamento ininterrupto das pulsões de morte. Uma delas ocorre depois de vermos os sujeitos-ativistas dançando no primeiro excerto, quando grânulos de poeira flutuando no ar se metaforizam em células do sistema imunológico (os corpúsculos maiores) sendo invadidas por cópias do HIV (os corpúsculos menores) no interior de uma corrente sanguínea (imagem 30). Essa ação do vírus, que visa à própria multiplicação, fortalece gradualmente as pulsões de morte, pois prejudica a economia libidinal

⁸⁶ Cf. imagem 8.

das células e acelera o processo de retorno ao inanimado de todo sujeito-soropositivo. Trata-se do mecanismo que, nas palavras de Soares (2001, p. 11), fez com que a infecção pelo HIV e a inevitável evolução para a Aids tomassem “[...] do câncer o título de ‘mal do século [XX]’ [...]”. Diante do discurso do corpo dançante de Sean, o efeito produzido por esse trecho estabelece uma relação de força, uma vez que sinaliza a majoração das pulsões de morte após anos da ação do HIV e o destino para o qual o personagem se encaminha invariavelmente. Os grânulos metaforizados em células e vírus confrontam a dança no campo simbólico, lembrando-nos que Sean vive com Aids e que as forças concernentes à morte continuarão se intensificando até que ele morra.

Imagem 30 – HIV invadindo células



A poeira que flutua sobre a pista de dança se metaforiza na ação do vírus frente a células imunitárias no interior de uma corrente sanguínea. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

A outra marca abrange os dois recortes e emerge de uma imbricação entre o título do longa-metragem, o gênero de música eletrônica *house* e a frequência cardíaca do corpo dançante de Sean. De acordo com Lewis (2018), o nome do filme faz referência ao gênero *house*, cujo andamento começa, enquanto qualidade formal para Rietveld (2018), em 120 batimentos por minuto (BPMs). Na mesma direção, segundo o responsável pela trilha sonora, o francês Arnauld Rebotini (1970-), no vídeo *120 Beats Per Minute: The Soundtrack* (2018), o *house* é a principal inspiração para as músicas escutadas ao longo do filme, incluindo

aquelas das pistas de dança. Partindo dessas relações, é possível considerar que o sentido musical dos BPMs no título e na trilha deriva para a simbolização da frequência cardíaca de Sean nos momentos em que dança, caracterizando-a, a partir de Timby (2001), como mais acelerada do que o esperado para um adulto, entre 60 e 100 BPMs, abrindo espaço para sentidos referentes às forças concernentes à morte.

Por um lado, como a frequência de batimentos cardíacos pode aumentar consideravelmente durante exercícios físicos (ALMEIDA, 2007), a marca de 120 BPMs em Sean se relaciona, enquanto efeito, à resistência das pulsões de vida, no que tange à intensidade motora que dedica aos movimentos. Os batimentos acelerados emaranhados à dança não coreografada compõem uma frente à imobilidade rígida que caracteriza o corpo morto e, por extensão, a morte. Por outro lado, a proximidade que o coração do personagem estabelece com os corações de fetos demarca referências simbólicas tanto às pulsões de vida, como às pulsões de morte: a 120 BPMs, o órgão dele se equipara, em termos de normalidade, aos de *fetos de 6,3 a 7 semanas* (DOUBILET; BENSON, 1995), que têm, *a priori*, uma longa vida pela frente, ao mesmo tempo em que estão mais próximos do estado de não-vida, traçando um cotejamento com o *movimento regressivo de retorno ao inanimado* (FREUD, 2010a). Neste último caso, especificamente, delineia-se um ir e vir constante entre vida e morte, uma movência tensionada que se entrelaça àquela da dança, na qual se marca a resistência do personagem no contexto epidêmico.

As marcas do funcionamento das pulsões de morte se desdobram em outras no terceiro recorte. O corpo de Sean, que desta vez não dança e apenas observa outros sujeitos-ativistas desenvolvendo movimentos improvisados na casa noturna (imagem 29), discursiviza uma majoração intensificada de tal conjunto pulsional, decorrente da longa e ininterrupta deterioração do sistema imunológico causada pela multiplicação do HIV. Parado, encostado em um balcão, o corpo do personagem textualiza o dismantelamento dramático da economia libidinal das células, que busca manter o organismo intacto, operante e em movimento, contrapondo a inércia atual à movência espontânea que outrora tomava conta dele na pista de dança. Nessa direção, o descompasso entre a ausência e a presença da dança em momentos distintos sinaliza um estágio mais crítico e delicado do quadro clínico de Sean: refiro-me à fase terminal da Aids, quando as doenças oportunistas e outros sintomas típicos da síndrome se proliferam com maior ferocidade, devido à ausência de tratamentos eficazes para o controle do HIV no organismo.

O efeito de estágio terminal é reforçado pela aproximação que o corpo de Sean estabelece visualmente com os corpos dos sujeitos-*Muselmänner*, da mesma forma que se

observa nos relatos de France (2017) e Guibert (1995b). Aparentando magreza e abatimento aprofundados, o personagem mobiliza e atualiza na pista de dança sentidos relacionados aos sujeitos-prisioneiros mais debilitados e, por isso, cientes da seleção próxima para as câmaras de gás no sistema concentracionário nazista. Nesse movimento, estabelece-se uma metáfora de ordem espacial, entre o *dance floor* do início dos anos 1990 e os *Lager* que fabricaram tantas mortes durante a Segunda Guerra Mundial. O beijo que recebe de Nathan, sem o mesmo entusiasmo que demonstra com os gestos afetivos presentes ou ligados aos dois primeiros recortes, também endossa o efeito de terminalidade, uma vez que caracteriza o impulso sexual por uma quase inoperância, resultante, neste contexto, da limitação extremada das pulsões de vida perante as pulsões de morte. Essa mudança me remete ao intenso texto de *A doença, uma experiência*, de Bernardet (1996, p. 51), no qual o protagonista, admitindo estar profundamente doente em razão da Aids, desabafa: “Uma outra imagem de mim mesmo se forma: não existo mais, fui substituído”. Deste momento em diante no filme, o corpo de Sean se torna mais e mais debilitado, exibindo uma quantidade maior de sarcomas de Kaposi e ficando boa parte do tempo em repouso (imagem 31). Ao fim, ele comete suicídio, com o auxílio de Nathan, por meio da aplicação intravenosa de uma substância não nomeada, retornando, enfim, ao inanimado (imagem 32).

Imagem 31 – Sean em estado terminal de Aids



Com a multiplicação do HIV, o corpo do personagem mobiliza e atualiza sentidos relacionados aos sujeitos-*Muselmänner*. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 32 – Sean morto



O sujeito-ativista comete suicídio, com o auxílio de Nathan, por meio da aplicação intravenosa de uma substância não nomeada. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Neste gesto de interpretação, observo ainda que o corpo (não) dançante de Sean discursiviza o desprazer que envolve a vida e o prazer inerente à morte, dando visibilidade à tensão insuperável que os entrelaça na esfera psicanalítica. Assim como na participação em ações da ACT UP Paris, os movimentos espontâneos do personagem em meio à música eletrônica apontam para a resistência das pulsões de vida frente ao destino da morte precoce, integrando, portanto, o *princípio de realidade* (FREUD, 2010a). As danças dele se relacionam discursivamente com a sempre desprazerosa afluência de excitações no aparelho psíquico, intrínseca ao processo de tentar garantir a sobrevivência, de manter intacta e operante a vida da qual se goza. Contrariamente, a ausência posterior de movimentos de dança marca no próprio corpo um arrefecimento crítico dessa resistência e o estabelecimento gradual de outro registro significativo, o de cessão ao *princípio do prazer* (FREUD, 2010a), que se consolidará com a descarga de toda excitação da *psique*, no suicídio ao fim do filme. O anseio pelo prazer último da imobilidade incitada pelas pulsões de morte se faz presente na pergunta que o personagem, bastante debilitado sobre uma cama, endereça a Nathan: “está tudo pronto [para a aplicação da injeção letal]?”.

Ainda que Sean não utilize nenhum uniforme ou adereço da ACT UP Paris, é plausível considerar a possibilidade de que seja reconhecido socialmente como integrante da associação

e, por extensão, como sujeito-soropositivo, devido à participação constante nos protestos e à mediatização destes. No período em que o silenciamento acerca do próprio diagnóstico é uma prática recorrente para se evitar represálias, como identifica Pollak (1990), e uma faceta da precariedade, como defendo nesta tese, discursivizar as pulsões de vida ou de morte do lugar social de soropositivo em casas noturnas faz com que o personagem irrompa inevitavelmente como *sujeito político* (RANCIÈRE, 2018) materializado em *corpolítico*. Isso cabe, também, aos outros sujeitos-ativistas presentes nas festas, sejam eles soropositivos ou soronegativos que se projetam/são projetados como os primeiros. A presença, a (não) dança e as formas de afetividade de todos compõem uma manifestação espontânea do grupo, na qual ocupam um espaço que não é destinado àqueles condenados à morte precoce, deixando rastros do efeito de homogeneidade e da heterogeneidade constitutiva. Os sujeitos-ativistas impõem a circulação de sentidos que, em razão da *ordem policial* (RANCIÈRE, 2018) em vigor, deveriam permanecer na esfera do irrealizado; em outras palavras, eles *repartilham o sensível* (RANCIÈRE, 2009; 2018) ainda que temporariamente. Os sujeitos que são soropositivos ou se projetam/são projetados como tais são sujeitos que protestam quando se atrevem a dançar e a amar em público.

Na próxima seção desta tese, Sean e os demais sujeitos-ativistas retornam às formas de protesto mais recorrentes da ACT UP Paris, aquelas de teor planejado e contundente. Nos gestos de interpretação que proponho, os aspectos discursivos abordados desde as primeiras páginas propendem a uma imbricação, a um entrelaçamento. Neles, os integrantes da associação se fazem sujeitos políticos materializados em *corpolíticos* em contraposição a situações que colocam aqueles que vivem com HIV ou Aids na mira da morte. Por meio da *discursivização do político* (INDURSKY, 2019), as ações exigem por condições de produção nas quais a vida dos sujeitos-soropositivos seja considerada passível de luto na formação social, abrindo caminhos para que não morram (tão) precocemente, ponto que delineia o embate ininterrupto entre Eros e Tânatos. Modificando parcialmente o que lemos na edição de 1998 de *A hora da estrela*, romance seminal de Clarice Lispector (1920-1977), *como não há o direito ao grito, então eles gritam*.

Meu sangue desmascarado, por toda parte e em qualquer lugar, e para sempre, a não ser que houvesse um milagre por transfusões improváveis, meu sangue nu a qualquer momento, nos transportes coletivos, na rua quando ando, obstinadamente vigiado por uma seta sempre apontada para mim. Isso se vê nos olhos?

Hervé Guibert, em *Para o amigo que não me salvou a vida* (1995a, p. 11)

Autrefois on me disait : « Vous avez de jolis yeux », ou : « Tu as de belles lèvres » ; maintenant des infirmiers me disent : « Vous avez des belles veines. »

Hervé Guibert, em *Cytomégalo-virus: journal d'hospitalisation* (1992, p. 9)

Dernières volontés: incinéré, le plus vite possible. Aucune cérémonie religieuse, aucun rassemblement amical ni familial au moment de la crémation, aucune musique. Jeter les cendres dans la première poubelle.

Hervé Guibert, em *Cytomégalo-virus: journal d'hospitalisation* (1992, p. 84)

5 ACT UP PARIS *VERSUS* APARELHOS DE ESTADO

Com base nos trajetos teórico-analíticos tecidos até aqui, com enfoques delineados a partir de inquietações discursivas suscitadas pelo longa-metragem *120 Batimentos Por Minuto* (2017), esta seção concentra gestos de interpretação nos quais todos eles tendem a um cruzamento, emaranhamento, entrelaçamento. Em um batimento com o ponto central da tese por mim proposta – a de que as desestabilizações e eventuais transformações sociais provocadas pela *discursivização do político* (INDURSKY, 2019) encampada por grupos de ativistas, a exemplo da ACT UP Paris, implicam a constituição e a mobilização de *corpolíticos* –, cheguei a três recortes discursivos verbo-visuais do filme que abrangem, sobretudo, ações externas da associação francesa. Reunidos na resistência e na revolta e atravessados pela divisão psicanalítica entre vida e morte diante da epidemia de HIV/Aids, os *corpolíticos* funcionam em contradição com o político dos corpos, ainda que tal relação não seja sempre explicitada.

Enquanto *rituais ideológicos* (ALTHUSSER, 2008) e de *linguagem* (LARA PIMENTEL, 2010), os protestos ocorrem contra representantes dos Aparelhos Repressor e Ideológicos de Estado (ARE e AIEs), na França do início dos anos 1990, contemplando a pergunta norteadora da pesquisa. Ao tomarem o *logos* (RANCIÈRE, 2018) à força, os sujeitos-ativistas reivindicam por *vidas que sejam consideradas passíveis de luto* (BUTLER, 2019a) para aqueles que vivem com HIV ou Aids ou integram grupos precarizados no contexto da epidemia, em um movimento de busca pela igualdade frente a outros sujeitos da formação social. Nesse funcionamento, marcas simbólicas das manifestações permitem observar a emersão de *corpolíticos* no jogo contraditório entre a construção de um revestimento de homogeneidade em público e a constância da heterogeneidade discursiva inerente ao grupo. É perante as condições de produção de cada embate que os corpos desses sujeitos significam e são significados, juntamente de seus enunciados.

Nos gestos de interpretação a seguir, parto da consideração de que a ACT UP Paris se inscreve na formação discursiva (FD) “Ativismo Social Relacionado à Aids”, intrincada à formação ideológica (FI) “Ativismo Social”, ambas instauradas pela ideologia “Ativismo Social”. Por ter maior notoriedade pública dentre os coletivos relacionados à epidemia que integram a mesma FD, o grupo delimita a posição-sujeito dominante, “Ativista Social da ACT UP Paris”. Essa posição traz implicações simbólicas: ao ocupá-la, a associação organiza e se confunde com o conjunto de saberes que se faz predominante na FD, a forma-sujeito “Ativista

Social Relacionado à Aids”. Como os sujeitos-ativistas respondem diferentemente ao assujeitamento ideológico, a posição-sujeito dominante é fragmentada, de modo que as relações de força desencadeadas determinam o que é predominante, desdobrando-se na forma-sujeito. Assim, os integrantes se alinham a duas modalidades discursivas do funcionamento subjetivo, identificando-se ou contra-identificando-se com os saberes predominantes.

5.1 ACT UP Paris *versus* AFLS

O primeiro recorte discursivo, compreendido entre os pontos 5’50” e 12’54” da edição brasileira do longa-metragem em DVD, enlaça as proposições conceituais desta tese, *corpolítico* e político dos corpos, em uma tensão significativa. O excerto enfoca a primeira reunião semanal da ACT UP Paris abordada pelo filme, que ocorre logo após um protesto realizado pelos sujeitos-ativistas em um evento envolvendo a Agência Francesa de Luta Contra a Aids (AFLS, na sigla em francês). Embora se presentifique no momento da reunião em que os participantes debatem sobre dois atos imprevistos cometidos por três deles durante a ação externa, a narrativa fílmica traz, de maneira retrospectiva e entrelaçada, cenas do que aconteceu. Este é um dos momentos no qual é observado o funcionamento da contradição nas práticas do grupo, por meio da imbricação entre o revestimento de homogeneidade operacionalizado nos protestos e a heterogeneidade discursiva que se marca continuamente nas reuniões semanais.

Ainda que fictício, o recorte ressoa a dita realidade. De acordo com Bienvault (2018), a AFLS operou durante aproximadamente seis anos na França, entre 1989 e 1995. Com base na teorização de Althusser (2008) de que o Aparelho Repressor de Estado (ARE) abriga no próprio centro o governo cujas características advêm da classe social detentora do poder de Estado, podemos assumir que a agência se estabeleceu dentro dos limites desse aparelho, já que, conforme Bienvault (2018), foi criada e regida pela administração do presidente François Mitterrand, desde o princípio amparada pela burguesia. Devido a essa articulação na esfera do ARE, os discursos postos em circulação pela AFLS, cuja principal função era o desenvolvimento de campanhas de prevenção relacionadas à epidemia de HIV/Aids, alinhavam-se àqueles do governo e, por extensão, àqueles da classe burguesa.

Bienvault (2018) também pontua que a AFLS foi, ao longo de sua existência, alvo constante de críticas. Dentre aquelas realizadas pela ACT UP Paris à época, Broqua e Pinell (2002, p. 245, tradução minha) destacam as relacionadas às campanhas de prevenção, que

enfocavam a má condução pela agência, a circulação em locais pouco eficazes e a segmentação insuficiente do público-alvo, levando a resultados sociais “claramente insuficientes”. Os apontamentos da associação permitem aproximar essas campanhas do imaginário de que a epidemia atingia principalmente *sujeitos cujas vidas não eram passíveis de luto* (BUTLER, 2019a), vidas pelas quais não valia a pena lutar, como as dos homossexuais masculinos, dos profissionais do sexo e dos toxicômanos. Assim, ao mesmo tempo em que produziam um efeito de resposta à crise vivenciada na saúde, as campanhas realimentavam a *precariedade* (BUTLER, 2019a) imposta historicamente a tais sujeitos na formação social. Esse funcionamento ressoava sentidos relacionados à negligência já produzidos pelo ARE: um exemplo era Mitterrand, considerado “o grande ausente dos anos mais difíceis da epidemia” (BIENVAULT, 2018, online, tradução minha), por raramente se pronunciar em público sobre a Aids, como já mencionado.

Em meio ao esforço para dar voz e visibilidade aos sujeitos-soropositivos, a ACT UP Paris, provocada pelas condições de produção derivadas do trabalho executado pela AFLS, articulou-se também em prol de sujeitos já marginalizados e sob maior risco de infecção pelo HIV. Esse enfrentamento remetia à própria constituição do grupo: ainda que se projetasse/fosse projetada socialmente como soropositiva, pelo menos parte dos integrantes soronegativos pertencia ao rol de sujeitos que, por serem alvos de uma precariedade histórica, temiam contrair o vírus, tornar-se *Muselmänner* e morrer precocemente. Desse modo, as ações que a ACT UP Paris empreendeu contra a AFLS à época articulavam uma tomada de espaço à força para os sujeitos-ativistas, que eram soropositivos ou se projetavam/eram projetados como tais, com a finalidade de exigir campanhas de prevenção eficazes que não negligenciassem aqueles que mais precisavam⁸⁷. Esses movimentos delinearam revoltas que discursivizaram a resistência da associação a dois tipos distintos, porém entrelaçados, de precariedade: a que impunha o silenciamento aos sujeitos-soropositivos e a que reforçava a marginalização de determinados sujeitos frente ao avanço da epidemia.

No recorte supracitado, o ritual de protesto começa logo após o diretor da AFLS, Michel Bernin (interpretado por François Rabette), assumir o púlpito no palco do anfiteatro onde ocorre o evento, para falar a respeito de uma campanha de prevenção, como antecipa o *slide* projetado sobre o telão atrás dele. Enquanto o diretor cumprimenta o público, que inclui outras associações de ativismo social relacionado à Aids, dez integrantes da ACT UP Paris,

⁸⁷ Broqua e Pinell (2002) mencionam três ações da ACT UP Paris contra a AFLS: a primeira em 1990, devido ao cancelamento, por determinação do governo, de uma campanha em defesa do uso de preservativos; a segunda em 1991, por conta de campanhas consideradas ineficazes; e a terceira em 1993, após o Tribunal de Contas questionar a qualidade e as finanças do trabalho realizado pela AFLS.

escondidos atrás de uma cortina, invadem o palco soando apitos e buzinas e carregando oito cartazes, nas cores branca e preta, com os seguintes enunciados: “AFLS: 4 ANS DE MORT CLINIQUE” (“AFLS: 4 ANOS DE MORTE CLÍNICA”, tradução minha) e “AFLS: ON COMPTE LES MORTS” (“AFLS: NÓS CONTAMOS AS MORTES”, tradução minha). O grupo, uniformizado com camisetas e adereços da ACT UP Paris, distribui-se, nesse movimento, sobre toda a extensão do tablado.

Durante a invasão do ACT UP Paris, o diretor da AFLS se desloca para o centro do palco, ficando cercado, em sua retaguarda, pelos sujeitos-ativistas (imagem 33). Nesse rearranjo, Sophie (Adèle Haenel) se posiciona em frente ao púlpito e, com o auxílio do microfone, começa a confrontar Bernin sobre as campanhas de prevenção desenvolvidas pela agência (imagem 34). Ela diz: “Faz três anos que a AFLCA [AFLS] existe e ainda esperamos uma campanha decente de prevenção. A França é o país com o dobro de doentes do Reino Unido e da Alemanha. Não fazem nada contra a epidemia, nada dirigido a gays, drogados, mulheres e estrangeiros...”. Neste ponto, o diretor a interrompe, para argumentar que houve, sim, campanhas voltadas aos sujeitos-homossexuais masculinos (imagem 35), o que é prontamente rebatido por ela: “Essas campanhas foram censuradas pelo Primeiro Ministro. Elas aparecem em publicações que ninguém lê nem distribui”.

Imagem 33 – ACT UP Paris em protesto contra a AFLS



Dez sujeitos-ativistas invadem o palco, interrompendo os cumprimentos iniciais do diretor da agência, Michel Bernin. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 34 – Sophie em confronto com Bernin



Depois de ocupar o púlpito, a personagem inicia um embate com o diretor da AFLS (que aparece de costas no *frame*) sobre as campanhas de prevenção. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 35 – Bernin em confronto com Sophie



No palco, o diretor da AFLS tenta responder às críticas colocadas pela integrante da ACT UP Paris (agora de costas no *frame*). Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

No curso desse confronto, três sujeitos-ativistas cometem atos imprevistos que, mais tarde, serão foco de escrutínio na reunião semanal da ACT UP Paris. O primeiro ato se dá quando Marco (Théophile Ray) atira, no diretor da AFLS, uma bexiga cheia de tinta vermelha caseira, antes do momento acordado em grupo. Como a borracha se rompe ao atingir o rosto de Bernin, o líquido se espalha pelo corpo dele. O efeito de apreensão, produzido na/pela reação corporal do diretor, resulta do trabalho do imaginário que faz com que a tinta signifique e seja significada como sangue contaminado pelo HIV, assim como estigmatiza os sujeitos-ativistas como soropositivos (imagem 36). Esse ato é seguido por um outro, que não faz parte dos planos da associação, realizado por Max (Félix Maritaud) e Sean (Nahuel Pérez Biscayart). Depois de deitarem no chão os cartazes que carregam, os dois passam a pronunciar, como palavras de ordem, o enunciado “Bernin, peça demissão!”, enquanto arrastam o diretor até a estrutura metálica que dá suporte ao telão, algemando-o ali (imagem 37). Esses dois momentos interrompem prematuramente o embate iniciado por Sophie e desorientam os outros sujeitos-ativistas sobre o palco, que se mostram perdidos, sem ação. O efeito de fim do protesto ocorre ainda durante o ato de Max e Sean, quando Marco vai até o projetor e coloca a mão esquerda, molhada de tinta/sangue, sobre o *slide* ali posicionado, a respeito de uma campanha de prevenção (imagem 38).

Imagem 36 – Bernin com tinta/sangue no rosto



Antes do momento acordado com os outros sujeitos-ativistas, Marco atira uma bexiga com o líquido no diretor da AFLS. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 37 – Bernin arrastado por Max e Sean



Os dois sujeitos-ativistas puxam o diretor da AFLS até a estrutura metálica que dá suporte à tela de projeção, algemando-o ali. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 38 – “Mão vermelha” em slide



Enquanto Max e Sean arrastam Bernin, Marco vai até o projetor e deixa a marca da própria mão molhada de tinta/sangue sobre o material exibido. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Com base nas definições de Broqua e Fillieule (2006) e France (2017), o protesto se configura como um *zap*, por ser fortemente imperativo. É durante a sua execução que os sujeitos-ativistas se fazem *sujeitos políticos* (RANCIÈRE, 2018) entrelaçados à materialidade que lhes é específica, o *corpolítico*, conforme proponho. Este funcionamento ocorre porque os sujeitos-ativistas, que são soropositivos ou se projetam/são projetados publicamente como tais, impõem-se à visão e à escuta do social sem qualquer autorização, um ato *político* em essência (RANCIÈRE, 2018), para exigir campanhas de prevenção que tomem como passíveis de luto as vidas dos sujeitos mais vulneráveis à infecção pelo HIV. Ao se endereçarem à AFLS, eles atingem o ARE, já que a primeira integra o segundo e ambas, sustentadas pela ideologia dominante, gozam do direito a uma fala que é escutada como tal, um *logos* garantido pela ordem da *polícia* (RANCIÈRE, 2018). Os sujeitos-ativistas se configuram como sujeitos políticos por forçarem uma reorganização dessa ordem, implicando necessariamente os próprios corpos como *corpolíticos*, que significam e são significados em meio às tensões do/no social do qual emergem. É o momento no qual ocorre uma *repartilha do sensível* (RANCIÈRE, 2009; 2018).

O revestimento de homogeneidade, como *efeito de consenso* (INDURSKY, 2019), dá sustentação simbólica, no início do *zap*, ao conjunto de sujeitos-ativistas. O entrelaçamento de determinadas marcas aponta para tal funcionamento: a uniformização dos participantes com peças de roupas e adereços que trazem a logomarca e/ou o símbolo da ACT UP Paris, evocando um efeito de unidade para a posição-sujeito dominante e, por conseguinte, uma suposta identificação generalizada com a forma-sujeito da formação discursiva (FD) “Ativismo Social Relacionado à Aids”; o modo como eles invadem o palco de maneira sincronizada e até coreografada, munidos de apitos, buzinas e cartazes com enunciados que se repetem, reforçando o sentido de um grupo que se amalgama em um (*im*)possível corpo isento de falhas; e a apropriação forçada da fala, na qual o sujeito-ativista Sophie ocupa a posição enunciativa de porta-voz da associação, (*re*)produzindo um discurso pretensamente coletivo, marcado pela primeira pessoa do plural (nós), mas que relega ao *irrealizado* as diferenças que os dividem (PÊCHEUX, 1990).

Diferentemente de outros protestos da ACT UP Paris apresentados pelo longa-metragem, não é o presidente Thibault (Antoine Reinartz) quem atua como porta-voz. Nesse *zap*, ele não está presente, de modo que é Sophie quem atribui voz aos sujeitos-ativistas que cedem, como ela, seus corpos ao movimento. Ao se posicionar em frente ao púlpito e confrontar o diretor da AFLS, a personagem impõe uma fala em nome da associação, reforçando o rearranjo da ordem policial iniciado imediatamente antes pela ação do grupo.

Nesse processo, a fala dela operacionaliza dois outros mecanismos simbólicos. O primeiro é a *discursivização do político* (INDURSKY, 2019), já deflagrada pelos corpos dos participantes e pelos enunciados dos cartazes, pois as críticas da porta-voz fazem circular sentidos referentes à incompetência, à ineficiência e à irresponsabilidade das campanhas de prevenção, divergentes daqueles produzidos pela própria agência. O segundo é o *desentendimento* (RANCIÈRE, 2018), situação na qual um sujeito entende e não entende o que é dito por outro sujeito, em função das posições consideradas *(i)*legítimas que ocupam na interlocução. Isto ocorre quando Sophie e Bernin debatem sobre a (não) existência de campanhas voltadas a grupos já marginalizados: ao mesmo tempo em que entendem, eles não entendem exatamente o que é dito pelo outro, fazendo com que o embate se configure como de impossível solução.

A partir desse ponto do *zap*, a ocorrência dos dois atos imprevistos circunscreve falhas no ritual de protesto da ACT UP Paris, marcando um atravessamento da heterogeneidade discursiva constitutiva no efeito de consenso ali construído. No primeiro ato, quando acerta Bernin com uma bexiga cheia de tinta/sangue antes do momento combinado em grupo, Marco engendra uma quebra na fala da porta-voz, que desbarata tanto os dizeres e os sentidos, quanto a representatividade coletiva por ela mobilizados. Se o arremesso de bexigas tinha o potencial de reforçar o revestimento de homogeneidade se ocorresse conforme o acordado, dentro do movimento coreográfico empreendido até ali, a sua antecipação se sobrepõe à ação em andamento, fazendo eclodir outros efeitos que, embora não divergentes da forma-sujeito que organiza a FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”, são potencialmente mais ofensivos. Em outras palavras, a ação de Marco desorganiza o ritual, com implicações que afetam o efeito de consenso, bem como a cadência dos significantes em jogo.

Nesse ato, pelo menos dois sentidos entram em circulação com a intrincação imaginária entre a tinta e o sangue contaminado com HIV. Da perspectiva da ACT UP Paris, um deles é o de que Bernin e a AFLS são articuladores de um “banho de sangue”, isto é, de um “massacre” (ROBERT, 1996, p. 2032, tradução minha) de sujeitos que receberam diagnósticos positivos para HIV ou Aids, naquela época sentenças de morte, devido à ineficácia das campanhas de prevenção. Esse efeito é reforçado adiante, quando Marco deixa a marca da própria mão molhada de tinta/sangue sobre o *slide* no projetor, cujas informações versam sobre uma campanha, reiterando a imputação de que a agência mergulha “[...] as mãos no sangue”, em referência à ação de “matar um homem, homens” (LITTRÉ, 1873-1874, p. 1818, traduções minhas). Essa injunção também mobiliza e atualiza dizeres outros, a exemplo daquele advindo da materialidade bíblica: “Pois suas mãos estão manchadas de sangue e seus dedos de crimes; seus lábios proferem mentiras, sua língua fala iniquidade” (LA SAINT

BIBLE, 1880, p. 594, tradução minha)⁸⁸. O segundo sentido advém do modo como o ato é interpretado por aqueles que ocupam a posição oposta no conflito estabelecido. Neste caso, o arremesso da bexiga funciona simbolicamente como um ataque com sangue contaminado dirigido a Bernin, a fim de colocar em risco a sua saúde e, também, a sua vida. Eis porque, logo após ser atingido, o diretor da agência olha com apreensão para a substância que reveste seu rosto e parte do seu corpo.

No segundo ato, Max e Sean fogem completamente ao plano da ACT UP Paris. Ao arrastarem o diretor da AFLS até a estrutura metálica do telão e algemarem uma das mãos dele ali, enquanto enunciam as palavras de ordem “Bernin, peça demissão!”, os dois fazem com que outros sentidos também se sobreponham, impondo uma nova fissura ao revestimento de homogeneidade, por meio da qual se reitera a divisão simbólica. Visto que segurar, arrastar e algemar ressoam o imaginário de uma abordagem policial a sujeitos suspeitos ou flagrados cometendo crimes, o ato faz com que Max e Sean sejam atravessados por efeitos que apontam para funções punitivas policiais, ao mesmo tempo em que reforça a leitura de que Bernin é criminoso, já posta em circulação por Marco. Além de dar continuidade à desorganização do *zap*, a nova ruptura escapa às práticas da posição-sujeito dominante e aos saberes da forma-sujeito da FD: as algemas que os sujeitos-ativistas carregam durante ações devem ser utilizadas caso a polícia apareça, para se autoprnderem em alguma estrutura e, assim, atrasarem as próprias detenções, nunca para coagir ou constranger outros sujeitos.

Ao configurarem falhas, os atos de Marco, Max e Sean marcam a heterogeneidade discursiva da associação em um ritual de protesto que se sustenta ilusoriamente no/pelo efeito de consenso. As ações dos três quebram a ordem do discurso coletivo realizado por Sophie e rompem com o movimento coreográfico composto em conjunto, antecipando e/ou sobrepondo sentidos previstos – relativos ao “banho de sangue” – e imprevistos – derivados da aproximação discursiva entre sujeitos-ativistas e sujeitos-policiais. Ao afetarem a organização do *zap*, os atos apontam para a *contra-identificação* (PÊCHEUX, 2014b) de Marco, Max e Sean a uma parcela dos saberes da forma-sujeito da FD, bem como para as *rachaduras* (PÊCHEUX, 1990) em seus processos de assujeitamento ideológico. Se, ao invadirem o palco, todos os sujeitos-ativistas se configuram como sujeitos políticos materializados em *corpolíticos* sob um revestimento de homogeneidade, a fim de que as reivindicações cheguem com força àqueles ali presentes, as falhas abrem espaço para que o político dos corpos também seja discursivizado. Isso faz com que a associação signifique e seja significada não

⁸⁸ Cf. Ancien Testament, livro de Ésaie, capítulo 59, versículo 3.

mais como um corpo isento de falhas, mas como um conjunto fragmentado de corpos que significam diferentemente entre si.

Na reunião semanal que ocorre após o *zap*, o político dos corpos se marca de maneira contínua, pois não há a operacionalização de um efeito de consenso. Como se trata de um momento de debate e planejamento da ACT UP Paris, as diferenças entre os sujeitos-ativistas, resultantes do funcionamento inescapável do *político* (ORLANDI, 1996), materializam-se mais intensa e visivelmente. Essas diferenças são discursivizadas pelos enunciados e pelos corpos dos participantes, fornecendo rastros de como eles se relacionam com a forma-sujeito da FD e, por conseguinte, com a ideologia que a instaura. Eles se identificam ou se contra-identificam com o conjunto de saberes predominantes, ocupando diferentes posições nos limites da posição-sujeito dominante, “Ativista Social da ACT UP Paris”. Uma marca dessa divisão se apresenta ao longo de todo o encontro: diferentemente do que ocorre na ação contra a AFLS, há sujeitos que não vestem roupas ou adereços relacionados ao grupo, afastando sentidos alusivos ao uno, ao estável. Outras marcas advêm dos corpos de diferentes personagens durante o debate acerca do protesto, sobretudo os de Sophie, Marco, Max e Sean, foco do que se segue.

As reuniões semanais ocorrem, como já dito, em um pequeno anfiteatro, onde outro ritual é obedecido: há sempre uma pauta de assuntos a serem debatidos coletivamente, cada um deles conduzido por um ou mais sujeitos-ativistas, do espaço em frente ao quadro-negro, com o auxílio de mediadores. No recorte, estes últimos passam a palavra a Sophie, para que faça um relato sobre a ação realizada contra a AFLS. Em frente ao quadro-negro, ela começa dizendo estar “revoltada” com o que aconteceu, em referência aos atos imprevistos, e que “seria bom que todo mundo participasse do debate”, a fim de que Marco, Max e Sean, que estão do lado de fora do anfiteatro, retornem aos seus assentos. Em seguida, Sophie descreve a ação e critica aquilo que fugiu ao planejado, o que leva cada um dos três sujeitos-ativistas a se levantar para marcar concordâncias ou divergências, na emergência das relações de força e da luta interna de classes: Marco assume o “erro” e explica por que arremessou a bexiga com tinta vermelha/sangue contaminado em Bernin; já Max e Sean, cada um em sua vez, defendem os atos não planejados, sobretudo o de algemar o diretor da agência. O debate é atravessado pela tensão, levando outros sujeitos-ativistas a também opinarem a respeito do protesto.

Ao se posicionar em frente ao quadro-negro do anfiteatro, Sophie ocupa, enquanto “corpo-que-é-sujeito” (SOUZA, 2010, p. 2), um espaço que evoca autoridade. Do mesmo modo que ocorre com outros sujeitos-ativistas nas demais reuniões apresentadas pelo longa-

metragem, os enunciados e o corpo de Sophie significam e são significados de um local reservado àqueles que gozam de legitimidade para falar perante um público, uma audiência. Esse funcionamento, enquanto regularidade interna à ACT UP Paris, ressoa efeitos que orbitam em torno de determinados sujeitos em outros rituais ideológicos e de linguagem, como o juiz em um tribunal do júri, o padre em uma missa católica e o professor em uma sala de aula. Esse espaço cabe a Sophie devido à sua atuação como porta-voz do grupo durante o *zap*, o que lhe possibilitou, por um breve momento, impor uma fala coletiva e discursivizar o político em consonância com a forma-sujeito da FD. Ela se configura, na ação e no debate posterior, como um “bom sujeito” (PÊCHEUX, 2014b, p. 199), aquele que se identifica e (*re*)produz, em larga medida, saberes que se fazem predominantes no arranjo discursivo em que se inscreve.

A identificação com a forma-sujeito, a atuação como porta-voz do protesto e a autoridade conferida pelo espaço em frente ao quadro-negro delimitam uma tríade discursiva que ampara a “revolta” de Sophie perante os atos imprevistos de Marco, Max e Sean. Essa mesma tríade atribui potência à sua voz para que convoque os três sujeitos-ativistas a entrarem no anfiteatro e a participarem da discussão. É ainda essa tríade que faz com que, juntamente das críticas enunciadas, o seu corpo e os gestos por ele materializados produzam determinados efeitos em meio à heterogeneidade discursiva da associação. Como já assinalado, se os sentidos atribuídos às palavras dependem das posições ocupadas pelos sujeitos (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2020), o mesmo pode ser dito a respeito dos gestos, quando tomados como atos no nível do simbólico (PÊCHEUX, 2014a).

Frente às relações de força e à luta de classes que atravessam a reunião, o olhar fixo que Sophie dirige aos sujeitos-ativistas funciona, discursivamente, como um mecanismo de defesa da forma-sujeito. O gesto, um “encarar agressivo” que evoca efeitos que “intimidam” ou servem de “prelúdio para uma alteração” (NAVARRO, 2018, p. 29, traduções minhas), é operacionalizado especificamente por e em prol dos saberes dominantes que regem a FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”. Trata-se de um olhar que repreende o divergente, condena o discordante, buscando silenciar o político que racha o grupo e que resultou nos atos imprevistos durante o protesto. Funcionamento semelhante ocorre com a movimentação frequente das mãos da personagem, um “ênfatar com as mãos” (NAVARRO, 2018, p. 81, tradução minha) que, ao longo do debate, produz um sentido de ratificação das críticas que faz, endossando a reprovação às ações de Marco, Max e Sean, bem como aos questionamentos à forma-sujeito materializados em cada uma delas (imagem 39).

Imagem 39 – Gestos de Sophie durante debate



A porta-voz encara de maneira agressiva os sujeitos-ativistas e gesticula as mãos com frequência enquanto defende a forma-sujeito da FD. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Marco, por sua vez, ocupa uma carteira dentre as primeiras fileiras do anfiteatro, não gozando, portanto, da mesma autoridade que orbita em torno dos enunciados e do corpo de Sophie. Desse espaço reservado àqueles que devem escutar e cujos discursos têm, *a priori*, menos impacto, ele é o primeiro a responder às críticas feitas. De pé em frente à carteira, assume a “culpa” pelo arremesso antecipado da bexiga, sob a justificativa de que entrou em pânico porque não estava ouvindo bem o que era dito pela porta-voz e pelo diretor da AFLS: “Quando tive uma chance e vi Bernin na minha frente, achei que era a hora”. O aspecto acidental delineado na explicação aponta para o funcionamento da falha no discurso do corpo dele, afetando o ritual do protesto: enquanto Sophie confronta Bernin, o real do corpo atravessa o corpo simbólico em Marco, cavando ali uma falta que provoca o escape do planejamento e a eclosão de sentidos outros. Esse movimento, da ordem do imponderável porque derivado do inconsciente, delimita um rastro da contra-identificação do sujeito à forma-sujeito, representada pelo discurso coletivo da porta-voz, bem como da resistência ao ritual do grupo. Uma vez que o ato antecipa efeitos convergentes aos saberes predominantes da FD, referentes ao “banho de sangue”, o personagem se mostra em discordância com aqueles postos em circulação por Sophie, relativos à negligência, possivelmente em função do que lhes falta de mais severo.

Se, durante o *zap*, o ato imprevisto funciona como uma marca da contra-identificação e da resistência de Marco, a assunção do “erro”, na reunião semanal, aponta para um processo de (*re*)identificação com a forma-sujeito e, por extensão, com a ideologia. Quando se diz culpado pelo arremesso da bexiga, ele significa o ato como divergente às práticas da associação, suspendendo, temporariamente ou não, as discordâncias demarcadas no protesto. Nessa mudança, que implica uma posição desprivilegiada em meio às relações de força e à luta de classes na reunião, o corpo do personagem também se reveste de sentidos. De pé em frente à carteira, a ausência quase total de movimentos motores (imagem 40) ressoa costumes que, segundo a releitura de análises de Norbert Elias feita por Haroche (1998), disseminaram-se fortemente pela Europa a partir do Renascimento. Trata-se do “governo de si”, enquanto “contenção” do corpo e dos sentimentos, como forma de demarcar o “[...] bem-estar do próximo, o respeito por ele [...]” (HAROCHE, 1998, p. 38). Desse modo, o corpo quase imóvel de Marco delinea um efeito de deferência a Sophie e, sobretudo, à forma-sujeito por ela representada, reforçando o processo de autoindulgência por meio do qual se realinha aos saberes que regem a associação e se (*re*)apresenta como um bom sujeito perante os outros presentes no encontro.

Imagem 40 – Corpo contido de Marco durante debate



O sujeito-ativista, quase completamente imóvel em frente a uma carteira, assume o “erro” de arremessar a bexiga cheia de tinta/sangue em Bernin. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Max e Sean, ao contrário, remarcam os próprios processos de contra-identificação e resistência. Sentados em carteiras vizinhas na porção final do anfiteatro, eles também não gozam da autoridade de Sophie durante o debate, mas sinalizam, pelo arranjo espacial entre si, o compartilhamento de um mesmo discurso de contestação. Quando Sophie afirma que o ato de algemar Bernin foi “contraprodutivo”, Max, já de pé, solicita a palavra aos mediadores e, quando autorizado, diz que Sean e ele decidiram improvisar após o arremesso da bexiga, porque o *zap* estava “uma merda”: “Fizemos a primeira coisa que nos veio à cabeça. Acho que fizemos a coisa certa” e, um pouco depois, “fomos além do planejado, só isso. E não foi premeditado”. A referência ao repentino, àquilo que os fez agir diferentemente do acordado, aponta para uma falha no ritual do protesto que entrelaça enunciados verbais – as palavras de ordem “Bernin, peça demissão!” – e os atos de segurar, arrastar e algemar o diretor da AFLS. Assim como na leitura que realizei acerca do feito antecipado de Marco, ocorre um atravessamento do corpo real no corpo simbólico em Max e Sean, cuja falta que se impõe deflagra a articulação das vozes e dos movimentos sobre o palco, da qual transbordam sentidos convergentes – Bernin como criminoso – e não convergentes à forma-sujeito – aproximação simbólica entre sujeitos-ativistas e sujeitos-policiais. Esse funcionamento delineia igualmente rastros da resistência dos dois personagens aos saberes predominantes da FD e ao ritual do grupo.

Durante a sua fala, Max também mobiliza os gestos que destaquei no discurso do corpo de Sophie, a combinação entre o encarar agressivo e o enfatizar com as mãos. Os efeitos produzidos por esses gestos, entretanto, não sustentam a defesa, mas o questionamento da forma-sujeito e da ideologia que a instaura, posto que são produzidos por um sujeito em processo de contra-identificação e resistência. O olhar fixo confronta Sophie e o que ela representa, enquanto o movimento frequente das mãos reforça os sentidos produzidos pelos enunciados do personagem, que valorizam os atos improvisados na mesma medida em que desvalorizam o planejamento inicial do protesto (imagem 41). Como argumentei na segunda seção desta tese, mesmo quando semelhantes ou idênticos entre sujeitos em conflito nas reuniões semanais, as expressões faciais, as gesticulações e os movimentos articulados pelos corpos significam e são significados de acordo com as relações tecidas com o conjunto de saberes regente da FD e com a ideologia. Por ser constitutivo das práticas discursivas, o político atravessa necessariamente os corpos enquanto materialidades desses sujeitos, indicando o funcionamento do que denomino político dos corpos.

Imagem 41 – Gestos de Max durante debate



O encarar agressivo e a gesticulação frequente do personagem servem discursivamente à contestação da forma-sujeito. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

O mesmo ocorre com Sean. Depois de Max, ele pede a palavra e, ao ser autorizado pelos mediadores da reunião, levanta-se da carteira e afirma: “Que discussão é essa? Falam como se a ação tivesse fracassado, mas ela foi um sucesso”. Em seguida, contesta as críticas de Sophie, lembra a razão de protestarem contra a AFLS – “uma agência criada pelo governo para se desresponsabilizar” – e incita a continuidade das ações, sem separar atos previstos dos imprevistos, até que haja uma companhia de prevenção eficaz contra a epidemia na França. A esses enunciados, Sean também entrelaça o encarar agressivo e o enfatizar com as mãos, por meio dos quais ratifica os próprios questionamentos e *(re)*marca o político dos corpos em meio às relações de força e luta de classes ali estabelecidas (imagem 42). Os seus enunciados e o seu corpo se alinham, portanto, àqueles de Max, opondo-se ao conjunto de saberes defendido por Sophie e *(re)*legitimado por Marco, no interior da posição-sujeito dominante. Max e Sean se configuram, desse modo e invariavelmente, como “maus sujeitos” (PÊCHEUX, 2014b, p. 199).

Imagem 42 – Gestos de Sean durante debate



Como acontece com Max, o encarar agressivo e a gesticulação das mãos do personagem significam e são significados a partir da posição contra-identificada. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Ao longo do debate entre Sophie, Marco, Max e Sean, outros sujeitos-ativistas também se pronunciavam. O presidente da ACT UP Paris, Thibault, é um deles. No espaço de autoridade em frente ao quadro-negro, ele tece críticas aos atos improvisados, ao mesmo tempo em que ameniza as consequências deles durante a ação realizada, em um movimento pendular e contraditório de aproximação e afastamento da forma-sujeito. Markus (Simon Guélat), por outro lado, levanta-se da carteira que ocupa, próxima à de Marco, para se posicionar juntamente de Sophie contra o ato de algemar o diretor da AFLS. Esses dois personagens, Thibault e Markus, também mobilizam o encarar agressivo e o enfatizar com as mãos, que significam e são significados em vista das posições assumidas no embate. Além deles, outros sujeitos-ativistas sentados em carteiras manifestam o apoio a Sophie, Markus, Max ou Sean, por meio dos já mencionados estalos de dedos, gesto que, no ritual da reunião, remete ao sentido de assentimento, aprovação. A divisão desses apoios marca a fragmentação inexorável e, portanto, constitutiva do grupo no período sócio-histórico-ideológico abordado.

O conflito entre os sujeitos-ativistas não chega a uma resolução. A separação entre eles persiste, e não poderia ser diferente, nos limites da posição-sujeito dominante. O recorte termina com a circulação no encontro de repercussões externas ao *zap*. Fabien (Jean-François Auguste) lê dois trechos de uma nota emitida pela Aides, associação que se inscreve na

mesma FD, além do título e de um excerto da reportagem que será publicada pelo jornal impresso *Libération*. No primeiro caso, o protesto é considerado “brutal e infantil”, ao mesmo tempo em que se ressalta a compreensão à “impaciência” dos sujeitos-ativistas diante da “inércia do poder público”. Por não ocupar a posição-sujeito dominante da FD, a Aides se relaciona a uma certa distância crítica do conjunto de saberes predominantes, o que sustenta a articulação reprobatória e condescendente da manifestação. No segundo caso, observamos o desdobramento da discursivização do político em discursos outros, a exemplo do jornalístico. Com o título – “Confronto histórico e histérico na luta contra a AIDS” – e o excerto – “A ação da Act Up revela o desconhecimento do governo acerca da realidade dos homossexuais na França” –, a reportagem faz circular sentidos produzidos pelos sujeitos-ativistas, não necessariamente concernentes à forma-sujeito, mas todos diferentes daqueles advindos da AFLS e, por extensão, do governo e do ARE.

Por meio de ações contundentes, às vezes atravessadas por atos imprevistos que delineiam falhas, a ACT UP Paris discursiviza o político acerca da epidemia de HIV/Aids. Ainda que seja constitutivamente dividida pelo político, a associação se une para realizar *política*, isto é, reorganizar as *partes* entre as “*partes*”, em uma *partilha do sensível* renovada, conforme Rancière (2009; 2018). As formulações conceituais de *corpolítico* e político dos corpos se entrelaçam, desse modo, em um batimento contraditório nas práticas do grupo, apontando ora para a homogeneidade, ora para a heterogeneidade discursiva, a partir dos corpos tomados como materialidades dos sujeitos-ativistas. Nesse funcionamento, observam-se transformações sociais mais ou menos temporárias, provocadas pela linearização da resistência nas revoltas do grupo, que abrangem desde a tomada do *logos* por aqueles que recusam o silenciamento de si, até mudanças na gestão da epidemia pelo ARE.

5.2 ACT UP Paris *versus* Melton Pharm

O segundo recorte discursivo, entre os pontos 13’18” e 22’13” do longa-metragem, traz marcas do funcionamento do *corpolítico* em outra ação externa da ACT UP Paris, desta vez contra um laboratório farmacêutico fictício, a Melton Pharm. O excerto abrange a convocação para o protesto na mesma reunião semanal abordada na subseção anterior; a realização da ação em um escritório do laboratório localizado em um edifício comercial; a detenção de pelo menos parte dos sujeitos-ativistas pela polícia francesa; e a avaliação posterior do protesto, por sete dos participantes que estiveram presos, no interior de um

metrô. Sustentado pelas relações de força entre as diferentes ideologias em jogo, o conflito coloca de um lado a ACT UP Paris e, de outro, a Melton Pharm e o destacamento policial.

Amparado pela teoria de Althusser (2008) sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), identifico o laboratório retratado no filme, uma empresa privada da área da saúde, como parte integrante de um AIE de cunho farmacêutico-científico, que traça relações com outros em operação no mesmo período, a exemplo daqueles médico-científicos, já abordados nesta pesquisa. No aparelho em questão, os saberes que se fazem predominantes, derivados de uma ideologia de ordem farmacêutico-científica, bem como aqueles dominantes na formação social em que se insere, advindos da ideologia “Burguesa”, são tensionados continuamente entre a *reprodução* e a *transformação*, devido às relações de *contradição-desigualdade-subordinação* (PÊCHEUX, 1996; 2014b; 2015c) constitutivas das práticas dos sujeitos ali inscritos pelos processos de assujeitamento ideológico.

Embora não seja um mero instrumento de realização da ideologia dominante, esse AIE farmacêutico-científico é atravessado pelo conjunto de saberes a ela relacionado, por operar em um período sócio-histórico-ideológico francês no qual a classe social burguesa compõe o núcleo duro do Aparelho Repressor de Estado (ARE). Essa configuração estabelece um dos meios pelos quais a Melton Pharm é atada à lógica do sistema capitalista, delineando as condições de produção para as próprias práticas discursivas, assim como, e contraditoriamente, para a revolta da ACT UP Paris. A imbricação entre o referido AIE e o ARE se marca com mais visibilidade no recorte quando a farmacêutica é socorrida pela intervenção violenta dos sujeitos-policiais, frente ao protesto dos sujeitos-ativistas, assujeitados pela ideologia “Ativismo Social”. De acordo com Althusser (2008), a polícia integra o ARE porque recebe ordens da classe que o domina, com o objetivo de manter a estrutura social e produtiva em vigência. É a partir desta estrutura que se sustenta uma determinada *partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2009, 2018).

O recorte começa na reunião semanal da ACT UP Paris, quando a comissão interna relativa aos assuntos médicos aborda a ação a ser realizada contra a Melton Pharm. Germain (interpretado por Médhi Touré) e Muriel (Coralie Russier) explicam que o objetivo é exigir do laboratório a divulgação do resultado, ainda que parcial, do estudo de toxicidade de uma antiprotease em desenvolvimento, uma esperança de tratamento eficaz para os sujeitos-soropositivos. Thibault (Antoine Reinartz) acrescenta que o plano da farmacêutica é apresentar esse resultado dali a um ano, durante a Conferência Mundial Sobre a Aids, o que considera um descaso para com os sujeitos que vivem com HIV ou Aids. Sophie (Adèle Haenel) pede que os interessados em participar do protesto levem as mãos e Eva (Aloïse

Sauvage) contabiliza quinze. No debate que se segue, há uma aprovação ampla aos aspectos expostos do plano de ação, discursivizada pelos sujeitos-ativistas por meio do gesto de estalar os dedos. Embora o filme não enfoque as discordâncias, elas são inerentes à discussão, porquanto a heterogeneidade discursiva é constitutiva ao grupo.

Um corte filmico nos leva, então, para o dia da ação. Ao chegarem ao prédio onde fica o escritório da Melton Pharm, os sujeitos-ativistas, uniformizados (imagem 43), entram no elevador ou acessam as escadas sem autorização prévia, enquanto Eva informa a recepção do andar térreo que a ACT UP Paris fará uma “visita” ao laboratório farmacêutico, o que não impede o acionamento imediato da polícia. Um sujeito-jornalista (Marco Horanieh) também acompanha o coletivo desde a entrada. Com a sua presença e trabalho, observamos que o modo de produção jornalística atravessa o ritual do protesto em pelo menos dois momentos: primeiro, dentro do elevador, o jornalista entrevista Thibault, que responde às perguntas como porta-voz da associação; depois, ao longo de toda a ação, ele realiza uma série de fotografias. Como mostra o longa-metragem, as ações da ACT UP Paris mobilizam veículos de comunicação jornalísticos, abrindo a possibilidade para uma circulação posterior mais ampla das *discursivizações do político* (INDURSKY, 2019) empreendidas pelos sujeitos-ativistas.

Imagem 43 – Chegada dos sujeitos-ativistas a edifício comercial



Para a ação contra a farmacêutica, o grupo se apresenta uniformizado, com peças de roupas e acessórios que remetem à ACT UP Paris. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Na entrada do escritório no 12º andar, Max (Félix Maritaud) joga uma bexiga com tinta vermelha sobre a logomarca da Melton Pharm na parede (imagem 44). Em seguida, o grupo avança silenciosamente por um corredor entre mesas e salas ocupadas, até que o protesto se deflagra como um *zap*. Coreograficamente, eles entoam as palavras de ordem “Melton Pharm mata gente! O tratamento é urgente!”, enquanto espalham tinta pelas paredes e divisórias, com o auxílio das bexigas ou de bisnagas de plástico, e afixam sobre o líquido cartazes com a inscrição “ASSASSIN” (“ASSASSINO”, tradução minha) (imagem 45). Assim como na ação contra a Agência Francesa de Luta Contra a Aids (AFLS), esses atos (*re*)colocam em funcionamento a intrincação imaginária entre a tinta e o sangue contaminado com HIV, em função das imagens que fazem o social tomar fluidos vermelhos como sangue, bem como os sujeitos-ativistas da ACT UP Paris como soropositivos. Com isso, a associação faz circular o sentido de que o laboratório perpetra um “banho de sangue”, um “massacre” (ROBERT, 1996, p. 2032, tradução minha) de sujeitos diagnosticados com HIV ou Aids, neste caso por restringir o acesso a informações da antiprotease e, por extensão, a um tratamento supostamente eficaz. Tal discurso é reforçado pelas palavras de ordem e pelos cartazes expostos.

Imagem 44 – Tinta/sangue na entrada do escritório da Melton Pharm



O ato de Max de atirar a bexiga com o líquido faz circular o efeito de que a farmacêutica perpetra um “banho de sangue” de sujeitos-soropositivos. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 45 – Protesto no interior do escritório da Melton Pharm



Sentidos relacionados ao “banho de sangue” são reforçados ao longo da ação, devido ao espalhamento de mais tinta/sangue, às palavras de ordem e aos cartazes. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Em meio à execução do *zap*, Thibault pergunta a Sophie sobre uma localidade interna ao escritório e recebe como resposta “no fim do corredor”, para onde ele e outros manifestantes seguem imediatamente. É Sean (Nahuel Pérez Biscayart) quem encontra esse local, uma sala de reuniões onde estão sujeitos-funcionários do laboratório, incluindo um representante dele, Gilberti (Samuel Churin). Sean avisa os colegas, pega uma bexiga com tinta/sangue e arremessa sobre a mesa ao centro dessa sala. Além do efeito relacionado ao “banho de sangue”, atribuído pela ACT UP Paris à farmacêutica, o espalhamento do líquido pelos sujeitos-ativistas desde o início do *zap* faz com que os sujeitos-funcionários realizem outro gesto de interpretação, pois ocupam a posição oposta no conflito deflagrado: o de que a substância, remetendo ao sangue contaminado com HIV, é potencialmente perigosa à saúde e à vida de todos naquele espaço. É por isso que, ao serem atingidos por respingos de tinta/sangue após o arremesso da bexiga na sala de reuniões, uma assistente (Cécile Dominjon) e um médico (Julien Kurtz) olham com apreensão para o líquido sobre suas peles e roupas (imagem 46), assim como faz Michel Bernin no protesto contra a AFLS.

Imagem 46 – Assistente atingida por respingos de tinta/sangue



Após o ato de Sean, o sujeito-funcionário olha com aparente preocupação para a substância vermelha sobre sua pele e roupas. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Embora Thibault seja o porta-voz oficial, é Sean quem atua como tal nessa sala. Ao argumentar em prol dos sujeitos-ativistas, enquanto sujeitos-soropositivos, e ao contestar o que é dito por aqueles que ali trabalham, utilizando-se quase sempre de pronomes e verbos na primeira pessoa do plural, ele atribui uma fala coletiva à ACT UP Paris. No início do embate, quando Gilberti afirma “isso não está certo”, referindo-se ao protesto, Sean responde: “Não está certo mesmo! Não está certo tomar AZT [zidovudina] a cada quatro horas e passar a noite com diarreia enquanto vocês nos deixam morrer! Assim é uma pessoa com AIDS, se você nunca viu [apontando para si mesmo]”. O representante diz em seguida que o laboratório sabe a situação pela qual passam os sujeitos-soropositivos, mas que o *zap* é inadmissível, ao que Sean rebate dizendo que ele “não sabe de nada”, do contrário “teria divulgado o resultado [do estudo de toxicidade da antiprotease]”. Gilberti pede calma e a assistente sugere uma conversa sem violência, mas Sean retruca: “Não temos tempo! Estamos morrendo, entendem?”. Quando o médico intervém, apresentando-se como tal e dizendo entender a situação, o sujeito-ativista apenas dispara: “Foda-se se você é médico!”.

É nesse momento do recorte que a polícia chega ao escritório. No caminho que realizam internamente, os sujeitos-policiais prendem os sujeitos-ativistas, que entoam outras palavras de ordem: “Melton Pharm não demora! Tratamento agora!”. Quando um oficial entra

na sala de reuniões, Gilberti o encoraja a agir, dizendo “vamos acabar com essa bagunça”, ao passo que Sean inicia mais uma sequência de palavras de ordem enquanto é imobilizado: “Vão em frente, prendam os doentes!”. Em meio a essa intervenção, que busca restabelecer a ordem dominante burguesa, há ativistas que se deitam no chão e se deixam levar pelos policiais; Thibault também orienta aqueles que estão próximos dele a fazerem o mesmo, mas nem todos aderem ou conseguem aderir, sinalizando falhas no ritual ideológico ou condições de produção desfavoráveis⁸⁹. A narrativa traz, então, um corte que nos leva para dentro de um metrô, onde entram sete sujeitos-ativistas após deixarem a detenção. Lá, eles avaliam positivamente o *zap* – Sean, um deles, afirma: “Foi superbom, né? Jogamos sangue por tudo!”. O termo sangue remete, mais uma vez, à intrincação imaginária entre a tinta vermelha e o sangue contaminado com HIV.

A partir das (*in*)ações empreendidas pela Melton Pharm com vistas ao tratamento de sujeitos-soropositivos, a ACT UP Paris estabelece relações de força com o AIE de cunho farmacêutico-científico e, conseqüentemente, com o ARE. Movidos pelo insustentável peso da divisão entre a vida e a morte que recai sobre aqueles que vivem com HIV ou Aids e esbarrando no silenciamento do laboratório acerca da antiprotease, que coteja tanto com a suposta necessidade de concluir o estudo como com possíveis estratégias comerciais, os sujeitos-ativistas se fazem *sujeitos políticos* (RANCIÈRE, 2018) materializados em corpolíticos para exigir tais dados. No prédio comercial e, sobretudo, no escritório do laboratório, os participantes tomam o espaço e a palavra sem qualquer autorização prévia, forçando uma repartilha do sensível que operacionaliza a discursivização do político. Por meio do *zap*, que entrelaça os discursos dos corpos, os embates verbais e as palavras de ordem, o grupo reivindica informações sobre o medicamento, como uma forma de articular meios para sair ou para evitar a entrada na temida *Muselmannland* (AGAMBEN, 2008).

Desse modo, os corpos feitos corpolíticos significam e são significados em um lugar onde não lhes é concedida escuta ou visibilidade. A despeito dos limites de (*des*)igualdade estabelecidos pela polícia rancieriana, tais corpos eclodem discursivamente, possibilitando aos sujeitos-ativistas ocuparem ou se projetarem/serem projetados do lugar de sujeitos-soropositivos para realizar reivindicações, em um movimento *político* (RANCIÈRE, 2018)

⁸⁹ O recorte não possibilita estabelecer que o ato de deitar no chão após a chegada da polícia faz parte do plano de ação da ACT UP Paris na Melton Pharm. No entanto, como alguns sujeitos-ativistas adotam esse comportamento e Thibault orienta na mesma direção, convém assumir que se trata, pelo menos, de uma prática que integra a forma-sujeito dominante da FD “Ativismo Social Relacionado à Aids”. No caso específico da orientação do presidente, não é possível também apontar um único funcionamento para a não adesão de ativistas. Por isso, trabalho com falhas no ritual ideológico – quando o sujeito escuta a orientação, mas não a segue, o *não “escutar”* de que fala Pêcheux (1990) – e com condições de produção desfavoráveis – quando o sujeito é detido antes da orientação ou simplesmente não a escuta.

que rompe com o silenciamento, imposto pela formação social, como forma de *precariedade* (BUTLER, 2019a). Da mesma forma que se observa em outros protestos do grupo, esses *corpos-que-são-sujeitos* (SOUZA, 2010) deixam de lado as divergências que os separam e se revestem de homogeneidade, enquanto efeito, em prol daquilo que os une. Da entrada no edifício até a execução coreografada do *zap*, abrangendo os atos coletivos dos porta-vozes, a uniformização, a enunciação das palavras de ordem, o espalhamento de tinta/sangue e a afixação de cartazes, eles se apresentam ilusoriamente como um único corpo.

Além da construção do *efeito de consenso* (INDURSKY, 2019), o espalhamento de tinta/sangue configura uma regularidade nos protestos da ACT UP Paris contra a AFLS e a Melton Pharm. Nos efeitos já referidos de tal ato, seja o massacre de sujeitos-soropositivos, seja o ataque biologicamente nocivo a representantes de AIEs e do ARE, a morte é um significativo comum. Esse ponto encontra, pelo menos, duas formas discursivas de sustentação. Uma delas se configura no ato de arremessar o líquido, já que remete ao imaginário de que “[...] o sangue evoca o precioso valor da vida desde que continue dentro dos nossos corpos, mas quando se escapa em jorros vermelhos-vivos, coagula num escuro e assustador símbolo da morte” (THE ARCHIVE..., 2010, p. 396). A outra resulta do modo como acontecimentos históricos envolvendo massacres de sujeitos e rituais de sangue atravessam os atos da associação na forma de “espectros”, segundo a definição de Pêcheux (1990, p. 8). Neste caso, os fatos em questão funcionam como “[...] a figura do espírito dos mortos, que retorna para perseguir os vivos [...]” e/ou compõem “[...] o velho truque de fantasmagoria, destinado a produzir, para o público espectador, a ilusão de uma presença irreal [...]” (PÊCHEUX, 1990, p. 8).

Ao tratar sobre o simbolismo do sangue, The Archive For Research in Archetypical Symbolism (2010) traz exemplos que apontam, no batimento com o recorrente arremesso de tinta/sangue pela ACT UP Paris, para os *espectros* teorizados por Pêcheux (1990). No que tange ao sentido de massacre de sujeitos-soropositivos, o ato dos sujeitos-ativistas é permeado por *batalhas reduzidas a banhos de sangue* (THE ARCHIVE..., 2010), como guerras civis ou mundiais; chacinas operadas por estados; confrontos entre grupos rivais. Em relação ao efeito de ataque com sangue, concernem determinados rituais presentes tanto na literatura como na dita realidade: “Tal como [o personagem goetheano] Fausto a assinar o seu pacto com Satanás em sangue para selar as suas drásticas condições [...]”; “[...] os maias [que] ensopavam os altares com o sangue dos seus inimigos para saldar a dívida aos deuses que tinham derramado o seu próprio sangue para os criar” ou, ainda, “[...] os guerreiros [que] bebiam o sangue dos seus inimigos mortos [...]” (THE ARCHIVE..., 2010, p. 396).

O desentendimento, na perspectiva de Rancière (2018), delimita ainda outra regularidade nas duas ações. Como na discussão entre Sophie e Michel Bernin (François Rabette) no protesto contra a AFLS, o embate entre Sean e Gilberti, no escritório da Melton Pharm, ocorre a partir das posições consideradas (*i*)legítimas que ocupam na formação social, fazendo com que entendam e não entendam um ao outro (imagem 47). Depois que o sujeito-ativista, que também atua como porta-voz, arremessa a bexiga com tinta/sangue, Gilberti afirma: “isso não está certo”. Se, para o representante empresarial, o pronome demonstrativo “isso” remete ao *zap* que danifica a propriedade privada e assusta os sujeitos que lá trabalham, para Sean evoca a trágica situação vivida pelos sujeitos-soropositivos, ele incluso. É por essa razão que o ativista rebate dizendo: “Não está certo mesmo! Não está certo tomar AZT a cada quatro horas e passar a noite com diarreia enquanto vocês nos deixam morrer!”. Na sequência, o representante diz que o laboratório sabe o que os diagnosticados com HIV ou Aids estão passando, mas tal saber não é vivenciado da mesma forma pelo seu interlocutor e por aqueles que representa, condenados a uma morte precoce. É por isso que, mais uma vez, Sean retruca: “Você não sabe de nada! Senão teria divulgado os resultados [do estudo da antiprotease]”.

Imagem 47 – Desentendimento entre Sean e Gilberti



Durante a discussão, o sujeito-ativista e porta-voz (de costas no *frame*) e o representante do laboratório entendem e não entendem um ao outro. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

A chegada dos sujeitos-policiais representa, como já dito, a intervenção violenta do ARE no ritual da ACT UP Paris. O desentendimento entre Sean e Gilberti e os atos dos demais sujeitos-ativistas, que continuam proclamando palavras de ordem, espalhando tinta/sangue e afixando cartazes, são reprimidos em nome da ordem dominante. Os ativistas não recorrem à prática de se autoalgemar para atrasar as prisões: uma parcela deles se deita no chão e se deixa levar pelos oficiais, por iniciativa própria ou após a orientação de Thibault, enquanto outra é imobilizada pelo destacamento. Dentre esta última, há de se considerar aqueles que são contidos antes da orientação do presidente, aqueles que não o escutam e aqueles que optam pelo confronto, sinalizando as já referidas condições de produção desfavoráveis ou falhas do ritual ideológico. Juntamente das estratégias de se autoalgemar e de se deitar/deixar levar pelos policiais, os membros da associação costumam se preparar para detenções quando protestam, levando documentos, remédios e água. Esse conjunto de táticas, da preparação à prisão às entregas não violentas de si, tem implicações simbólicas, ressoando os modos positivos como os grupos de desobediência civil significam o encarceramento. Sobre esse ponto, Gros (2018, p. 150) faz o seguinte comentário, partindo da Filosofia:

A transgressão [da desobediência civil] é realizada de maneira espalhafatosa e pública, e aquele que desobedece aceita previamente a sanção. Prepara-se para ela, chega a antecipá-la, a autenticidade de seu engajamento é posta à prova. A detenção, no caso da desobediência civil, não significa um momento de interrupção na luta, mas uma intensificação superior.

Essa significação da prisão como um momento de intensificação superior coteja, portanto, com protestos considerados autênticos e exitosos, aqueles que provocam comoções, incômodos e danos (*i*)materiais na esfera do *status quo*. Além disso, essa relação é atravessada por um aspecto concernente ao *político* do discurso (ORLANDI, 1996): refiro-me à maneira como a detenção reforça publicamente a oposição simbólica entre aqueles que são presos e outros agentes da formação social, como os que integram o ARE e determinados AIEs. É de Thoreau (2012, p. 20, grifos do autor), também referenciado por Gros (2018), os *loci classici* de que a cela da cadeia é um “[...] terreno recluso, porém mais livre e honrado, onde o Estado coloca os que não estão *com* ele, mas *contra* ele [...]” e de que “[...] o verdadeiro lugar para um homem justo é também a prisão”. Tal abordagem ajuda a compreender discursivamente a entrega pacífica de vários sujeitos-ativistas, assim como a reação do grupo que entra no metrô após a liberação da cadeia: em vez de incomodado com o que enfrentou, mostra-se satisfeito com o *zap* empreendido na e contra a Melton Pharm.

Ainda durante a ação, quando os sujeitos-ativistas se deitam no chão e são, em seguida, carregados pelos sujeitos-policiais, outros sentidos transbordam ao mesmo tempo em que se delineiam as referidas significações da prisão. Esses corpos feitos *corpolíticos* remetem primeiramente ao *die-in*, a forma de protesto na qual sujeitos se deitam no chão como se estivessem mortos e, depois, quando começam a ser carregados, atualizam imagens de cadáveres sendo transportados durante conflitos, guerras e extermínios, pelo trabalho da memória discursiva. O filme *Noite e Neblina* (RESNAIS, 1956) serve novamente de exemplo, visto que traz imagens documentais de cadáveres, todos com aspectos físicos que remetem aos sujeitos-*Muselmänner*, carregados por oficiais até valas comuns dentro de campos de concentração nazistas. A aproximação simbólica que se repete entre os sujeitos-ativistas, que são ou se projetam/são projetados socialmente como sujeitos-soropositivos, e aqueles que morreram na tragédia consumada pela Alemanha hitlerista reforça o sentido de perpetradores de “banho de sangue” que a ACT UP Paris atribui à Melton Pharm, ao seu respectivo AIE e ao ARE (imagens 48 e 49). Entre os sujeitos-ativistas que optam por não se deitar e partir para o confronto físico, a resistência que delineia a falha no ritual se dá, nesse gesto de interpretação, frente a uma prática ligada simbolicamente à morte e à prisão como intensificação superior.

Imagem 48 – Germain carregado por sujeito-policial na Melton Pharm



O sujeito-ativista se deixa levar por um oficial da polícia francesa; ele é encaminhado à prisão, juntamente de outros integrantes da ACT UP Paris. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 49 – Cadáver carregado em campo de concentração nazista



Corpo de sujeito-prisioneiro do regime hitlerista é levado por dois oficiais até uma vala comum. Fonte: *Noite e Neblina* (1956).

Apesar do acompanhamento do ritual de protesto por um sujeito-jornalista, a discursivização do político realizada pela ACT UP Paris não ganha circulação mais ampla por meio das instituições jornalísticas. Esse dado aparece mais adiante na longa-metragem, em uma outra reunião semanal do grupo, quando Thibault afirma aos sujeitos-ativistas: “Fizemos um ato sensacional contra a Melton Pharm, jogamos sangue por tudo e não saiu uma foto na imprensa!”. Isto não quer dizer, entretanto, que o *zap* se fechou social e simbolicamente no seu tempo empírico de duração, sem qualquer ressonância futura. Em um primeiro momento, a repartilha do sensível, articulada somente porque os sujeitos-ativistas se fazem sujeitos políticos materializados em *corpolíticos*, provoca a circulação de significantes outros internamente ao laboratório e ao respectivo AIE, sustentando a revolta contra o silenciamento em torno dos resultados parciais de toxicidade da antiprotease. Em um segundo momento, essa mesma apropriação forçada do *logos* (RANCIÈRE, 2018) no segmento farmacêutico possibilita duas novas situações de desentendimento entre a associação e a empresa/AIE ao longo do filme, dando continuidade à circulação de sentidos produzidos no protesto.

Uma dessas situações ocorre quando a Agência Nacional de Pesquisa Sobre a Aids (ANRS, na sigla em francês), administrada pelo governo de François Mitterrand e, portanto, integrante do ARE, convoca uma reunião para mediar uma tentativa de acordo sobre a

divulgação dos resultados parciais entre a Melton Pharm, de um lado, e as associações ACT UP Paris, Aides e Arcat-Sida, de outro – apesar das diferenças que distanciam estes três grupos internamente à formação discursiva (FD) “Ativismo Social Relacionado à Aids”, os dois últimos se posicionam favoravelmente ao primeiro. Na outra situação, a ACT UP Paris convida e recebe representantes do laboratório em uma reunião semanal, para que respondam às perguntas dos ativistas sobre a impossibilidade de distribuir a antiprotease entre os sujeitos-soropositivos cujos tratamentos com AZT ou outras substâncias não resultaram em melhoras do quadro clínico. Em ambos os casos, não há amistosidade, compromissos ou apertos de mãos; há sempre desentendimento, sustentado pelas posições consideradas (*i*)legítimas dos sujeitos postos em confronto pela repartilha do sensível resultante da primeira ação, fazendo ressoar a discursivização do político que lá se materializou.

Nos embates abertos no e após o protesto da ACT UP Paris contra a Melton Pharm, observamos o modo específico como a divisão psicanalítica entre as pulsões de vida e morte afeta aqueles que vivem com HIV ou Aids no período sócio-histórico-ideológico abordado. Ao discursivizarem o político à força, os sujeitos-ativistas buscam, para além dos resultados do estudo e do novo medicamento, viabilizar condições de produção que possibilitem, aos sujeitos-soropositivos, o afastamento da figura dos *Muselmänner*, o fim da precariedade imposta e uma possível cura para a Aids. Em meio às mortes contínuas de sujeitos-soropositivos, as relações de força que o grupo estabelece com o laboratório e o respectivo AIE integram um processo mais amplo de resistência que procura, em última instância, por formas de existência outras perante a epidemia. Enquanto novas condições de produção não são estabelecidas, os sujeitos-ativistas encontram, como se verá a seguir, caminhos alternativos para fazer com que a vida predomine simbolicamente à morte, em um movimento discursivo que, se não contempla o ideal almejado, é o que se faz materialmente possível.

5.3 ACT UP Paris *versus* Morte

No terceiro recorte discursivo desta seção, entre os pontos 134’02” e 139’56”, os *corpolíticos* irrompem novamente, desta vez em uma ação da ACT UP Paris em um evento que reúne sujeitos ligados a uma ou mais seguradoras. O longa-metragem não nomeia nem especifica a(s) área(s) de atuação dessa(s) empresa(s), entretanto, uma vez que os sujeitos-ativistas agem sobre questões relacionadas à epidemia de HIV/Aids, convém assumir que ela(s) opere(m) (também) no campo da saúde, oferecendo coberturas em consultas, exames e

procedimentos, mediante pagamentos prévios. No excerto, chama a atenção o fato de que, no discurso de reivindicação contra a *precariedade* (BUTLER, 2019a) imposta aos sujeitos-soropositivos na França, os sujeitos-ativistas fazem a vida predominar simbolicamente sobre a morte ao mobilizarem as táticas já conhecidas de mobilização e atualização das noções nazistas de *rosa Winkel* e sujeito-*Mulsemann* e, sobretudo, ao atenderem o desejo de Sean (interpretado por Nahuel Pérez Biscayart) de receber um “enterro político”.

O recorte começa no apartamento onde o casal de sujeitos-ativistas Nathan (Arnaud Valois) e Sean moram juntos, poucas horas após a morte deste, consumada em um suicídio a reboque do agravamento terminal da Aids. Em um dos cômodos, integrantes da ACT UP Paris e a mãe de Sean (Saadia Bentaïeb) conversam sobre o comunicado de falecimento a ser enviado à imprensa. No rascunho escrito previamente e lido na frente de todos por Fabien (Jean-François Auguste), o personagem é descrito como “louco”, “engraçado”, “tenaz” e “vivaz” e a mãe dele sugere a inclusão do termo “coragem”, o que é aceito pelo presidente e porta-voz da associação, Thibault (Antoine Reinartz). As críticas que alguns sujeitos-ativistas tinham em relação às opiniões e às ações de Sean são, neste momento, silenciadas, relegadas ao irrealizado, em prol de uma homogeneidade que lhe preste homenagem pública. Em seguida, eles discutem sobre o desejo do personagem de ter um “enterro político”, no qual as cinzas que serão produzidas a partir do seu corpo sejam atiradas em uma seguradora.

Um corte filmico nos leva, então, para dois momentos que se intercalam. Em um deles, na noite seguinte às discussões supracitadas, assistimos a uma relação sexual entre Nathan e Thibault. No outro, acompanhamos o ritual de protesto da ACT UP Paris no evento com a(s) seguradora(s), novamente um *zap*. Neste último, em um local com mesas contendo aperitivos e bebidas, os sujeitos-ativistas surgem uniformizados, soando apitos e buzinas, proferindo palavras de ordem⁹⁰ e exibindo dois tipos de cartazes: um deles apresenta, sobre um fundo preto, o triângulo rosa e a equação linguística “SILENCE = MORT” (“SILÊNCIO = MORTE, tradução minha) em letras brancas; o outro traz, sobre um fundo branco, o enunciado “LES ASSUREURS NOUS PRÉFÉRÉNT MORTS” (“AS SEGURADORAS NOS PREFEREM MORTOS”, tradução minha) em letras pretas (imagem 50). Em seguida, alguns deles atiram punhados das cinzas de Sean sobre as mesas (imagem 51) e outros se deitam no chão, formando um *die-in*. Ao fim, o local se transforma em um espaço que, devido às luzes estroboscópicas, remete ao imaginário de uma casa noturna, onde os movimentos dos sujeitos que protestam deslizam para passos de dança ao som de uma música eletrônica.

⁹⁰ No DVD brasileiro, as legendas em português não contemplam as palavras de ordem. Os sujeitos-ativistas gritam “ACT UP en colère, le Sida c’est la guerre”, cuja tradução literal é “ACT UP com raiva, Aids é a guerra”.

Imagem 50 – Protesto da ACT UP Paris contra seguradora(s)



Uniformizados, os sujeitos-ativistas invadem o evento soando apitos e buzinas, proferindo palavras de ordem e segurando cartazes. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 51 – “Enterro político” de Sean



Durante a ação, alguns sujeitos-ativistas, a exemplo de Germain, atiram punhados das cinzas do colega morto sobre as mesas do evento. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Da mesma forma que ocorre com a farmacêutica Melton Pharm, a(s) empresa(s) seguradora(s) se inscreve(m) em um Aparelho Ideológico de Estado (AIE), neste caso relacionado à área de seguridade privada. Considerando as perspectivas althusseriana e pecheutiana, ele é composto predominantemente por saberes advindos de uma ideologia específica à seguridade privada, ao mesmo tempo em que é atravessado pela ideologia “Burguesa”, dominante no período sócio-histórico-ideológico em questão. Nesse cruzamento, marcado pela tensão entre *reprodução/transformação* e por relações de *contradição-desigualdade-subordinação* (PÊCHEUX, 1996; 2014b; 2015c) internamente ao aparelho, a(s) empresa(s) se apresenta(m) alinhada(s) ao sistema capitalista, estabelecendo as condições de produção para as próprias práticas e para a revolta da ACT UP Paris. O enunciado “LES ASSUREURS NOUS PRÉFERENT MORTS” (“AS SEGURADORAS NOS PREFEREM MORTOS”, tradução minha), inscrito em cartazes que compõem o *zap*, funciona como um gesto de interpretação que o grupo de ativismo faz das práticas da(s) seguradora(s), incluindo o alinhamento dela(s) ao capital e ao lucro e a sustentação que promove(m) da precariedade imposta aos sujeitos-soropositivos.

O evento delimita um espaço e um momento nos quais os sujeitos-ativistas da ACT UP Paris não têm direito à fala, a um *logos* garantido pela *partilha do sensível* organizada pela *polícia* (RANCIÈRE, 2009; 2018). Ao invadirem tal espaço para realizar o ritual de protesto, que entrelaça o último desejo de Sean à *discursivização do político* (INDURSKY, 2019) acerca das práticas da(s) seguradora(s), os sujeitos-ativistas forçam a repartilha do sensível, fazendo-se *sujeitos políticos* (RANCIÈRE, 2018) materializados em *corpolíticos*. Em outras palavras, eles se impõem à visão e à escuta do social quando adentram ao evento e soam apitos e buzinas, proferem as palavras de ordem, exibem os enunciados dos cartazes, formam o *die-in* e arremessam as cinzas de Sean, atos *políticos* (RANCIÈRE, 2018) que se dão a partir do lugar de sujeitos-soropositivos e sob um revestimento ilusório de homogeneidade. A denominação utilizada pelo grupo para se referir ao último desejo de Sean – “enterro político” – é propícia para ser compreendida, a partir da teoria rancieriana, como um ato político, já que a sua execução integra o rearranjo da ordem policial em operação no evento, afetando, em desdobramento, as relações de força discursivas no local.

As cinzas de Sean compõem um jogo simbólico ao longo da ação, em decorrência dos efeitos que evoca e das aproximações que estabelece. Em diferentes formações discursivas (FDs) em operação na formação social, as cinzas produzidas a partir de um cadáver significam e são significadas como a morte consumada. É o que observamos, por exemplo, em “litanias familiares” como “das cinzas às cinzas” e “do pó ao pó”, indicando “[...] a nossa

decomposição e o regresso à origem”, de acordo com o estudo do The Archive For Research in Archetypal Symbolism (2010). Perante as cinzas, uma mistura de carboidratos e óxidos resultante da ação do fogo sobre a carne, os ossos e outros componentes corporais em rituais religiosos ou não, os sujeitos projetam “[...] o fim, o irrevogável, o que esfriou depois de o calor e da luz do desejo, o que fica depois de a esperança, a criatividade ou a produção se terem extinguido”: nessa direção, as cinzas são “[...] o holocausto, a devastação das bombas, o fim do amor, uma estrutura destruída” (THE ARCHIVE..., 2010, p. 728). Ao mesmo tempo e de maneira discursivamente contraditória, as cinzas também se referem à vida quando são associadas ao sagrado e ao essencial, funcionando em diferentes rituais “[...] como fertilizante das terras física e psíquica, que promove a emergência de matéria nova e dá origem à fénix [sic.] do renascimento” (THE ARCHIVE..., 2010, p. 728).

Os efeitos produzidos pelas cinzas coexistem, desse modo, entre a morte consumada após o tempo de uma existência e a possibilidade de uma nova vida depois do fim irrevogável, estabelecendo um embate entre o morrer e o viver. Essa dualidade se aproxima de outra, constitutiva de todo corpo vivente: a dualidade pulsional originária, na qual as pulsões de morte trabalham para o retorno ao inanimado e as pulsões de vida, para o prolongamento da existência, segundo Freud (2010a) e Lacan (1995). É no entremeio dessas relações que se dá a possibilidade de um gesto de interpretação do ato dos sujeitos-ativistas de arremessar punhados das cinzas de Sean durante a ação da ACT UP Paris. Se, ao ser espalhado, o material aponta tanto para o regresso à origem do personagem que é ali enterrado como para o renascimento dele devido à nova participação em um protesto, tal dualismo se potencializa ao deslizar e ao se emaranhar aos sentidos referentes ao embate anterior entre as pulsões de vida e morte no corpo de Sean e ao modo como elas moldaram a passagem dele pelo grupo. Assim, o ato póstumo significa e é significado por um ativismo em *continuum*, aceso, que atravessa a barreira orgânica do que é vivo e do que é morto, trazendo em si rastros de resistência.

Esse jogo vai além. Ao considerarmos, com Didi-Huberman (2012), que as imagens e as palavras que chegam até nós advêm do território de cinzas daquelas que não conseguiram realizar o mesmo caminho porque foram incendiadas antes, uma relação análoga pode ser traçada entre o enterro político de Sean e os enterros de outros sujeitos mortos pela Aids. Por meio do espalhamento no evento, as cinzas do personagem escapam do território de restos mortais que não tiveram a oportunidade de denunciar a precariedade imposta aos sujeitos que eram em vida pelos AIEs e/ou pelo Aparelho Repressor de Estado (ARE). Se, a cada vez que lemos um livro, deveríamos “[...] nos reservar uns minutos para pensar nas condições que tenham tornado possível o simples milagre de que esse texto esteja aqui, diante de nós, que

tenha chegado até nós” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 210), o enterro político de Sean convida a refletir sobre as condições de produção que o cerca⁹¹, bem como sobre os sujeitos mortos contidos pelo efeito de que não eram passíveis de luto e que, por isso, foram soterrados pelo esquecimento público. Nessa diferença, é possível considerar que enterros como o do personagem acabam por trazer junto de si os *espectros* (PÊCHEUX, 1990) dos sujeitos silenciados antes e depois da morte em razão do diagnóstico para HIV ou Aids.

Pelo efeito de renascimento e pelo escape do território de restos mortais para um novo confronto, as cinzas de Sean impõem o significante da vida sobre o da morte, mesmo depois da consumação desta última, ressoando, por extensão, as pulsões de vida que movem os sujeitos-ativistas externa e internamente à ação no evento. A relação sexual entre o namorado de Sean, Nathan, e o presidente e porta-voz da ACT UP Paris, Thibault, delimitam uma injunção simbólica das pulsões de vida sobre as pulsões de morte fora do protesto (imagem 53). Como o impulso sexual está incluso no conjunto de forças que operam em favor do prolongamento da vida, como teoriza Freud (2010a), o ato dos dois sujeitos-ativistas demarca uma frente de resistência à implacabilidade das pulsões concernentes à morte no contexto epidêmico, discursivizadas pouco tempo antes pelo corpo debilitado e pelo óbito de Sean. A relação sexual configura, assim, um rastro significativo da *vocação de Eros de reunir e manter juntas partes da substância viva* (FREUD, 2010a), com vistas à meta final de retorno ao *hermafroditismo originário* (GIACOLA JUNIOR, 2008).

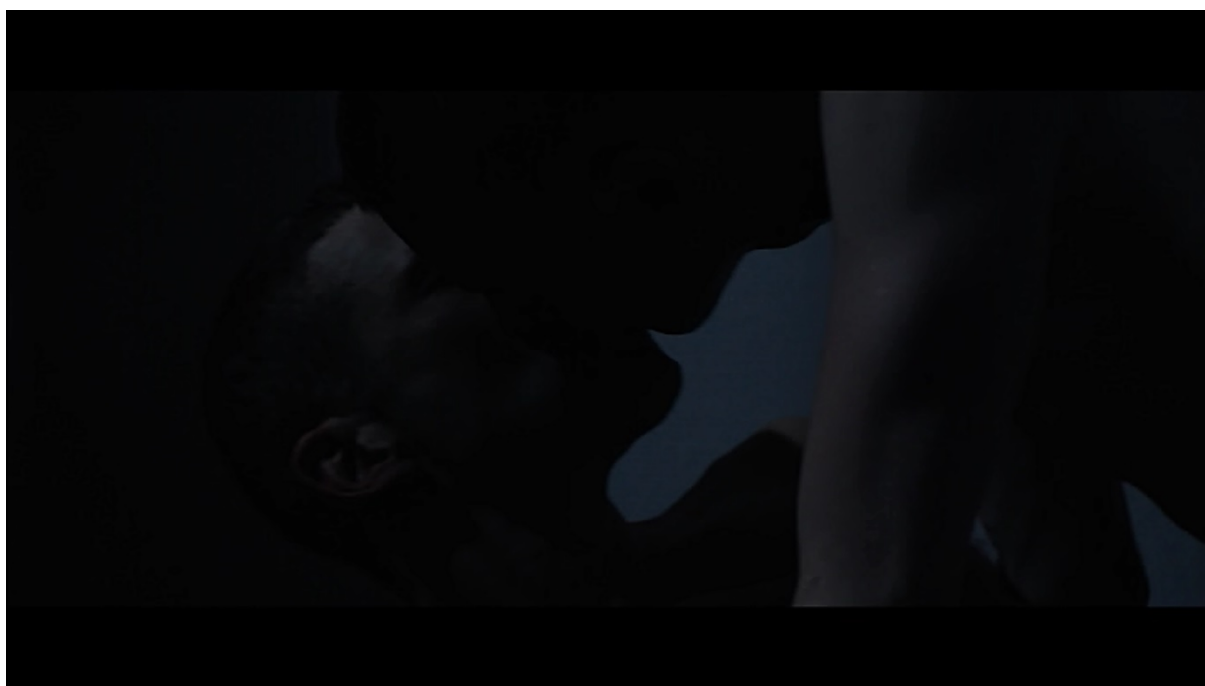
Movimento convergente ocorre no protesto da ACT UP Paris, no qual o engajamento dos sujeitos-ativistas já é uma manifestação imbricada simbolicamente às pulsões de vida. Destaco, na ação, os cartazes compostos pelo símbolo do *rosa Winkel (des)* invertido e pela equação linguística SILENCE = MORT e o protesto do tipo *die-in* (imagem 54), já abordados anteriormente. Nos primeiros, a modificação operada no símbolo que estampava os uniformes de sujeitos-homossexuais masculinos que provavelmente seriam mortos nos campos de concentração nazistas produz o efeito de refutação da morte em prol da vida. Abaixo dele, a equação linguística confronta, a partir dos saberes que regem a associação frente à situação dada, os silenciamentos do AIE relacionado à seguridade privada no enfrentamento da epidemia, bem como os dos sujeitos-soropositivos como forma de evitar determinadas consequências no social, a fim de que menos mortes ocorram por Aids. No segundo, os corpos dos sujeitos-ativistas deitados no chão evocam imagens de sujeitos assassinados em

⁹¹ O enterro político é um desejo de Sean. Cabe ressaltar, todavia, que a ACT UP Paris costuma realizar protestos envolvendo o corpo e/ou a imagem de sujeitos-ativistas mortos pela Aids. O grupo realiza ações desse tipo envolvendo, por exemplo, os integrantes Alain (não creditado) e Jérémie (Ariel Borenstein).

diferentes conflitos, como milhões de sujeitos-prisioneiros, muitos deles *Muselmänner*, no sistema concentracionário nazista. Neste caso, o grupo denuncia as (in)ações do AIE em questão, comparando-o aos alçózes de acontecimentos como o regime hitlerista, para forçar mudanças que possibilitem a vida aos diagnosticados com HIV ou Aids.

Por fim, os deslizamentos do ambiente do evento para o ambiente que se relaciona ao imaginário de uma casa noturna e dos movimentos de protesto para os movimentos espontâneos de dança nos corpos dos sujeitos-ativistas (imagem 55) também se alinham, na esfera discursiva, ao funcionamento das pulsões de vida. A leitura de Azevedo (2012) de que, nas festas *rave*, os corpos dos sujeitos que dançam sob o ritmo de músicas eletrônicas acolhem o movimento significativo da vida serve de base para o meu gesto de interpretação: na festa derivada do protesto, também regida por músicas eletrônicas, os corpos dos sujeitos-ativistas discursivizam a vida e, por extensão, as forças pulsionais que lhe são concernentes. Ainda que o significativo da morte não seja relegado ao irrealizado, como sinaliza a análise que empreendi na seção anterior a partir da imbricação significativa entre o título do longa-metragem, o andamento do gênero de música eletrônica *house* e da frequência cardíaca do sujeito-ativista Sean, todos amalgamados em torno da marca de 120 batimentos por minuto (BPMs), é a potência da vida que predomina como resistência nesse trecho do filme.

Imagem 52 – Sexo entre Nathan e Thibault



Pouco tempo após a morte de Sean, os dois sujeitos-ativistas se engajam em uma relação sexual, ato que compõe as pulsões de vida. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 53 – Novo *die-in* da ACT UP Paris



Sujeitos-ativistas se deitam no chão, evocando imagens, por exemplo, de mortos pelo nazismo, para reivindicar a vida aos sujeitos-soropositivos. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

Imagem 54 – A dança dos sujeitos-ativistas



Os movimentos do protesto deslizam para movimentos de dança, por meio dos quais os membros da ACT UP Paris discursivizam as pulsões de vida. Fonte: *120 Batimentos Por Minuto* (2017).

É no momento dessa dança que o filme delineia um efeito de fim. Embora eu tenha me referido a esse trecho pelos deslizamentos concernentes aos ambientes e aos movimentos dos sujeitos-ativistas, há outro que não pode deixar de ser mencionado. Quando o espaço do evento começa a ganhar os contornos imaginários de uma casa noturna, o espalhamento das cinzas, ainda em andamento, faz com que o corpo muitíssimo fragmentado de Sean também seja capturado discursivamente pela dança. Desse modo, os movimentos que os punhados de cinzas descrevem no ar quando são atirados derivam para movimentos espontâneos de dança sob o ritmo de músicas eletrônicas, fortalecendo o efeito de que, mesmo morto, o personagem se faz vivo na ação. A dança das cinzas de Sean se emaranha àquelas do sujeitos-ativistas em cujos corpos as pulsões de vida buscam atrasar, continuamente, o retorno ao inanimado, ao estado de não-vida. O personagem renascido como uma fênix ressoa o desejo de viver de todos os colegas, ainda que a precariedade já tenha condenado muitos deles a uma morte precoce pelo HIV, marca indelével do contexto epidêmico. São todos sujeitos políticos materializados em *corpolíticos* divididos constantemente pela vida e pela morte. São *corpolíticos* a 120 batimentos por minuto.

6 OUTROS GRUPOS, OUTROS SUJEITOS

Ao final da dedicatória de *A hora da estrela*, Clarice Lispector (1998) comenta sobre a trágica história que desenvolveu para a personagem protagonista, a alagoana Macabéa. No seu estilo muito próprio de escrita, tido por vezes como “cerebral” (ALMEIDA apud MOSER, 2009, p. 19), ela diz: “*Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de um livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo me dê. Vós?*” (LISPECTOR, 1998, p. 10, grifos da autora). Guardadas as devidas proporções e especificidades, derivadas do entremeio da Literatura com a Linguística, posso afirmar que esta tese de doutoramento também advém de um estado de emergência e de calamidade pública, no qual a epidemia de HIV/Aids ainda grassa na formação social, bem como é incapaz de dar todas as respostas, enquanto completude de gestos de interpretação, perspectivas e problematizações, acerca dos caminhos que percorre e para os quais aponta teórica e analiticamente.

Embora haja, na atualidade, tratamentos eficazes para conter a multiplicação do HIV no organismo e diferentes métodos de prevenção, como os preservativos e as Profilaxias Pré e Pós-Exposição⁹², a epidemia continua – de outra forma, atualizada pelo acontecimento discursivo ocasionado pelo desenvolvimento da terapia antirretroviral altamente ativa, mas continua. Todos os anos, milhares de sujeitos ainda morrem em decorrência da Aids, porque não têm acesso, não se adaptam ou refutam os medicamentos capazes de controlar a ação do vírus na corrente sanguínea. As estatísticas mais recentes do Unids (2022) estimam que 650 mil óbitos foram provocados pela síndrome, em todo o mundo, somente no ano de 2021. As (in)ações do Aparelho Repressor e dos Aparelhos Ideológicos de Estado (ARE e AIEs) em diferentes países integram esse quadro. No Brasil, o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro desmantelou o Departamento de ISTs, Aids e Hepatites Virais no primeiro ano de gestão (DECRETO..., 2019). Além disso, as relações de força entre o discurso dominante e aqueles dominados sustentam o preconceito e outras consequências sociais ainda impostas aos sujeitos-soropositivos. A *precariedade* (BUTLER, 2019a) está, portanto e invariavelmente, na

⁹² Conforme Carvalho e Azevêdo (2019), a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) é um método de prevenção no qual o sujeito-soronegativo ingere um comprimido antirretroviral por dia, a fim de se proteger da infecção pelo HIV. A ação do medicamento consiste em impedir que o vírus invada as células de defesa, caso adentre algum dia à corrente sanguínea. Já a Profilaxia Pós-Exposição (PEP) é utilizada logo após situações nas quais há a possibilidade de infecção pelo HIV, como nos casos de acidente ocupacional envolvendo material biológico, relação sexual desprotegida e violência sexual. Entre duas horas e setenta e duas horas após, o sujeito deve começar a administrar medicamentos antirretrovirais, para reduzir o risco de infecção. A estratégia dura 28 dias.

base da situação de emergência e calamidade da epidemia que, mesmo com mudanças, perdura desde 1981 no Ocidente.

Tal contexto sócio-histórico-ideológico compõe as condições de produção desta pesquisa, na qual volto o olhar para o início da década de 1990, quando o diagnóstico positivo para HIV ou Aids era sinônimo de sentença de morte. Ao propor os conceitos de *corpolítico* e político dos corpos, busco compreender um conjunto de práticas da associação ACT UP Paris antes do surgimento da terapia antirretroviral altamente ativa, a partir da abordagem ficcional realizada pelo longa-metragem *120 Batimentos Por Minuto* (2017). As duas formulações possibilitam gestos de interpretação sobre o funcionamento contraditório dos corpos dos sujeitos-ativistas nas situações em que se unem sob um revestimento de homogeneidade e que se distanciam pela heterogeneidade discursiva que lhes é inerente, a exemplo dos protestos e das reuniões semanais, respectivamente. Pontuo, todavia, que os conceitos não servem somente para as leituras empreendidas ou para outras possíveis acerca dos mesmos corpos: eles têm potencial de contribuir com a problematização e com a compreensão discursiva de materialidades corpóreas em diferentes grupos do ativismo social do passado e do presente. Refiro-me àqueles relacionados à Aids e, também, àqueles relacionados ao antirracismo, ao feminismo, ao meio ambiente etc.

É por essa razão que a tese defendida transborda para além de *120 Batimentos Por Minuto* e do estudo que apresento. Quando afirmo que as desestabilizações e as eventuais transformações sociais provocadas pela *discursivização do político* (INDURSKY, 2019) encampada por grupos de ativistas, como aquele visto no filme, implicam a constituição e a mobilização de *corpolíticos*, o que não se dá sem a deflagração da contradição com o político dos corpos, aponto para uma abrangência maior, incluindo diferentes coletivos que representa(ram) movimentos sociais. Dada a incompletude constitutiva do discurso e, também, deste trajeto teórico-analítico, a mobilização dos conceitos propostos frente ao funcionamento dos corpos integrantes desses grupos é, mais do que um estímulo, um convite para pesquisas futuras no campo da AD que tragam outros gestos de interpretação, perspectivas e problematizações, passíveis de serem tomadas como respostas, nos termos de Lispector (1998). Se o movimento de autocrítica acerca de reflexões e conceitos configura um caminho produtivo e relevante para a ciência, como defende Pêcheux (2014b), o mesmo pode ser dito das contribuições de outros estudiosos e do acúmulo sempre instigante de pesquisas ao longo do tempo.

Dentre os vários grupos que representam movimentos sociais na atualidade está, por exemplo, a ACT UP Paris, que continua a realizar protestos e reuniões semanais, dentre outras

ações, a fim de resistir à precariedade que ainda preme os sujeitos-soropositivos na França. No batimento com as condições de produção atuais, tais práticas podem ser analisadas pela contradição que entrelaça as formulações de *corpolítico* e político dos corpos. Em 25 de abril de 2023, uma publicação que a associação realizou no perfil que gerencia na rede social Instagram demarca características e práticas semelhantes às observadas no longa-metragem. Na primeira das duas imagens que compõem o *post*, a ACT UP Paris lista textualmente os sujeitos que podem integrá-la, uma relação que é infundável porque concluída com o sinal gráfico de reticências, ressaltando a já conhecida composição plural dos ativistas⁹³. Na segunda imagem, pontua, também por meio de texto, que novos membros poderão participar da “[...] reunião semanal (RS) todas as segundas-feiras na escola de Belas-Artes de Paris”, visitar “o local da associação”, encontrar outros membros nas chamadas “mesas de prevenção”, aderir “[...] à luta pelos direitos sociais” e comparecer “[...] à comissão à qual [...] aderiu” (ACT UP PARIS, 2023, online, tradução minha). Juntamente das imagens, a legenda afirma:

ACT UP-PARIS PRECISA DE VOCÊ

Porque o HIV ainda existe, porque o número de contaminações não diminui e permanece estável, uma estimativa de 5 013 CONTAMINAÇÕES em 2021 na França, um número a ser tomado com cautela porque o HIV é mal monitorado na França!

Porque 51% dessas contaminações dizem respeito a pessoas nascidas no estrangeiro!

Porque 29% das infecções por HIV foram descobertas em estágio avançado de infecção!

Porque 15% das pessoas que descobriram seu status de HIV tinham menos de 25 anos e 23% tinham 50 anos ou mais!

Porque os soropositivos estão cada vez mais sujeitos à discriminação e à precariedade! (ACT UP PARIS, 2023, online, tradução minha).

Novos estudos são também necessários para aferir e problematizar as contribuições das noções de *corpolítico* e político dos corpos frente a funcionamentos cujas especificidades são (um pouco mais) distintas, ultrapassando as circunscrições formais de grupos de ativismo. Um deles é o de protestos que explodem em séries episódicas, com organizações independentes e concomitantes entre si, envolvendo coletivos de ativistas e sujeitos que se

⁹³ Eis a lista: “Soropositivos(as), lésbicas, gays, bis, trans, intersexuais, queers, putas, loucas, viris, caminhoneiras, mulheres, engajados(as), intelectuais, revoltados(as), escritores(as), sonhadores(as), idiotas, histéricos(as), pansexuais, não monogâmicos(as), tóxicos(as), militantes, designers gráficos, artistas, fotógrafos(as), dançarinos(as), costureiros(as), *nerds*, estudantes, enfurecidos(as), deficientes, caprichosos(as), rebeldes, revolucionários(as), litigantes, desempregados(as), garotas, foliões, manifestantes, despojados(as), aposentados(as), héteros, soronegativos(as), ativistas, estrangeiros(as)...” (ACT UP PARIS, 2023, online, tradução minha).

reúnem por força da ocasião. Destaco, à guisa de exemplo, o movimento antirracista baseado no *slogan* Black Lives Matters (BLM), que estourou e cujo epicentro permanece nos Estados Unidos, angariando forças contra as diferentes maneiras de opressão aos negros, como pontua Taylor (2018), formas incontestes de precariedade. O movimento começou com a circulação da *hashtag* #blacklivesmatter na internet, quando George Zimmerman, capitão de guarda de bairro, foi absolvido da acusação de assassinar o adolescente negro Trayvon Martin em 2013 (SAWYER; GAMPA, 2018) e progrediu para protestos massivos após as mortes de outros sujeitos-negros nos anos seguintes, como Mike Brown, Eric Garner (TAYLOR, 2018) e George Floyd (CAPELLI, 2020), todas imputadas à brutalidade policial.

No panorama que Taylor (2018) realiza do BLM nos Estados Unidos, notamos que o início das manifestações mais vultuosas se deu quando Mike Brown foi morto em 2014, a partir de articulações independentes de grupos e sujeitos, incluindo, neste último caso, congressistas, atletas profissionais e estudantes de diferentes níveis. Daí em diante, quando houve novas mortes de sujeitos-negros atribuídas aos desmandos policiais, os protestos reapareceram fortalecidos, como nos casos de Eric Garner e George Floyd, em 2014 e 2020, respectivamente. É diante desse cenário que Taylor (2018, p. 120) pontua que o *slogan* “[...] cria múltiplas frentes de organização contra as muitas manifestações da opressão aos negros” no país. Da perspectiva discursiva, observo que pelo menos parte das ações realizadas discursivizaram o político e *repartilharam o sensível* (RANCIÈRE, 2009; 2018), por meio da eclosão de sujeitos políticos materializados em *corpolíticos*. Sawyer e Gampa (2018, p. 1039, tradução minha) corroboram nessa direção quando afirmam que participantes do movimento “[...] interromperam eventos de campanha eleitoral presidencial e ocuparam shoppings, departamentos de polícia e prefeituras” ao longo dos anos. Se tais mobilizações coletivas foram capazes de produzir o efeito de homogeneidade, há também de se considerar que, em cada grupo envolvido e em cada reunião espontânea de sujeitos, o político dos corpos também deixou marcas.

No esteio do envolvimento independente de sujeitos em protestos, há outro funcionamento que tensiona especificamente a formulação de *corpolítico*. Penso nos sujeitos que, muitas vezes sozinhos, impõem-se à vista e à escuta alheias em determinados espaços sociais, enfrentando o discurso feito dominante e, por conseguinte, a precariedade que sofrem historicamente. É o que observamos, no contexto brasileiro, quando sujeitos-transgêneros circulam por espaços públicos e privados assumindo a própria identidade sexual; quando sujeitos-mulheres alcançam e persistem em posições de liderança empresarial e política; e quando sujeitos-indígenas, negros e pobres realizam cursos extremamente elitizados em

universidades, como os de Medicina e Direito⁹⁴. Ainda que não configurem movimentos sociais, esses e outros sujeitos não mencionados reacendem a luta de classes quando usufruem de espaços que não lhes pertencem, pressionando por um ponto de igualdade para com aqueles que são amparados pela ideologia dominante e, por isso, gozam de *logos* (RANCIÈRE, 2018) e de *vidas passíveis de luto* (BUTLER, 2019a) na formação social. São momentos em que é possível considerar que eles se fazem sujeitos políticos materializados em *corpolíticos* em favor de condições de produção diferentes.

Sejam nas práticas da ACT UP Paris em *120 Batimentos Por Minuto*, analisadas nesta tese, sejam nas de outros grupos que representam movimentos sociais ou de sujeitos ocasionalmente reunidos ou sozinhos, dependentes de novos estudos, a irrupção do *corpolítico* provoca desestabilizações na *ordem policial* (RANCIÈRE, 2018) em vigor em uma determinada formação social. Trata-se de momentos nos quais sujeitos que não têm direito à fala ou à visibilidade fazem justamente um uso forçado delas para discursivizar o político e, com isso, confrontar a precariedade que os mantém mais vulneráveis à morte. Em outras palavras, eles repartilham o sensível, mobilizando todo o aparato discursivo e tensionando, como consequência, a luta de classes. Mesmo quando dura apenas por um tempo limitado, esse processo contribui para eventuais transformações sociais, como uma ordem policial outra em que mais sujeitos tenham direito ao *logos*, intensificando o embate pelo fim da precariedade. Há rastros desse funcionamento no espaço conquistado ao longo das décadas por sujeitos-indígenas, LGBTQIA+, mulheres, negros e soropositivos, por exemplo.

Dadas as características das formações sociais capitalistas, derivadas de intensas relações de força e da ininterrupta luta de classes, é improvável que a precariedade deixe de existir completamente. Mas há de se fomentar a esperança – não a “utópica”, mas a que se produz, enquanto efeito, quando grupos de ativistas e sujeitos outros dão origem a *corpolíticos* para que determinadas vidas sejam consideradas passíveis de luto. Quando tomam espaços públicos e/ou privados, protestos e presenças que se caracterizam como *práticas políticas* (RANCIÈRE, 2018) tensionam a rede de sentidos, uma vez que forçam aberturas para a visibilidade e as vozes de sujeitos historicamente relegadas ao irrealizado. No processo conflitivo que se desencadeia invariavelmente, o político se discursiviza e transformações sociais podem ocorrer na direção de uma (*im*)possível igualdade entre

⁹⁴ Corrêa (2022) fornece um exemplo adicional. No começo deste século, quando ainda estava “parcialmente” no “armário” em relação à própria homossexualidade (CORRÊA, 2022, p. 136), a ida dele, juntamente de outros sujeitos-LGBTQIA+, gerava incômodos em um shopping. Em suas palavras: “Nossa presença incomodava o segurança do shopping e uma vez fomos expulsos e informados que ali não era zona. Na mesma hora mobilizei uma ida à administração do shopping e ele [o segurança] nos pediu desculpas” (CORRÊA, 2022, p. 136).

sujeitos. A esperança que menciono é, desse modo, dependente da circulação de sentidos outros derivada da resistência e da revolta: mesmo que ocorra pelo “tempo de um relâmpago” e ocasione “vitórias pontuais”, é sempre um modo de colocar “[...] em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio” (PÊCHEUX, 2014b, p. 278), um modo de “[...] ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2014b, p. 281).

REFERÊNCIAS

120 BATIMENTOS por minuto. Direção: Robin Campillo. França: Imovision, 2017. 1 DVD (144 min), son., color.

120 BEATS Per Minute: the soundtrack. **Resident Advisor**, 30 maio 2018. Disponível em: <https://ra.co/features/3252>. Acesso em: 19 maio 2023.

ACT UP. **National AIDS treatment research agenda**. Nova York: Dos editores, 1989.

ACT UP PARIS. **ACT UP-Paris a besoin de vous**. Paris. 25 abr. 2023. Instagram: @actup_paris. Disponível em: https://www.instagram.com/actup_paris. Acesso em: 12 jun. 2023.

ACT-UP Paris a 10 ans. **ACT UP Paris**, Paris, jun. 1999. Disponível em: <http://site-2003-2017.actupparis.org/spip.php?article2723>. Acesso em: 20 abr. 2022.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia: inferno**. Jandira: Principis, 2020.

ALMEIDA, Marcos Bezerra. Frequência cardíaca e exercício: uma interpretação baseada em evidências. **Revista brasileira de cineantropometria e desempenho humano**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2007. p. 196-202.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

ALTHUSSER, Louis. **Posições**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ALTMAN, Lawrence K. Rare cancer seen in 41 homosexuals. **The New York Times**, Nova York, 3 jul. 1981. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1981/07/03/us/rare-cancer-seen-in-41-homosexuals.html>. Acesso em: 12 jan. 2021.

AMATO NETO, Vicente. Nova classificação para a AIDS. **Revista da medicina**, São Paulo, v. 67, n. 1, p. 1, 1987.

ARBORIO, Anne-Marie. Elites médicales et quartiers populaires. *In*: Journée d'études Les Sciences Sociales Dans la Rue. Dynamiques sociales et renouvellement urbain au centre de Marseille, 2004, Aix-en-Provence. **Anais [...]**. Aix-en-Provence: Maison Méditerranéenne des Sciences de l'Homme, 2004. p. 1-7.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AUGUSTO, Sérgio; FREIRE, Vinicius Torres. Os riscos da razão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, n. 24266, Mais, p. 4-5, 10 set. 1995.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

AZEVEDO, Aline Fernandes de. Corpos que dançam. *In*: AZEVEDO, Aline Fernandes de (org.). **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012. p. 51-68.

AZEVEDO, Aline Fernandes de. Tecnologias do corpo: a dança urbana como forma de relação social, **Interfaces**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, p. 217-230, jul.-dez. 2013.

BALAKIAN, Peter. **Ozone Journal**. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2015.

BALDINI, Lauro José Siqueira. O que se pode dizer do indizível? *In*: MARIANI, Bethania; MOREIRA, Carla Barbosa; DIAS, Juciele Pereira; BECK, Maurício (org.). **Indizível, ininteligível e imperceptível: o sujeito contemporâneo e seus arquivos**. Niterói: Eduff, 2017. p. 71-81.

BALDINI, Lauro José Siqueira; BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Apresentação – historicidade e conceito. *In*: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; BALDINI, Lauro José Siqueira (org.). **Análise de discurso e materialismos: historicidade e conceito – volume 1**. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 7-9.

BAUDELOT, Christian; ESTABLET, Roger; MALEMORT, Jacques. **La petite bourgeoisie en France**. Paris: François Maspero, 1974.

BAVINTON, Benjamin R. *et al.* Viral suppression and HIV transmission in serodiscordant male couples: an international, prospective, observational, cohort study. **The Lancet: HIV**, Londres, v. 5, issue 8, p. 438-447, ago. 2018.

BERNARDET, Jean-Claude. **A doença, uma experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BÍBLIA SAGRADA: EDIÇÃO PASTORAL. São Paulo: Paulus, 1990.

BIENVAULT, Pierre. Les présidents français face à l'épidémie. **Transversal: VIH & sida aujourd'hui**, Paris, 15 jun. 2018. Disponível em: <https://transversalmag.fr/articles-vih-sida/764-Les-Presidents-francais-face-a-l-epidemie>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BIRMAN, Joel. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BOTELHO, Doris Alvim. Freud e os protozoários. **Psychê**, São Paulo, v. 6, n. 9, p. 55-66, 2002.

BROQUA, Christophe; FILLIEULE, Olivier. La lutte contre le sida. *In*: CRETTEZ, Xavier; SOMMIER, Isabelle (dir.). **La France rebelle: tous les mouvements et acteurs de la contestation**. Paris: Éditions Michalon, 2006. p. 377-393.

BROQUA, Christophe; JAUFFRET-ROUSTIDE, Marie. Les collectifs d'usagers dans les champs du sida et de la toxicomanie. **Médecine/sciences**, Paris, v. 20, p. 475-479, 2004.

BROQUA, Christophe; PINELL, Patrice. Avant-garde. *In*: PINELL, Patrice (dir.). **Une épidémie politique**: la lutte contre le sida en France 1981-1996. Paris: Puf, 2002. p. 207-260.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b.

CAPELLI, Mary Louisa. Black Lives Matter: the emotional and racial dynamics of the George Floyd protest graffiti. **Advances in applied sociology**, Estados Unidos, v. 9, n. 10, p. 323-347, 14 set. 2020.

CAMBRIDGE dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CAMUS, Albert. **A peste**. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CARRARA, Sérgio. **Tributo a vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

CARVALHO, Carlos Alberto; AZEVÊDO, José Henrique Pires. Do AZT à PrEP e à PEP: aids, HIV, movimento LGBTI e jornalismo. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 246-260, abr.-jun. 2019.

CAZARIN, Ercília Ana; SOUZA, Mariana Jantsch de; SILVA, Naiara Souza da. O discurso e suas materializações: a luta pelos sentidos a partir de uma discursividade corporal de sujeitos trabalhadores. *In*: FERNANDES, Carolina; DALTOÉ, Andréia da Silva; AIUB, Giovanni Forgiarini (org.). **Efeitos da presença de Freda Indursky na Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2022. p. 87-108.

CHAUVEAU, Sophie. **L'affaire du sang contaminé (1983-2003)**. Paris: Les Belles Lettres, 2011.

CLUBE de Compras Dallas. Direção: Jean-Marc Vallée. Estados Unidos: Focus Features; Truth Entertainment, 2013. 1 DVD (117 min), son., color.

CONEIN, Bernard. Descrever um acontecimento político. *In*: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 87-102.

CORREIA, Salvador Campos. Entre memórias, espelhos e armários: ancestralidade indígena, homossexualidade e HIV. *In*: PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramon

(org.). **Aids sem capa**: reflexões virais sobre um mundo pós-pandemia. Salvador: Devires, 2022. p. 129-147.

COSGROVE, Ben. **The photo that changed the face of AIDS**. Disponível em: <https://www.life.com/history/behind-the-picture-the-photo-that-changed-the-face-of-aids>. Acesso em: 16 mar. 2023.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. O conceito de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020. p. 58-87.

COURTINE, Jean-Jacques. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. **Polifonia**, Cuiabá, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2006.

DANIEL, Herbert. O primeiro AZT a gente nunca esquece. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. São Paulo: Iglu, 1991. p. 124-127.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. São Paulo: Iglu, 1991. p. 13-30.

DECRETO muda estrutura da área de combate à Aids no Ministério da Saúde. **G1**, 22 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/22/decreto-muda-estrutura-da-area-de-combate-a-aids-no-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2023.

DEFOE, Daniel. **Um diário do ano da peste**. Dois Irmãos: Clube de Literatura Clássica, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Editora 34, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012.

DON'T panic, yet, over AIDS. **The New York Times**, Nova York, 7 nov. 1986. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1986/11/07/opinion/don-t-panic-yet-over-aids.html>. Acesso em: 24 mar. 2022.

DORNELES, Elizabeth Fontoura. Político/política. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**. ed. ampl. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 231-234.

DOUBILET, Peter M.; BENSON, Carol B. Embryonic heart rate in the early first trimester: what rate is normal, **Journal of ultrasound in medicine**, Maryland, v. 14, issue 6, p. 431-434, jun. 1995.

DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia antiga**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.

DRESCHER, Jack. Out of DSM: depathologizing homosexuality. **Behavioral Sciences**, Basileia, v. 17, n. 5, p. 565-575, 2015.

FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do corpo**: da revolução à grande guerra. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 13-55.

FERRARI SOARES, Alexandre Sebastião. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

FERRARI SOARES, Alexandre Sebastião; MEDEIROS, Vanise. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 32, p. 81-105, 2012.

FERREIRA, Eliana Lucia; ORLANDI, Eni P. O discurso corporal atravessado pela dança em cadeira de rodas. *In*: ORLANDI, Eni P. (org.). **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

FILADÉLFIA. Direção: Jonathan Demme. Estados Unidos: TriStar Pictures, 1993. 1 DVD (128 min), son., color.

FILKELSTEIN, Avram. **After silence**: a history of AIDS through its images. Oakland: University of California Press, 2018.

FLEIG, Mário. O mal-estar no corpo. *In*: KEIL, Ivete; TIBURI, Marcia (org.). **O corpo torturado**. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004. p. 131-139.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**: na idade clássica. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 7. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FRANCE, David. **How to survive a plague**: the story of how activists and scientists tamed AIDS. Londres: Picador, 2017.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil**: (“o homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

GADET; Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. Campinas: Pontes, 2004.

GEIGER, Paulo (org.). **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GERALDES NETO, Benedito; SOLER, Zaida Aurora S. G.; BRAILE, Domingo Marcolino; DAHER, Wilson. A sífilis no século XVI: o impacto de uma nova doença. **Arquivos de ciências da saúde**, São José do Rio Preto, v. 16, n. 3, p. 127-129, jul.-set. 2009.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Além do princípio do prazer**: um dualismo incontornável. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GOMES, Gilberto. Os dois conceitos freudianos de Trieb. **Psicologia**: teoria e pesquisa, Brasília, v. 17, n. 3, set. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/LWhRDG9mCzwZFDncH74Rjth/?lang=pt#top>. Acesso em: 8 abr. 2023.

GRIMAL, Pierre. **The concise dictionary of classical mythology**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GUIBERT, Hervé. **Cytomégalo**virus: journal d'hospitalisation. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

GUIBERT, Hervé. **O homem do chapéu vermelho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

GUIBERT, Hervé. **Para o amigo que não me salvou a vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995a.

GUIBERT, Hervé. **Protocolo da compaixão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995b.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2 ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Campinas: Papirus, 1998.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020. p. 17-39.

HAYASHI, Renan Kenji Sales. Memorial (im)possível: o fantasma vigiado. In: PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramon (org.). **Aids sem capa**: reflexões virais sobre um mundo pós-pandemia. Salvador: Devires, 2022. p. 27-45.

HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 31-56.

HERBERT, Thomas. Observações para uma teoria geral das ideologias. **Rua**, Campinas, v. 1, n. 1, 1995. p. 63-89.

HERINGER, Victor. Angústia. *In*: MELLO, Ramon Nunes (org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + HIV/AIDS**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018a. p. 79.

HERINGER, Victor. On being asked for a HIV poem. *In*: MELLO, Ramon Nunes (org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + HIV/AIDS**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018b. p. 79.

HOW to survive a plague. Direção: David France. Estados Unidos: Network Releasing, 2012. 1 DVD (105 min), son., color.

INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**: revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

INDURSKY, Freda. **O discurso do/sobre o MST**: movimento social, sujeito, mídia. Campinas: Pontes Editores, 2019.

INDURSKY, Freda. Que povo é esse? **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 101-114, jan.-jun. 1995.

JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo**: aids, uma história de todos nós. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JEOLÁS, Leila Sollberger. **Risco e prazer**: os jovens e o imaginário da AIDS. Londrina: Edue, 2007.

JORGE, Marco A. Coutinho; FERREIRA, Nadiá P. **Lacan**: o grande freudiano. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985a.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**: mais, ainda. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b.

LAGAZZI, Suzy. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 104-110, 2013a.

LAGAZZI, Suzy. A noção de materialidade na prática analítica discursiva. *In*: FILHO, Fábio Ramos Barbosa; BALDINI, Lauro José Siqueira (org.). **Análise de discurso e materialismos**: prática política e materialidades / volume 2. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 157-175.

LAGAZZI, Suzy. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. *In*: LAGAZZI, Suzy; ROMUALDO, Edson Carlos; TASSO, Ismara (org.). **Estudos do texto e do discurso**: o discurso em contrapontos: Foucault, Maingueneau, Pêcheux. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b. p. 311-331.

LAGAZZI, Suzy. O recorte signifiante da memória. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (org.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p. 67-78.

LARA, Renata Marcelle. Porta-voz. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**. ed. ampl. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 235-240.

LARA PIMENTEL, Renata Marcelle. Tematizando o ritual de linguagem. **Linguagem em (dis)curso**, Palhoça, v. 10, n. 2, p. 275-292, maio/ago. 2010.

LA SAINT Bible. Lausanne; Paris; Nîmes; Bruxelas; Prémont; Genebra; Londres: Oxford, 1880.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A ciranda dos sentidos. *In*: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina (org.). **Discursos midiáticos**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 13-22.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**: revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 1-12, 2010.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Discurso, arte e sujeito e a tessitura da linguagem. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (org.). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 2013a. p. 127-139.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Memória discursiva em funcionamento. *In*: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; CORRÊA, Fernanda Silveira (org.). **Conceitos discursivos em rede**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 141-152.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013b.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Resistir, resistir, resistir... primado prático discursivo! *In*: FERRARI SOARES, Alexandre S.; MARIANI, Bethania; SILVA, Silmara

Dela; MEDEIROS, Vanise (org.). **Discurso, resistência e...** Cascavel: Edunioeste, 2015. p. 159-167.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

LEWIS, Tim. Robin Campillo: 'I spent the 80s thinking I was going to die. Being a director seemed pointless'. **The Guardian**, Londres, 7 abr. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2018/apr/07/robin-campillo-120-beats-per-minute-director-interview>. Acesso em: 15 nov. 2021.

LINDQUIST, David H. Defining the Shoah: an opening lesson for a Holocaust unit. **The social studies**, Londres, v. 104, n. 1, p. 32-37, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LITTRÉ, Émile. **Dictionnaire de la langue française.** Paris: Librairie Hachette e C^{ie}, 1873-1874.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização.** 2. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje.** Campinas: Pontes Editores, 2017.

MANIF Act up à Notre Dame de Paris. Produção: Antenne 2. Paris: Antenne 2, 1 nov. 1991. Disponível em: <https://www.ina.fr/ina-eclaire-actu/video/cab91056712/manif-act-up-a-notre-dame-de-paris>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MARCOS, PLÍNIO. A mancha roxa. In: MARCOS, PLÍNIO. **Plínio Marcos: obras teatrais: atrás desses muros.** Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 147-182.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989.** Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MATTHEWS-GRIECO, Sara F. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do corpo: da Renascença às Luzes.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 217-301.

MELLO, Ramon Nunes (org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + HIV/AIDS.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MERCIER, Jean. "Le FN est né hors de l'Église et y reste plus que jamais". **La vie**, Paris, 15 jun. 2011. Disponível em: <https://www.lavie.fr/papier/2011/3433/quotle-fn-est-neacute-hors-de-lrsquoecuteglise-et-y-reste-plus-que-jamaisquot-41558.php>. Acesso em: 14 fev. 2022.

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MORRIS, Desmond. **Bodytalk**: the meaning of human gestures. Crown Trade Paperbacks: Nova York, 1994.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 15-82.

NAVARRO, Joe. **The dictionary of body language**: a field guide to human behavior. William Morrow: Nova York, 2018. *E-book*.

NOITE e neblina. Direção: Alain Resnais. **O cinema de Alain Resnais**, França, disco 3, 33 min, son., color., 1956.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Ler Michel Pêcheux hoje. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**: textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2015a. p. 11-20.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: o caso da delinquência. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso e políticas públicas**: a fabricação do consenso. Campinas: Editora RG, 2010. p. 11-42.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 1968: os silêncios da memória. *In*: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015c. p. 53-63.

OXFORD LATIN DICTIONARY. Oxford: Oxford University Press, 1968.

PAZ, Josi. **Aids anunciada**: a publicidade e o sexo seguro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Abertura do colóquio. *In*: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 23-29.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-106.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 19, jul./dez. 1990. p. 7-24.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. *In*: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 63-75.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**: textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015a. p. 151-161.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. *In*: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**, v. 1, issue 4, p. 1-22, 1 jun. 2015c. Disponível em: https://scholar.oxy.edu/bitstream/handle/20.500.12711/12914/CORRECTEDPecheux_Ousar_pensar_e_ousar_se_revoltar_portugues.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 ago. 2021.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015d. p. 43-51.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

PFEFFERKORN, Eli. **The muselmann at the water cooler**. Boston: Academic Studies Press, 2011.

PLAGENS-ROTMAN, Katarzyna; JARZABECK-BIELECKA, Grazyna; MERKS, Piotr; KEDZIA, Witold; CZARNECKA-OPERACZ, Magdalena. Syphilis: then and now. **Advances in dermatology and allergology**, Posnânia, issue 4, p. 550-554, ago. 2021.

PLATÃO. **O banquete**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

PLATT, Matthew B.; PLATT, Manu O. From GRID to gridlock: the relationship scientific biomedical breakthroughs and HIV/AIDS policy in the US Congress. **Journal of the International AIDS Society**, Bethesda, v. 16, issue 1, p. 1-11, 2013.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS**: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do corpo: da Renascença às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 441-486.

POULTRENIÉZ, Enzo; LAFORGERIE, Jean-François; HENRY, Antoine. FN et lutte contre le sida: reconnais ton ennemi. **Aides**, França, 2017. Disponível em: <https://www.aides.org/actualite/fn-et-lutte-contre-le-sida-reconnais-ton-ennemi>. Acesso em: 14 fev. 2022.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RAMARI, Thiago Henrique. **Funny Games, Michael Haneke, contracinema!** Curitiba: Appris, 2020.

RAMOS, Thaís Valim. Outro/outro. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**. ed. ampl. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 221-224.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

REED, Christopher. The Rev Jerry Falwell. **The Guardian**, Londres, 17 maio 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2007/may/17/broadcasting.guardianobituaries>. Acesso em: 10 fev. 2022.

REZENDE, Joffre Marcondes de. Epidemia, endemia, pandemia, epidemiologia. **Revista de patologia tropical**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 153-155, jan.-jul. 1998.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvios e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RIETVELD, Hillegonda C. **This is our house: house music, cultural spaces and technologies**. Londres; Nova York: Routledge, 2018.

ROBERT, Paul. **Le nouveau petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1996.

RODGER, Alison J. *et al.* Risk of HIV transmission through condomless sex in serodifferent gay couples with HIV-positive partner taking suppressive antiretroviral therapy (PARTNER): final results of a multicentre, prospective, observational study. **The Lancet**, Londres, v. 393, issue 10189, p. 2428-2438, 15 jun. 2019.

RODGER, Alison J. *et al.* Sexual activity without condoms and risk of HIV transmission in serodifferent couples when the HIV-positive partner is using suppressive antiretroviral therapy. **Jama**, Chicago, v. 316, issue 2, p. 171-181, 12 jul. 2016.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RYN, Zdzislaw Jan; KŁODZIŃSKI, Stanislaw. Teetering on the brink between life and death. A study on the concentration camp *Muselmann*. **Medical review – Auschwitz**, p. 1-11, 21. ago. 2017.

SAROLDI, Nina. Prefácio. In: BIRMAN, Joel. **As pulsões e seus destinos**: do corporal ao psíquico. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 13-18.

SAWYER, Jeremy; GAMPA, Anup. Implicit and explicit racial attitudes changed during Black Lives Matter. **Personality and social psychology bulletin**, Estados Unidos, v. 44, issue 7, p. 1039-1059, 2018.

SETTERINGTON, Ken. **Marcados pelo triângulo rosa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.

SMITH, Danez. **Não digam que estamos mortos**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SOARES, Marcelo. **A AIDS**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 109-154.

SOMMELLA, Laraine. This is about people dying: the tactics of early ACT UP and Lesbian Avengers in New York City. **ACT UP: AIDS Coalition to Unleash Power**, Nova York, 1997. Disponível em: <https://actupny.org/documents/earlytactics.html>. Acesso em: 17 fev. 2021.

SONTAG, Susan. **Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Hebert de. A AIDS não é mortal: mortais somos todos nós. In: SOUZA, Hebert de; PARKER, Richard (org.). **A cura da AIDS**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994a. p. 37-41.

SOUZA, Hebert de. Direitos humanos e AIDS. In: SOUZA, Hebert de; PARKER, Richard (org.). **A cura da AIDS**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994b. p. 11-20.

SOUZA, Levi Leonel de. O discurso encarnado: ou a passagem da carne ao corpodiscurso. **Entremeios**: revista de estudos do discurso, Pouso Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2010.

TAYLOR, Keeanga-Yamahтта. O surgimento do movimento #blacklivesmatter [vidas negras importam]. **Lutas sociais**, São Paulo, v. 22, n. 40, p. 108-123, jan.-jun. 2018.

THE ARCHIVE FOR RESERARCH IN ARCHETYPAL SYMBOLISM. **O livro dos símbolos**: reflexões sobre imagens arquetípicas. Hohenzollernring: Taschen, 2010.

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

TIMBY, Barbara K. **Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da AIDS**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

TIMERMAN, Artur. “Você está vendendo atestado de óbito?”. *In*: TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da AIDS**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 13-24.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TREVISAN, João Silvério. **Meu irmão, eu mesmo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus, bactérias, parasitas e outros microrganismos...** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

UNAIDS. **Fact sheet 2022**. [S. l.], 2022. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2022/07/2022_07_27_Factsheet_PT.pdf. Acesso em: 8 jun. 2023.

UNAIDS. **Guia de terminologia do Unaid**s. Brasília: Casa da ONU, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global programme on AIDS. **Weekly epidemiological record**, Suíça, v. 63, n. 47, p. 357-360, 1988.